PONTIFÍCIA UNIVERISIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUCSP

CARLA REGINA MOREIRA

Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERISIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUCSP

CARLA REGINA MOREIRA

Experiências e vivencias com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira

Doutorado em Serviço Social

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do título de Doutora em Serviço Social – área Serviço Social, sob a orientação da Profª Drª Maria Lúcia Martinelli

São Paulo

2024

Banca Examinadora

Profa Dra Maria Lúcia Martinelli (presidenta da banca)

Profa Dra Carmelita Yazbek (membro)

Profa Dra Lucineia Rosa dos Santos (membro)

Profa Dra Rita Emília Alves da Silva (membro)

Profa Dra Neusa Cavalvante Lima (membro)

Profa Dra Priscila Beralda Moreira de Oliveira (suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenadoria de Pesquisa de Aperfeiçoamento de Pessoal – CAPES, pela concessão da bolsa, tornando possível a realização dessa pesquisa

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli, por ter aceitado essa empreitada e trilhar esse caminho em conjunto comigo

Agradeço às integrantes da banca desta Defesa Pública de Doutorado e às suplentes: Profa. Dra. Rita Emília da Silva; Profa. Dra. Maria Carmelita Yazbek; Profa. Dra. Lucinéia Rosa dos Santos; Profa. Dra. Neusa Cavalcane Lima; Profa. Dra. Priscila Beralda Moreira de Oliveira

Agradeço a minha querida orientadora do mestrado, a qual abriu para mim a porta do universo da pesquisa, Profa. Dra. Cássia Baldini Soares

Agradeço às Professoras do programa pela possibilidade de construção do conhecimento, em especial: Profa. Maria Carmelita Yazbek e Profa. Dra. Maria Beatriz Abramides

Agradeço aos parceiros da construção deste estudo: Coronel Gilmar; Coronel Jorri; Coronel Natália; Tenente Coronel Malheiros; Suboficial Misael; Suboficial Sueli

Agradeço aos irmãos de farda que me acolheram na Força Aérea Brasileira: Tenente Simone; Tenente Gislaine; Tenente Carlos Leite; Tenente Galvão; Tenente Bastos; Tenente Sirlei

Agradeço aos/às colegas assistentes sociais da Força Aérea Brasileira: o oficialato do serviço social

Agradeço a minha querida companheira de profissão pelo apoio incondicional "Fernanda Porcari"

Agradeço aos/às colegas do NEPI que me acolheram com muito carinho: Neusa; Bia; Shinobu

Agradeço o apoio da nossa secretaria acadêmica, Andreia, sempre gentil e disponível a nos ajudar. Gratidão querida!!!!

Agradeço às colegas do "bonde da leste": Bia, Sandra, Roselaine

Agradeço ao meu querido companheiro "Baba" pelo apoio para que eu pudesse materializar esse projeto de doutoramento

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos meus pais (Vanda e Osvaldo), acredito que estão tão felizes quanto eu; por eu ter alcançado esse alto nível intelectual

Dedico ao meu querido filho afetivo "Caio"

Dedico a todas às mulheres pretas, que transitam no mundo acadêmico, subvertendo à ordem vigente

Dedico aos colegas de farda da Força Aérea Brasileira

Dedico ao corpo técnico do serviço social da FAB e das demais Armas: o oficialato do serviço social, que este estudo possa contribuir com as ações do cotidiano - o nosso fazer profissional

Dedico às pesquisadoras e aos pesquisadores que possam se interessar por essa temática

E por fim, dedico à minha amada Avó Josefa, nossa matriarca (in memória)

CRÔNICA NARRATIVA: O Cotidiana da Mulher Preta trabalhadora e pesquisadora

Trago minha intimidade nesse trabalho científico que é de um patamar tão elevado, elementos da minha identidade, que se constituiu num constante movimento contraditório.

Quero compartilhar com você, que lê essa produção, quem sou eu e o meu caminhar na pesquisa, universo que se misturam e entrecruzam tanto na esfera pessoal quanto profissional e acadêmica

- Eu sou mulher cisgênero, preta, candomblecista, filha dos Orixás: Nanã (a Preta Velha que domina os segredos da vida e da morte) e Xangô (que domina as pedreiras, o rei da justiça). Meu babalorixá (zelador dos nossos/as orixás) é Pai Edson do Oxóssi, para ele que eu bato cabeça, em respeito ao cuidado que prática a mim.

- Na família de origem ou carnal como dizemos no candomblé, sou filha de Vanda (uma mulher preta que teve sua inserção no mundo do trabalho na área doméstica e limpeza) e de Osvaldo (homem preto, teve como profissão o pesponto de calçados). Neta de uma Pretinha, que nos deixou dias antes de completar seus 98 anos 'Josefa', de origem Nagô

- Na família de origem ou carnal como dizemos no candomblé, sou filha de Vanda (uma mulher preta que teve sua inserção no mundo do trabalho na área doméstica e limpeza) e de Osvaldo (homem preto, teve como profissão o pesponto de calçados). Neta de uma Pretinha, que nos deixou dias antes de completar seus 98 anos 'Josefa', de origem Nagô

- Tenho algumas paixões como a dança; yoga; culinária; manuseio das ervas para cuidado em saúde; adepta das práticas de medicina da floresta; cerimoniais do sagrado feminino, com devoção da ancestralidade (Orixás, Xamãs, Deusas).

Tenho um filho socioafetivo, fruto de um encontro amoroso, "O Caio", meu cúmplice, parceiro, amigo.... Uma relação repleta de afeto, carinho, cuidado. O amor eterno!!!

- Comecei a trabalhar com 13 anos, no ramo da costura; paralelo aos estudos e ao trabalho, ainda na adolescência, tornei-me militante do movimento de moradia, da região leste da cidade de São Paulo

-Ingressei na faculdade aos 21 anos, sempre tive inquietações para compreender as questões que emergiam no cotidiano. E foi assim, que segui a trilha no universo da produção de conhecimento "a pesquisa".

- Tornei-me pesquisadora do campo da saúde, espaço que fiz a pós-graduação lato-sensu e stricto-senso (mestrado). Na fase do doutorado, caminhei para o curso da minha formação "serviço social" e nessa fase, compreendo que sou uma pesquisadora do campo militar, com todo o acúmulo do campo da saúde.

- Cássia, a minha querida professora/orientadora que acompanho desde o ano de 2004, abriu o campo da pesquisa na minha trajetória. Foi junto com ela e demais colegas do grupo de estudo que exaustivamente nutrimos conhecimento a partir do referencial marxiano, para construção das nossas pesquisas; e ainda a apropriação da sistematização do conhecimento. GRATIDÃO!!!!!

- Martinelli, minha querida orientadora atual, acolheu-me na PUCSP, espaço que eu não tinha familiaridade, pois até esse momento não tinha caminhado por esse trajeto; foi através da sua contribuição teórica e inserção no NEPI que me aproximei da pesquisa de fonte oral; e hoje tenho a certeza que sou "pesquisadora oralista". GRATIDÃO!!

-Por isso quero deixar registrado nessa tese "que não há neutralidade na pesquisa", principalmente na qualitativa edificada pela fonte oral; metodologia que promove o encontro também com o outro.

-Essa leitura foi compreendida na produção textual do memorial, quesito exigido no Programa de Serviço Social da PUCSP, momento que incorporo e reproduzo a seguinte afirmação:

"os nossos objetos de pesquisas estão intimamente ligados com a nossa trajetória de vida", como diz a Profa. Martinelli.

Texto autoral: Carla Regina Moreira

A Raíz do Candomblé na minha Identidade: Eu sou Nanã Buruquê

Magía de Nanã de Buruquê
Fílhas de Oxalá[1]

Na luz da lua ela me recríou
Da sua lama renasceu o meu ser
Ó mãe Nanã venha me abençoar
Ao teu portal eu clamo ajuda aiê

Aiê Nanã saluba aiá
Minha mãe a tí vou me entregar
Aiá nanã salubá
Magía de Nanã de Buruquê

Límpe minha mente do peso da jornada
De toda angústía quero me afastar
Separe o barro dessa água sagrada aiê
Nas tuas mãos eu posso me renovar

Aiê Nanã saluba aiá
Minha mãe a tí vou me entregar
Aiá nanã saluba aiê
Magía de Nanã de Buruquê

[1] https://www.letras.mus.br/filhas-de-oxala/magia-de-nana-de-buruque/

RESUMO

MOREIRA, Carla Regina

Experiências e vivencias com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira

Resumo: esse estudo toma como objeto a reserva militar, no contexto da Força Aérea Brasileira, instituição militar que integra o campo das Forças Armadas, edificadas pelo Estado brasileiro, para proteção e manutenção do sistema vigente. Na fase de sua institucionalização, as Forças Armadas protegiam os interesses da coroa portuguesa. Para aproximação ao campo do estudo, procurou-se estudar a formação do Estado brasileiro pela apreensão histórica, econômica, social, política. Num segundo momento, a inclinação foi feita para trazer considerações sobre a FAB, sua criação, história, contexto político e econômico; as carreiras dessa arma; a aviação no Brasil e no mundo e sua interlocução na 2ª Guerra Mundial. Estudo de natureza qualitativa, tendo como objetivo da pesquisa a seara explicativa. Os **objetivos** foram organizados em - **geral**: produzir conhecimento sobre o campo militar, tendo como aporte a reserva militar na FAB, sob as balizes do serviço social, pós movimento de reconceituação, que dialoga como o pensamento marxiano; que irá eclodir na apreensão da reserva militar, pela sua singularidade imersa nas relações sociais da sociedade capitalista contemporânea – **específicos:** analisar quais as formas que a reserva militar, na FAB, assume no contexto econômico neoliberal; verificar quais são os valores que estão incutidos em relação à fase da reserva militar, (que tem aproximação à aposentadoria) na sociedade contemporânea; construir, através da metodologia história oral, um espaço para que esses sujeitos e sujeitas sociais possam narrar sobre suas experiências da vida na "caserna" e com a reserva militar; compreender qual o formato da retirada do trabalho numa sociabilidade burguesa, que tem no trabalho seu eixo fundante; verificar se há projetos pensados, desenhados, experienciados nessa fase de vida da vida do trabalhador (após a retirada do mundo do trabalho); bem como, quais as vinculações que estão consubstanciadas nesses projetos. O interesse na temática emergiu a partir da experiência profissional nesse nicho e a apropriação e as articulações com o objeto que trouxe indagações, frente aos dilemas verbalizados, mesmo tendo a segurança da renda. **Procedimentos metodológicos**: procedimento técnico de pesquisa utilizado decorreu da fonte oral, através de entrevistas, com aporte da história oral; com contribuições da fonte escrita. O material coletado "relatos de experiencias" foi submetido ao rigor analítico, com a organização de categorias temáticas que foram despontando com a leitura analítica. **Considerações**: a reserva militar foi apreendida no contexto do capital neoliberal, pela categoria da reestruturação produtiva; nesse momento o/a trabalhador/a militar vivencia perdas financeiras, como os demais trabalhadores; desenha-se na classe trabalhadora do campo militar uma nova morfologia "trabalhadores subcontratados e com contratos temporários". Nessa fase a questão habitacional se apresenta na realidade social, pois ao migrar para reserva o trabalhador perde o direito de morar nas vilas militares. O adoecimento se apresenta de maneira acentuada, com doenças do corpo físico. O desfilamento social acontece em decorrência das perdas das relações sociais, da retirada do uniforme; da perda da capacidade financeira; evidencia-se que criação de estratégias, afirmadas como gratificação, abrem o caminho para diferenciar a renda do trabalhador/a militar da ativa e da reserva. Embora no plano formal, no Estatuto Militar, tenha a garantia consolidada da

equiparação salarial desses grupos. Trata-se de um campo de fomentação para estudos, pesquisa, atuação de assistentes sociais.

Palavras chave: reserva militar, profissão militar, Força Aérea Brasileira

ABSTRACT

MOREIRA, Carla Regina

Experiences and experiences of the military reserve: reports from members of the Brazilian Air Force

The object of this study is the military reserve, in the context of the Brazilian Air Force, a military institution that is part of the Armed Forces, built up by the Brazilian state to protect and maintain the system in force. At the time of its institutionalization, the Armed Forces protected the interests of the Portuguese crown. In order to get closer to the field of study, an attempt was made to study the formation of the Brazilian state through its historical, economic, social and political apprehension. In a second step, the inclination was made to bring considerations about the FAB, creation, history, political and economic context, the careers of this weapon; aviation in Brazil and in the world and its interlocution in World War II. The study was qualitative in nature, with the research objective being explanatory. The **objectives** were organized as follows - **general**: to produce knowledge about the military field, with the military reserve in the FAB as a contribution, under the guidelines of social service, after the reconceptualization movement, which dialogues with Marxian thought, which will erupt in the apprehension of the military reserve in its singularity immersed in the social relations of contemporary capitalist Society - **specific** to analyze what forms the military reserve, in the FAB, takes in the neoliberal economic context; to verify what values are instilled in relation to the military reserve phase, (which is approaching retirement) in contemporary society; to build, through the oral history methodology, a space for these subjects and social subjects to narrate about their experiences of life in the "barracks" and with the military reserve; to understand the format of withdrawal from work in a bourgeois sociability, which has work as its founding axis; to see if there are any projects thought up, designed, experienced in this phase of life, after withdrawal from the world of work; as well as what links are embodied in these projects. The interest in the subject emerged from professional experience in this niche and the appropriation and articulations with the object that brought questions, in the face of the dilemmas verbalized, even with the security of income. **Methodological procedures**: the technical research procedure used was based on oral history interviews, with contributions from written sources. The material collected, "accounts of experiences", was subjected to analytical rigor, with the organization of thematic categories that emerged during the analytical reading. **Considerations**: the military reserve was understood in the context of neoliberal capital, through the category of productive restructuring, at which time the military worker experiences financial losses, like other workers; a new morphology is emerging in the working class of the military field: "subcontracted workers and workers on temporary contracts". At this stage, the housing

issue becomes a social reality, because when the worker migrates to the reserve, he loses the right to live in the military villas. The sickness is accentuated, with diseases of the physical body. Social disenfranchisement occurs as a result of the loss of social relationships, the removal of the uniform, the loss of financial capacity, and the creation of strategies, affirmed as gratification, which open the way to differentiating the income of active and reserve military workers. Although on a formal level, in the Military Statute, there is a consolidated guarantee of equal pay for these groups. This is a field for studies, research and the work of social workers.

Key words: military reserve, military profession, Brazilian Air Force

LISTAS DE SIGLAS

Amazônia Azul Tecnologias de Defesa S.A – Amazul

Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social -ABEPSS

Ato Institucional nº 05 -AI5

Benefício de Prestação Continuada -BPC

Centro de Comunicação Social da Aeronaútica – CECOMSAER

Centro de Estudos Brasileiros – Nelson Werneck Sodré - CEB-NWS

Comando da Aeronáutica – COMAER

Comando de Operações Aeroespaciais – COMAE

Comando Geral do Pessoal – COMGEP

Conselho Nacional de Saúde – CNS

Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO

Consolidação das Leis Trabalhistas -CLT

Coronel – Cel

Correio Aéreo Nacional – CAN

Departamento de Controle do Espaço Aéreo – DECEA

Destacamento de Controle do Espaço Aéreo - DTCEA

Diretoria de Administração de Pessoal – DIRAP

Empresa Brasileira de Aeronáutica – EMBRAER

Empresa Gerencial de Projetos Navais – EMGEPRON

Escola Superior de Guerra – ESG

Estados Unidos da América -EUA

Estratégia Nacional de Defesa – END

Exército Brasileiro –EB

Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul -FAPSSSCS

Força Aérea Brasileira – FAB

Forças Armadas – FA

Força Expedicionária Brasileira – FEB

ICA- Instrução do Comando da Aeronáutica

Indústria Brasileira de Material Bélico – IMBEL

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas - IFCH/UNICAMPInstituto Nacional de Seguro Social -INSS

Instituto Superior de Estudos Brasileiros – Iseb

Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA

Instrução do Comando da Aeronáutica –ICA

Lei de Garantia e da Ordem –LGO

Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS

Marinha do Brasil –MB

Minas Gerais -MG

Ministério da Saúde – MS

Ministério da Defesa – MD

Ministério do Trabalho -MT

Norma de Sistema do Comando da Aeronáutica - NSCA

Organização Militar Grupamento de Apoio de São Paulo –GAPSP

Organizações Militares – OM

Organização das Nações Unidas – ONU

Partido Comunista Brasileiro - PCB

Partido Trabalhista Brasileiro – PTB

Política Nacional de Defesa – PND

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUCSP

Prestação de Trabalho Por Tempo Certo – PTTC

Próprios Nacionais Residenciais – PNR

Programa de Preparação para Aposentadoria e Reserva - PPRA

Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica – RUMAER

Rio de Janeiro -RJ

Serviço Militar Voluntário – SMV

Serviço Militar Obrigatório - SMO

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial –SENAI

Serviço Nacional de Informação – SIN

Serviço Regional de Proteção ao Voo-SRPV

Sistema de Serviço Social - SISESO

Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC

Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido-TCLE

União Democrática Nacional – UND

Universidade de São Paulo – USP

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Universidade da Força Aérea -UNIFA

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Militares da fase colonial -vestimenta 70
Figura 2 - Militares da fase imperial -vestimenta 72
Figura 3 – Orixá Ogum 88
Figura 4 - Foto de Santos Dumont 90
Figura 5 - Fotos da Aeronave 14 BIS 91
Figura 6 - Aeronave Ultraleve – Demoiselle 92
Figura 7 - Balão movido à gasolina 92
Figura 8 - Primeira Aeronave Dirigível.....92
Figura 9 - Menor Balão Livre.....92
Figura 10 – COMAER A estrutura administrativa 95
Figura 11 - FAB: missão, visão, valores 96
Figura 12 - As OM no território nacional.....97
Figura 13 - Apresenta e estrutura organizacional do DECEA.....99
Figura 14 - A Aviação de Caça 102
Figura 15 - Passagem do Comando (à esquerda: Coronel Jorri) 165
Figura 16 - Academia da Força Aérea -AFA 166
Figura 17 - o sonho corinthiano 167
Figura 18 - - O Suboficial Misael 175
Figura 19 - A Escola de Formação do Suboficial Misael 178
Figura 20 - Fronteira Tabatinga-AM e Colômbia 179
Figura 21 - A OM do início da carreira 179
Figura 22 - ilustração em alusão à profissão a entrevistada 195
Figura 23 - Organização Militar – Hospital da Força Aérea do Galeão - o início da carreira da Suboficial Sueli 198
Figura 24 – A OM EEAR - a trajetória na carreira militar da Suboficial Sueli 198
Figura 25 - A última OM que a entrevista serviu – o HFASP (registro de formatura de passagem de comando) 200
Figura 26 - A Tenente Cel. Malheiros à esquerda.....214
Figura 27 - A Danielly após a reserva 214
Figura 28 - Imagem do Estilo Punk 215
Figura 29 - Fotos da cidade do Rock 215

Figura 30 - Formatura na Escola de Especialista de Aeronáutica 222
Figura 31 - O Instituto de Logística da Aeronáutica -ILA.....224
Figura 32 -- Resgatando a Danielly.....243
Figura 33 - Gratificação adicional de disponibilidade militar 264

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Capitanias Hereditárias e seus donatários, Brasil, 2024 68
Quadro 2 - Informa a faixa etária de permanência na reserva militar, Brasil, 2024 246
Quadro 3 - Referente aos percentuais do Adicional de Habilitação, Brasil, 2024.....259

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 23

Trajetória profissional: assistente social e pesquisadora 24

A Tese: o percurso metodológico 27

1 SESSÃO INTRODUTÓRIA.....31

1.1 O objeto do estudo " reserva militar": algumas considerações 32

1.2 Detalhamento projeto da pesquisa: pressuposto, finalidade, objetivos, justificativa 35

1.3 Marco teórico 47

1.4 Procedimentos éticos 49

2 SESSÃO TEMÁTICA 53

2 A institucionalização das Forças Armadas no Estado brasileiro 54

2.1 O Interlocutor Sodré: o intelectual, militante da caserna 55

2.2 As Forças Armadas: estrutura administrativa contemporânea 58

2.3 A historiografia das Forças Armadas 61

3 SESSÃO TEMÁTICA.....86

3. A Força Aérea Brasileira 89

3.1 FAB: o aporte cultural.....88

3.2 Preambulo da história da aviação 90

3.3 A aviação militar na sociedade brasileira 93

3.4 A criação da FAB 98

3.5 FAB: uma conversa endógena 109

4 SESSÃO TEMÁTICA 112

4. O Mundo do Trabalho e as Repercussões na Vida so Ser Social.....113

4.1 Interlocutores: Iamamoto e Antunes 113

4.2 O trabalho no mundo capitalista 117

4.3 O trabalho na caserna – a profissão militar 122

4.3.1 A carreira militar 123

4.3.2 O trabalho militar: algumas considerações 139

5 SESSÃO TEMÁTICA.....148

5 Procedimentos metodológicos.....149

5.1 Detalhmento da pesquisa 151

5.1.1 Recurso tecnológico na pesquisa 151

5.1.2 Procedimentos técnicos da pesquisa 153

5.2 Apresentação dos/as participantes da pesquisa.....157

5.3 A transcrição do relato ao texto: os procedimentos 159

5.4 Procedimentos de análise 160

5.5 Procedimentos éticos 162

5.6 Relatos vivos 164

5.6.1 O relato de Waldemar – "O Cel. Jorri".....165

5.6.2 O relato de Júnior – "O Suboficial Misael".....175

5.6.3 O relato da Sueli - "Suboficial Sueli" 195

5.6.4 O relato da Danielly – "A Cel. Malheiros".....214

5.7 Considerações sobre a retirada do mundo do trabalho no campo militar: diálogos com os/as militares da FAB sobre a reserva miliar..... 245

CONSIDERAÇÕES FINAIS 284

REFERÊNCIAS.....292

ANEXOS 304

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (dos/as participantes do estudo)

Anexo 2 – Documento de validação (dos/as participantes do estudo)

APRSESENTAÇÃO

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Sou assistente social, formada no ano de 1998, na Faculdade Paulista de Serviço Socia de São Paulo -FAPSSSP. Tornei-me especialista em saúde pública; mestra na área do cuidado em saúde, ambos títulos conquistados na Universidade de São Paulo- USP; e sigo para conquista da titulação de doutora em serviço social. Paralelo à carreira como assistente social, tornei-me docente na graduação de serviço social; e atualmente coordenadora do curso de graduação do serviço da Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul -FAPSSSCS, unidade de formação acadêmica na qual também atuo como professora do programa de pós-graduação nos cursos de serviço social e saúde. Ao longo da carreira, tornei-me perita judicial e micro empreendedora da Acolher com Cuidado Assessoria de Serviço Social. No momento de finalização desse estudo, regressei ao corpo de oficiais da especialidade de serviço social do Comando da Aeronáutica, no Grupamento de Apoio de São Paulo, no posto de Segundo Tenente, Chefe da Assessoria de Serviço Social.

Durante a trajetória profissional, que perfaz o total de 35 anos, até o momento com vínculo empregatício, trabalhei em organizações do terceiro setor, na ONG Pró – Mulher Família e Cidadania, Fala Preta- Organização de Mulheres Negras; fui servidora pública por 21 anos no Estado de Paulo, trabalhando por 10 anos na Secretaria de Administração Penitenciária e 15 anos na Secretaria Estadual da Saúde, em 02 hospitais; ingressei na carreira militar como oficial temporária na especialidade de serviço social. No ano de 2021, desliguei-me da carreira pública, retornando a exercer a atividade de perita judicial, que havia iniciado no ano de 2008 e interrompido em 2012, após o ingresso no mestrado. Em 2022, iniciei a atividade de micro empreendedora e retornei para docência, atividade que havia interrompido, no ano 2017, para dedicação ao trabalho militar.

A escolha da profissão de assistente social emergiu na fase da minha adolescência, através de contato que tive com uma militante do movimento de moradia, no qual eu militava, que era assistente social. O desejo na carreira de docente foi um projeto abortado na época eu que terminei o ensino fundamental. Naquela época, tinha interesse em fazer o curso de magistério, mas não era possível devido à minha condição social. O curso, na rede pública era oferecido no período diurno ou vespertino, como eu trabalhava não era possível. Na rede privada, era oferecido no período noturno, mas não tinha como pagar. O trabalho como perita judicial iniciei para completar a renda.

A incursão como micro empreendedora ocorreu após desligamento da área pública e diálogos que fui tendo como o objeto dessa pesquisa, pois trabalho na assessoria com aposentadorias, tanto na organização para solicitação do processo administrativo junto ao Instituto Nacional de Seguro Social -INSS, nicho geralmente explorado por outras áreas como direito, contabilidade, pessoas sem formação etc.; quanto no planejamento previdenciário e preparação para vida pós retirada do mundo do trabalho, com o uso da metodologia da história oral, que permite o resgate de projetos que ficaram adormecidos ao longo da vida, em detrimento da centralidade da vida no mundo do trabalho. Também desenvolvo projetos sociais, pericias e atendimentos, para pessoas que não conseguem acesso nas políticas públicas.

O tempo de contribuição previdenciária, que tenho cerca de 35 anos que me daria o direito à aposentadoria por tempo de contribuição, mas devido à Emenda Constitucional do ano de 2019, conhecida como a "Reforma da Previdência", caso optasse em me aposentar, nesse momento, teria uma perda de cerca de 42% do salário do benefício, em decorrência do fator previdenciário. Dessa forma, para ter acesso ao valor mais próximo do integral, tenho que trabalhar mais 08 anos, o que irá contabilizar 42 anos de trabalho.

Como pesquisadora dizia: "sou uma pesquisadora do cotidiano", pois me debruço a pesquisar os fenômenos que emergem no cotidiano do meu trabalho como assistente social. No mestrado, estudei "as políticas de drogas na sociedade brasileira e os direitos humanos[2]" A questão das drogas estava presente nas minhas experiências de trabalho. Na época eu trabalhava como assistente social numa penitenciária; no dia a dia encontrava pessoas que tinham as suas vidas suspensas em decorrência da relação com psicoativos ilícitos, seja pelo consumo ou pela venda (estratégia de sobrevivência). Também trabalhava num hospital, na clínica maternidade e neonatologia, com mulheres em consumo abusivo, situação que poderia comprometer a capacidade protetiva. Num primeiro olhar, foi um objeto que eclodiu a partir do cotidiano de trabalho; porém, a questão das drogas foi vivida por perdas que marcaram a minha adolescência.

Nessa pesquisa do doutorado, inclinei ao objeto reserva militar (a aposentadoria), pude observar que esse objeto eclodiu pela experiência de trabalho (Programa de Preparação para Reserva e Aposentadoria, implementado pelo serviço social da Força Aérea Brasileira; e ainda apreensão do sofrimento com a migração para reserva, vivida por alguns militares).

[2] Moreira, Carla Regina. Dissertação apresentada no ano de 2014 na Universidade de São Paulo – Escola de Enfermagem, sob orientação da Profa. Livre Docente Cássia Baldini Soares

Mas, durante o processo de construção dessa pesquisa, pude perceber que esses objetos remetem à minha condição e da minha família de pertencemos à classe que vive do trabalho, que ainda vivencia as expressões da questão da exploração racial. Na minha família, fomos vítimas do trabalho infanto-juvenil, eu comecei a trabalhar com 13 anos; minha mãe aos 09 anos; meu pai aos 11 anos; minha avó materna por volta dos 07 anos (na área rural) e aos 10 anos na área urbana como doméstica. Outros membros também tiveram essa mesma trajetória.

Quando comecei a trabalhar, o meu salário proporcionava o aumento da renda familiar, mas eu estava na fase da adolescência, que deveria ser focada nos estudos, passeios, amizades, contrariar as regras etc. Para mim, isso não foi possível. Situação que emergiu o sonho da aposentadoria, aos 30 anos de idade. Avalio que acabei nutrindo um sentimento em relação ao trabalho de perdas (de energia, de liberdade); de interrupção ou adiamento para realizar projetos.

Foi a partir da condição de vida e trabalho que esse objeto de pesquisa foi gestado; a inclinação ao campo militar se deu na minha inserção no serviço militar voluntário, momento que tive a inquietação de me alvorar, para pesquisar esse campo, que foi tomando formato com a inserção no curso de doutorado; mas que segue uma trilha, que também envolvem outras produções científicas, como artigos:

a) Artigo: O serviço social no Grupamento de Apoio de São Paulo, apresentado no Simpósio Nacional do Serviço Social nas Forças Armadas;
b) Capítulo de livro: o parecer social como subsídio técnico: notas do serviço social, produção que íntegra o livro Serviço Social e Instituição Militar: sistematização do exercício profissional na FAB;
c) Artigo: A inserção das mulheres na Força Aérea Brasileira, apresentado no formato oral no Congresso Latinoamericano de Trabalho Social;
d) Artigo: A opinião dos jovens em vias de alistamento sobre serviço militar obrigatório em tempo democracia, apresentado no formato oral no Congresso Iberoamericano de Infância e Juventude
e) Participação em congresso: destaco a relevância da participação no Congresso de História, com interlocução junto aos pesquisadores do campo militar, tanto da esfera acadêmica civil, quanto por pesquisadores com exercício nas Forças Armadas.

f) Palestras ministradas: nesses decurso, foi possível proferir palestra em alusão ao Dia do/a Assistente Social, momento de diálogo e troca de experiências com assistentes sociais, que atuam nesse nicho.

APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA TESE

A TESE: O PERCURSO E A ESTRUTURA

Digo: a conclusão deste estudo, materializada na produção textual – a tese – que floresceu com o pré-projeto de pesquisa; transformou-se em frutos (as produções científicas e a identidade de pesquisadora do campo militar). Agora, no momento da defesa pública, chega o tempo da colheita, de publicizar e socializar o trabalho construído que em muitos momento, na maior parte, foi realizado de maneira visceral; mas a colheita é tempo de festa, de confraternização e socialização (inspiração Iamamoto, 2011)

Este estudo, que se configura como tese de doutorado, tomou como objeto a reserva militar na Força Aérea Brasileira-FAB, foi edificado com embasamento da pesquisa de fonte oral e apropriação de contribuições advindas de fontes escritas, tanto para o tratamento analítico (referências científicas – artigos, estudos) quanto o não analítico, mas que trazem conhecimento sobre o campo militar (documentos oficiais, dados estatísticos, legislações). As informações oficiais, que apresentam dados sobre a FAB, foram coletadas junto ao Portal Institucional.

Na trajetória percorrida dessa produção de alto grau acadêmico, pude apreender que os objetos que me instigaram à pesquisa se interconectam com a minha história de vida, que tem como alicerce a minha condição de classe que vive do trabalho. Finalizando este estudo, que não significa o fim, mas somente a finalização dessa etapa, posso afirmar que pessoalidade é uma marca que aqui ficou registrada, eu como pessoa e minhas experiências de vida, que se articularam com a minha formação de pesquisadora. Sendo assim, sinto-me à vontade para trazer elementos que mostram a minha pessoalidade nesta tese, que se insere no campo da ancestralidade da raiz africana. Assim, trago questões relacionadas à arte e ao rito de matriz africana – o candomblé.

No campo da arte a expressão posta foi intitulada de VOZES PRETAS", que acontece pelo diálogo com as interpretes - Clara Nunes[3], Clementina de Jesus[4] e a sambista Ivone Lara[5]. Os trechos das músicas foram inseridos nos espaços de intervalo entre as sessões temáticas. Já, na seara do candomblé faço saudação a dois Orixás – Nanã Buruquê, que está na página que antecede o sumário; e a Ogum, que traz o arquétipo da relação com as armas e a guerra; e ainda, pela sua representação de cor azul, a mesma utilizada nos uniformes da área administrativa da FAB. Tecemos informações desse Orixá na sessão que aborda a FAB; como interlocutor da Arma: FAB. Por estar relacionado com a guerra, a articulação desse Orixá poderia ser feita na sessão que discorre sobre a institucionalização das Forças Armadas; contudo, compreendemos que por ser a FAB o nosso universo de estudo; a ainda as cores que representam esse Orixá, no rito candomblecista ser a "azul" a mesma da farda básica, utilizada no cotidiano das organizações militares. Denominamos esse trecho de Aporte Cultural.

Outro recurso utilizado foi a apresentação dos intelectuais que foram a ossatura do trabalho; na sessão que trata das Forças Armadas, trazemos uma breve biografia do intelectual e poeta das armas – Nelson Sodré Werneck. Na sessão que trata sobre a categoria trabalho a centralidade ficou nos intelectuais Maria Vilela Iamamoto e Ricardo Antunes. No que tange à FAB trazemos a personalidade expoente, o inventor Alberto Santos Dumont, que apresentamos a sua contribuição e trajetória na aviação.

Na fase de construção das apresentações, dos autores de referência deste estudo (Sodré, Iamamoto e Antunes), verificamos que há uma unidade e intersecção entre eles. Partem da mesma raiz teórica, o materialismo histórico dialético; assim como dialogaram com pensadores em comum. Iamamoto, estudou as obras de Sodré, na fase de sua formação; outra aproximação deles (Iamamoto e Sodré) instituiu-se pela leitura da questão social pelo aporte da questão agrária, proveniente da experiências vividas por ambos. Em relação à Iamamoto e Antunes circularam na CLASCO. Os estudos no campo da história que fez parte

[3] Clara Nunes – uma rememoração da minha infância relacionada à religão de matriz africana. Clara filha de Ogum e Iansã, sempre trouxe para sua musicalidade e vestimenta a marca do candomblé. e o aprendizado musical trazido a mim pela minha mãe. Trata-se de uma mrca da minha identidade etinicarracial que perpassa pela arte, pela religião e a relação materna.

[4] Clementina de Jesus – sua voz embalada pela letra da música Marinheiro, marca a minha ancora no ritual candomblecista, nos momentos de saudação à entidade Marinheiro, que está ligado ao ritual da Umbanda, mas que incorpora também n candomblé.

[5] Ivone Lara - assistente social, que atuou na área da saúde mental, tornou-se cantora após sua aposentadoria na carreira pública. A identificação perpassa pela carreira profissional.Ser cantora, foi um sonho que ele tinha, que realizou após a retirada do mundo do trabalho "um sonho sonhado, um sonho vivido"

da formação de Iamamoto e Antunes, teve alicerce pela produção e dialogo com Sodré. Observa-se na trajetória deles, a militância política, Iamamoto no movimento estudantil secundarista; Antunes no movimento sindical e no partido político Partido Comunista Brasileiro - PCB, experiência também vivenciada por Sodré. Antunes e Sodré se aproximaram da obra do filósofo húngaro György Lukács.

Por fim, A tese foi estruturada em 05 sessões temáticas, iniciando com a introdutória que traz elementos do objeto do estudo, tanto da temática quanto ao universo; detalhamento do projeto da pesquisa. A sessão temática 2 foi dedicada para trazer elementos referente à institucionalização das Forças Armadas no Estado Brasileiro, diálogo realizada pela formação da sociedade e a organização das Armas, que visava à proteção e a defesa dos interesses da coroa portuguesa. Discorremos sobre a historiografia e as questões contemporâneas. Na sessão temática 3, o percurso realizado foi a apresentação da FAB, como foi instituída, em que momento histórico, econômico e político, sua estrutura administrativa, geográfica, as organizações militares e algumas considerações do marco temporal até os anos de 2020. A sessão temática 4, inicia com o debate da categoria trabalho e na sequência as questões inerentes ao trabalho militar, que também englobou temas relacionados a carreira militar na FAB. E, a sessão temática 5 teve como capilaridade o objeto do estudo "a reserva militar na FAB". Iniciamos com os procedimentos adotados no desenvolvimento da pesquisa; posteriormente a trajetória percorrida para localização dos/as participantes do estudo e as apresentações desse grupo, num total 04 militares da reserva militar da FAB; a transcrição das entrevistas foram inseridas integralmente; o próximo passo foi a apreensão dos resultados e a discussão, feito com a organização de categorias temáticas que emergiram com a leitura do material coletado.

Nas considerações finais dialogamos com os objetivos propostos pelo estudo e as apreensões do percurso para responder as questões que indagamos; e ainda, apontamos as lacunas que emergiram no decurso da produção, que podem fomentar outras produções e estudos.

Aos leitores/as que tiverem contato com essa produção, informo que se trata de uma produção feita pela interlocução do campo da individualidade e da materialidade da vida cotidiana.

VOZES PRETAS

Canção: Clara Nunes – Canto das Três Raça

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativeiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
Do Zuilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
E ecoa noite e dia
É ensurdecedor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas como um soluçar de dor
Ô, ô, ô, ô, ô, ô...

SESSÃO INTRODUTÓRIA

1.1 O objeto do estudo

Esse estudo toma como objeto “a reserva militar” na sociedade capitalista a partir das apreensões que emergirem nos diálogos com militares da FAB.

A FAB está instituída no Comando da Aeronáutica -COMAER, órgão responsável pela estrutura administrativa dessa Arma, afirma-se como base operacional, executora no espaço aéreo brasileiro, das operações militares na defesa da pátria (Assunpção, 2021).

O interesse embrionário em estudar essa temática, foi gestado em momentos singulares, mas que partem da mesma tronco “a minha inserção no campo militar”. Durante a minha incorporação nessa Arma, no quadro de oficiais da FAB, na especialidade de serviço social; participei do processo de formação técnico-militar. Foi nesse momento, que pude perceber o sofrimento que ocorre com a aproximação com a fase de migrar para a reserva militar (a aposentadoria). Essa questão foi traduzida pela narrativa da instrutora do curso (a Cel. Malheiros)[6] que estava em vias de migrar para reserva. Sua narrativa era permeada de dor, medo, sofrimento, incertezas, mal-estar, incompreensão. Mostrou, naquele momento, que não sabia como seria sua vida, como iria se vestir, pois havia passado a maior parte de sua vida utilizando fardas; onde iria morar, pois sempre morou em vilas militares; como seria a constituição da sua rede social; enfim trazia em sua narrativa alguns dilemas.

Outra situação vivida, no ambiente institucional, que me direcionou para estudar esse objeto, foram as narrativas que ecoavam no cotidiano, sempre apontavam a reserva como momento de perdas, inquietações, desamparo. Entre essas narrativas destaco a de um militar, que mencionou ter dificuldade em ir para reserva, pois perderia o contato com os companheiros de farda, em virtude do retorno à cidade de origem, local em que residem seus familiares e os de sua esposa.

Esse pensamento sobre a possibilidade da migração para reserva se evidencia pela ruptura dos vínculos sociais que são nutridos no cotidiano do trabalho. O estudo de Antunes e Moré (2020) que discorre sobre a aposentadoria também encontram esse achado – aposentadoria vista como ruptura de vínculos e perda da alteridade relacional -, mas é possível, como mostram esses autores, edificar novas relações, novas redes através das relações familiares, comunitárias, amigos, convivência em novos espaços sociais.

[6] Participante desse estudo, sua apresentação e narração sobre a reserva militar está na sessão 4 que trata do objeto dessa pesquisa

Esses fatos, levou-me a pensar que a transição do trabalho ativo para reserva está imbuída de sentimentos como: sofrimento, medo, desamparo; situação que exige espaço para reflexão sobre a nova etapa da vida.

O processo de inquietação, que poderia trazer respostas com uma pesquisa, seguiu. Em outro contexto, momento em que tive contato com a equipe de serviço social da FAB, num curso de capacitação técnica, para conhecer a Política de Assistência Social, os programas e projetos implementados pelo Comando da Aeronáutica – COMAER, executados pelo serviço social. Dentre os programas, tem o Programa de Preparação para Aposentadoria e Reserva -PPRA. Foi através da explanação desse programa, que aquela percepção seminal, que havia brotado no momento da formação, apresentou-se com elementos sólidos, analisados pelo serviço social, que demostram as dificuldades vivenciadas nessa fase.

O serviço social foi organizado no COMAER, através de uma comissão instituída pelo Ministro da Aeronáutica, da época, formalizada pelo Ofício nº 00-01-1101/G de 20 de setembro de 1951. Inicialmente foi incorporado ao serviço de saúde, no Hospital Central da Aeronáutica, com a denominação e serviço social médico. Nessa fase teve como percussora a Servidora Ada Nolding Gaffrée, que tinha formação em serviço social. O serviço social se estendeu em outras organizações militares. Atualmente o serviço social está presente em organizações militares, em todo território nacional, como: Grupamentos de Apoio, Organizações de Saúde; Organizações do Controle do Espaço Aéreo; Bases Aéreas; Organizações de Ensino; e ainda tem atuação expressiva nas denominadas Missões Subsidiárias de Caráter Humanitário e Social (Assumpção, 2021; Silva, 2021; INCAER, 2005).

A inserção da categoria de serviço social no COMAER segue por dois caminhos, contratação via concurso público de carreira civil, por cargos do Ministério da Defesa, na fase inicial, Ministério da Aeronáutica; após os anos de 1980 a contratação foi pelo quadro de oficialato da carreira militar, seja por contratação temporária ou concurso de carreira. O serviço social é regido pela Norma de Sistema do Comando da Aeronáutica NSCA 163-1/2020, que foi denominada de “Serviço Social no Âmbito do Comando da Aeronáutica”. O comando operacional está a encargo da Diretoria de Administração de Pessoal -DIRAP e se estende ao órgãos executivos intitulados de Elos do Sistema de Serviço Social – SISESO (Assumpção, 2021; INCAER, 2002).

A reserva militar, que em alguns momentos é vista como sinônimo da aposentadoria, vista pela ótica dos direitos trabalhistas, que seria a fase em que o trabalhador/a conquistou o direito de se afastar do mundo do trabalho com remuneração. A conceituação do trabalho, a partir do pensamento marxiano, discorre que o trabalho é a base de toda atividade econômica da sociedade capitalista, está totalmente imbricado na relação do ser social com a sociedade. Portanto, pensar na retirada do mundo do trabalho seria "afetar" a relação desse trabalhador/a com a sua sociabilidade.

Na perspectiva formal, a reserva militar se afirma como proteção social de caráter contributivo, que tem fonte remuneratória o alicerce da pensão militar, a qual se assemelha à previdência, seja a pública ou privada. Contudo, diferencia-se da previdência pública, mas tem aproximações com previdências de setores do funcionalismo público.

Sobre o tema da previdência social, enquanto proteção social contributiva, Sposati (2013) pontua que os direitos trabalhistas que articulam com essa proteção se apresenta, na sociedade brasileira de maneira fragmentada, incidindo em maior ou menor proteção, conforme as categorias de trabalhadores operam aos interesses da proteção e manutenção do sistema econômico.

Dialogando com a autora, nesse mosaico, algumas categorias, como a classe trabalhadora das FA, apresentam-se com proteção integral, trata-se de uma categoria que atua diretamente na preservação da ordem; enquanto outras categorias têm direitos arrefecidos, como a situação do emprego doméstico, que somente passou a ter reconhecimento formal e inscrito na política previdência e dos direitos trabalhistas, na segunda década do terceiro milênio.

Trabalhadores/as desse campo – doméstico, em sua maioria mulheres pretas - somando também os/as trabalhadores/as do - campo, que migraram para cidade - ao atingirem idade ou incapacidade por algum evento, que interferem na manutenção e permanência no mundo do trabalho, passam a ser demandatários/as da política de assistência social, através do recebimento do Benefício de Prestação Continuada -BPC, que não garante segurança e também o acesso requer condicionalidades seletivas. O Estatuto Rural data do ano de 1963, mas as exigências de comprovação documental, afasta o acesso à aposentadoria rural ou híbrida, da esfera da política previdenciária.

Sposati (2013 p. 654) sobre o acesso ao BPC, pontua que o acesso a esse benefício da política de assistência social, operacionalizado pelo Instituto de Seguro Social – INSS, é operacionalizada por uma tripla barreira:

> "o requerente não pode alcançar o per capita de renda familiar de um quarto do salário mínimo; o requerente não pode ter outro membro da família com benefício, pois ele será considerado no cálculo do per capita (o que não ocorre com idosos); o requerente deverá mostrar que sua deficiência é durável, isto é, permanecerá após dois anos. Ao que parece, faltou considerar que viver dois anos sob fragilidade não só agudiza a deficiência como pode ampliar a perecibilidade da própria vida.

Outra questão que envolve o universo da política previdência pública, apontada por Sposati (2013), é a desigualdade que se opera nesse sistema, tanto no que tange à desvalorização da remuneração, que consequentemente recaí na redução do valor da aposentadoria, da maioria dos/as trabalhadores/as a sociedade brasileira.

É partir desse universo pautado na desigualdade de direitos trabalhista e previdenciários, que a reserva militar, ou a aposentadoria de outras categorias, tomam formato de privilegio, sofrendo constantes ataques da mídia; bem como por narrativas que circulam a sociedade em geral. Situação que anuvia a perda das condições de vida e trabalho da classe que vive do trabalho. Assim, o inimigo é o próprio trabalhador e não o sistema de exploração.

Este estudo se debruça para pensar a reserva milita numa sociedade em que o trabalho é visto como uma mercadoria, que gera valor de uso e de troca. Nesse sentido, o trabalho torna-se alienado, sua relação é invertida, não é mais não é a humanização a constituição do ser social, mas a vende desse trabalho para a sobrevivência, tornando esse trabalhador/a também numa mercadoria. Tornam-se proletários, dominados, reféns aos burgueses que, por sua vez, exploram este trabalho

No campo militar, nas Forças Armadas, na conjuntura do capitalista contemporâneo, há dois tipos de reserva: a remunerada e a não remunerada.

A reserva não remunerada (R/2), situação que toma relevo nas Forças Armadas do Estado Brasileiro, devido à implementação do contrato militar temporário, que ocorreu na década de 1990, no contexto econômico neoliberal, ainda na gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso; tendo sido incrementada nos anos 2000, na gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Embora esse militar da reserva, vivencia outros dilemas em torno da retirada do campo militar; na maioria das vezes, com necessidade de permanecer no mundo do trabalho, para garantia da sobrevivência; pois ainda não conquistou o tempo contributivo que lhe garanta a aposentadoria. Esse/a militar também é transferido para reserva militar e pode ser convocado/a caso haja uma determinação do Estado. Seria essa situação reserva militar ou ex-militar em situação de desemprego?

Neste estudo, não ingressamos para apreensão dos dilemas dessa categoria de trabalhadores – os/as temporários/as - , podendo ser objeto de novos estudos que abordem a condição desses trabalhadores/as. Segundo o estudo de Santana (2021) a partir dos anos 2000 houve ampliação desse tipo de contratação de pessoal na FAB, que se caracteriza pela precarização das relações de trabalho na área da Defesa Nacional. Essa morfologia segue os ditames da reestruturação produtiva, como aponta Antunes (2003) corroborando com Harvey, que se orquestra pela nova maneira de acumulação do capital.

A reserva remunerada, objeto desse estudo, se aproxima da aposentadoria; mas se difere em alguns aspectos, entre eles: a categoria da prontidão, mesmo estando afastado do trabalho os e as militares podem ser convocados a qualquer momento, caso seja determinado pelo Estado. Somente quando chega na fase da reforma, que não é mais possível a reconvocação para o trabalho.

O Estatuto Militar determina no art. 96 Parágrafo Único que "a transferência do militar para a reserva remunerada pode ser suspensa na vigência do estado de guerra, estado de sítio, estado de emergência ou em caso de mobilização" (Brasil, 1980). Esse retorno ao trabalho, poderá ocorrer independente da escolha desse trabalhador, o qual pode estar na reserva, tendo realizado todo o processo de desconstrução da identidade funcional para a reconstrução da civil, mas ter que resgatar a vida funcional-militar, caso seja a necessidade da nação.

Na aposentadoria, esse retorno ao trabalho pode acontecer, episódio crescente na sociedade brasileira, por outros determinantes que fazem parte do campo da objetividade como: necessidade de garantia da sobrevivência, pois é comum ocorrer perda financeira nessa fase, bem como, aumento em decorrência aos gastos com a manutenção da saúde; a apropriação da renda das aposentadorias pelo capital financeiro, armadilha para atender questões pontuais, mas que corrói a renda por longos períodos. No campo da subjetividade, pode-se elencar as questões da perda do significado e sentido da vida, que pode ocorrer com a retirada do mundo do trabalho; a ressignificação da identidade, pois ao longo da carreira profissional a identidade funcional pode se sobrepor a pessoal. Esse fenômeno pode ocorrer por questões diferentes. Por um lado, uma maneira de aumentar a renda familiar, quando a pessoa se aposenta e permanece trabalhando; outra situação é a dificuldade do ser social em se afastar da esfera produtiva.

As apreensões sobre a questão da aposentadoria aparece por ângulos que atinge a garantia do direito, compreensão que traz percepções como merecimento, liberdade;

dedicação aos projetos familiares; possibilidades de realizar projetos que ficaram arquivados, tempo livre; período de descanso. Mas também pela ótica das perdas, vista pelo viés que a relaciona como algo ruim, numa perspectiva valorativa que se apresenta como: desvalorização, improdutividade, inatividade, invalidez, apontamentos ao processo de envelhecimento; medos e receios pela centralidade que o mundo do trabalho ocupa na vidas dos/as trabalhadores/as, falta de reconhecimento social, situação que vivencia o aposentado, que pode trazer sofrimento psíquico . (Andrade,2018; Sansone, 2018; Soares, 2018; Antogla et al 2017; Costa,2014). Observa-se que a questão da perda do renda, que geralmente está vinculada a aposentadoria, não foi apontada nesses estudos, provavelmente serem realizados no nicho da esfera pública.

Analisamos que a questão do reconhecimento social, na sociedade capitalista tem imbricação com as relações de produção; tendo a aposentadoria o atributo da improdutividade e inatividade recaí diretamente na desvalorização desse sujeito.

Os estudos de Sansone (2018) e Costa (2014) esclarecem a necessidade da preparação para aposentadoria, intervenção que pode contribuir com a travessia se distanciando interrupção abrupta calcada pelo sofrimento, é necessário que haja preparação para esses desligamento. O direito desse espaço de reflexão e sentido para nova fase de vida, está previsto no Estatuto do Idoso, que seria a preparação para a aposentadoria, podendo ser construída com aporte à categoria analítica saúde do trabalhador, que envolve ações de promoção, cuidado em saúde, promoção do bem-estar.

Oliveira (2018) ressalta que há um tempo relevante investido para preparação da inserção ao mundo do trabalho. Entretanto, essa preparação não faz parte do momento do desligamento, para que o trabalhador que conquista o direito da aposentadoria posa viver essa fase com autonomia, vitalidade, prazer ações que podem promover a redução do sofrimento. Ressalta-se a importância da preparação para aposentadoria

Na perspectiva objetiva e concreta, a reserva militar permite a garantia de direitos trabalhistas e sociais, situação que se distancia de uma grande parcela de trabalhadores e trabalhadoras na sociedade vigente. Muitos, mal conseguem visualizar na linha do horizonte a aposentadoria com direitos e proteção.

A reserva militar passou a ser vista como um fenômeno a ser pesquisado, quando verificamos que se trata de uma retirada do mundo do trabalho que pode ocorrer pela ótica do sofrimento, perdas, inseguranças; questões que contrariam os aspectos normativos (direito garantido – direito vivido).

Por um lado, analisamos que essa situação está atrelada à fase atual do capitalismo, na qual o trabalho está cada vez mais sem proteção e garantias de direitos trabalhista e previdenciários (trabalho contrato, parcial, intermitente), que afasta a possibilidade da aposentadoria com garantia de renda, para sobrevivência. Por outro lado, observamos que há uma permanência no mundo do trabalho mesmo para aqueles e aquelas que já conquistaram o direito de se afastarem, com a garantia dos direitos trabalhistas e previdenciários.

A compreensão fundamentada de que ocorriam dilemas nessa transição foi feita a partir da aproximação com a leitura de um trabalho de Almeida[7] e Leite (2012), que realizaram estudo que tinha como objetivo avaliar o PPRA, executado no âmbito do COMAER. Esse estudo traz as seguintes considerações:

a) a centralidade no trabalho, afasta desse trabalhador a possibilidade de construir projetos de vida; consideraram que a vida pessoal fica submersa aos princípios disciplinares e hierárquicos, que são inerentes ao trabalho. Também há outros fatores, segundo as autoras, que podem interferir nesse momento como: morar em Próprios Nacionais Residenciais (PNR) e a mobilidade geográfica.

b) os militares de carreira geralmente moram nas vilas militares em PNRs, moradias disponibilizadas pela União, para quem está na ativa. Essa modalidade de morar facilita a intersecção entre trabalho e moradia. Considera-se que essa situação pode ocasionar no arrefecimento dos vínculos familiares e da rede social primária, na qual perpassam os laços afetivos (amigos de infância e da adolescência, vizinhos, rede parental). Todavia pode facilitar a construção de novos laços afetivos, que são edificados pelo convívio no trabalho e pela vida comunitária, nas vilas militares, mas que podem ser perdidos a partir da reserva.

c) a mobilidade geográfica, denominada de movimentação, que é a prestação de serviço em qualquer localidade, inclusive fora do país, está presente no cotidiano desses trabalhadores. Para garantia da manutenção do estado de prontidão e para atender às necessidades da Nação, as Forças Armadas podem determinar o local em que o trabalhador militar irá servir. Conforme descrito na Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 30-4 de 2014 o militar deve estar à disposição da necessidade da nação:

> "o militar do COMAER está sujeito a servir em qualquer parte do País ou no exterior, em cumprimento às prescrições legais e às normas regulamentares da atividade militar. Além disso, os homens e as mulheres

[7] Assistente Social, civil, do Comando da Aeronáutica, responsável pela implantação e execução do Programa de Preparação para Reserva e Aposentadoria, que realizou pesquisa de mestrado para avaliar o programa

> que ingressam na Aeronáutica têm ciência das peculiaridades da carreira militar, que submete o indivíduo a exigências que não são impostas a outros segmentos da sociedade".

Sobre o tema movimentação, a Portaria editada pelo Comando Geral do Pessoal - COMGEP[8] Nº 232/1SC2 DE 31 DE Março de 2022, informa:

> "é o termo genérico que abrange, transferência, nomeação, classificação, nomeação, designação ou qualquer outro ato administrativo que implique o afastamento do militar de uma OM [Organização Militar] com destino a outra e que visa, precipuamente, assegurar a presença do efetivo necessário a eficiência operacional e administrativa das Organizações Militares do COMAER.

A partir dessas vivências fiquei instigada a entender o que acontecia com aquela categoria de trabalhadores - que mesmo tendo a garantia de todos os direitos trabalhistas, inclusive a manutenção da renda; e ainda, a possibilidade de migrarem para reserva na meia idade – poderiam não realizar essa travessia de maneira linear e sem sofrimento; ou seja como uma nova etapa da vida plena de possibilidades. Outra questão, é olhar fundo, pela reflexão teórica para um objeto que em que atua o serviço social no COMAER.

Pergunta de Pesquisa: Quais as questões inerentes que atravessam a vida desses/as trabalhadores e trabalhadoras, quando migrar para reserva? Dessa categoria de trabalhadores/as, que é vista no cenário social, como uma categoria que mantém direitos trabalhistas, previdenciários/pensão militar e sociais quando migram para reserva militar.

1.2 O Detalhamento do Projeto: pressuposto, finalidade, objetivos; justificativa

Este estudo parte do **pressuposto** que a reserva militar e a aposentadoria, deveriam se constituir como uma fase na vida da classe que vive do trabalho, com garantia de renda, para atendimento das necessidades humanas e sociais, com segurança e garantias. Contudo, podem ser vivenciadas num contexto de perdas e violações dos direitos trabalhista e sociais, que foram conquistados. Observa-se, na conjuntura econômica contemporânea, alicerçada pelo neoliberalismo, há comprometimento das condições de vida material da classe trabalhadora; que podem incidir na fase da reserva militar.

[8] Comando Geral do Pessoal no Comando da Aeronáutica

É crescente a permanência na esfera produtiva, após a conquista da aposentadoria ou reserva, fenômeno que na nossa apreensão está alicerçado aos ditames da sociedade capitalista.

Essa fase se apresenta na vida desses sujeitos sociais permeada de conflitos, que podem interferir nas condições da saúde, ou seja: do bem-estar físico social e emocional, dessa categoria de trabalhadores e trabalhadoras.

Com base nas considerações pontuadas, segue-se a compreensão de que as vertentes ecoadas pelos sujeitos no que se refere ao momento da reserva militar, fazem parte de uma construção social[9] edificada sob os pilares da sociedade vigente.

Parafraseando Antunes (2009) uma vida repleta de sentido pode ter no trabalho o ponto inicial da sua realização; mas uma vida cheia de sentido não pode ser preenchida exclusivamente pelo trabalho.

Finalidade: conhecer as questões que emergem em relação ao afastamento do mundo do trabalho, no campo militar que se inicia com a reserva militar.

Objetivos do Estudo

Geral: produzir conhecimento sobre o campo militar, tendo como aporte a reserva militar na FAB, sob as balizes do serviço social, pós movimento de reconceituação, que dialoga como o pensamento marxiano, que irá eclodir na apreensão da reserva militar na sua singularidade imersa nas relações sociais da sociedade capitalista contemporânea

Específicos

a) Analisar quais as formas que a reserva militar, na FAB, assume no contexto econômico neoliberal
b) Verificar quais são os valores que estão incutidos em relação à fase da reserva militar, (que tem aproximação à aposentadoria) na sociedade contemporânea

[9] Na dissertação de mestrado essa apreensão eclodiu na compreensão de que as escolhas que se apresentam como vontades individuais, na verdade derivam de representações deformadas e mistificadas pela ideologia mercantil.

c) Construir, através da metodologia história oral, um espaço para que esses sujeitos e sujeitas sociais possam narrar sobre suas experiências da vida na “caserna” e com a reserva militar;
d) Analisar qual o significado da retirada do trabalho numa sociabilidade burguesa, que tem no trabalho o eixo fundante
e) Verificar se há projetos pensados, desenhados, experienciados nessa fase de vida, pós a retirada do mundo do trabalho; bem como, quais as vinculações que estão consubstanciadas nesses projetos

Justificativa

Estudar essa temática irá permitir compreender qual o significado que essa fase da vida do/a trabalhador/a traz de significados e experiências vividas por essa categoria de trabalhadores/as. A reserva militar trouxe provocações que passa a ser vista como um fenômeno que em sua aparência traz privilégios, em relação à condição da garantia de direitos n que tange aos demais trabalhadores e trabalhadoras da sociedade brasileira. Contudo, traz questões que apontam sofrimento, medo, incertezas situação que está imersa a classe trabalhadora de maneira geral. Esse situação pode ser vista, por diferentes ângulos. Tem formato de sofrimento psíquico, arreigado pelos sentimentos de inseguranças e perdas, que está atrelado ao afastamento da vida produtiva. Como também, faz parte da conjuntura societária que se pauta pelo trabalho através da acumulação do capital.

Foi observado a partir de algumas narrativas e pela própria literatura, que nesse segmento, a centralidade do trabalho se funde com a identidade pessoal e social. Esses trabalhadores têm a vida imersa na esfera militar.

Com base no estudo realizado de Kleger e Marcelo (2015), que teve como objeto o trabalho militar e a aposentadoria, analisa-se que as vicissitudes, que ocorrem em virtude do afastamento da vida produtiva, exigem necessidade de produção de conhecimento nesse universo, visando o fortalecimento dos trabalhadores desse campo. As autoras afirmaram que a aposentadoria (reserva) se apresenta com grande impacto psíquico.

Os trabalhos que apresentam como objeto temas que dialogam com essa pesquisa (reserva militar, condição da mulher militar, a vida do trabalhador militar), mostraram que essa categoria de trabalhadores (militares), considerados especiais pela Constituição Federal de 1980, vivenciam peculiaridades distintas dos demais trabalhadores, em virtude do regime de prontidão permanente. Para atingir esse compromisso, a organização segue os princípios

da hierarquia e disciplina que afetam a saúde mental desses trabalhadores (Dorneles, Dalmolin e Moreira, 2017; Resende, 2017; Kleger e Marcelo, 2015; Almeida e Leite, 2012; Biassus, Graeftt, Carlos, 2015; Atássio, 2010; Botelho,2005).

A dificuldade de migrar para reserva também se confirma pela continuidade no trabalho militar, através da prestação de serviços, que acontece após a ida para reserva militar, quando retornam para o trabalho.

Nas organizações militares, está sendo crescente o número de trabalhadores que após a inserção na reserva, permanecem prestando serviço. Trata-se de uma contratação denominada de Prestação de Trabalho Por Tempo Certo – PTTC, que irá permitir um acréscimo de trinta por cento sobre o rendimento desse/a trabalhador/a. Porém, impede uma nova contratação, aumentando o número do exército de reserva. Esse tipo de contrato de trabalho faz parte da era neoliberal.

Outra questão que se observa com esse tipo de contrato, é o aumento de recurso financeiro, que se dá pela diminuição com os investimentos com o trabalhador. Ao invés de pagar um salário integral com os direitos trabalhista (férias, décimo terceiro, fardamento), o pagamento com a força de trabalho de um PTTC será de 30% da remuneração integral e o percentual sobre férias e décimo terceiro, não há fornecimento do fardamento, pois esses trabalhadores trabalham com roupas comuns (do seu próprio guarda-roupa). Há também o aumento da arrecadação, para o fundo de pensão militar, que se equipara com a previdência social. A tributação sobre o rendimento desse trabalhador, aumenta o valor contributivo do fundo de pensão, pois a taxação se dá pela renda bruta. Mas, não há aumento do valor da pensão; assim como elimina a possibilidade da contratação de um outro trabalhador, que teria o direito de se tornar um pensionista.

Observa-se que há fomentação no plano institucional governamental para o retorno à atividade laboral no campo militar, nas Forças Armadas. No ano de 2022 foi promulgado o Decreto n° 10.973 de 18 de Fevereiro, que “Regulamenta a designação de militar da reserva remunerada das Forças Armadas para o serviço ativo prevista na Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980 - Estatuto dos Militares”, que prevê à possibilidade da mobilização e da convocação para retorno às atividades. Esse documentação traz as seguintes definições sobre a designação do retorno à atividade militar:

> Art. 2º O militar da reserva remunerada das Forças Armadas, em tempo de paz, poderá ser designado para o serviço ativo, em caráter transitório, para atender a necessidade do serviço.

> Art. 3º A designação de militar da reserva remunerada para o serviço ativo será efetuada:
>
> I - pelo Presidente da República, na hipótese de oficiais-generais; ou
>
> II - pelos Comandantes das Forças Armadas, nas demais hipóteses.
>
> Art. 4º São requisitos para o militar da reserva remunerada das Forças Armadas ser designado para o serviço ativo:
>
> I - ser considerado apto em inspeção de saúde realizada por junta militar de saúde;
>
> II - residir na mesma sede da organização militar para a qual está sendo indicado;
>
> III - não ser réu em ação penal por crime doloso, enquanto a sentença final não houver transitado em julgado; e
>
> IV - não ter atingido os seis últimos meses que antecedem à idade-limite de permanência na reserva remunerada.
>
> Parágrafo único. O militar que estiver à espera de transferência para a reserva remunerada **ex ofício** poderá ser indicado para designação para o serviço ativo a partir do primeiro dia após o seu desligamento.
>
> Art. 5º O período para a permanência do militar como designado para o serviço ativo será de, no mínimo, seis meses e, no máximo, três anos.

O contrato na FAB poderá ser de no máximo de 10 anos de efetivo exercício da atividade, mas em outras Armas esse tempo pode ser diferente.

Em relação à carreira o militar da reserva convocado para o serviço ativo, fará jus a uma gratificação, a qual não será acrescida após o término do contrato em sua remuneração, como expresso no Decreto do ano de 2022 em no Art. 7 "§ 2º O militar da reserva remunerada designado para o serviço ativo, ao ser dispensado, não fará jus a nova ajuda de custo". Esse trabalhador – o prestador de serviço - não participa de promoções, cursos de qualificação, de acordo com o Art. 7° desse documento:

> Parágrafo único. O militar da reserva remunerada designado para o serviço ativo não concorrerá a:
> I - promoções previstas para o pessoal de carreira da ativa, exceto quanto ao direito à promoção **post mortem**;
> II - cursos e missões no exterior de caráter permanente;
> III - movimentações com mudança de sede; e
> IV - realização de cursos sem relação com o cargo ou a função para a qual tenha sido designado.

Esse tipo de contratação está no arcabouço do projeto neoliberal que foi instalado na sociedade brasileira na década de 1990, proveniente do projeto de acumulação do capital, que se propagou em escala mundial após os anos 70, trouxe como um dos seus pilares a ofensiva contra o trabalho, que se afirma pela desregulamentação do trabalho formal. Nesse modelo de economia, privilegia-se a subcontratação; o trabalho terceirizado; o

esvaziamento de direitos trabalhistas; perda política dos trabalhadores (Montaño e Durigueto, 2011).

De acordo com essas considerações, avalia-se que o objeto em questão merece aprofundamento científico, que possibilite a compreensão do fenômeno a partir da conjuntura econômica, social, política.

Verificamos que a permanência no mundo do trabalho, mesmo após a conquista do direito à aposentadoria ou à reserva militar remunerada, pode estar atrelada aos ditames do capital.

A importância de estudo também se consolida pela lacuna do objeto na produção de conhecimentos.

Gomes, Belém e Teles (2014) concluíram a partir de uma revisão de literatura, que o menor número de estudos entre as profissões está o trabalho militar, com percentual de 2,35% do material que foi encontrado nas bases de dados eleitas. A maior quantidade de trabalhos localizados, 21,59%, está no ramo da saúde, que significa quase dez vezes mais que no campo militar. Pontuam a necessidade da produção de conhecimento nesse nicho peculiar.

> Trata-se de um profissional, que devido à especificidade do seu trabalho, está exposto a diversos tipos de pressões ambientais, tendo em vista que atuam sempre em estado de prontidão e exercem suas atividades a partir de um contexto organizacional de extrema responsabilidade e obediência ao quadro hierárquico (2014, p.97).

Sato e Bernardo (2005) pontuam que as produções científicas na área da saúde mental do trabalhador, foram incrementadas a partir da década de 1980, tendo um longo caminho percorrido. Contudo, esse relevo não foi identificado no campo militar.

Também foi identificada a necessidade da apreensão da categoria gênero. Dorneles, Dalmolin e Moreira (2017), informaram a partir do estudo realizado com militares das Forças Armadas, que mulheres militares apresentaram maior índice de estresse, em relação aos homens. Geralmente, elas assumem dupla ou tripla jornada.

Carreiro et al (2013) pontuam que as trabalhadoras, entre elas as militares, são mais vulneráveis ao desgaste mental, que acontece em decorrência da divisão emocional, que se dá tanto pelas exigências do trabalho, quanto pelas necessidades da família. Essa situação, afeta a saúde física e emocional, intercorrências que podem interferir na transição do trabalho ativo para reserva.

Embora a aposentadoria seja um direito conquistado pelo trabalhador, após se dedicar décadas da sua a vida ao trabalho, usufruir dessa garantia de direito não se apresenta de maneira linear na sociedade. A aposentadoria pode ser vivida a partir de sentimentos de frustação e medos, que podem estar associados pela perda da capacidade produtiva e do consumo (Kleger e Marcelo, 2015). No campo militar, a reserva se apresenta de maneira semelhante.

Botelho (2005) em sua pesquisa, que teve como objeto a reserva militar, informou que essa fase (a reserva) pode ser vivida pelo/a militar a partir de sentimento de perdas, que afeta vários campos de sua vida. A carreira do trabalhador militar é enaltecida por representações no nível simbólico e social, que podem interferir na migração para reserva.

A representação simbólica é coroada pela autoridade e pelo status, constitui-se pelo uso da farda e da identidade funcional. A partir do vestuário, da tarjeta e insígnias é possível identificar a graduação, posto e antiguidade que o militar ocupa, na cadeia de comando (Botelho, 2005).

A identidade funcional militar altera a identidade pessoal, ao ingressar nas Forças Armadas e nas Forças Auxiliares, o trabalhador militar passa a ser identificado por uma nova identidade, que é composta pelo posto que se ocupa, precedido pelo nome de guerra, que geralmente é o sobrenome.

A farda é reconhecida como sendo a segunda pele, discurso comum de se ouvir no cotidiano institucional. Na reserva perde-se o direito de usá-la. A supressão dessa vestimenta pode ser vivida pela ótica do sofrimento, que se caracteriza pela perda de prestígio e autoridade, de espaço na sociedade, causando tristeza e sofrimento (Botelho, 2005).

Atássio (2010) ao discorrer sobre as mudanças que ocorrem no corpo físico do trabalhador militar, a partir de sua imersão nesse nicho, pontua que ser militar começa com a mudança no estilo visual. As roupas utilizadas no mundo civil dão lugar às fardas que devem ser cuidadas com zelo e presteza; o cabelo deve ser sempre cortado e aparado, as mulheres têm de cortar acima da nuca ou mantê-lo preso em formato de coque.

O Estatuto Militar afirma a importância da vestimenta, o não cuidado e presteza pode levar o militar a incorrer em crime.

> Art. 76. Os uniformes das Forças Armadas, com seus distintivos, insígnias e emblemas, são privativos dos militares e simbolizam a autoridade militar, com as prerrogativas que lhe são inerentes.
> Parágrafo único. Constituem crimes previstos na legislação específica o desrespeito aos uniformes, distintivos, insígnias e emblemas militares, bem como seu uso por quem a eles não tiver direito. (Brasil, 1980).

Vocábulos próprios também são verbalizados nesse ambiente, o que na sociedade é reconhecido como refeitório (local em que funcionários se alimentam) no campo militar é nominado de rancho; para confirmação de algum comentário é utilizada a palavra “Brasil”; para orientações usa-se o termo “bizu” ou “bisu”.

A representação social (vista pelo status social) que o cargo aufere ao trabalhador militar, tanto na comunidade interna quanto na externa, traz prestígio. O estilo de vida erguido sob os pilares da rigidez, da hierarquia e das normas, na reserva tem que dar lugar à convivência familiar e social, geralmente organizada sob patamares mais flexíveis (Almeida e Leite, 2012; Botelho,2005).

Atássio (2010) considera que o estilo de vida militar, o qual é calcado na disciplina e hierarquia, não seria incorporado, com facilidade aos hábitos de vida da sociedade civil. Trata-se de uma formação pautada pelas necessidades e características específicas das Forças Armadas.

Todas essas condicionalidades, nas quais os trabalhadores militares estão imersos, são típicas para o desenvolvimento do processo da socialização da carreira militar, que ocorre a partir de um choque de cultura entre o universo civil e o militar, que pode interferir na transição do trabalho ativo para reserva (Atássio, 2010).

O estudo dos autores Biasus, Graeff e Carlos (2015), que pesquisaram a experiência de vida e trabalhado de mulheres militares da Base Aérea de Canoas, Rio Grande do Sul, pontuou a necessidade da apreensão da categoria gênero. Pois a formação militar anula essa diferença, o que pode obscurecer a identificação das necessidades de cada ser social (homem e mulher).

Nesse universo de trabalho, há garantias dos direitos sociais na esfera trabalhista (renda, vínculo empregatício e estabilidade, férias remuneradas, décimo terceiro, aposentadoria, licenças remuneradas para assuntos particulares) e social (renda, alimentação, moradia, assistência social[10], saúde, transporte, fardamento). Essas garantias permitem a reprodução social dessa categoria de trabalhadores e trabalhadores (Brasil, 1980).

[10] A política de assistência social na FAB está organizada e regulamentada pela Instrução do Comando da Aeronáutica 161- 1 de 2014 (sobre fonte de recursos) e Instrução do Comando da Aeronáutica 163- 1 2014 (instrução reguladora das ações sociais no COMAER). Nesses documentos há conceituações sobre a matéria do serviço social, fonte de financiamento, população usuária do serviço social, ações e projetos inerentes a atuação profissional, realizações de encontros locais, regionais e nacional da categoria.

Avalia-se que a realização dessa pesquisa poderá servir como instrumento técnico científico, a partir da publicização dos resultados, tanto no âmbito da Aeronáutica, em virtude do desenvolvimento do PPRA; quanto para outros setores da sociedade que implementam projetos para preparação da aposentadoria e reserva.

1.3 Marco teórico

O esforço é edificar esse estudo sob pilares do materialismo histórico e dialético[11], a partir do arcabouço teórico acumulado no serviço social pelos interlocutores dessa vertente teórica, que tem como núcleo o ser social.

O serviço social na sociedade brasileira se instituiu sob o sustentáculo da ordem burguesa, calcado pelo modelo reformista conservador articulado com os princípios teórico doutrinário, estava fundamentado na teoria sociológica funcionalista, com objetivos de promover, através da ação profissional, o bem comum; a defesa da pessoa humana e sua integração na sociedade capitalista. No decurso, incorpora-se a teoria de cunho positivista de inspiração norteamericana, fase que se buscou o fazer a partir do estatuto científico. Nos anos de 1960, no caldo do contexto econômico, político, social e cultural que vivenciava a sociedade brasileira, acontece no interior da profissão, um processo de reflexão crítica, que abrangeu o continente latino-americano. A profissão orquestrou um movimento denominado de renovação, que fomentou à necessidade da construção de um projeto profissional comprometido com a classe posta em condição de subalternidade, na sociedade capitalista. É nesse contexto que ocorre a articulação do serviço social com a teoria social de marxista (Yazbek, 2009; Iamamoto, 2011).

Sobre o movimento de reconceituação, explica Iamamoto (2011) foi pautado pelo processo de revisão crítica referente ao tradicionalismo da profissão, e da incorporação dos referenciais advindos das sociedade de capitalismo central. Nesse momento, a profissão parte da compreensão da necessidade de construir suas bases a partir do resgate da história do desenvolvimento da América Latina. Esse movimento não se desenvolveu de maneira uníssona, mas ensejado por projetos em disputas. Nesse bojo, eclodiu um processo de revisão que abrangeu a pesquisa e o ensino em serviço social; nas organizações de

[11] Referencial teórico em que venho me debruçando de maneira mais sistemática desde a pesquisa do mestrado, com a contribuição do Grupo de Estudo Desgaste e Fortalecimento do Trabalhador, na ocasião coordenado pela Profa Dra Cássia Baldini Soares. Mas as incursões começo anteriormente

representação da categoria profissional. A busca era para um referencial que trouxesse elementos que permitisse análise crítica que desvelasse os processos sociais.

Trata-se de um processo de reposicionamento da profissão no continente latino-americano, que passa a ter a compreensão:

> a profissão é compreendida como um produto histórico que adquire intelegibilidade na história da sociedade o serviço social afirma-se como uma especialização do trabalho coletivo, inscrito na divisão sociotécnica de trabalho ao se constituir em expressão de necessidades históricas derivadas da prática das classes sociais no ato de produzir seus meios de vida e de trabalho (...) os processos históricos impõe limites e descortinam potenciais alternativas a prática profissional, que não ser traduzem imediata e mecanicamente na órbita nacional no período da década de 1980 emerge na cena social no processo de transição democrática com o novo perfil profissional e acadêmico essa reflexão incide sobre uma parcela da produção acadêmico profissional que inspirada na tradição marxista Imprime uma feição essencialmente crítica ao serviço social (Iamamoto, 2011 p. 201)

Contudo, explica essa autora, a confluência do serviço social à perspectiva crítico dialética, num primeiro momento se fez pela inclinação à militância política, que incidiu sobre o fazer profissional. Essa leitura marxiana toma como diretriz a ciência pela concepção da história. Esse processo de intensa movimentação na profissão acontece no bojo do período ditatorial, que trazia inquietação e resistência para o conjunto da sociedade, que tinha como horizonte à democratização.

> "(...) a aproximação do serviço social à tradição marxista como o já referido no campo da ação por meio do militantismo político partidário e no campo da teoria pela vulgarização marxista e de rudimentos do estruturalismo marxista althusseriano, numa relação utilitária e pragmática com o conhecimento, tendo em vista a ação profissional imediata. (Iamamoto,2011 p.219)

Essa leitura marxiana, a militância, cuja aproximação aconteceu pelos manuais ancorados pelo marxismo, era vista pelo ângulo do reconhecimento da ciência a pela história, que enlaçasse pela apropriação do homem como ser social histórico. Mas somente nos anos de 1980 que o serviço social toma assento marxiano, momento que ficou conhecido como o processo de maturação, no qual se preserva o núcleo da ontologia do ser social " que foi realizado com a mediação da obra de Marx com as contribuições de outros pesquisadores. Esse momento também foi de proliferação na produção do conhecimento, sendo o serviço social o próprio objeto de estudo. Nesse período, o serviço social afirma sua interlocução teórica com a teoria social de Marx, a partir da aproximação de intelectuais como Georg Lukcás, Antônio Gramsci, Agnes Heller, E,P Thompson. Esse referencial, que não se constituiu em sua homogeneidade, mas que se afirma como direção hegemônica para

categoria, que direciona tanto o pensamento quanto as ações no âmbito profissão, possibilitando a apreensão das mediações feita pelo ser social, ultrapassando as percepções imediatas. Nessa linha explica Yazbek (2009, pg.151)

> (...) as relações sociais são sempre mediatizadas por situações, instituições etc., que ao mesmo tempo revelam/ocultam as relações sociais imediatas. Por isso nessa matriz o ponto de partida e aceitar fatos, dados como indicadores, sinais, mas não como fundamentos últimos do horizonte analítico. Trata-se, portanto, de um conhecimento que não é manipulador e que apreende dialeticamente a realidade em seu movimento contraditório. Movimento do qual se engendram, como totalidade, as relações sociais que configuram a sociedade capitalista.

Nossa incursão para promover as reflexões pela ótica desse referencial teórico, acontece pelo diálogo com pesquisadores dessa envergadura, entre os quais destacamos (Nelson Werneck Sodré; Marilda Vilela Iamamoto; Ricardo Antunes) referencias que serviram de sustentação da base teórica dessa pesquisa.

Sendo uma pesquisa de fonte oral, as narrativas serão articuladas com o contexto macro e microestrutural que estão consubstanciadas as vidas dos sujeitos e sujeitas, que vivenciam e experenciam a reserva militar, que serviram na FAB.

A teoria apresentada por Marx teve várias distorções desde aqueles que se intitulavam com aproximação ao pensamento do autor, mas com aspiração positivista, presente na organização socialista. Essa concepção culminou com a teoria geral do ser "o materialismo dialético e materialismo histórico". A partir dessa construção Marx foi visto como teórico fatorialista, sendo o fator econômico determinante em relação a outros fatores como sociais, culturais. Essa visão deformada da obra marxiana foi apregoada como monocausalista. (Netto, 2011, b).

No âmbito dos que se apresentavam como adversários à obra marxiana a temática versa sobre dois eixos: a dimensão da cultura e ao determinismo. Netto (2011, b) ressalta que são críticas desprovidas, que podem ser desmontadas ao recurso textual da própria obra, como fizeram alguns estudiosos como Lukács, Mészáros, Dal Pra, Dussel, Bensaïd.

Nossa proposta é pensar a reserva militar, numa sociedade em que o trabalho é visto como uma mercadoria, que gera valor de uso e de troca. Nesse sentido, o trabalho torna-se alienado, sua relação é invertida, não é somente a humanização, a constituição do ser social, mas a vende desse trabalho para a sobrevivência, tornando esse trabalhador/a também numa mercadoria.

1.4 Procedimentos Éticos

Esse estudo seguirá as determinações da Resolução n.466 de 12/12/2012, editada pelo Ministério da Saúde - MS, através do Conselho Nacional de Saúde - CNS, que trata das pesquisas com seres humanos; assim como os princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do/a Assistente Social, editado pela Resolução N.º 273/93 de 13 Março 1993.

O compromisso com a ética na pesquisa com seres humanos, na sociedade brasileira é matéria do MS. No ano 1996 a publicação pioneira, que trata dessa matéria, traz o debate do respeito aos direitos humanos, visando proteção aos participantes de pesquisas. Rosa, Costa e Soares (2007), ao analisaram o tema, informam que o princípio da defesa se coaduna com o projeto ético do Serviço Social, que traz os enunciados desse documento no corpo da documentação legal da profissão.

A Lei nº 8.662 de 07 de junho de 1993, que regulamente a profissão de Serviço Social enuncia a responsabilidade e o compromisso, com a devolução para população dos dados que foram coletados, durante as intervenções realizadas, incluindo as pesquisas. Tal ação visa o fortalecimento dos interesses dos sujeitos sociais. Essa prerrogativa também está presente na metodologia eleita, a história oral (Martinelli, 2017; CFESS, 1993).

O pré-projeto dessa pesquisa de doutorado foi submetido ao Comitê de Ética da Aeronáutica, através do serviço social subordinado à DIRAP[12], visando à aprovação, para o desenvolvimento da pesquisa no âmbito institucional, bem como a autorização para realização das entrevistas com os militares que estão em lapso temporal para reserva, conforme diretrizes no PPRA, executado no âmbito institucional.

Submissão na Plataforma Brasil; consequentemente direcionado ao Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, para seguir os procedimentos adotados pela instituição.

[12] Esse procedimento ocorreu no mês de janeiro do ano em curso. A devolutiva contendo a manifestação de autorização para o desenvolvimento do estudo, com a utilização dos dados institucionais e realização das entrevistas foi concedida em março
Outra ação que foi realizada em relação ao desenvolvimento da pesquisa, foi a autorização da chefia imediata e mediata, para cursar o Núcleo de Estudo (NEPI) na PUC SP, para aproximação da metodologia história oral e para cursar a disciplina Trabalho e Ontologia do Ser Social na UNIFESP.
A autorização foi concedida após apresentação do pré-projeto para o doutorado.

A metodologia da história oral não pressupõe o anonimato das pessoas que serão entrevistadas no estudo. Seguindo as diretrizes dessa metodologia serão feitos os seguintes passos:

a) Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido-TCLE[13], no qual constará informações referente à pesquisadora e orientadora; unidade educacional responsável pelo estudo e agência de fomento financiadora; objeto, objetivos, finalidade do estudo, esclarecimentos sobre a entrevista (formato e gravação)
b) Contato com o ou a participante para definição do dia, local, horário em que poderá ser realizada a entrevista
c) Realização da entrevista

Compreendemos que os procedimentos éticos no projeto com o aporte da metodologia da história oral, ocorre por duas vias a validação e a carta de cessão.

A etapa da validação se constituiu pela apreciação da transcrição da entrevista, que deverá ser apreciada e corroborada pelo participante da pesquisa. Nessa fase são feitas as reconsiderações que o participante avaliar serem necessárias. A autorização para utilização e publicação dos dados coletados, que será registrada na carta de cessão[14]. Esse documento traz a legalidade da entrevista, o pesquisador deve trazer informações de como o material será utilizado (Meihy e Ribeiro, 2011).

[13] Modelo nos anexos
[14] idem

VOZES PRETAS

Canção: Clementina de Jesus - letra: Na Hora da Sede

Na hora da sede você pensa em mim
Lá, laiá
Pois eu sou o seu copo d'água
Sou eu quem mato a sua sede
E dou alívio à sua mágoa
Na hora da sede você pensa em mim
Na hora da sede você pensa em mim
Lá, laiá
Pois eu sou o seu copo d'água
Sou eu quem mato a sua sede
E dou alívio à sua mágoa
É sempre assim
Você foge de mim
Eh, pra você eu só sirvo de água
Mas se a fonte secar, você se acaba
Lá, laiá
Você vai, você vem
Você não me larga
Lá, laiá
Mas se a fonte secar você se acaba
Lá, laiá
Você vai, você vem
Você não me larga ...

SESSÃO TEMÁTICA 2

2 – A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS NO ESTADO BRASILEIRO

Nessa sessão trazemos elementos que versam sobre a institucionalização das Forças Armadas no Estado brasileiro, fazendo essa discussão pela historiografia militar em consonância com a formação da sociedade brasileira, desde o processo de colonização nesse território[15], que aconteceu no marco da expansão do modo de produção capitalista. Essa escolha permitiu a incursão pelos fatos históricos, políticos e econômicos.

Lênin a partir das contribuições de Marx traz as seguintes afirmações:"o Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de opressão de uma classe por outra, é a da "ordem" que legaliza e consolida esta opressão moderando o conflito de classes. E continua pontuando que essa mediação ou moderação dos conflitos, não retira as classes oprimidas dessa opressão. Seguindo por essa consideração leninista, compreende-se que o Estado é o agente que representa os interesses da classe detentora do capital. (1917)

O Estado na sociedade capitalista, pode ser visto com um aparelho de manutenção e proteção aos interesses do modo econômico vigente. Como explica Lênin, com as contribuições de Marx, trazendo as seguintes afirmações: “o Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de opressão de uma classe por outra, é a "ordem" que legaliza e consolida esta opressão, moderando o conflito de classes. E continua pontuando que essa mediação ou moderação dos conflitos, não retira as classes oprimidas dessa opressão. Seguindo por essa consideração leninista, compreende-se que o Estado é o agente que representa os interesses da classe detentora do capital. Portanto, não há conciliação entre classes opostas, mas uma perpetuação da opressão, como podemos presenciar hoje na nova morfologia da classe que vive do trabalho: a redução e perda dos direitos trabalhistas; a reestruturação produtiva. Denunciou o autor: a democracia posta e defendida pelos pequeno-burgueses é uma ferramenta do capitalismo, para manter sua hegemonia. O Estado se afirma e se reproduz, com base na ideologia do Estado capitalista – pelos aparelhos ideológicos, “coesão e coerção”.

Para Lênin (1917) o Estado se constitui enquanto força pública, que se consubstancia pelo rol das instituições de coerção, sistema de leis (direito penal); sistema penitenciário, homens armados (as Forças Armadas). O Estado é a máquina que serve à dominação

burguesa. Enquanto poder da burguesia, o Estado foi erigido com a derrocada do absolutismo, tem em sua fundação o funcionalismo e o exército – as armas – instituições que permitem o exercício do poder (Lênin 1917).

Outra dimensão, posta pelo autor, é a jurisdição territorial, espaço geográfico que foi forjado por disputas com povos originários. O dominador/colonizador foi se apropriando das terras dessas populações.

Marx (2014) denuncia que essa apropriação foi realizada por um processo de violência, que ocorreu na fase embrionária do modo de produção capitalista, em suas palavras "a chamada acumulação primitiva", que se coaduna pela expropriação da terra, que ocorreu através da violência no campo, roubo das terras da Igreja, roubo das terras dos camponeses e sua expulsão da terra. A acumulação primitiva é o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção.

Partimos nesse estudo, por essa angulação, para refletir as Forças Armadas do Estado capitalista, tema que será abordado a seguir.

Trazemos questões que envolvem os períodos: colonial (1530 – 1815); imperial (1821-1889), republicano (1889 – 1930) Primeira República; era governo provisório (1930 – 1937); Estado Novo (1937 – 1945); Quarta República (1945 – 1964); período democrático.

Consideramos que as instituições militares, como qualquer outra instituição do Estado capitalista, fazem parte da estrutura social de preservação e manutenção do modo de produção vigente. Trata-se e uma compreensão que repousa na perspectiva do pensamento marxiano. Sobre o Estado capitalista diz Antunes (2022) afirma-se como entidade burguesa, edificada para manutenção do poder dessa classe.

Como interlocutor de base, elegemos Sodré[16], que ao discorrer sobre a história militar, traçou um diálogo entre a formação da sociedade brasileira, após o período da colonização, que estava vinculada às condições de Portugal no cenário mundial. Há também outras referências, bem como busca de informações em fonte documental. Esse autor se apontou como referência de base para apreensão da história militar, pois se articula com o referencial teórico da pesquisa. Por ser destaque, trazemos algumas informações sobre sua trajetória intelectual, sua carreira militar e seu protagonismo político. A importância dos

[16] O contato com a obra de Sodré aconteceu após ingresso no doutorado, no Núcleo de Estudos de Aprofundamento Marxista-NEAM, por indicação da Profa Dra Maria Beatriz Abramides, coordenadora desse núcleo.

trabalhos do autor foi ressaltada por José Paulo Netto (2011, b), quando produziu uma obra sobre o papel e protagonismo político desse "militar e intelectual da caserna"; que ainda, pontuou a necessidade de resgatar e divulgar suas obras no círculo acadêmico. Parafraseando Sodré, Netto ressalta que as raízes nas quais a sociedade brasileira foi suplantada - a exploração e manutenção do poder das classes dominantes -, perpetuam. Sobre isso diz:

> "(...) a formação social da estrutura do século XVI (sob o comando do capital mercantil), ao início do século XX, sem ruptura em face de sua original heteronímia econômica e em face da dominação política da grande propriedade fundiária. A conjunção de ambas (dependência e o latifúndio)" (Netto, 2011 pg.49, b)

Motivo que merece destaque conhecê-lo um pouco mais, não somente com o subsídio do seu trabalho, mas também por uma breve exposição de sua trajetória.

2.1 Apresentação de Sodré[17]: o intelectual, militante da caserna

Nelson Werneck Sodré, militar de carreira do Exército Brasileiro, chegou ao posto de oficial superior "General"; paralelamente, dedicou-se aos estudos da história e sociologia, com inflexão ao pensamento marxiano. Assim, ficou conhecido como militar, historiador, crítico literário, memorialista, ensaísta. Publicou mais de 50 obras além de mais de 3 mil artigos em revistas e jornais, com posicionamentos anti-imperialistas.

No exercício da atividade de historiador, publicou vários trabalhos tendo como expoentes as obras: a História Militar do Brasil; História da Imprensa no Brasil, História da Literatura Brasileira. Fez esforço para compreender o processo histórico e a constituição das classes sociais na sociedade brasileira, com foco na relação da classe burguesa com as demais, para realizar seus estudos se apropriou da categoria modo de produção.

Ingressou no Colégio Militar do Rio de Janeiro, no ano de 1924, na época estava com 13 anos. Ainda nessa década, sua identidade literária toma corpo, no ano 1929,

[17] Material extraído do livro de José Paulo Netto: Nelson Werneck Sodré: O general da história e da cultura e do Perfil de Nelson Werneck Sodré publicado na Revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada –IPEA disponível online https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2603:catid=28&Itemid=23#:~:text=Mais%20historiador%20do%20que%20militar,e%20historiador%20de%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20marxista.

publicou o conto “Satânia”, na Revista o Cruzeiro. Em 1934 passou a ser colaborador do Correio Paulistano. Seu primeiro contato com o marxismo foi através de Plekhanov e Lenin.

No ano de 1931, passa a ser membro da Escola Militar de Realengo, onde faz a opção pela artilharia, passou nessa fase a colaborar com a Revista da Escola Militar. Graduou-se ao posto de 2º tenente em 1934, tendo promoção ao posto de 1º tenente em 1936. Tornou-se crítico do Correio Paulistano em 1937, desde de 1934 estava servindo em organizações militares no estado de São Paulo. Seu primeiro livro, História da literatura brasileira, foi lançado nessa fase. Foi movimentado para o estado do Mato Grosso, no ano de 1938, período em que o Exército Brasileiro teve a missão de combater grupos considerados bandoleiros que infestavam aquela região. No ano seguinte, retorna para São Paulo e trabalha para organizar à Escola Preparatória à Escola Militar.

Na década de 1940, logo no início, no ano de 1941 foi promovido a capitão; e a major em 1948. Junto com a promoção, foi designado ao cargo de adjunto da Escola, ficando responsável pelo curso de história militar. No final da década de 1940 se afirma como intelectual de tradição marxista.

Foi com o cumprimento da missão no estado de Mato Grosso, que teve a compreensão da questão social, pela via da questão agrária.

A maturação acerca da concepção das Forças Armadas, ocorre em medos da década de 1950, que permite sua reflexão crítica. Assumiu publicamente seu posicionamento aliado à esquerda militar, que se apresentava na defesa do monopólio estatal do petróleo. A sua publicação de um artigo na Revista do Clube Militar, marca sua aproximação com as ideias do Partido Comunista Brasileiro – PCB, posição em desagrado à ala mais conservadora das forças armadas, na época.

Participou da disputa para gerenciar o Instituto de Geografia e História Militar; era membro da chapa dos generais das forças nacionalistas e democráticas, com a vitória desse grupo, Sodré assumiu o cargo de Diretor Cultural do Clube Militar. Mas, em 1951 foi movimentado para o Rio Grande do Sul. Foi promovido ao posto de tenente-coronel, em 1953.

No Exército Brasileiro tinha dois grupos: “os nacionalistas” e os “entreguistas”, que marcaram a vida militar e política do país. No clima da Guerra Fria, propagava-se as percepções ideológicas. A corrente nacionalista foi acusada de comunista, tendo sido objeto de difamação e calúnias.

Sodré se tornou membro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), que foi destituído após os anos de 1964. Nessa década teve sua promoção ao posto de coronel. Com a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, passou dias na clandestinidade; depois foi transferido para Belém. Reagiu, pedindo transferência para reserva. Em novembro de 1961, foi transferido para reserva no posto de general.

Depois de 1962, passou a se dedicar ao trabalho intelectual com aproximação a teóricos como: o filósofo húngaro György Lukács, tendo sido o pioneiro no Brasil a estudar o autor. Toda a obra de Sodré tem núcleo central na formação da sociedade brasileira, pelos processos históricos, econômicos, sociais, políticos e culturais.

As obras publicadas por Sodré mostram a partir do percurso de uma análise conjuntural "... que a história era um processo, e que os homens também mudavam, sendo a subjetividade parte integrante do conhecimento objetivo" (IPEA,2011)

Sodré - historiador, comunista, militar e crítico literário – faleceu no ano de 1999, próximo a completar 100 anos, estava na cidade de Itu, localizada no estado de São Paulo.

Pode-se dizer que ao longo de sua vida Sodré desenvolveu duas vocações: as armas e as letras (o intelectual da caserna de inclinação marxiana).

Na cidade de Itu foi criado o Centro de Estudos Brasileiros – Nelson Werneck Sodré (CEB-NWS) na estrutura física do Instituto Cultural de Itu, tendo como objetivo estudos acerca da história e cultura brasileira sob à luz dos estudos de Sodré. Familiares participaram da organização desse espaço.

2.2 As Forças Armadas: estrutura administrativa contemporânea

As Forças Armadas brasileiras são formadas pelo Exército Brasileiro –EB; Marinha do Brasil –MB e a Força Aérea Brasileira –FAB. São instituições nacionais, regulares e permanentes, gerenciadas pelo Ministério da Defesa-MD, instituídas para garantir a proteção e defesa do país. A Constituição Federal de 1988, erguida sob os pilares da democracia, discorre no capítulo II sobre as Forças Armadas:

> Art. 142. As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem

> § 1º Lei complementar estabelecerá as normas gerais a serem adotadas na organização, no preparo e no emprego das Forças Armadas.
> § 3º Os membros das Forças Armadas são denominados militares, aplicando-se lhes, além das que vierem a ser fixadas em lei, as seguintes disposições:
> Art. 143. O serviço militar é obrigatório nos termos da lei.
> § 1º Às Forças Armadas compete, na forma da lei, atribuir serviço alternativo aos que, em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência, entendendo-se como tal o decorrente de crença religiosa e de convicção filosófica ou política, para se eximirem de atividades de caráter essencialmente militar.
> § 2º - As mulheres e os eclesiásticos ficam isentos do serviço militar obrigatório em tempo de paz, sujeitos, porém, a outros encargos que a lei lhes atribuir

Estão subordinadas diretamente ao Presidente da República, dentro dos limites da lei, cumpre o papel de defesa da Pátria.

O Estado delega às Forças Armadas o monopólio da força material, em defesa de sua própria sobrevivência, para assegurar a tranquilidade aos habitantes e proteção de possíveis ataques externos. As Forças Armadas são instituições que seguem a hierarquia e a disciplina:

> O sistema disciplinar se torna assim, do mesmo passo, garantia de obediência à lei e de eficiência, disciplina, longe de constituir, como no serviço civil, episódio individual, tende, pelos reflexos sobre o conjunto, que o ambiente do enquadramento militar propicia, a influir nocivamente sobre o todo, com eles se garante a obediência às regras do serviço (Sodré, 2010, pg.12).

Na hierarquia institucional administrativa governamental as Forças Armadas estão instituídas no Ministério da Defesa – MD que é órgão responsável na direção das Armas – EB, MB e FAB; e os aparto administrativo que envolve essas Armas. Foi criado no ano de 1999, pela Lei Complementar n° 97 de 1999, que agregou a direção das Armas nesse órgão. Antes, cada Arma tinha o seu ministério. Atualmente, de acordo com o Decreto nº 10.998 de 15 de março de 2022, o MD tem a seguinte estrutura:

> **- Órgãos de assessoramento diretos ao Ministro da Defesa**:
> Gabinete do Ministro (GM)
> Secretaria de Controle Interno (CISET)
> Consultoria Jurídica (CONJUR)
> **- Secretária-geral (SG)**
> Secretaria de Orçamento e Organização Institucional (SEORI)
> Secretaria de Pessoal, Ensino, Saúde e Desporto (SEPESD)
> Secretaria de Produtos de Defesa (SEPROD)
> Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (CENSIPAM)
> Departamento do Programa Calha Norte (DPCN)
> **- Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA)**
> Chefia de Operações Conjuntas (CHOC)
> Chefia de Assuntos Estratégicos (CAE)
> Chefia de Logística e Mobilização (CHELOG)
> Chefia de Educação e Cultura (CHEC)

- Comando da Marinha (MB)
- Comando do Exército (EB)
- Comando da Aeronáutica (FAB)

Há outros órgão ligados ao MD como a Escola Superior de Guerra -ESG; a Junta Interamericana de Defesa; Indústria de Material Bélico do Brasil (IMBEL); NAV Brasil Serviços de Navegação Aérea (NAV Brasil) Empresa Gerencial de Projetos Navais (Emgepron); Amazônia Azul Tecnologias de Defesa S.A (Amazul).

A Política Nacional de Defesa - PND, instituída no ano de 1996, que naquele momento era denominada de Política de Defesa Nacional, foi uma iniciativa pioneira, que reúne esforços, para garantir a soberania do Estado brasileiro. No ano de 2005, foi submetida à atualização e em 2012, passou por revisão. Esse documento ministerial formula as parâmetros da capacitação e preparação da Força Armadas do Estado brasileiro. Outra atribuição é a reorganização da indústria de defesa, visando à incorporação da tecnologia. Os pilares dessa política se afirma na estabilidade e a proteção do território nacional. Em 2008, foi implantada a Estratégia Nacional de Defesa - END, instrumento norteador para que se edifique medidas visando à efetivação dos objetivos previstos na PND.

A END está imbricada no desenvolvimento nacional e inferir a responsabilidade das Forças Armadas no que tange à defesa da soberania nacional, está estruturada pelos seguintes eixos[18]:

- como as Forças Armadas devem se organizar e se orientar para melhor desempenharem sua destinação constitucional e suas atribuições na paz e na guerra;
- a reorganização da **Base Industrial de Defesa**, para assegurar o atendimento às necessidades de equipamento das Forças Armadas apoiado em tecnologias sob domínio nacional, preferencialmente as de emprego dual (militar e civil);
- a composição dos efetivos das Forças Armadas;
- o futuro do **Serviço Militar Obrigatório**[19], observando a necessidade das Forças Armadas serem formadas por cidadãos oriundos de todas as classes sociais.

Mesquita (2018) ao abordar a END enfatiza que sua afirmação está na independência nacional em consonância com o cumprimento do papel da Forças Armadas; e ainda tem como arcabouço a participação da sociedade em geral na atuação da defesa nacional. Por se

[18] Informações extraídas do portsal institucional do Ministério da Defesa https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/estrategia-nacional-de-defesa

[19] Sobre essa tema é importante ressaltar que em países democráticos, como Portugal, o serviço militar deixou de ser obrigatório, sendo visto como inconstitucional pelo preambulo da igualdade de gênero. A obrigatoriedade foi preterida pela profissionalização. Dados que apuramos numa pesquisa que foi realizada para verificar a opinião dos jovens brasileiros sobre a obrigatoriedade em tempos de democracia

tratar de uma estratégia que envolve o conjunto da sociedade, para sua efetivação, ressalta o autor:

> Por essa razão, torna-se imprescindível que haja um engajamento da vontade nacional, por meio dos seus representantes legais, na formulação e implementação da Estratégia Nacional de Defesa, voltando e apoiando as iniciativas legais indispensáveis para a implementação de dezenas de ações previstas na Estratégia Nacional de Defesa e nos decorrentes planos complementares (Mesquita, 2018 p.87)

2.3 A historiografia das Forças Armadas

Sodré (1986) mostra como a institucionalização militar se organizou para promover a defesa dos interesses das classes dominantes, em cada período da história, tanto no contexto nacional quanto internacional. Apresenta estudos sobre a história militar no Brasil, que teve como marco na vigência do surgimento da nação brasileira, que ocorreu com a vinda da Coroa portuguesa. O Brasil se tornou o reino de D. João, que ainda em Portugal organizou uma estrutura semelhante a encontrada na Europa, com serviços como: bancos, bibliotecas, arquivos, escolas, tropas, bandeiras para instalação da Coroa em solo brasileiro. D. João declarou guerra à Napoleão, em nome do Império que iria criar, na colônia. Nesse contexto surgiram as primeiras forças regulares[20].

O Brasil deixou de ser uma colônia e se tornaria um reino com todos os direitos - uma nação como a colonizadora, que estavam ligadas formalmente, mas independentes -, nessa época o Brasil já não sofria mais ataques e assaltos estrangeiros, devido ao Tratado de Tordesilhas – acordo entre as nações Portugal e Espanha, para delinear os parâmetros da exploração no Atlântico Sul - (Barroso, 2019).

No período colonial, as Forças Armadas foram instituídas pela coroa portuguesa, para defender seus interesses; houve uma divisão entre Forças Armadas constituídas pelos povos originários (negros, indígenas) e a Guarda Nacional formada por representantes da elite brasileira (senhores de escravos, barões, latifundiários).

No ano de 1648 foi a fundação da primeira arma na sociedade brasileira o EB, com a missão em promover a defesa do território brasileiro e para combater a rebeliões civis. A

[20] Também denominadas de "tropas de primeira linha, também chamadas de tropas regulares ou pagas, foram criadas em 1641, no contexto da restauração do trono português, após o período de unificação com a Espanha, que vigorou entre 1580 e 1640. Tais tropas integravam a estrutura militar do Reino e seus domínios, junto com as companhias de ordenanças, estabelecidas em 1570, e as tropas auxiliares, em 1645" (...) "Com a promulgação da Lei das Armas em 1549, iniciou-se um processo de militarização geral da sociedade portuguesa e de seus domínios. Em 1569, uma nova lei reafirmou as disposições anteriores obrigando todos os vassalos a terem armas e usá-las quando fosse preciso" (Camargo, 2013).

organização das forças militares, Exército Brasileiro-EB e Marinha do Brasil -MB, foi enunciada na Constituição de 1824, não tendo nessa época caráter permanente, mas a manutenção da ordem política durante o período da independência. Em 1891, sobre as Fãs o texto constitucional traz nova redação "instituições nacionais de caráter permanente com missão de defesa da pátria. A Constituição de 1937 faz referências de que a FAs eram integradas pelos "Militares de Terra e Mar, Segurança Nacional e Defesa do Estado". No ano de 1946, pós II Guerra Mundial, com a queda do regime fascista há uma nova redação na Constituição, que limita a atuação do Presidente da República; em 1967 foram mantidos os preceitos em relação à utilização das Forças Armadas em 1969, através de uma Emenda Constitucional, foi inserido um novo título na Constituição que versou sobre a Política de Segurança Nacional (Ferreira e Barros, 2016).

A chegada dos europeus nas terras brasileiras ocorreu no período da revolução comercial, marcada pelo processo de colonização do chamado mundo novo. A busca por novos territórios para serem explorados foi organizada com as navegações.

> "O comércio ultramarino seria o suporte da expansão navegadora resultam as grandes descobertas marítimas e a conquista de regiões até então estranhas à produção e a troca, as fontes de mercadorias e transportar e distribuir essas mercadorias no mercado consumidor europeu; se tratava de produzir somente de trocar"

Nesse período, configura-se a transição da sociedade feudal para o capitalismo. A queda do regime feudal desencadeia na unificação da monarquia, a autoridade dos reis, que se apoiam nos mercadores, é empregada aos senhores feudais. Raia nesse contexto o mercado mundial, com incremento da manufatura, eclodindo numa vida urbana em movimento. Retoma-se as relações comerciais entre Oriente e Europa; o domínio do Mediterrâneo restringia-se aos árabes.

Nessa fase, Portugal se diferenciava devido ter se antecipado para o surto mercantil, tinha a concentração do capital comercial, que estava centralizado no rei. Contudo, foi derrotado, pois não teve governança, para assumir sozinho o poder das terras que conquistara. O poder estava concentrado no rei com atividades que permitiam o enriquecimento da nobreza, para além da posse da terra, tendo na mercadoria a centralidade para esse enriquecimento. Através do aperfeiçoamento da técnica, amplia-se a produção da pólvora, a circulação do dinheiro passa a ser feita com letras de câmbio; era das grandes navegações. Sodré (2010) traz a seguinte explicação referente a esse período da história:

> É, pois, a época do capital comercial e do capital usurário, aquele auferido no movimento das mercadorias, este auferido com o dinheiro encarado

> enquanto mercadoria. No nível dos acontecimentos, é a época das cruzadas, da unificação papal — quando europeu e cristão tornam-se sinônimos —, das lutas para expulsar os árabes do continente e permitir o restabelecimento da navegação comercial no Mediterrâneo para os cristãos, da queda de Constantinopla, tomada como marco histórico e, de modo geral, da unificação real, do alvorecer das nações.

Essa fase explicita a acumulação primitiva, já dito anteriormente. No século XV a população era imensamente formada por camponeses livres[21] que estavam incorporados à terra e dela subtraiam a sua subsistência. Nos países da Europa a produção feudal se caracterizava pela divisão da terra e pela centralização do maior número possível de camponeses, sob o poder do senhor feudal. A servidão havia desaparecido na Inglaterra no final do século XIV (de 1300 a 1400). No último terço do século XV através do prelúdio da revolução ergue-se a base para o modo de produção capitalista, que ocorre com a dissolução das vassalagens feudais e a constituição do proletário (indivíduos expropriados da terra sem direitos), empregado pelo poder real fruto do desenvolvimento burguês. O grande senhor feudal criou o proletariado, usurpando as terras comuns e expulsando os camponeses. As habitações e choupanas dos trabalhadores foram violentamente demolidas ou abandonadas à decadência total (Marx, 2014)

Corroborando com o pensamento marxiano, Sodré (1962) faz a seguinte ressalva que na era da acumulação primitiva, na qual era vivida a forma pré-capitalista, o que se vivia nos continentes das américas, era nada mais do que o escravismo. Nações eram cooptadas e os povos originários escravizados.

Lima (2000) pontua que a chegada de Álvares Cabral ao Brasil foi fruto de um plano que se fundamentava para busca de terras que ainda não eram conhecidas, no contexto europeu. Portanto, não foi um movimento espontâneo, aleatório. O dito novo mundo passa a ser doutrinário pela Santa Fé, sob domínio português, com a pregação da salvação dos pagãos.

> Os doze navios da frota mais afastada cada dia da rota mais à direita a seguir, para ganhar o Oriente, foram arrastadas pelos alísios e pelas correntes; as margens de um continente que tomaram naturalmente por uma ilha. Os ventos e as correntes, que da Guiné se dirigem para a América do Sul, se acham assinalados, desde os primeiros roteiros de navegação. (...) Cabral, bem possível que tivesse tomado o conselho ao pé da letra na esperança de ver, a seu turno, alguma das ilhas fabulosas que, as embelezava aos olhos dos marinheiros, surpresos de que o mar encerrasse tantas coisas ignoradas (Lima, 2000, pg.33).

[21] Lavradores independentes que recebiam salário, habitação, terra para lavrar; extraiam da terra sua subsistência

Ao mesmo tempo que Cabral lança as âncoras na cidade de Porto Seguro, no ano de 1500, o espanhol Yañez Pinzón ancorou em Amazonas. Franceses também faziam essas buscas, Don Rodrigo de Acuña em 1526 ancorou em Pernambuco; já Cristóvão Jaques, espanhol, comandou a primeira esquadria nas costas brasileiras, outro feito foi a descoberta quando subiram o rio das ações que foram denominadas de Nova Lusitânia.

Enquanto os países europeus viviam o estágio embrionário do capitalismo, em busca de terras para serem exploradas, no Brasil, os indígenas produziam o necessário para o consumo, não sendo possível a produção para objeto de troca, esse foi um problema para o grupo mercantil português. Os navegadores estavam direcionados na exploração do comércio e não na produção. Também não tinha nessa terra consumidores, restringindo a perspectiva do lucro advindo da produção em larga escala, que para se efetivar demandava força de trabalho numerosa. Para esse trabalhado em escala numerosa, praticou-se a escravidão com o deslocamento forçado dos povos africanos, que foram convertidos em mercadoria (Lima, 2000)

Para atingir o desenvolvimento desse processo, Portugal teria que assegurar as conquistas das terras, incluindo o Brasil, que era dotado de recursos naturais. Para assegurar o povoamento dessa terra, Portugal determina o envio de pessoas, consideradas não gratas naquele país, para a colônia brasileira.

> Os primeiros colonos do Brasil foram deportados, que o governo português ali desembarcava à força, geralmente em grupos de dois. Aventureiros que não recuavam diante da solidão moral, marinheiros escapos a naufrágios, eram enfim especuladores que traficavam com tudo e se deixavam embair pelos incentivos da barbárie. Alguns desses personagens deixavam uma recordação imperecível. (...) Assim o chamado Bacharel de Cananéia, licenciado em direito, deportado por um delito qualquer e desembarcado naquele porto em 1501 (Lima, 2000, pág. 35)

Acentua-se nesse momento, nesse território, a sociedade baseada no escravismo, inicialmente os indígenas e depois os povos advindos do continente africano; e os senhores de terras, que foram a base de sustentação do período colonial**.** A Coroa se desvinculou da produção transferindo essa atividade para os colonizadores. Fase marcada por vários conflitos armados (entre povos originários e africanos escravizados e colonizadores – portugueses, holandeses, franceses) para manutenção do domínio português.

Os povos que foram submetidos, forçosamente, para servirem ao regime de escravidão pelos europeus, passaram por um processo de sequestro de suas vidas, cultura, tradição. Sodré (1962) ressalta que nesse processo de escravidão o povo indígena, chamados

de índios pelos “colonizadores”, e os povos africanos, foram surrupiados do seu patrimônio cultural. Trata-se de um processo de destruição. Como conhecedores da terra, os indígenas conseguiam se refugiar do foco da “colonização”. Seguindo essa mesma estratégia de resistência, os africanos se aquilombavam.

> “ (...) toda uma raça espoliada dos seus mais elementares direitos, e que teve de ser substituída nos trabalhos penosos, pelos negros importados da África, e considerados desde os descobrimentos como simples mercadoria” (Lima, 2000 pg.41)

Assim se edifica a sociedade colonial brasileira, fundada no escravismo, no sequestro de povos originários, na exploração da nova terra.

Para assegurar esse domínio, a autoridade pública fará pelo uso do poder militar, e que nessa fase era realizado pelo mar. A circulação, o escoamento das safras do monopólio, da Coroa portuguesa, ocorria pela via marítima. A instituição do Estado foi um mecanismo de perpetuação do poder português nas terras brasileiras.

A legislação militar foi instituída no ano de 1534, com delegação aos donatários da defesa, os quais passam a exercer o poder militar. Informa Sodré (1979 pg.19 e 20)

> “Esse início de legislação militar, que data de 1534, a Carta de Doação é de 10 de março e o Foral de 04 de setembro, será ampliado com as disposições do Regimento do Governador Geral do Brasil, baixado em 17 de dezembro de 1548, e destinado a Tomé de Sousa. Esse Regimento não é apenas uma carta política de extraordinária importância, é também uma diretriz militar”. A expedição de São Tomé de Souza é, aliás, uma expedição militar caracterizada, como se verifica pelo preâmbulo do referido Regimento e os fatos confirmaram: “Eu el Rei, faço saber a vós Tomé de Sousa, fidalgo da minha Casa que vendo eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as capitanias e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possa ir povoando, para exaltamento de nossa santa fé e proveito dos meus reinos e senhorios e dos naturais deles, ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte, em um lugar convenientemente para daí se dar favor e coisas que comprimem a meu serviço e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes, e por ser informado de que a Baia de Todos os Santos é o lugar mais conveniente da costa do Brasil para se poder fazer a dita povoação e assento, assim pela disposição do porto e rios que nela entram, como pela bondade, abastança e saúde da terra e por outros respeitos, hei por meu serviço que na dita Baía se faça a dita povoação e assento e para isso vai uma armada, com gente, artilharia, armas e munições, e tudo o amis que for necessário e pela muita confiança que tenho em vós que, em caso de tal qualidade e de tanta importância, me sabereis servir com aquela fidelidade e diligência que para isso se requer, hei por bem de vos enviar por governador às ditas terras do Brasil, no qual cargo e assim no fazer da dita fortaleza tereis a maneira seguinte da qual fortaleza e terra da Bahia vós haveis de ser capitão. As instruções de Tomé de Sousa eram de caráter essencialmente militar”

Nesse período era promovido o comércio de armas, munições; mas para os indígenas o acesso a esse armamento não era permitido. A construção da fortaleza para garantia da defesa era feita por oficiais especializados, advindos da nação colonizadora.

Através de uma diretiva militar embrionária, esse Regimento, que regulava a vida militar colonial, tinha como diretriz a organização e defesa da segurança das terras brasileiras, como também a definição das regras do recrutamento militar. Para efetivação do exercício do poder do Primeiro Governador-Geral Tomé de Sousa, foram incorporados cerca de 600 soldados vindos de Portugal, estrutura organizada para combater os franceses que tinham ocupado o Rio de Janeiro (Barroso, 2019).

As terras brasileiras, inicialmente denominada pau-brasil devido à madeira que tinha cor de brasa, e, posteriormente Terra de Santa Cruz, foram palco de disputa entre Portugal, França, Espanha até os anos de 1588. Fase em que o predomínio era português, tendo sido substituído pelo poder espanhol, a expedição francesa era grande inimiga dos portugueses, estava instalada na baia de Guanabara, ocorrendo sua expulsão por Nem de Sá e pelos paulistas. Essa ação foi efetivada pelas forças regulares, organizadas pelo reino; e ainda, pelas forças irregulares constituída pelos povos da terra que haviam se instituído com a colônia. Nas forças irregulares estavam os indígenas, tanto o grupo que apoiava os colonizadores quanto o grupo que apoiava os invasores (os franceses) (Sodré, 1962; Lima, 2000)

A região amazônica foi ocupada pelos holandeses, ingleses, franceses; situação que exigiu a estruturação militar, da nação colonizadora, para retomada daquele território, que num primeiro momento havia sido relegada. Informa Sodré, sobre essa situação:

> Em diversos pontos do litoral e particularmente na área amazônica, franceses, holandeses e ingleses se estabeleceram, exigindo, pela distância, a conjugação de forças navais e terrestres, para serem desalojados, e impondo a ocupação dessas áreas distantes e até aí relegadas a segundo plano. É a necessidade de preservá-las da investida externa que apressa a ocupação, o povoamento, a colonização e, consequentemente, o lançamento de uma estrutura militar que assegure a posse da terra e a tranquilidade do trabalho sobre ela exercido (pg. 23)

O processo de ocupação das terras brasileiras foi planificado por disputas e guerras, entre invasores e os nativos (povos da terra) e por disputas entre os invasores portugueses e franceses. A estrutura militar foi edificada para enfrentar o inimigo externo - os corsários[22]-

[22] Corsário era alguém que, por missão ou carta de corso de um governo, era autorizado a pilhar navios de outra nação, aproveitando o fato de as transações comerciais basearem-se na época, na transferência material das riquezas. Fonte Wikipédia

franceses, ingleses, holandeses; e o considerado inimigo interno, os indígenas, que ainda não tinham sido capturados e subjugados a escravos. Os recursos locais destinados para aparelhar a estrutura militar eram incipientes, para cumprir a defesa de toda a dimensão, recaindo assim, ao inimigo interno. Com essa situação emergem três tipos de organização militar no âmbito terrestre: as regulares – as operações especiais - semirregular

> "(...) **as regulares [23] s**, tropas vindas do reino, como aquelas que acompanharam Tomé de Sousa e outros governadores-gerais. **As operações especiais** contra invasores poderosos, do tipo dos franceses que se estabeleceram na Guanabara e no Maranhão ou do tipo dos holandeses, que se estabeleceram em Pernambuco; **o semirregular**, constituído pelas forças dos Serviços de Ordenanças, regulares; mas irregulares do ponto de vista de que não eram compostas dos soldados, mas de moradores, povoadores, sesmeiros, que deixavam os seus trabalhos para acudir às necessidades militares; irregulares que organizavam à base da iniciativa de povoadores, moradores, colonizadores, à margem da legislação (pg.23)

Todo esse cenário de disputa no período colonial trava um marco de guerra, em cada parte do território, do sul ao norte, culminando com a exigência da institucionalização de uma empresa militar, fundada pela construção social: "as fundações agrícolas e pastoris se fazem com a espada na mão". Não se pode tratar da fábrica ali – diz uma cronista do século II, Frei Leonardo Oros – senão com foice nesta mão e a espada na outra" (Sodré, 1962, p.26).

A colônia foi suplantada pelo sentimento militar "o espírito de guerra e de disputa", povoada por autoridades oriundas na administração colonial, de governadores que estavam protegidos pela tropa regular munida de munições, armamentos, artilharia, considera-se que ocupá-la, povoá-la se dava por uma luta armada, onde cada grupo defendia seus interesses e necessidades. A vigilância e a expulsão dos habitantes originários, que ainda não tinham sido escravizados, eram constantes. Os indígenas, que estavam incorporados as forças, traziam seus conhecimentos e experiências ligadas ao conhecimento da terra.

Com esse instituto de guerra as propriedades foram erguidas como fortalezas, daí a característica de casa forte amuralhada, onde se formam os exércitos, protegidos e afastados do inimigo, com semelhança aos burgos na era medieval.

No ano de 1549 chega às terras brasileiras o governador-geral Tomé de Sousa, aporta na Bahia com uma tropa composta de 600 voluntários. (Barroso, 2019).

[23] Grifos nosso

Em meados do século XVI o território brasileiro foi dividido em 14 capitanias hereditárias[24], as quais foram administradas pela coroa, para colonização e exploração das terras dominadas. Em cada capitania havia um donatário.

Quadro 1 – Capitanias Hereditárias e seus donatários, Brasil 2024

Capitanias	**Donatários**
Maranhão (lote 1)	Aires da Cunha e João de Barros
Maranhão (lote 2)	Fernando Álvares de Andrade
Ceará	Antônio Cardoso de Barros
Rio Grande do Norte	Aires da Cunha e João de Barros
Itamaracá	Pero Lopes de Sousa
Pernambuco	Duarte Coelho
Baía de Todos os Santos	Francisco Pereira Coutinho
Ilhéus	Jorge de Figueiredo Correia
Porto Seguro	Pedro do Campo Tourinho
Espírito Santo	Vasco Fernandes Coutinho
São Tomé	Pero de Góis da Silveira
São Vicente	Martim Afonso de Sousa
Santo Amaro	Pero Lopes de Sousa
Santana	Pero Lopes de Sousa

Fonte: portal https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/capitanias-hereditarias

Nessa fase os homens de poder nomeavam os seus capitães, sem seguir os ditames do poder real. Situação que foi redirecionada no século XVII, período que a coroa portuguesa passa a ter foco na defesa de sua colônia, devido à disputa com as demais nações colonizadoras, que ocuparam parte do território brasileiro. A organização militar, dessa fase, foi estruturada a partir das condições que haviam no Brasil, surgindo nesse contexto os "terços" que eram constituídos pela população que aqui se encontrava (índios, brancos, pretos, pardos). "O terço era a unidade tática que sucedera, no ocidente europeu, a variável e confusa hoste ou mesnada medieval, como essa fora sucessora da formidável legião romana, por sua vez herdeira da falange greco-macedônica" (Barroso, 2019, pg,18)

Matias Albuquerque, que foi administrador militar luso-brasileiro, chega à Recife, em 1629, com aproximadamente 130 homens, para defender aquele território dos ataques holandeses, período de guerras, "Guerras Brasilícas", entre holandeses e portugueses na

[24] Em texto do pesquisador e historiador Ananias (2010) consta que foram 15 capitânias hereditárias

disputa da região nordeste[25]. O domínio holandês perdurou por 24 anos (de 1630 a 1654), quando portugueses cercaram Recife e retomaram a região. Situação semelhante ocorreu na África. As derrotas da Batalha de Guararapes, os problemas econômicos e a demissão de Maurício de Nassau foram elementos que contribuíram para o enfraquecimento dos holandeses (Barroso, 2019).

A primavera portuguesa teve vigor quando D. João ocupa seu trono, momento em que a nação colonizadora incentiva os colonos a recuperarem as terras nordestinas e a expulsarem os holandeses. Com o fim da guerra, Pernambuco fica com a organização militar mais forte da época, com uma força militar de 13 companhias de ordenanças, com cavalaria, artilharia, soldados, cabos, sargentos, capitães e outra de granadeiros (soldado com o ofício de lançar granadas).

Minas Gerais, entre os anos de 1718 e 1720, apresenta-se como território com necessidade de proteção devido suas riquezas naturais (o ouro e o diamante). Para garantia da defesa, o governador Gustavo Barroso organiza as companhias dos Dragões Reais das Minas.

A maior força armada nessa época estava na Bahia, que tinha oito regimentos de ordenanças, um batalhão de artilharia que era comandado por um tenente-general, tinha oficiais, capitães, tenentes, sargentos num total de 1500 homens.

Em São Paulo, a divisão acontecia entre as vilas do norte e do sul; no litoral as tropas eram da MB; enquanto o interior, tinha os dragões, que foram criados pelo rei Gustavo Adolfo e pelo Marechal de Brissac, a pé e a cavalo. Trata-se de um modelo militar seguido pelos romanos (os dragonários).

Com a transferência do vice-reinado da Bahia para o Rio de Janeiro, foi organizado pelo Conde de Cunha, a 1ª Companhia de Cavalaria, para fazer a defesa dos vice-reis, que deu origem na Cavalaria dos Dragões da Independência. Com o poder dos vice-reis e das guerras sulinas, a necessidade de organização militar no período colonial, foi se tornado cada vez mais exigida. No Rio de Janeiro, foram instituídos regimentos de infantaria, com uma companhia de granadeiros e outra de caçadores, fuzileiros, bombeiros; os terços foram

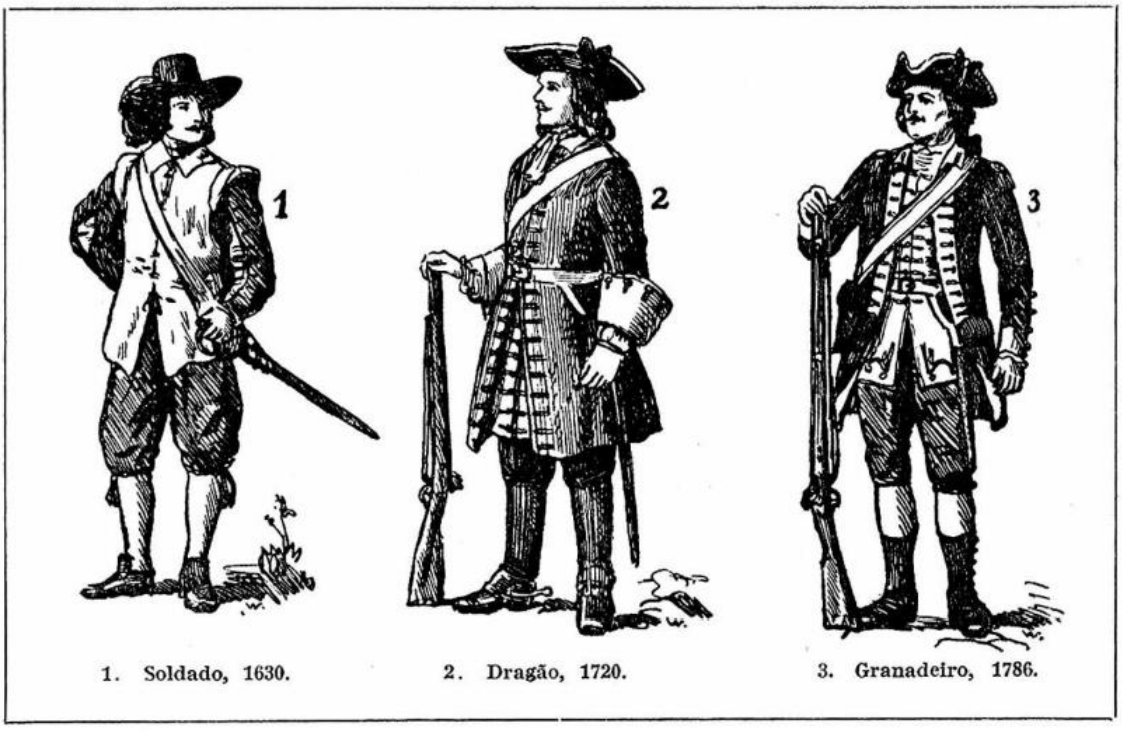
[25] A invasão holandesa no território brasileiro foi resultado "das relações diplomáticas entre Portugal, Espanha e Holanda no final do século XVI. Até 1580, a Holanda tinha um envolvimento direto com o negócio do açúcar produzido no Brasil, pois foram eles que financiaram o desenvolvimento do negócio aqui e eles também participavam do refino e da comercialização do açúcar na Europa." Informação extraída https://brasilescola.uol.com.br/historiab/invasoes-holandesas-no-brasil.htm acesso em 25/06/2022

transformados em milícias (forças auxiliares). Adotou-se, nesse período, o modelo militar francês. D. João criou a Guarda Real de Polícia, que desencadeou na Brigada Policial da Capital Federal.

No Brasil, as milícia aparecem nas primeiras forças regulares, nossos primeiros grandes chefes ombreando com os chefes europeus, generais nascidos no Brasil. As milícias, instituição militar que era reserva do EB, foram substituídas pela Guarda Nacional que foi criada, em 1831, pela Regência e abolida na República. No ano de 1893, atuou na defesa do Rio de Janeiro e nos pampas do sul e também na campanha dos Canudos. O Decreto nº 3.393 auferiu a Guarda Nacional as operações para defesa das provinciais, substituiu os corpos da polícia e das guarnições das capitais, assim asseguravam a manutenção da ordem interna (Barroso, 2019).

A organização militar improvisada, na fase colonial, foi instituída com base na estrutura econômica e social para manutenção e expansão do colonizador, garantindo a exploração das terras brasileiras.

Figura 1– Militares da fase colonial -vestimenta



Fonte: livro História Militar do Brasil (Barroso, 2019)

Na fase imperial, o príncipe cria o 1º Regimento de Cavalaria do Exército e a Guarda Real. Havia nessa fase, grande repressão aos movimentos sociais, que era realizada pelas

Forças Armadas Nacionais, para manutenção do poder monárquico, da oligarquia escravocrata.

Foi nessa fase que as Forças Armadas assumem constitucionalmente seu papel moderador, na Constituição Imperial no ano de 1824, que dava ao Imperador o poder soberano aos demais poderes, podendo ser compreendido como o mascaramento do absolutismo em que reinava o Império do Brasil (Sodré, 1979)

Nesse período tiveram várias revoltas populares que foram contidas como: a guerra dos Cabanos, que aconteceu entre 1835 a 1840, no Pará, que de um lado tinham os comerciantes portugueses, proprietários, mercenários com a proteção das tropas do Império; do outro lado, os cabanos que eram os indígenas, povos pobres livres e negros que se revoltavam contra a situação de miséria. A Revolta do Malês, que aconteceu em 1835, organizada por cerca de 600 africanos numa luta contra a escravização. A Revolta das Carrancas ou Levante da Bella Cruz, que foi promovida pela população negra, no sul de Minas Gerais, para conquista da liberdade, no ano de 1833. A Insurreição da Balaiada que foi um movimento popular, que ocorre no Maranhão, contra os proprietários agrários, no ano de 1838 a 1841. A Revolta da Sabinada, que foi a insatisfação da classe média de Salvador, que tinha como principais expoentes a insatisfação em relação à autonomia política e administrativa, e ao recrutamento obrigatório. Aconteceu em 1838.

Durante o período imperial o EB e a Armada ocupavam papel fundamental na vida do Estado se afirmando como instituições nacionais.

Em 1891, a Constituição enuncia o caráter das Forças Armadas como instituições nacionais permanentes que está relacionada com a existência do próprio Estado

Figura 2 - – Militares da fase imperial -vestimenta

Fonte: livro História Militar do Brasil (Barroso, 2019)

A República foi instituída por militares do EB, que eram articulados com a oligarquia, que incrementava a repressão das revoltas populares a de Canudos e do Contestado.

Na era varguista, a denominada “Revolução de 1930”, teve a participação dos militares, que eram oriundos do movimento tenentismo- militância político-militar que teve início nos anos de 1920 - que tinha como um dos expoentes Luís Carlos Prestes - tinha como objetivos: a centralização do poder estatal; a organização institucional dos direitos trabalhistas e dos sindicatos; e as reformas sociais. Momento que o país passou pelo incremento da industrialização. Getúlio Vargas foi destituído do cargo presidencial, após a Segunda Guerra Mundial. Nesse momento, emergiu o movimento que teve pressão popular e a atuação das FAs. A saída de Vargas eclodiu com a eleição do General Eurico Gaspar Dutra.

Vargas, era defensor de um projeto desenvolvimentista de cunho nacionalista, que confrontava com os interesses da política econômica e militar estadunidense, que era de interesse de oficiais militares e da oligarquia empresarial.

Os militares participaram do movimento pró Proclamação da República, que era composto por abolicionistas e militares do EB (oposição ao poder imperial, à monarquia, e ao governo.

Ressalta Mancuso (2008), que militares da Forças Armadas atuaram como protagonistas da vida pública na sociedade brasileira, desde o século XIX, com atuação expressiva na história política.

No Estado Brasileiro, as FAs se desenvolveram para atender às necessidades dos governos, tendo como base a força e a resistência. Fagundes (1947) ao abordar o tema "o papel das Forças Armadas sob norma jurídica", ressalta que se legitima por um elemento fundamental "a organização coercitiva a serviço do direito".

Pós movimento de redemocratização da sociedade brasileira, vivenciamos a apropriação das FAs na execução das missões de paz, que foram incrementadas pela Organização das Nações Unidas - ONU.

Dreifuss e Dulci (2008) que desenvolveram estudo para analisar o papel político das Forças Armadas, tendo como referência os períodos: **antes de 1964** (que para os autores, nessa fase o papel político das Forças Armadas ressoou para promoção da reinstalação da ordem nos momentos de crise, a representação de um poder legitimado constitucionalmente, com um poder do tipo bonapartista). **Durante 1964** que vai até a redemocratização (seu papel intervencionista); **e os tempos atuais**. Analisam que há um pano de fundo que interliga todos os períodos "as dimensões da instituição militar e sua interação com os outros segmentos da sociedade". Indagam qual seria o papel das Armas após o ano de 1982?

Apontam que o papel político das FA é anterior a 1964, tanto nas dimensões políticas e ideológicas quanto da organização institucional

A participação política dos militares foi retratada em outros momento históricos do país, como na transição do fim do período monárquico, para o republicano, que ficou marcado como questão militar, que ficou marcada pelo conflito entre militares e governo civil, movimento liderado por Marechal Deodoro da Fonseca e Benjamim Constant, Recorrendo a Celso Castro, Silva (texto a questão militar procurar fonte e ano) traz as seguintes informações sobre esse momento político das FAs:

> "Em abril de1887, o visconde de Pelotas veio ao Rio para dar apoio a Deodoro, e ambos assinaram um manifesto em favor dos alunos e jovens oficiais que, liderados pelos republicanos Campos Sales e Aristides Lobo, propunham a imediata instalação da República". (...) No Brasil foi essa a primeira vez em que as tropas se manifestaram como força política, o que desgastou o governo civil"

A dimensão ideológica foi legitimada pela via da intervenção militar, sendo delegado às Forças Armadas o papel de poder moderador, que remete ao período do Estado Novo, tendo como balize a doutrina da Segurança Nacional, auferida pela Escola Superior de Guerra - ESG, que foi criada em 1949.

Essa doutrina foi instituída para "combater" as correntes contrárias ao regime populista, tendo como expoente a União Democrática Nacional – UND. No seio militar a perspectiva era organicista, tendo como função a unidade orgânica do sistema, para superar a pluralidade antagônica, vista como fator de desagregação e questionamentos frente aos interesses da nação; a exemplo seria a reserva em relação à existência de partidos políticos (aversão ao contraditório).

Na ótica militar, a defesa nacional pautava-se pela Segurança e Desenvolvimento via um Estado forte sob lema “Ordem e Progresso”

> “(...) insistia-se na meta do fortalecimento do Estado, ligado ao problema da ordem. O reforço da autoridade pública, a centralização política administrativa, a capacidade do Estado de administrar a vida social, eram objetivos salientados pelos militares, sobretudo em face da administração sócio-política que cresceu desde os anos de 1950” (Dreifuss e Dulci 2008 pg.139)

Contudo, essa concepção não era unívoca, tanto na esfera social quanto nas Forças Armadas. Situação que emergiu na organização da homogeneidade entre os atores sociais estratégicos. “A sociedade civil, em sua pluralidade, continha aliados potenciais que se articulavam com o projeto em esboço na área militar” (Dreifuss e Dulci, 2008, pág. 139). A aliança entre empresários e militares.

Na dimensão institucional/administrativa versava questões inerentes aos entraves, afetos à eficiência do corpo militar, que se circunscreviam pelas apreensões: carreira militar; promoção dos oficiais do alto escalão, que ficava sob comando das autoridades civis; preocupação com as manifestações classistas, que se desencadeavam no interior das Armas, entre coronéis e sargentos. Questão que era vista pela perspectiva da ameaça à segurança nacional, com fragilidade de enfrentamento, devido à falta de equipamentos para o desempenho das atividades, como mostra o estudo:

> 1- A impossibilidade em atingir os objetivos legítimos por carência de recursos; um objetivo fundamental como a ocupação do espaço nacional, era prejudicada pela baixa capacidade instalada;
> 2- O material bélico e a dependência de suprimentos estrangeiros;
> 3- O nível de especialização e aperfeiçoamento do sistema de educação militar;
> 4 - Os recursos alocados pelo Estado;
> 5- A perspectiva de erigir um complexo industrial-bélico e de estabelecer um complexo empresarial-militar (Dreifuss e Dulci, 2008, pág. 140)

As questões apontadas, que envolvem as dimensões ideológicas/políticas e a institucional/administrativa, direcionam o papel das FA no período seguinte, que engloba a fase de 1964 até a redemocratização da sociedade brasileira. Para analisar a fase ditatorial, as autores fazem a divisão em etapas: a primeira corresponde ao período de 1964 a 1968, quando foi decretado o Ato Institucional 5 –AI5.

Nessa fase, a necessidade era a compreensão do significado da própria intervenção militar, por seu turno, várias percepções. Entretanto, com a promulgação do AI5 fica determinado que o movimento intervencionista tinha caráter permanente e não era enquadrado pelos limites da legalidade constitucional. Sobre essa afirmação, o texto traz as seguintes considerações:

> Com o AI5 as Forças Armadas se tornaram o Poder Dirigente sobre a nação. Elas assumiram a promoção do desenvolvimento, pela garantia da Segurança, na forma definida pelos ideólogos da Escola Superior de Guerra e dentro das condições da lógica da coerção. Sua política voltava-se para permanência do "poder revolucionário", de modo a fazer o país, por volta do fim do século, uma potência reconhecida mundialmente. Este projeto nacional demandava "estabilidade política", a democracia seria o produto final de uma evolução controlada de cima. Um conceito autoritário de poder foi então adotado como fundamento, como técnica e forma organizacional do regime, cristalizando-se pelo Ato Institucional nº 05 (Dreifuss e Dulci, 2008, pg.143).

Rompe-se o poder do tipo bonapartista, que até então era consubstanciado pelas Forças Armadas, que interviam nos momentos de crises. Trata-se de um papel de aparato do Estado, com princípios amparados pelos valores das classes dominantes do bloco capitalista. A referência inscrita na Constituição antes de 1964 e mantida em 1967, "dentro dos limites da lei", deixava essa questão amparada no Decreto AI5.

Esse Poder Dirigente foi se coadunando por uma relação problemática com a sociedade civil, com relevo às elites dirigentes. Como Poder Bonapartista, as Forças Armadas eram legitimadas socialmente, pois tinham o dever de garantir a manutenção da ordem pela via consensual. Já, sob diretriz do Poder Dirigente, aproximavam-se da concepção de uma "guarda pretoriana[26]"

Nesse processo de interação excludente com os setores empresariais da indústria das finanças mais as burocracias civis, houve um incremento do grau da autonomia

[26] "Grupo militar da elite responsável pela segurança pessoal dos imperadores da Roma Antiga. Grupo de indivíduos que zelam geralmente de modo violento, pela defesa e proteção de algo ou alguém. Dados extraídos das fontes: https://dicionario.priberam.org em 05/05/2022. Nessa fonte, consta que a palavra pretoriana significa: envolve intriga, interferência ou corrupção política.

institucional. Consolidaram as ambições e desígnios das próprias FAs. Requeriam-se também que as Forças Armadas, enquanto Poder Dirigente, impedissem as transferências dos centros nacionais de decisão, para o interior das estruturas transnacionais do poder, embora a industrialização do país tivesse como carro-chefe as empresas multinacionais e associadas"

A política estratégia das FA estava sucumbida à política de interesses econômicos privados, os quais se confundiam com os interesses econômicos da nação

Nesse contexto, qualquer tentativa de correlação de poder vislumbrada, pelas camadas populares, tomava a dimensão de subversão, com ataque e repressão. Nesse clima, a percepção foi de uma crise permanente, que deveria ser combatida pela instalação de um, ato, denominado pelas Forças Armadas de revolucionário e de caráter permanente, que se perpetua na segunda etapa, que é a fase que engloba o governo de Geisel

A terceira etapa, que compreende os anos de 1974 a até 1978, momento da revogação do AI5, pauta-se pelo regresso ao movimento que instaurou o caráter permanente, foi a época da abertura política. Nos quinze anos pós ano de 1964, as Forças Armadas assumem o protagonismo no cenário político, com ênfase aos seus interesses em detrimento dos demais atores políticos. A efetivação desse projeto foi viabilizada pelo "golpe civil-militar de 1964, que lhe conferia a direção do Estado" por um período que duraria cerca de vinte anos (Dreifuss e Dulci, 2008 pg.149).

Com a acepção do poder estatal, a instituição militar assumia a dimensão burocrática que era condensada nos setores público, industrial-militar e empresarial-militar. Como descrito no trecho localizado nas (págs. 151 e 152):

> "Como instância do Estado, a instituição militar se apresentava se apresentava também em sua dimensão burocrática – ou seja, como parte do serviço público – e como organização de inteligência política. Ramificava-se, por outro lado, num complexo industrial-militar, ao passo que o papel de partido das elites se realizava no contexto da formação de um complexo empresarial-militar, através do qual figuras de destaque do meio militar eram incorporadas à atividade empresarial"

No tocante ao papel de protagonista no poder estatal, às FAs também absorveram as questões problemáticas das esferas econômica, política, social; todavia, as questões de ordem econômica também foram apreendidas pela ala civil. Mas, a esfera militar reclamaria às demandas socais e políticas.

Pós 1964, aflui-se a potência militar, com destaque na indústria bélica, que passou a seguir a diretrizes de nacionalização na produção de equipamento e transferência

tecnológica. O Brasil passe a ser o 15º país de maior desenvolvimento nessa área tanto pela tecnologia quanto pelas exportações.

Foi edificado um complexo industrial militar, gerido pelas empresas públicas: EMBRAER (Empresa Brasileira de Aeronáutica), ENGEPRON (Empresa Gerencial de Projetos Navais), IMBEL (Indústria Brasileira de Material Bélico); com articulação com universidades, agências de fomento à pesquisa. Instituições financeiras da esfera pública. Cada uma dessas empresas tem sua atuação com o peso político-militar. A FAB, produz "mísseis, sistemas teleguiados, projetos de aviões de reconhecimento tático e conversíveis para operações de guerra em cenários limitados; implementava o programa de recuperação de aeronaves; e ainda se dedicava a produção do avião de caça, para bombardeios. A MB, dedica-se aos sistemas eletrônicos, que abrange a comunicação e a computação; e ainda tinha como diretriz a construção do submarino de protusão nuclear, que estava no escopo do seu programa nuclear . Ao EB ficou o encargo da produção de equipamentos para uso em guerra, no uso terrestre, como tanques de guerra, carros blindados, equipamento de artilharia e de uso pessoal (Dreifuss e Dulci, 2008; Marques, 2003)

Esse complexo industrial com foco militar foi instituído por empresas estatais erigidas pela via privada com capital público, para o seu desenvolvimento. O aquecimento do complexo empresarial-militar se consolidou por junções de interesses, da área militar, e ainda, da rede de empresários.

Outro serviço de destaque, originário da instituição militar, nessa fase (pós 1964) foi a área de informações, que desencadeou na criação do Serviço Nacional de Informação (SIN), que se constituiu como um organismo de grande impacto no gerenciamento de informações acerca de vários campos da sociedade, definido como:

> "(...) um centro de influência crucial na formulação de políticas em cada área da vida social, política e militar do país, tomando-se o esteio político das Forças Armadas. Foi estabelecida ema rede de informações nos ministérios, nas autarquias e nas agências administrativas do governo, bem como na área militar, no movimento sindical, no movimento estudantil e em outros segmentos selecionados da população, transformando o Serviço em um superministério, intocado e intocável pelos Poderes Legislativo e Judiciário e não responsável perante as Forças Armadas" (Dreifuss e Dulci, 2008, pág. 168)

Durante o período ditatorial as FA gozaram de autonomia para definir, gerenciar os assuntos relacionados ao campo militar. Nesse decurso, cada Arma se voltou para suas especificidades. O EB centrava-se na ocupação terrestre, a MB estava voltada para guerra

no mar e a FB inclinada para a indústria do setor aéreo. De acordo com Marques (2003, p.70)

> "as três Forças ampliaram sua autonomia institucional, que se deu primeiramente perante os políticos civis, a quem se vedou qualquer possibilidade de definir os postulados referentes à Defesa Nacional, porque entre os condutores do novo regime prevalecia a tese de que somente os que usassem farda teriam "competência" para interpretar essas questões (que, aliás, estavam totalmente impregnadas pela Doutrina de Segurança Nacional)

O serviço de informação, por seu turno, tinha papel central para manutenção da doutrina de Segurança Nacional, suplantada pela ESG.

O Conselho Nacional de Segurança Nacional foi outro organismo político e normativo que teve relevância nesse contexto. No qual o poder instituído é partilhado entre tecnocratas e militares. A execução das ações está voltada para a política da informática, compreendida como de interesse da segurança nacional, fica exclusivamente sob encargo dos militares. Outra ação é a política externa, destinada à energia, fontes nucleares.

O papel político das Forças Armadas, no período pós abertura política, que se inicia com a supressão do AI5, pode ser visto, sentido, vivido, por ângulos diferentes: anuncia novos tempos; como também traz medo, tensão, pressão; sinaliza a impossibilidade das Forças Armadas na execução da multiplicidade de ações; aponta a imagem distorcida na visão nacionalista, devido à opção pela defesa dos interesses do empresariado. Havia no interior das Armas uma cisão em torno desses debates.

A abertura seria o reposicionamento do Estado na direção e comando em face à sociedade, seria para as FA o momento de resgatar suas funções tanto a velha (a defesa nacional) quanto a nova indústria militar incrementada.

Para pensar no novo papel das FA nesse contexto político, diante do Estado e da sociedade, tendo como balizamento em ser instituições da sociedade, os autores advertem a necessidade de abertura para ao diálogo, com diversos setores e segmentos da sociedade, que resultaria numa legitimidade social das FA.

No bojo da democracia, outras legislações complementares foram promulgadas para definições sobre as Forças Armadas no Estado Brasileiro. No decorrer da década de 1980, as Armas iniciam um processo de adaptação à nova realidade social, que se afirma pelo fortalecimento - dos Poderes Legislativo, Executivo, Judiciário –, liberdade de expressão. Nessa fase houve protagonismo de outros atores (universidades, movimentos socais, imprensa) no campo militar; que outrora havia ficado restrito aos militares (Marques, 2003)

No ano de 1999, sob a gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu segundo mandato, foi emitida a Lei Complementar nº 97 de 09 de Junho de 1999, que regula sobre a organização, norma gerais e o emprego das Forças Armadas, que discorre sobre o preparo e o emprego das Forças Armadas, em tempo de paz, ressalta os enunciados do artigo 142 da Constituição Federal de 1988 e corrobora no parágrafo único do art. 1 *"* sem comprometimento de sua destinação constitucional, cabe também às Forças Armadas o cumprimento das atribuições subsidiárias explicitadas nesta Lei Complementar".

A definição das ações subsidiárias está elencada no art. 16 desse documento que aufere: "Cabe às Forças Armadas, como atribuição subsidiária geral, cooperar com o desenvolvimento nacional e a defesa civil, na forma determinada pelo Presidente da República". Essa legislação traz o papel de cada Força no cumprimento das missões subsidiárias:

> Art.17- Cabe à Marinha, como atribuições subsidiárias particulares:
> I - orientar e controlar a Marinha Mercante e suas atividades correlatas, no que interessa à defesa nacional;
> II - prover a segurança da navegação aquaviária;
> III - contribuir para a formulação e condução de políticas nacionais que digam respeito ao mar;
> IV - implementar e fiscalizar o cumprimento de leis e regulamentos, no mar e nas águas interiores, em coordenação com outros órgãos do Poder Executivo, federal ou estadual, quando se fizer necessária, em razão de competências específicas.
> *Parágrafo único.* Pela especificidade dessas atribuições, é da competência do Comandante da Marinha o trato dos assuntos dispostos neste artigo, ficando designado como "Autoridade Marítima", para esse fim"
>
> Art. 18 - Cabe à Aeronáutica, como atribuições subsidiárias particulares:
>
> I - orientar, coordenar e controlar as atividades de Aviação Civil;
> II - prover a segurança da navegação aérea;
> III - contribuir para a formação e condução de Política Aeroespacial Nacional;
> IV - estabelecer, equipar e operar, diretamente ou mediante concessão, a infraestrutura aeroespacial, aeronáutica e aeroportuária;
> V-operar o Correio Aéreo Nacional.
> *Parágrafo único.* Pela especificidade dessas atribuições, é da competência do Comandante da Aeronáutica o trato dos assuntos dispostos neste artigo, ficando designado como "Autoridade Aeronáutica", para esse fim.

O emprego das Forças Armadas nas ações subsidiárias, que envolvem a defesa para garantia da lei e da ordem e nas missões de paz é definido pelo Presidente da República, que designará os Ministério da Defesa a execução das ações operacionais. Os parágrafos 1 e 2 do artigo 15 que discorre sobre esse assunto, traz a seguintes informações:

> § 1º Compete ao Presidente da República a decisão do emprego das Forças Armadas por iniciativa própria ou em atendimento a pedido manifestado por quaisquer dos poderes constitucionais, por intermédio dos Presidentes do Supremo Tribunal Federal, do Senado Federal ou da Câmara dos Deputados.
>
> § 2º A atuação das Forças Armadas, na garantia da lei e da ordem, por iniciativa de quaisquer dos poderes constitucionais, ocorrerá de acordo com as diretrizes baixadas em ato do Presidente da República, após esgotados os instrumentos destinados à preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, relacionados no art. 144 da Constituição Federal.

A partir desse documento ocorre a reorganização do comando central das Forças Armadas, efetivada com a criação do Ministério da Defesa, definido como:

> "Órgão do Governo Federal incumbido de exercer a direção superior das Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica" Criado em 1999, para reforçar a articulação das Forças Armadas e dar mais fluidez à sua relação com outras áreas do Estado, o ministério tem sob sua responsabilidade uma vasta e diversificada gama de assuntos.
> Uma de suas principais atribuições é o estabelecimento de políticas ligadas à defesa e à segurança do país. Tem como missão: preparar as Forças Armadas, mantendo-as em permanente estado de prontidão para serem empregadas na defesa da Pátria, na garantia dos poderes constitucionais, na garantia da lei e da ordem; no cumprimento das atribuições subsidiárias; e em apoio à política externa; a fim de contribuir com o esforço nacional de defesa" (Brasil, Ministério da Defesa, acesso 25/05/2022)

Ainda sob essa gestão, foi emitido o Decreto Nº 3.897, de 24 de Agosto 2001, que "fixa as diretrizes para o emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, e dá outras providências".

A documentação emitida aponta que foi um período de reorganização das organizações militares e a centralidade de um único comando. O Exército Brasileiro que era regido pelo Ministério de Guerra, que foi criado em 1815, passou a ser denominado de Ministério do Exército no ano de 1967.

Na gestão do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, foram emitidas leis complementares que versam sobre as Forças Armadas, como:

a) Lei Complementar Nº 117 de 02 de Setembro de 2004, que traz alterações a legislação anterior, sobre esse tema, e ainda, estabelece novas atribuições subsidiárias. Nesse contexto político, foi construída a Política de Defesa Nacional, afirmada pelo

b) Decreto Nº 5484. De 30 de junho de 2005, que institui a Política de Defesa Nacional

c) Portaria Normativa Nº 113/SPEAI/MD de 1º de Fevereiro de 2007, que elabora a Doutrina Militar da Defesa

d) Decreto nº 6.703, de 18 de dezembro de 2008, que aprova a Estratégia Nacional de Defesa, e dá outras providências como a reorganização das Forças Armadas; composição do efetivo das Forças; reestruturação da indústria brasileira de material de defesa.

A atuação do Exército Brasileiro, em relação ao emprego das missões subsidiárias em tempo de paz, não estava descritas no documento emitido no ano de 1999. Tal atribuição está exposta na emissão da Lei Complementar Nº 117 de 02 de Setembro de 2004, a qual traz alterações à legislação anterior e atribuiu novas atribuições subsidiárias as Forças Armadas. Assim, em seu art. 17A define:

> "Art. 17A. Cabe ao Exército, além de outras ações pertinentes, como atribuições subsidiárias particulares: I – contribuir para a formulação e condução de políticas nacionais que digam respeito ao Poder Militar Terrestre; II – cooperar com órgãos públicos federais, estaduais e municipais e, excepcionalmente, com empresas privadas, na execução de obras e serviços de engenharia, sendo os recursos advindos do órgão solicitante; III – cooperar com órgãos federais, quando se fizer necessário, na repressão aos delitos de repercussão nacional e internacional, no território nacional, na forma de apoio logístico, de inteligência, de comunicações e de instrução; IV – atuar, por meio de ações preventivas e repressivas, na faixa de fronteira terrestre, contra delitos transfronteiriços e ambientais, isoladamente ou em coordenação com outros órgãos do Poder Executivo, executando, dentre outras, as ações de: a) patrulhamento; b) revista de pessoas, de veículos terrestres, de embarcações e de aeronaves; e c) prisões em flagrante delito."

Fica sob responsabilidade do Ministério da Defesa, a implementação Política de Defesa Nacional e a Estratégia Nacional de Defesa erguidas sob os pilares da Doutrina Militar da Defesa. O Ministério da Defesa através da Secretaria de Política, Estratégica e Assuntos Internacionais, produziu no ano de 2007 a partir da promulgação da Portaria Nº 113 e define, sobre o assunto:

> **1.1 Finalidade**: estabelecer os fundamentos doutrinários para o emprego das Forças Armadas (FA) em atendimento às demandas da Defesa Nacional.
>
> 1.2 **Descrição A Doutrina Militar de Defesa (DMD**) é dividida em seis capítulos. Os três primeiros apresentam conceitos e considerações sobre Poder Nacional, segurança e defesa e conflitos. Os dois capítulos seguintes discorrem, sucessivamente, sobre crises internacionais político-estratégicas, com foco na manobra de crise, e sobre fundamentos do emprego do Poder Militar. Por fim, o último capítulo descreve o emprego das FA

Sobre esse tema Oliveira e Silva (2011) destacam que o referencial teórico, de segurança e defesa, que foi suplantado na política brasileira, segue a concepção da Escola de Copenhague, que compreende que as questões de segurança envolvem outros setores, além da segurança, como o ambiental, econômico, social, político e militar

Analisando o documento que apresenta a Política de Defesa Nacional, as autoras ressaltam:

> "as diretrizes da Política de Defesa Nacional, consistente em 26 (vinte e seis) tópicos, dentre os quais destacam-se o aprimoramento e a vigilância aérea do território nacional, assim como a defesa das fronteiras; o "aumento da presença militar nas áreas estratégicas do Atlântico Sul e da Amazônia"; o fortalecimento da infraestrutura de transporte, energia e comunicação; a "manutenção do clima de paz e de cooperação nas áreas de fronteira"; a participação em missões de paz e ações humanitárias; a intensificação dos intercâmbios entre Forças Armadas nacionais; o desenvolvimento de tecnologias de interesse da defesa; e, por fim, a contribuição ativa "para o fortalecimento, a expansão, e a consolidação da integração regional com ênfase no desenvolvimento de base industrial de defesa" (2011 págs./n.)

Para essas autoras, a Estratégia Nacional de Defesa – END simboliza avanço em relação ao planejamento estratégico da defesa e segurança do país. Apresenta como objetivos o direcionamento nas ações internas ao Estado, mas apregoa a relação com a segurança da América do Sul. Para o governo, ela estaria consubstanciada ao próprio desenvolvimento do país. A centralidade da defesa está na região amazônica, no Oeste e no Atlântico Sul do país; na atuação das missões de paz; desenvolvimento e incrementação da indústria nacional de material de defesa (Oliveira e Silva, 2011).

Nos últimos anos vem crescendo a atuação das FAs, na manutenção da segurança interna, papel que constitucionalmente é atribuído às policias civis, militares dos estados e do distrito federal; sendo prevista somente em situações extremas em que se esgotaram as possibilidades do poder local, mas que se afirma como medida democrática, prevista na CF1988. Portanto, distancia-se da concepção de uma intervenção militar.

> "(...) intervenção federal na segurança pública de um Estado Federado não significa intervenção militar, muito menos configura a introdução, no País, de um estado de exceção. Muito pelo contrário, o que se objetiva é justamente estancar o inegável processo de deterioração da segurança pública, fenômeno que reconhecidamente se encontrava em curso quando da edição do Decreto nº 9.288/18. Trata-se a intervenção federal de uma medida democrática, prevista expressamente no Texto Constitucional, direcionada para situações excepcionais, tal como a constatação de um grave comprometimento da ordem pública" (Friede, 2018 pg.22)

Jungmann (2017) analisando os documentos oficiais, que tratam das ações contemporâneas de atuação das Forças Armadas, pontua que as essas funções: Lei de

Garantia e da Ordem –LGO; Defesa da Pátria; Garantia dos Poderes Constitucionais, Operação em Missões de Paz, são ações implementadas. Contudo, compreende que atribuição central das FAs não seria a segurança interna. Pois esse papel cabe ao corpo de policiais e dos bombeiros. Para que essas organizações militares possam desempenhar a segurança interna é necessário o seu aparelhamento, pela instância estadual. Nessa linha, ficaria para as Forças Armadas o papel subsidiário na defesa civil. Como alternativa, visando à proteção do papel das Forças Armadas da defesa nacional e da soberania, a possibilidade seria o emprego da Força Nacional de Segurança Pública.

A determinação ao cumprimento da LGO é encargo do Presidente da República, podendo acontecer por sua vontade própria ou por determinação dos poderes constitucionais, o Presidente do Supremo Tribunal Federal, Presidente do Senado Federal, Presidente de Câmara dos Deputados, Governadores dos estados e do distrito federal (Jungmann, 2017).

No governo da Presidenta Dilma Rousseff, houve proliferação nas intervenções no âmbito interno, caracterizado pela militarização da segurança pública. As Forças Armadas atuaram na manutenção da LGO. Nesse período ocorreram os eventos esportivos, a Copa Mundial e as Olímpiadas. A intervenção militar também se coadunou na dimensão individual, na vida dos sujeitos.

Analisando a política militar no período de referência, o trabalho realizado por Mathias, Zegue e Santos (2019) enfatiza essa ocorrência:

> Durante o governo Dilma Rousseff (2011-2016), foram realizadas 27 operações no âmbito das UPPs na cidade do Rio de Janeiro e outras 11 nas áreas de fronteiras. Essas últimas respondem ao Plano Estratégico de Fronteiras (PEF), concebido em tal governo e dividido em três núcleos principais: a) as operações eventuais e de curta duração (Ágata); b) o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (Sisfron); e c) o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (Sisgaaz)" (sem n.pg)
>
> "Tomando cada uma das dimensões de militarização, não é exagero dizer que houve um processo de aprofundamento da militarização no âmbito da segurança pública, não apenas com maior presença física das Forças Armadas em regiões específicas do território nacional, mas principalmente pela transferência para o trato com o cidadão comum da mesma lógica do comportamento frente ao inimigo. Para isso, muito contribuíram as leis laxas e o imediatismo da visão dos políticos brasileiros" (sem n. pg.)

O início do governo do Presidente Jair Bolsonaro é marcado pelo protagonismo das Forças Armadas no cenário político, situação que foi organizada antes da própria eleição, considerada por alguns setores da sociedade como: Forças Armadas – Partido Militar.

Com base no Dossiê produzido pelo Instituto Tricontinental de Pesquisa Social sobre a questão militar no Brasil, a era do Governo Lula foi marcada pela atuação restrita das Forças Armadas às questões inerentes à segurança nacional, com ações de demarcação das terras indígenas, a estruturação da política de defesa; segurança pública. Não houve, nesse período, medida de confronto ou submissão da corporação ao universo civil, foi uma relação de estabilidade. Segundo apontamento desse órgão, foi no governo da Dilma Rousseff que a relação foi se deteriorando, quando se iniciaram os ataques em torno de um inimigo "a esquerda". A Comissão Nacional da Verdade, foi rejeitada pelos militares, estruturando-se a coalização militar-financeira-neopentecostal, que culminou com a eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro.

No ano 2020, contexto pandêmico, as FA executaram ações tanto na vertente logística, com a participação em missões voltadas para atendimento à saúde e a segurança. Quanto na participação política, nessa fase, que se iniciou com a eleição do Presidente Bolsonaro, teve a proliferação da participação dos militares em cargos políticos, na esfera ministerial.

A história militar mostra que os militares se inserem no cenário nacional com ativa participação política nos espaço decisórios, que culminaram com mudanças de regimes políticos; no período da redemocratização do país essa atuação não tinha visibilidade no contexto social, mas a presença dos militares sempre teve relevo na sociedade brasileira.

VOZES PRETAS

Canção: Ivone Lara - letra: Sorriso Negro

Negro é a raiz da liberdade
Negro é a raiz da liberdade

Sorriso negro

Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
E negro é a raiz da liberdade
Um sorriso negro
Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
E negro é a raiz da liberdade

Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
Negro é a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino, é amor
Negro também é saudade

Um sorriso negro (...)

SESSÃO TEMÁTICA 3

3- A FORÇA ÁREA BRASILEIRA: REVISITANDO A SUA HISTÓRIA

As Asas Que Protegem o Brasil[27]

Essa sessão temática se dedica para apresentar a 'Força Aérea Brasileira-FAB', universo em que se materializou essa pesquisa. A proposta se assenta em dialogar sobre os seguintes elementos dessa Arma: a historiografia, que envolve o aspecto histórico e político; a estrutura organizacional, missão, objetivos; área de abrangência no território nacional; outra fonte de aproximação para apresentar a FAB é através da inclinação cultural, pela via ao resgate da ancestralidade da religião da matriz africana "o candomblé", dando continuidade na proposta anunciada de trazer para essa tese elementos que se articulam entre a academia e a pessoalidade. Para produzir essa sessão recorremos à busca de trabalhos científicos que discorrem sobre o tema; acesso à fonte documental, com uso de documentos oficiais e extração de informações de portais: do Ministério da Defesa - MD e da FAB.

[27] O Gládio Alado é o Símbolo da FAB, que representa o Cruzeiro do Sul; a frase é o slogan institucional

3.1 FAB: o aporte cultural

Iniciando esta sessão por uma veia cultural, que se coaduna com as raízes da formação do povo brasileiro, ressaltado aqui pela africanidade, através da religião da matriz africana - o candomblé[28] -, trazemos a aproximação dessa Arma ao Orixá[29] Ogum, que representa a guerra, a inovação e a resiliência.

"*Ogum é Orixá da guerra, da coragem e da proteção*" ***Sua saudação: "Patakori Ogum – Ogum Yê"***

Figura 3 - Ogum

Fonte: informação[30]

Quem é Ogum[31]? A cultura Africana Iorubá informa que Ogum é o Orixá que tem como elemento o ar e o domínio ao ferro. Ogum é guerreiro, tem incorporação da

[28] Candomblé: uma das explicações em relação ao significado do termo diz que advém da palavra quimbundo kiamdombe (negros), acrescido do ioruba ilê(casa), passando a significar "casa de negro". Herança da cultura africana, mas que no Brasil toma formato peculiar. Trata-se de um culto à divindade ligada à natureza, a percepção demoníaca que circula no contexto social provém da disseminação do colonizador. No Brasil há predominância das nações queto (iorubá) e angola e congo (banto); mas também encontramos outras nações como nção fom (jeje-mahim baiano e o jeje daomeano maranhense); nação egba (comum no Rio Grande do Sul); nação oio-ijexa; nação voduns daomeanos (tambor-de-mina- nagô maranhense) (Marques, 2017; Prandi, 2001)

[29] Significado dos Orixás: algumas considerações – seres sagrados para religiões de matriz africana, como o candomblé. Trazem influências no cotidiano aos seus filhs e filhas, permitindo conexão com a divindade através dos rituais, cantigas, oferendas. São os intermediários entre humanidade e a divindade (fonte: culture bay). **Orixás** (em iorubá: *Òrìṣà*) são divindades da religião iorubá representados pela natureza. Dividem-se em dois grupos, os aborós (em iorubá: *aborò*) ou orixás masculinos, e as aiabás ou orixás femininas.[1] Foram enviados por Olodumarê para a criação do mundo e após isso, ensinar e auxiliar a humanidade a viver no planeta (Wikpédia)

[30] https://web.facebook.com/ordemmahasaomiguelarcanjo/posts/1113643182422217/?paipv=0&eav=AfYJwLuv-P1xkiEFBQmU3ugB2HYXeQoTGteqCk2J3WBJK0Xv3RfLKPdVYeBfG1gC18w&_rdc=1&_rdr

[31] Infornmações extraídas das fontes: https://brasilescola.uol.com.br/religiao/ogum.htm; https://guiadaalma.com.br/ orixa-ogum/ e https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/dia-de-ogum-conheca-mais-sobre-o-orixa-guerreiro,c6113cba6c3d082f81804bc49632e2f9m7neabx5.html#:~ :text= Sauda%C3%A7%C3%A3o%3A%20%22Ogunh%C3%AA%22.,para%20secar%20ao%20ar%20livre.

determinação, da habilidade na guerra. Em sua trajetória histórica, consta que ele foi convocado para uma batalha, onde permaneceu por 07 anos na guerra; atua na luta, na guerra. Sua representação visual é feita pela figura de um guerreiro; e ainda, possui conhecimentos para produzir os instrumentos das batalhas.

Ogum é reverenciado nas religiões com tradição africana que estão espalhadas em várias áreas geográficas pelo mundo:

> [Ogum é cultuado] nas religiões Yoruba [ioruba] e Ifá da África Ocidental, ele é simplesmente conhecido como Ogum, representando a divindade da metalurgia, da tecnologia e do progresso. No Candomblé brasileiro leva o nome de Ogum, simbolizando a força de combate e defesa. A religião Afro-Caribenha da Santería o reverencia como Ogum, enfatizando seus atributos relacionados à proteção e eliminação de obstáculos. (...) No Vodu Haitiano, ele é chamado de Ogou, representando o espírito guerreiro, e desempenha um papel crucial em rituais que invocam proteção e vitória (fonte: portal culture bay – mitologia africana)

Ogum é celebrado pela cor azul, no candomblé; na umbanda[32], pelas cores vermelha e branca. As ervas desse orixá: a espada de São Jorge, a lança de ogum; comigo ninguém-pode. Nas oferendas são utilizados alimentos – o onje em ioruba "a comida do santo" - como: feijão-preto, que também pode ser a feijoada; o inhame, o cará, devendo o preparo ser ao azeite de dendê, conhecido como sangue vegetal. A "comida do santo" foi compreendida como a "cozinha do santo, nas palavras de Alves, Carvalho e Ferreira (2019) que traz as seguintes considerações sobre esse assunto:

> "Cozinha de santo é um ato político de defesa de heranças culturais negras na cozinha brasileira, que muitas vezes foram e ainda são silenciadas pela literatura gastronômica. Ou são descritas com sutis traços de um racismo velado, que usa da ciência para diminuir a presença e o protagonismo negro diante da cozinha brasileira, reduzindo, por exemplo, a participação dos negros escravizados como meramente mecânica braçal (p.358)

A espada, é o símbolo de Ogum, representada pelo elemento ferro; também representa o elemento ar. Seu dia de saudação é a terça-feira. Cada orixá tem um animal guardião, no caso de Ogum é o cachorro.

Os conhecimentos da mitologia africana apresentam Ogum como um guerreiro que liderava as batalhas pelos novos territórios. A referenciação a esse orixá acontece às terças-

[32] Umbanda é uma religião brasileira que congrega a cultura dos povos indígenas, africanos, portugueses através do catolicismo, espiritismo kardecista. Nas regiões sul e sudeste, do país, a umbanda floresce com vertentes do espiritismo kardecista com desenvolvimento de rituais de vertente africana. No norte e nordeste tem intersecções advindas da península ibérica. O estado do Rio de Janeiro foi o berço da Umbanda, sua instituição foi nos anos de 1920 (Marques, 2017)

feiras, a reverencia pela dança mostra os gestos de luta. Ogum também foi associado, pelo sincretismo brasileiro à figura de São Jorge, para alguns pesquisadores da história, essa aproximação sincrética pode estar relacionada com a Guerra do Paraguai, que teve a participação de vários negros, os quais exaltaram a vitória da Batalha de Humaitá, pela proteção desse Orixá.

A proposta de elencar Ogum a essa arma se fez pelas aproximações, que apreendemos, desse Orixá com a FAB, que se apresenta: pelo elemento ar, que se constituiu como missão FAB, que é a defesa do espaço aéreo; a arma espada, que na FAB é utilizada pelos oficiais; cada posto/graduação tem uma arma de representação; a cor azul, que é a mesma dos uniformes dessa Arma. E ainda: Ogum tem como missão a instauração da lei e da ordem – que se afirma como a missão constitucional das Forças Armadas – é o Orixá da guerra e da batalha.

3.2 Preâmbulo da História da Aviação

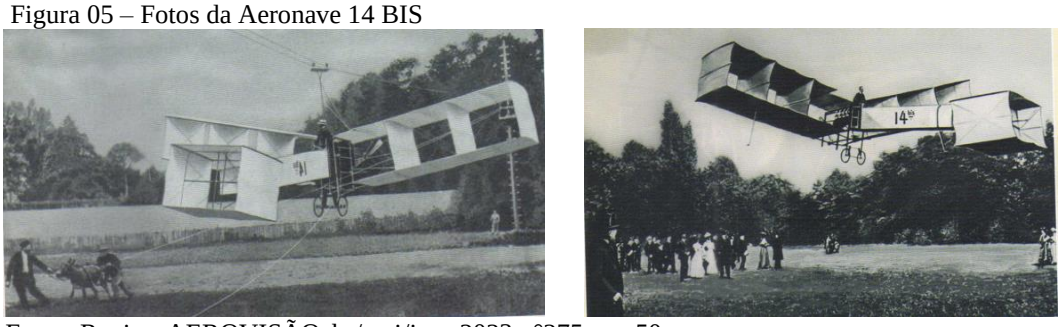
Figura 4 – Foto de Santos Dumont

As informações e as ilustrações desse item foram extraídas de fonte documental, do veículo de comunicacção institucional, o Centro de Comunicação Social da Aeronaútica (CECOMSAER, 2023)

Os passos iniciais da aviação no Brasil foi trilhado por Alberto Santos Dumont (Santos Dumont), que foi designado como Pai da Aviação e Patrono da Aeronáutica Brasileira. Seus inventos no campo da aviação foram registrados ainda no século XIX com experiências sucessivas para de domínio pelos céus por suas aeronaves.

O Dia do Aviador é comemorado em 23 de outubro juntamente com o Dia da Força Aérea Brasileira, em alusão o voo realizado por Santos Dumont no Campo de Bagatelle, em Paris. Esse evento ocorreu em 1906, quando ele pilotava a Aeronave 14 BIS, que tinha motor, permitindo a sua sustentação no ar.

Figura 05 – Fotos da Aeronave 14 BIS



Fonte: Revista AEROVISÃOabr/mai/jun -2023 n°275 ano 50

A data de 23 de outubro também é dedicada para o evento denominado de "Semana da Asa", que foi criado no ano de 1952. Uma reportagem[33] da época traz as seguintes informações sobre esse momento festivo da aviação que teve impacto mundial.

> "Semana da Asa" foi instituída com o objetivo de desenvolver uma consciência aeronáutica nacional e de cultuar a memória de Santos Dumont e a de seu predecessor — Bartolomeu Lourenço de Gusmão[34]. — A visita do Senhor Pierre Montei, Ministro da Aeronáutica da França, constituiu um dos acontecimentos mais significativos das comemorações da "Semana da Asa", do corrente ano [1952]

Dentre os antecessores de Santos Dumont, além do Padre Bartolomeu de Gusmão, outros brasileiros se dedicaram aos eventos aéreos como o Júlio César Riberio de Souza, inventor de um balão – "fusiforme dissimétrico" – que foi testado no ano de 1881, na cidade de Paris; anos depois, em 1902, Augusto Severo de Albuquerque Maranhão lançou voo no balão dirigível PAX, que explodiu no ar, desencadeando em seu óbito (ALESP, 2002). A cidade parisiense era o palco da vivencia dos experimentos da aviação.

Dando sequência aos experimentos e inventos no campo da aviação, Santos Dumont lança no ano de 1909, o avião Demoiselle, que foi a primeira aeronave ultraleve do mundo (figura abaixo). Pela sua capacidade inventiva e pioneira, Santos Dumont teve reconhecimento internacional, recebendo homenagens na Europa, EUA, América Latina.

---

[33] Revsita do Serviço Público – Novembro de 1952, reportagem de Maria Vesentini

[34] Antecedendo a Santos Dumont, o Padre Bartolomeu de Gusmão no ano de 1709, apresentou ao Rei de Portugal, D. João V, um pequeno balão de papel que teve elevação a cerca de 20 palmos de altura, num primeiro momento a experiência foi realizada no interior do palácio, mas depois foi vivenciada em ar livre. Informações extraídas do porta institucional https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=297826, que publicou esses fatos em alusão ao dia do Aviador, no ano de 2002. Acesso realizado em 27/12/2023

Figura 06 – Aeronave Ultraleve - Demoiselle

Fonte: Revista AEROVISÃOabr/mai/jun -2023 n°275 ano 50

O primeiro balão movido à gasolina foi apresentado aos céus parisiense em 1901, trazendo a Santos Dumont o prêmio “Deustsch de La Meurthe”.

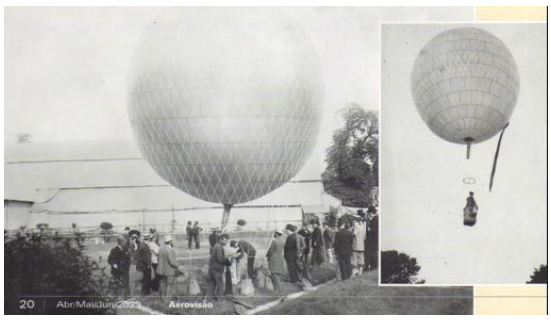
Figura 07 – Balão movido à gasolina

Fonte: Revista AEROVISÃOabr/mai/jun -2023 n°275 ano 50

Antecedendo as aeronaves acima, Santos Dumont também alçou voo com balões nos anos de 1898. O menor balão livre que foi batizado de Brasil e a primeira aeronave dirigível.

Figura 08– Primeira Aeronave Dirigível

Figura 09 – Menor Balão Livre



Fonte: Revista AEROVISÃOabr/mai/jun -2023 n°275 ano 50

O projeto embrionário da aviação teve relevo na cidade parisiense com aporte de pessoas do contexto civil. Mas o avião se apresenta com destaque por ser visto como uma arma ser utilizado na guerra, fase em que aviação toma envergadura no campo militar.

Fraga (2017) que estuda a FAB no período do Estado Novo ressalta que o setor aéreo trazia atributos ao novo contexto político propiciando a legitimação desse modelo político, que culminou na época com a organização da chamada mentalidade aeronáutica. Foi nesse clima que o governo varguista dispensou tratamento privilegiado a Santos Dumont, pelas suas iniciativas que remontam na primeira década do século XIX aos ensaios aéreos, enaltecendo-o como o pai da Aviação Brasileira, um posto ocupado por um civil. Na imprensa nacional e internacional era reconhecido pelo cognome, no contexto da viação "amigo da aviação"

3.3 A Aviação Militar na sociedade brasileira: a FAB - estrutura administrativa e operacional

A aviação militar, como arma independente, no território brasileiro foi instituída no ano de 1941 com a criação do Ministério da Aeronáutica, promulgado pelo Decreto Lei n° 2961, na gestão presidencial de Getúlio Vargas. Essa pasta incorporou a aviação civil e militar. Nesse mesmo ano o Decreto-Lei nº 3.302 cria a identificação da Força Aérea Brasileira – FAB. No ano de 1946 foi promulgada a Lei Orgânica no campo da aviação, que trouxe como incumbência regimental o tratamento de assuntos referentes à "Força Aérea Brasileira, a Aviação Civil e Comercial, à Indústria Aeronáutica e à cooperação para a garantia da ordem e defesa e defesa nacional". (Artigo 1º do Decreto-Lei nº 9888, de 16 de setembro de 1946 p. 54).

O uniforme da Aeronáutica inicialmente era na cor caqui, porém logo no ano de 1942, essa cor foi substituída pela azul[35], em referência ao uniforme que foi entregue à "Royal Air Force", nos anos de 1920, influenciando as demais forças áreas. A cor simboliza o azul do céu. Na área operacional o uniforme tem outra cor (macacão verde). Em 7 de Junho de 1957, com o Decreto nº 4.660, assinado pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek e pelo ministro da Aeronáutica Brigadeiro do Ar Henrique Flews, ficou aprovado o Regulamento de Uniformes, para os Militares da Aeronáutica –

[35] Referências extraídas do portal https://pt.wikipedia.org/wiki/Azul_for%C3%A7a_a%C3%A9rea

RUMAER. Um documento que tem por finalidade estabelecer os uniformes e regulamentar a classificação, discriminação, uso e composição dos mesmos.

No plano governamental contemporâneo, a FAB que se insere no COMAER, subordinado ao MD, está amparada pelo poder estatal, com fundamento jurídico na Constituição Federal de 1988, na área que infere sobre as FAs; a Lei Complementar nº 97/99 que discorre sobre a organização, o preparo e o emprego das FAs; e o Decreto nº 6.834/09 que traz questões do âmbito estrutural e administrativo.

O documento oficial, mais recente, que traz informações inerentes à estrutura organizativa da FAB, que está apresentada através do COMAER, o Decreto n° 11.237 de 18 de Outubro de 2022[36], no anexo I, capítulo I, seções I e II, que trata do tema da estrutura regimental, traz as seguintes informações nos Art. 1 e 2 que infere sobre o COMAER:

> Art. 1º O Comando da Aeronáutica, instituição nacional permanente e regular, organizada com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, destina-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer um desses, da lei e da ordem.
> § 1º Sem comprometimento de sua destinação constitucional, cabe ao Comando da Aeronáutica o cumprimento das atribuições subsidiárias estabelecidas na
> § 2º O Comando da Aeronáutica compreende suas organizações militares, suas instalações, suas aeronaves, seus equipamentos e os seus membros denominados, pela legislação, militares.
> § 3º Denominam-se organizações militares as organizações do Comando da Aeronáutica que possuem denominação oficial, regulamento, quadro de organização e quadro de cargos privativos, próprios.
> Art. 2º O Comando da Aeronáutica, órgão integrante da Estrutura Regimental do Ministério da Defesa e subordinado diretamente ao Ministro de Estado da Defesa, tem por finalidade preparar os órgãos operacionais e de apoio da Aeronáutica para o cumprimento da sua destinação constitucional e das atribuições subsidiárias.

Esse documento também traz enunciados sobre à competência do COMAER:

> Art. 3º Ao Comando da Aeronáutica compete:
> I - formular a Concepção Estratégica do Comando da Aeronáutica;
> II - propor a constituição, a organização e os efetivos, e aparelhar e adestrar a Força Aérea Brasileira;
> III - formular o seu Planejamento Estratégico Militar;
> IV - executar ações relativas à defesa do País, nos campos aéreo e espacial;
> V - contribuir para a formulação e condução de políticas nacionais relacionadas à aviação, ao controle do espaço aéreo, às atividades espaciais, à infraestrutura aeronáutica e à espacial e às atividades afins com a destinação constitucional da Aeronáutica, especialmente as relativas aos

[36] Documento emitido pela Presidência da República que dispõe: Aprova as Estruturas Regimentais e os Quadros Demonstrativos dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Comando da Aeronáutica do Ministério da Defesa e da Caixa de Financiamento Imobiliário da Aeronáutica e remaneja e transforma cargos em comissão e funções de confiança.

recursos e ao desenvolvimento científico, tecnológico e industrial de interesse aeronáutico e espacial;
VI - operar o Correio Aéreo Nacional;
VII - implementar e fiscalizar o cumprimento de leis, regulamentos e normas de interesse aeronáutico, em coordenação com outros órgãos governamentais, quando necessário, em razão de competências específicas da Aeronáutica;
VIII - cooperar na produção de bens ou na execução de obras e serviços especializados, quando a cooperação for de interesse do preparo da Aeronáutica, na forma em que for acordada e mediante indenização obrigatória, na hipótese de havida com entidades privadas;
IX - cooperar, na sua área de atuação, com os órgãos governamentais responsáveis pelo controle das atividades de aviação civil e da infraestrutura aeronáutica;
X - estabelecer, equipar e operar, diretamente ou mediante concessão, a infraestrutura aeroespacial, aeronáutica e aeroportuária de sua competência;
XI - incentivar e realizar atividades de pesquisa e desenvolvimento relacionadas às atividades aéreas e espaciais;
XII - contribuir para o fortalecimento da indústria aeroespacial e de defesa;
XIII - prover a segurança da navegação aérea;
XIV - exercer o controle do espaço aéreo brasileiro, observado o disposto no
XV - apurar, julgar, aplicar penalidades e adotar providências administrativas por infrações ao Sistema de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro previstas na Lei nº 7.565, de 19 de dezembro de 1986, e na legislação complementar, inclusive as relativas às tarifas de uso das comunicações e dos auxílios à navegação aérea em rota, e conhecer os respectivos recursos; e
XVI - realizar outras atribuições subsidiárias particulares, estabelecidas na Lei Complementar nº 97, de 1999.

Seguindo as diretrizes do documento presidencial, a estrutura administrativa do COMAER pode ser vista através do organograma, como mostra a figura abaixo

Figura 10 – A estrutura administrativa

Fonte: Portal institucional: https://www.fab.mil.br/organograma acesso em 04/12/2023

O COMAER anuncia formalmente a missão, os valores, visão elementos que estão apresentados no portal institucional, compilado na figura abaixo

Figura 11– FAB: missão, visão, valores

Fonte: Portal institucional https://www.fab.mil.br/missaovisaovalores

A área de abrangência territorial, foi denominada "ÁREA DE ATUAÇÃO: DIMENSÃO 22", com a missão-síntese: Controlar, Defender, Integrar, como explicado no documento institucional (DCA 11-45/2018 - Concepção Estratégica "Força Aérea 100".p.22) que traz detalhamento dessas missões:

- O CONTROLAR diz respeito à responsabilidade da Força Aérea Brasileira pela prestação dos Serviços de Tráfego Aéreo em todo espaço aéreo sobrejacente ao território nacional. Em cumprimento a acordos internacionais, o Brasil, por intermédio da **FAB**, também é **responsável por prestar esses serviços além do continente, sobre o Oceano Atlântico, totalizando uma área de 22 milhões de quilômetros quadrados**[37]. Os serviços prestados são o controle da circulação aérea, a vigilância do espaço aéreo e o gerenciamento do tráfego aéreo, além da meteorologia aeronáutica, da cartografia aeronáutica e de informações aeronáuticas. Cumprindo missões de busca e salvamento em toda essa extensa área, a FAB localiza e salva pessoas em perigo na terra e no mar.
- O DEFENDER refere-se à garantia da soberania do espaço aéreo, que inclui todo território nacional e suas fronteiras, e também se relaciona com a defesa dos interesses nacionais na chamada Zona Econômica Exclusiva, totalizando doze milhões de quilômetros quadrados. Com unidades operacionais localizadas em pontos estratégicos do País, a FAB realiza missões típicas das aviações de Caça, Patrulha Marítima, Busca e Salvamento, Reconhecimento e Transporte para assegurar a Defesa Aérea. Além de utilizar a aviação, realiza ações terrestres de Contraterrorismo, de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e de Defesa Antiaérea. 3
- O INTEGRAR, que, desde os primórdios da FAB, figura como uma de suas responsabilidades, traduz-se na realização, mediante o emprego de grande parte de suas aeronaves, de diversas missões no território nacional que proporcionam a integração do Brasil. Ajuda humanitária, ações cívico-sociais, transporte de pessoas e de suprimentos, transporte de órgãos e de urnas eleitorais, evacuações aeromédicas e construção de pistas são algumas das ações que garantem direitos fundamentais à população carente e desenvolvem a percepção da presença do Estado em regiões de difícil acesso do País.

[37] Grifos nosso referência à Dimensão 22

Como enunciado no plano formal, essa Arma tem como missão a soberania e a defesa do espaço aéreo nacional, para coibir qualquer evento que não seja de interesse da nação. Além do objetivo central há outras atribuições como: inibir o uso do espaço aéreo para práticas de ações de caráter ilícito; garantia da segurança no que se refere à navegação área; implantação e operação na infraestrutura aeroespacial; cooperação com outros órgãos, para reprimir ações inerentes aos crimes e delitos, que discorrerem no espaço aéreo.

O COMAER se constituí no Estado pelas unidades operacionais e a bases aéreas; há também as Adidâncias, que são as organizações militares localizadas em outros países. A FAB, em conjunto com outras as demais Armas, tem representação militar na América Latina (Colômbia, Paraguai, Bolívia, Uruguai, Equador) continente europeu (França, Portugal, Espanha, Rússia); no continente africano (Moçambique, Angola, Namíbia) continente asiático (Japão e Indonésia). As organizações militares no território brasileiro estão apresentadas na ilustração a seguir.

Figura 12 – As OM no território nacional

Fonte: https://www.fab.mil.br/organizacoes/estado/AM acesso em 10/08/2023

Podemos inferir que a FAB se coaduna na efetivação do controle execução do poder aeroespacial do Estado brasileiro. A importância do espaço aéreo para o poder militar, foi discutida por Mesquita (2018 p.86) que faz as seguintes considerações sobre o tema:

> O Poder Aeroespacial (...) é o domínio do espaço aéreo acima da "baixa atmosfera", ou seja, compreende a projeção da soberania nacional além a camada atmosférica (espaço exterior), que se iniciou no final dos anos 1950, com a corrida espacial; prosseguindo durante as décadas de 1960 e 1970, com uma série de missões tripuladas ao espaço sideral, inclusive e principalmente, à Lua; e, mais recentemente, com o lançamento ao espaço de inúmeros satélites de comunicação"

Para o cumprimento dessa missão, a FAB faz através do gerenciado e controle pelo órgão Comando de Operações Aeroespaciais – COMAE, que tem sob sua responsabilidade o planejamento e as execuções das ações que abrangem as operações aeroespaciais; o Departamento de Controle do Espaço Aéreo – DECEA, órgão que atua na navegação espacial, que tem em sua estrutura os Centro Integrados de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo.

O DECEA, conforme dados do portal instrucional, tem uma estrutura administrativa empregada para efetivar a sua missão "o controle do espaço aéreo", que abrange a dimensão de 22 milhões de quilômetros quadrados.

> O DECEA dispõe de uma estrutura física robusta e de instalações em mais de uma centena de municípios de todas as 27 unidades federativas brasileiras. Nas capitais, nos municípios de médio porte ou mesmo nas regiões mais remotas, cerca de 12 mil profissionais atuam, 24 horas por dia, 365 dias por ano, em meio a uma complexa rede operacional interconectada que compreende, além do órgão e suas 13 organizações subordinadas: 5 centros de controle de área, 42 controles de aproximação, 59 torres de controle de aeródromo, 79 destacamentos de controle do espaço aéreo, 90 estações de telecomunicações aeronáuticas, 75 Estações Prestadoras de Serviços de Telecomunicações e de Tráfego Aéreo, 170 radares, 50 Sistemas de Pouso por Instrumentos, dentre outros auxílios à navegação aérea. (https://www.decea.mil.br/?i=quem-somos&p=o-decea, acesso em 03/12/2023

Figura 13 – Apresenta e estrutura organizacional do DECEA

Foto extraída do Portal Institucional https://www.fab.mil.br/organograma

A estrutura administrativa da FAB que apresentamos foi formalizada no ano de 2016, que fez parte do projeto de restruturação da FAB, que tinha como escopo a racionalização administrativa e dos recursos financeiros, dessa pasta. A FAB tem na sua estrutura os comandos operacionais, que tem como atribuição a gestão operacional das aeronaves.

Como as demais Armas, a FAB está no escopo do MD e tem suas funções para que o país cumpra com a efetivação da PND que tem na END as ações para que se materialize essa política em âmbito nacional. Assim pontua esse documento como ações da FAB, como apresenta Mesquita (2018 p.90)

> A END estabelece quatro objetivos estratégicos que orientam a missão da Força Aérea Brasileira (FAB), os quais fixam o espectro do seu trabalho dentro da Estratégia Nacional de Defesa:1) prioridade da vigilância aérea; 2) poder para assegurar a superioridade aérea local; 3) capacidade para levar o combate a pontos específicos do território nacional; e 4) domínio do potencial aeroestratégico (poder para atacar centros de gravidade de um eventual inimigo)

3.4 A criação da FAB e o contexto econômico mundial e as questões contemporâneas

Para discorrer sobre a construção dessa Arma utilizamos como referência central duas bibliografais, que abordam a história geral da Aeronáutica Brasileira, que foram publicadas pelo Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica (INCAER)[38] e outros trabalhos selecionados. Tendo em vista que a base da coleta advém da fonte INCAER, as citações informadas no decorrer desse texto será quando for de outra referência.

[38] Publicações INCAER anos 2005 e 2014

Inicialmente a aviação no campo militar era exercida pela EB e MB; os primeiros passos da Aviação no Brasil foi com a fundação do Aeroclube em 1911 e em 1913 a criação da Escola Brasileira de aviação. No ano de 1916 foi criada a escola de aviação da Marinha e em abril de 1917. O impulsionamento para estruturação para ser uma arma, toma formato com a participação do Brasil, na Segunda Guerra Mundial.

A história mostra que a estruturação das Forças Aéreas - FA, como uma Arma independente, no campo da aviação militar é caudatária do conflito geopolítico que foi marcado pela Primeira Guerra Mundial que se estendeu à Segunda Guerra Mundial. Nesse decurso, o avião foi empregado como instrumento de guerra:

> (...) com o fim da Primeira Guerra, as principais potências mundiais começavam a perceber a necessidade de a aviação militar de seus países ser organizada de maneira independente, não mais atrelada à Marinha e ao Exército, dado o fato de que o céu vinha se tornando um campo de batalha tão decisivo quanto a terra e o mar. Nesse bojo, surgem, na Europa, as primeiras ações com o intuito de tornar autônoma a força aérea militar, encabeçadas pela Inglaterra, pela Itália e pela França. Essas reformas são responsáveis por mudanças consideráveis, fazendo com que, em um intervalo curto de tempo (...) (Fraga, 2014 p. 3 e 4)

A institucionalização da FAB, enquanto uma Arma independente, segue a mesma trajetória das nações que participaram dos conflitos bélicos, que desencadearam as Guerras, que deram início na primeiro decênio do século XX. Antes da impulsão do avião ser visto como instrumento de combate, na sociedade brasileira, a aviação militar era compartilhada entre o EB e a MB

A FAB foi a última Arma a ser instituída pelo Estado brasileiro, sua organização administrativa e operacional ocorreu no período da Segunda Guerra Mundial, durante o Estado Novo, com participação ativa na guerra e aliança com o estado norteamericano. Na A aviação era parte integrante do Exército e da Marinha, mas com a necessidade de fomento na aviação, no período da guerra, tornou-se autônoma e foi criado o Ministério da Aeronáutica, para instituir essa arma. A trajetória histórica das Forças Armadas na sociedade brasileira mostra sua intensa participação política, denominada de questão militar que se constituiu como conflito entre militares e civis, na defesa de interesses.

A Segunda Guerra Mundial, que aconteceu no período de 1939 a 1945, marcada por conflitos entre diversas nações, teve acontecimentos que se despontaram desde 1931, quando o Japão invadiu Manchúria. Olhando o conflito pela linha cronológica, após esse evento japonês outros ocorreram: em 1935 a Itália invade a Etiópia, situação que eclodiu até 1936, ainda nesse ano, Itália e Alemanha assinam um acordo de cooperação intitulado

de Eixo Roma-Berlim[39], outro evento em 1936 foi o compromisso oficial entre Alemanha e Japão o "Pacto Anti Internacional Comunista", que tinha como objeto direcionar ações contrata a União Soviética e o movimento político de vertente comunista. No ano de 1937, o Japão realiza a invasão na Estado Chinês, ação que teve adesão da Itália. Em 1938, a Alemanha se alinha a Áustria; os países Alemanha, Grã-Bretanha, França e Itália pactuam através do Acordo de Munique, que se direciona contra a República Tcheca, para apropriação da região dos contexto temporal, Alemanha e União Soviética assumem um acordo de não agressão, que também estava imbuído a divisão do leste europeu; a guerra foi deflagrada contra a Alemanha que teve como expoentes desse ataque a França, Polônia e Grã- Bretanha; o leste polonês foi apossado pela União Soviética.

A Segunda Guerra Mundial tinham como protagonistas dois blocos, um formado pelos países Alemanha, Itália e Japão e no outro terreno do confronto os países que ergueram aliança com os Estados Unidos da América -EUA, Inglaterra, França e União Soviética. O Brasil entra nesse conflito agregado aos EUA, inclinação que dará inicia no as nos de 1930. Em 1941 é o marco da entrada no EUA na guerra, nesse período o Estado brasileiro era presidido por Getúlio Vargas, que já tinha nessa ocasião interrompido as relações com a Alemanha, que era integrante do bloco contrário ao EUA. (Henrique 2019)

O ingresso do Brasil na guerra foi oficializado pelo envio da chamada Força Expedicionária Brasileira – FEB, na qual integrava o Primero Grupo de Aviação de Caça, que era composto por cerca de 50 pilotos e mais aproximadamente 350 militares para o apoio operacional (Henrique,2019). Esse autor, citando Dennison de Oliveira, pesquisador desse campo, chama a atenção que esse pacto entre Brasil e EUA foi consolidado por duas organizações, sendo uma com sede nos EUA – Comissão Conjunta de Defesa Brasil e Estados Unidos – e a outra localizada em território brasileiro – Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos -.Essas comissões gerenciavam os armamentos que eram usados nos combate bélico; entrega de aviões de combate; organização da FEB; edificaram bases áreas em cidades do litoral brasileiro, abrangendo o norte e o nordeste, instalações que ficaram para FAB após o fim do confronto.

Pode-se considerar que a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial parte de dois nichos, de um lado pela aliança estadunidense e do outro, como resposta pela invasão alemã

[39] O "Eixo Roma-Berlim" tornou-se uma aliança militar em 1939 sob o chamado "Pacto de Aço", com o Pacto Tripartite de 1940 a conduzir à integração dos objetivos militares da Alemanha, Itália e Japão. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pot%C3%AAncias_do_Eixo#:~:text=O%20%22Eixo%20Roma%2DBerlim%22,da%20Alemanha%2C%20It%C3%A1lia%20e%20Jap%C3%A3o.

em terras brasileiras. O recrutamento de pessoas para atuarem na guerra, para compor a FEB, foi organizado pelos EUA. Nesse período, o Brasil tinha forte traço economia rural. Foram incorporados à FEB jovens inexperientes que necessitavam de treinamento.

> No início desejava-se recrutar uma elite, por fim o resultado foi o retrato mais fiel do Brasil: jovens trabalhadores rurais e urbanos, vindos das classes populares, misturados com alguns membros da classe média e poucos oriundos da elite (Henrique, 2019 p.121)

Com um batalhão pouco preparado e com pouca experiência em combates, o Brasil ingressa na Guerra no território italiano, com o 1º Grupo de Aviação de Caça -"Senta a Púa Brasil" – expressão que traz o sentido "manda bala, Brasil", no contexto da aviação militar de combate. Esse foi o emblema desse grupo; já os pilotos, eram chamados pelo nome "Jambock". O Adelfi, foi o primeiro Esquadrão a operar na FAB – grupo de aviação – que apresentou o primeiro avião de caça, nasceu ligado à tecnologia e ao pioneirismo seu nome é oriundo de uma saudação criada pelos pilotos do primeiro grupo de caça durante a campanha na Itália . A FAB se direciona para avançar poder de combate, através dos avanços da tecnologia envolvendo o estado da arte da aviação militar.

Figura 14 – A Aviação de Caça

Fonte: Revista AEROVISÃOabr/mai/jun -2023 n°275 ano 50

Enquanto a FEB carecia de homens preparados, a FAB se insere na guerra com o 1º Grupo de Aviação de Caça, com oficiais aviadores oriundos da Escola da Aeronáutica, que era localizada no Rio de Janeiro. Portanto, um grupo de militares aviadores preparados, formados, capacitados. O corpo de aviadores da FEB, antes do preparo da esse evento bélico, havia participado de treinamentos nos EUA, antes de se dirigirem à Itália, para o combate.

O campo militar aéreo já tinha sido cenário de combate no século XIX, marcado pela Guerra do Paraguai, que o Brasil esteve presente. Nesse conflito bélico, Brasil, Argentina e

Uruguai formaram uma tríplice aliança. Destaca-se a importância do céu como espaço de combate. Com diz Medina (2019 p.05 e 06):

> No meio militar brasileiro, a importância do espaço aéreo apareceu antes mesmo do advento do avião, durante o principal conflito armado que o país se engajou no século XIX, a Guerra do Paraguai (1864-1870). Percebe-se que o ambiente militar e as políticas de desenvolvimento de ciências aplicadas e tecnologia dos Estados Nacionais passaram a entender os ganhos potenciais de se utilizar os céus para conquistas bélicas, políticas ou mesmo econômica

Nos anos de 1940, foi instituída a aviação brasileira no seio militar, que teve impulso pela participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, insere-se no conflito mundial que estava instalado no contexto mundial; que de um lado, estavam os Estados Unidos da América, e do outro, países que defendiam regimes totalitários de cunho nazista, Mussolini na Itália da vida ao fascismo e Adolf Hitler na Alemanha criou o nazismo

Esses regimes de extrema direita foram empregados com métodos de extrema violência, com a primazia do uso das forças paramilitares para conquista do poder. A Alemanha em 1918 foi derrotada pelo Bolchevismo oriundo da Rússia e União Soviética, cuja liderança era dirigida por Lênin e Trotsky. Nessa fase a Europa era o berço revolucionário comunista, que na concepção imperialista colocava em risco o poder econômico que a Europa havia conquistado.

Os países democráticos na fase embrionária da Segunda Guerra Mundial trilhavam por uma via efêmera, situação que levava Hitler a vislumbrar pela sua vitória, principalmente pela experiência vivida do controle que exerceu na Europa central no anos de 1940.

Nesse panorama político e econômico o Brasil sob a pressão de uma geopolítica fez a opção de apoiar as potências democráticas, inserindo-se Brasil no teatro de operações italiano, com ação militar em favor a restauração democrática, que foi a bandeira catalisada pelo Estado Novo, que foi implantado pela Revolução de 1930, que levou a presidência Getúlio Vargas. Marco de compressão do período Republicano, pautada pelos grupos que disputavam os interesses econômicos no país tanto de estado de São Paulo quanto de Minas Gerais; e numa via mais subliminar Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. A chegada de Vargas no poder foi marcada pela manipulação eleitoral, trazendo resistência do clima cívico democrático dos anos de 1920, que tinha como expoente o tenentismo, marcado por movimentos insurgência.

O modelo presidencial de cunho totalitário instaurado no país, com Estado Novo sobre a ditadura de Getúlio Vargas, abre espaço para respostas de derrubada desse modelo de governo.

Observa-se que o ingresso do Brasil na guerra é eivado de contradição política. No contexto interno, vive-se um regime ditatorial; e externamente a aliança do Brasil com países que tinham como primícia a luta contra os regimes ditatoriais. Vargas ao se aliar as forças democráticas, no plano externo, ganha prestígio; mas no território nacional é rechaçado pelo partido comunista, que naquela ocasião era liderado por Luiz Carlos Prestes, o qual após ser anistiado abandona a atitude de combate à Vargas.

O fim do Estado Novo: Getúlio Vargas durante os 15 anos do seu primeiro governo que vai (1930-1945). No período de 1937 a 1945 agiu de forma discricionária, nesta fase modelou o entendimento do povo. Afastando de seu governo tenentes idealistas, entre esses militares, Eduardo Gomes - Coronel da Arma da Aviação do Exército - não se inseriu à fileira varguista. Dedicou-se restritamente as funções militares, não envolvendo-se nas questões do âmbito político, que se deu a partir da Revolução Constitucionalista de 1932.

Logo após o regresso da FEB do conflito bélico, arquitetou-se um consenso militar entre as três Armas contra a permanência do Estado Novo. A tropa militar formada pelos Expedicionários voltaram com prestígio, o agrupamento aéreo era comandado pelo Tenente Coronel Aviador Nero Moura, que na sequência foi comandar a Base Aérea de Santa Cruz.

No contexto mundial, o conflito bélico mundial findou em 1945 com a rendição alemã e a vitória do exército russo. Contudo, a situação de conflito entre a URSS e os países considerados democráticos, tendo como representante os EUA, germinou a terra árida para outro conflite bélico “A Guerra Fria”, marcada pelo dito totalitarismo comunista e os regimes da democracia burguesa.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, com a vitória da democracia liberal, o governo do Brasil de características autoritárias ficou enfraquecido, e em outubro de 1945 aconteceu a renúncia do Presidente Vargas. Como isso, mudança nos Ministérios assumindo a pasta da Aeronáutica ficou a encargo do Brigadeiro Armando Figueira Tromposky de Almeida, que foi confirmado pelo presidente eleito Eurico Gaspar.

O então Brigadeiro Eduardo Gomes assume a gestão da Aeronáutica pós a redemocratização empregada com o fim da era varguista. Nero Moura, que era varguista, ao assumir posicionamento contrário as FA, mantendo-se em apoio ao presidente, foi preso pelo comando aéreo. Durante seu comando na Aeronáutica, o Brigadeiro Eduardo Gomes

atuou para consolidar o Ministério da Aeronáutica, incrementou o Correio Aéreo Nacional – CAN, que foi criado nos anos de 1930, mas teve relevo após o término da Segunda Guerra Mundial. Um serviço de utilidade pública

O avião tem destaque na área civil-militar, através do céu é possível chegar onde não há estradas edificadas. Outro serviço de utilidade pública nesse campo foi o Correio Aéreo Nacional – CAN, que foi criado nos anos de 1930, mas teve relevo após o término da Segunda Guerra Mundial. Como aponta Cambeses Júnior:

> "O grande impulso do Correio Aéreo Nacional deu-se, todavia, depois de terminada a Segunda Guerra Mundial, com a entrada em serviço das aeronaves C-45 Beechcraft e, também, dos famosos aviões Douglas C-47, bimotores de boa capacidade de carga e autonomia, que tinham prestado ótimos serviços durante a guerra e que foram aperfeiçoados, a fim de poder operar com quaisquer condições de tempo e em campos de pouso pouco preparados. Esta aeronave imprimiu nova dinâmica às múltiplas missões afetas ao CAN e inaugurou uma nova era no aperfeiçoamento profissional de seus tripulantes" (s.ano p.06)
>
> .

O autor traz um panorama cronológico das operações do CAN com a interconexão na abrangência geográfica interna e externa com países da América Latina e com os EUA. O avião conseguia transpor as barreiras terrestres.

> "Depois da criação do Ministério da Aeronáutica, o Correio Aéreo continuou a extensão de suas Linhas. Em abril de 1943, foi estendida a Linha do Tocantins, e a Linha de Belém, que se estendia até Caiena, com pousos intermediários em Macapá e Oiapoque. Em maio de 1945, uma Linha internacional do CAN teve início cobrindo a Região Centro-Oeste do País até atingir Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. No ano seguinte, esta Linha foi estendida até à capital boliviana, utilizando aeronaves divulgaram a seguinte expressão: "Correio Aéreo Nacional: Glória pacífica da Força Aérea Brasileira". Em 1951, foi ativada a Linha para Lima, capital do Peru. Inicialmente era realizada atravessando o território boliviano; posteriormente, a pedido dos peruanos, passou a ser feita entrando no Peru por Iquitos, na Região Amazônica. Mais tarde, em 1956, começou a funcionar, oficialmente, a Linha para Montevidéu e, em 1958, as Linhas para Quito e para os Estados Unidos" (s.ano p.06)

O Ministério da Aeronáutica desde a sua criação 1941 até os anos 1950 teve notoriedade pelo processo de inovação tecnológica e inventos, cujo prestígio se inicia com a participação ativa na guerra com o 1º Grupo de Aviação de Caça na Itália, que se destacou pela participação técnica. Observa-se que no período de 1941 a 1945 os acontecimentos políticos tiveram ênfase na organização do Ministério da pasta da Aeronáutica, o Ministro Salgado Filho permaneceu no cargo desde a criação do ministério em 1941 até outubro de 1945.

Com o retorno de Vargas ao poder o Tenente Coronel Aviador Nero Moura, que havia sido transferido para reserva, retorna ao comando da Aeronáutica, ficando entre os

anos de 1951 a 1954, nesse período procurou disseminar a polarização política que se propagava nessa Arma.

Getúlio Vargas retorna ao governo federal com a primícia de ter participação ativa na derrocada da política de cunho fascista, do contexto mundial. Seu objetivo político era o fortalecimento do seu partido político o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Para a direção do Ministério do Trabalho -MT, escolheu o João Goulart - o Jango -, situação que trouxe estranhamento para o EB. Apatia política que foi encapada pelo Jornalista Carlos Lacerda, que era contrário ao Estado Novo.

Essa situação desencadeou em instabilidade política-administrativa do governo, abarcando o campo das FA, nas quais tinham grupos de oficiais que se opunham aos fatos. Na Aeronáutica, um grupo de oficiais passou a acompanhar Carlos Lacerda em seus compromissos políticos. O episódio de assassinato do Major Rubens, que na ocasião havia a apreensão que o alvo seria Lacerda, trouxe na área militar a posição de solidariedade ao Carlos Lacerda, com manifestações que clamavam pela saída de Vargas do poder. Nesse contexto o Ministro da Aeronáutica, militar que era da base varguista, pede demissão. A indicação consensual foi do Brigadeiro Raimundo Dyotti Fontenelle. Contudo, a nomeação foi feita Tenente Brigadeiro Epaminondas Gomes dos Santos, gerando descontentamento e revolta dos militares.

No Clube da Aeronáutica brigadeiros se reuniram e orquestraram o manifesto da saída de Vargas do poder, esse grupo também teve apoio do EB e MB. A concepção era que Vargas havia afrontado a Aeronáutica e a ética militar. Como informa a história, o Presidente Getúlio Vargas sai do poder com o seu suicídio.

Após esse episódio o pais passou a ser governado pelo Vice Presidente João Café Filho, que manteve o Ministro de Guerra, General Zenóbio da Costa, mas o substituiu pelo General Henrique Lott. A MB foi comandada pelo Almirante Amorim do Vale; e na Aeronáutica o Tenente Brigadeiro Eduardo Gomes.

Com as eleições presidenciais o pleito foi alçado pelo candidato Juscelino Kubitschek de Oliveira e João Goulart o vice-presidente, que tinha rejeição a um grupo das FA, especialmente o EB. Na Aeronáutica, nesse momento, as ações foram centralizadas na aviação tanto na consagração do correio Aero Nacional, atividade de interesse público como na adjudicação das verbas orçamentárias. O Estado-Maior das Forças Armadas - EMFA, órgão diretamente subordinada a presidência da república.

A Chegada ao Brasil do avião a jato, na primeira metade da década de 1950 teve influências diretas da alta Condução do Ministério da Aeronáutica. A FAB Teve seus primeiros aviões a jato adquiridos na Inglaterra no ano de 1952 que chegaram no Brasil em 1953 eram os “Gloster Meteor”.Foi montado na estrutura do ministério um grupo de civis e militares que passou a ser chamado de gabinete técnico e nos primeiros passos do novo Ministério constituiu-se num fator básico para o sucesso deste órgão na alta administração do país

Na FAB, a partir de sua criação tomou emprestado a história, o vocábulo brigadeiro, não apenas para designar, direta ou adjetivalmente o degrau da escala hierárquica a que correspondia originariamente, mas também para qualificar todos os postos acima de Coronel. Com isso, a palavra teve artificiosamente, expandida à sua simplificação, passando a equivaler aos termos clássicos e tradicionais de general e Almirante em toda amplitude desses últimos. Tenente Brigadeiro desperta estranheza, esse vocábulo ao ser adotado foi colocado numa posição errada e apelavelmente. O termo Tenente Brigadeiro corresponde ao nível hierárquico imediatamente inferior é o brigadeiro Tenente Marechal nunca Tenente Brigadeiro. A força aérea dos Estados Unidos, criada alguns anos depois da Força Aérea Brasileira, absorveu para sua ativação apenas o pessoal e o material da Aviação do Exército; tem na sua hierarquia o posto de general, que pode ser traduzido por Tenente Brigadeiro na tecnologia da Força Aérea Brasileira.

Na atualidade, em tempo de paz, as FAs assumem a função de acionamento em momento de decretação da LGO, no contexto interno em situações que as FAs atuam como reserva das Forças Auxiliares (polícias dos estados). E ainda, em articulação com o contexto externo na incrementação das missões de paz e ao ataque do chamado inimigo da humanidade.

A Doutrina de Segurança Nacional, até a queda do muro de Berlim, tinha como meta o combate ao comunismo, que era visto pela concepção liberal como ameaça na manutenção do modo de produção capitalista. Com o processo de mundialização do capital, novas questões passam a tomar centralidade da defesa nacional. Silva (2021) explica que as novas demandas (missões) são reorientadas a partir dos conceitos e objetivos advindos com a queda do muro de Berlim, que aconteceu no anos de 1991.

No contexto político interno, no Brasil, com o fim da Guerra Fria, há o arrefecimento do combate ao comunismo e dos conflitos com o país vizinho, a Argentina. Esses fatores internos adicionados aos fatores externos foram a base da fundamentação da END. Como

aponta Silva (2021), nesse contexto são edificadas as missões subsidiárias a serem implementas pelas FAs, nas quais a FAs se inserem. Diz a autora:

> "As novas funções das Forças Armadas, que determinam cada vez mais, ações [as missões subsidiárias de caráter humanitário e social] que ultrapassam os muros dos quartéis. (...) As missões subsidiárias se inscrevem no campo da política pública de defesa nacional sofre as determinações políticas, econômicas, históricas que incidem nesses setores específicos do Estado. (...) É nesse cenário que se torna evidente um amplo leque de requisições como resultado do processo de reorganização do trabalho nas instituições militares (Silva, 2021 p.78 -79)

Marques (2003) ao discutir o momento do pós Guerra Fria, aponta que as potencias no mundo ocidental elencaram novos temas de combate, os quais passaram a ser considerados como "inimigos" da humanidade.

> " (...) os temas considerados – pelas potências ocidentais – como novas ameaças à segurança internacional após o fim da União Soviética – narcotráfico, terrorismo, crime organizado transnacional, tráfico de armas, devastação ambiental, corridas armamentistas regionais, conflitos étnicos, correntes migratórias internacionais, desrespeito aos direitos humanos e proliferação de armas nucleares, químicas e biológicas de destruição em massa" (Marques, 2003 p. 69).

Dissenha e Quinta (2017) informam que o Decreto promulgado no ano de 2004 dá permissão para FAB, que atua em nome a soberania nacional no controle, defesa e proteção do espaço área; derrubar qualquer aeronave em território nacional que seja suspeita de tráfico de drogas. Trata-se da tratativa de abate de aeronaves suspeitas de transporte de drogas ilícitas, essa ação é conhecida como "tiro de destruição". O Brasil, de forma não linear, adotou a postura no campo das drogas da linha de "guerra as drogas". Para efetivar essa política de ataque houve a alteração do Código Brasileiro da Aeronáutica, como explicam esses autores:

> "Nesse sentido, o Código Brasileiro da Aeronáutica (Lei n. 7.565/86) recebeu importante alteração pela Lei n. 9.614/98 com a autorização de abate de aeronaves recalcitrantes a certas medidas de controle (sendo, por isso, classificadas como "hostis") a serem exercidas pelas autoridades competentes. Referida Lei ordinária foi ainda regulamentada pelo Decreto n. 5.114/04, que especificou as condutas a serem adotadas para o abate e incluiu que o assim chamado "tiro de destruição" poderia ser também usado contra aeronaves suspeitas de tráfico de substâncias entorpecentes e drogas afins. Essa constelação normativa recebeu ainda recentes complementações, nos anos 2014, 2015 e 2016 com vistas à realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos no Brasil (ainda que sem referência ao tráfico de drogas" (Dissenha e Quintas, 2017 p.100)

3.5 FAB: uma conversa endógena

Ter a oportunidade de me debruçar e apreender de maneira sistemática a história, missão, valores dessa Arma, possibilitou um mergulho num mar de letras, ou melhor dizendo, um voo no céu azul celeste, viajando pela nossa imensa constelação.

A visitação na literatura, nos documentos oficiais, no acesso à informação pelos meios eletrônicos (coleta nos portais e apreciação de vídeos) desencadeou num encontro a esse universo militar. Pude rememorar momentos vividos desde a minha inserção, na fase do processo seletivo, que culminou com a incorporação e ingresso no curso de formação técnico-militar (na turma "Jambock"); e ainda, os momentos vivenciados no cotidiano militar após a formatura do oficialato. Sinto que foi um processo, que posso denominar de encontro pessoal com o profissional, que se constrói e reconstrói permanentemente.

Na OM em que eu presto serviço como oficial da especialidade de serviço social, compreendi através da produção de um trabalho científico, que nesse espaço sociocupacinal o trabalho tinha como objeto a categoria saúde do trabalhador. O serviço social dessa OM, é responsável pela implementação e execução da política social - denominada de SISESO do COMAER -, a qual se efetiva, na nossa compreensão, pela modalidade próxima a um tipo de seguro social. Tem acesso aos benefícios sociais dessa política social, militares, pensionista, dependentes que realizam contribuições ao sistema RAS-DIRINT. Esse serviço social tinha como população usuário militares da ativa e o público da seção de veteranos (militares da reserva remunerada e pensionistas).

Nesse local de trabalho, tenho a oportunidade de realizar vários projetos sociais, atender às demandas que emergem no cotidiano: no campo do serviço social; no campo militar (as formaturas, os desfiles, o serviço de oficial de dia, comando da equipe); no campo da administração pública (gestão de contratos, sindicâncias, gestão de licitações).

Durante essa trajetória, que perdura desde o ano de 2017, pude apreender que se trata de um espaço sociocupacional permeado de conflitos, pois emergem no cotidiano o desenvolvimento de ações que não se coadunam com o projeto da profissão (como o uso de arma no serviço de oficial de dia; sindicâncias com enfoque de punição). Mas, ao mesmo tempo é um espaço de materialização do fazer profissional permeado de possibilidades, pois há recursos financeiros e estrutura para o desenvolvimento do trabalho; e ainda valorização profissional que se afirma pela remuneração, que se destaca na sociedade brasileira. Avalio

que são questões emblemáticas, que necessitam de reflexão e direcionamento, que numa leitura preliminar se apresentam em discordância com os princípios éticos da profissão, devem ser guiadas pelos órgãos de representação da categoria junto com o MD. Não comungo que seja um debate do cotidiano, entre assistentes sociais e gestores.

A sistematização do conhecimento, realizado através desta pesquisa, trouxe a mim: alimento e fortalecimento, tanto na minha vida quanto na minha condição social, de pertencimento à classe que vive do trabalho. Como dizia minha querida Orientadora do mestrado, Profa. Cássia Baldini Soares: “esse é o papel da academia”, não é à toa que o nome do grupo de pesquisa que ela coordenava era denominado “Fortalecimento e desgaste no trabalho e na vida: bases para intervenção na saúde coletiva”. Outro sentimento forte que pulsa é a alegria, por eu fazer parte da FAB que se efetivou pela minha reincorporação ao oficialato da FAB, através da intervenção judicial.

Senta a Púa!!!!

VOZES PRETAS

Canção: *Clara Nunes e Clementina de Jesus* - **letra:** *Embala Eu*

Embala eu! Embala eu!
Menininha do Gantois...
Embala pra lá, embala pra cá
Menininha do Gantois...
Embala eu! Embala eu!
Menininha do Gantois...
Embala pra lá, embala pra cá
Menininha do Gantois...
Ô dai-me a tua benção!
Menininha do Gantois...
Livrai-me dos inimigos!
Menininha do Gantois...
Dai-me a sua proteção!
Menininha do Gantois...
E guiai os meus passos
E por onde eu caminhar
Vire os olhos grandes de cima de mim
Pras ondas do mar! (...)

SESSÃO TEMÁTICA 4

4– O MUNDO DO TRABALHO E AS REPERCUSSÕES NA VIDA DO SER SOCIAL

"O trabalho é elemento central na vida dos sujeitos e sujeitas que compõem a classe que vive do trabalhado"

Essa sessão foi edificada com a base teórica da autora Marilda Vilela Iamamoto e o autor Ricardo Antunes, ambos de envergadura ao pensamento marxiano; com ênfase nas obras guiadas pelo Livro IV do Capital, obra de Karl Marx. Momento que alguns pesquisadores denominam de fase madura de Marx. Esses autores são interlocutores do serviço social. Também recorremos a outros trabalhos. No desdobramento dessa sessão, discutiremos o trabalho militar, carreira militar com suporte da fonte oral. Realizamos 02 entrevistas com militares de carreira, que ocupam o posto de oficiais superiores, para extrair dessas narrativas contribuições oriundas das vivencias e experiências, que esses entrevistados tiveram em suas trajetórias. Coletamos elementos de documentos oficiais, do portal institucional e trabalhos científicos que abordam o campo militar. Iniciaremos com a apresentação dos interlocutores teóricos: Iamamoto e Antunes

4.1 Algumas considerações sobre de Iamamoto e Antunes

a) Iamamoto: mineiridade e marxismo com poesia[40]

Marilda Vilela Iamamoto[41], assistente social, formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, a opção pelo curso de serviço social partiu de dois nichos, sua experiência política no movimento estudantil secundarista e as aspirações da Igreja Católica de cunho progressista, fez parte da Juventude Estudantil Católica e da Juventude Universitária Católica. Esses movimentos tiveram imbricação com o serviço social brasileiro. Iniciou a graduação no ano de 1967, período ditatorial.

Durante a formação teve contato com obras que se debruçavam sobre os estudos da formação histórica, econômica e social da sociedade brasileira. Essa imersão se deu com os

[40] Como descorreu Ana Paula Procópio da Silva , Profa Dra da UERJ ao fazer uma "femenagem" a autora, na Revista Em Pauta, com publicação no ano de 2018.

[41] As informações que serviram de base para cnstrução dessa breve apresentação foram extraídas da fonte https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8634952/2837 acesso em 16/11/2023

autores: Florestan Fernandes; Celso Furtado; Otávio Ianni; Nelson Werneck Sodré, um dos expoentes dessa pesquisa; e outros autores.

Após a conclusão do curso foi admitida no Instituto Nacional de Seguro Social -INSS, mas foi demitida por abandono de emprego, situação que eclodiu com a sua prisão. Foi capturada pela repressão, ficou custodiada pelo Estado por seis meses. Foi contratada como professora da Universidade Católica de Minas Gerais, na escola de serviço social. Questionava-se nesse período a base do conservadorismo no qual a profissão foi edificada, unificando-se ao movimento de Reconceituação do serviço social na América Latina, com as primeiras aproximações do serviço social com a tradição marxista. Essa ancora seminal que dará as bases para construção de um projeto profissional voltada para classe trabalhadora.

Depois desse episódio, foi para o sul, para o estado de Santa Catarina; posteriormente migrou para a região interiorana do estado de São Paulo, onde teve contato com a área rural. Essa experiência a levou para a Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), onde fez o curso de mestrado na área da sociologia rural, fase que se inclinou para a questão rural. Mas, retomou para temática do serviço social, concluindo o curso de mestrado. Seguiu a pesquisa para pensar o serviço social latino-americano. Fez formação marxiana por cerca de 08 anos. Tornou-se pesquisadora "Centro Latinoamericano de Trabajo Social".

A sua dissertação de mestrado, parte dela, deu origem ao livro Relações Sociais e Serviço Social no Brasil, produzido em coautoria com o Economista Raul de Carvalho. Outra parte de sua dissertação resultou na produção do Livro Renovação e Conservadorismo no Serviço Social. Embora tenha retornado seus estudos ao campo do serviço social, a questão agrária se faz presente em sua trajetória intelectual. No Livro Trabalho e Indivíduo Social, discorre sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista. Essa obra é fruto de sua tese de doutorado, que realizou na área de ciências sociais, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP.

Na década de 1980, integrou o corpo de docentes da Faculdade de Serviço Social da PUCSP. Prestou concurso público para o cargo de docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, compondo o quadro de docente da graduação e pós-graduação. Aposentou-se nessa unidade de formação acadêmica.

A capilaridade de suas contribuições no serviço social, estão presentes tanto na produção científica quanto nos espaços de representatividade da categoria. No ano de 1996, participou das bases curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço

Social -ABEPSS, que assenta a profissão pela balize na centralidade do trabalho. Ratifica que a profissão está inscrita da divisão social e técnica do trabalho.

Nas obras da autora a poesia mineira tem assento, recorre aos versos de Guimarães Rosa; Lorca; Carlos Drumont de Andrade. A mineiridade, o pensamento marxiano e a poesia se interconectam nas suas produções (Silva, 2018).

Antunes[42]: o intelectual da sociologia do trabalho

Ricardo Luiz Coltro Antunes, nascido em São Paulo (1953), é professor titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) desde 1986. Graduou-se em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas/SP (1975), onde lecionou de 1977 a 1981. É mestre em Ciência Política pela UNICAMP (1980) e doutor em Sociologia pela USP (1986). Foi professor visitante na Universidade de Sussex (Inglaterra), na Universidade Ca'Foscari (Veneza/Itália) e na Universidade de Coimbra (Portugal). Como reconhecimento de sua atuação no campo da Sociologia do Trabalho no Brasil e América Latina, foi contemplado com a Cátedra Florestan Fernandes do Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales (CLACSO) e com a Comenda do Tribunal Superior do Trabalho (TST).

Antunes é o intelectual insurgente, conforme discorre Raicheles (2023), com presença marcante na produção científica na área do serviço social; a trajetória de Antunes revela um intelectual e militante incansável na defesa dos direitos de trabalhadores e trabalhadoras e na luta da construção de uma sociabilidade não alienada e anticapitalista.

Tem presença notária no mundo acadêmico como militante contra a nefasta lei de terceirização do trabalhado a contrarreforma trabalhista que instituiu o trabalho intermitente, a precarização; faz a problematização dos processos da superexploração do trabalho. Ganha destaque a sua contribuição para compreensão contemporânea da morfologia da classe que vive do trabalho – a classe trabalhadora posta por Marx

[42] O diálogo com as obras de Antunes antecede a inserção do curso de doutoramento, suas produções fazem parte da graduação de serviço social, também "bebemos" dessa fonte para construção do pré-projeto da pesquisa.

Raicheles (2023) explica que Antunes se debruça, a partir da obra marxiana, para analisar e compreender as transformações das condições da classe que vive do trabalho no capitalismo contemporâneo de hegemonia neoliberal.

Em sua trajetória intelectual, desempenha a função de Coordenação das Coleções Mundo do Trabalho (Boitempo) e Trabalho e Emancipação (Expressão Popular). Publicou 22 artigos em revistas acadêmicas na França, Inglaterra, EUA, Itália, Portugal, Holanda, Espanha, Suíça, Alemanha, Índia, China, Rússia, Canadá, México, Argentina, Colômbia, Equador, Venezuela, Uruguai, Cuba, entre outros. Recebeu o Prêmio Zeferino Vaz da Unicamp (2003), a Cátedra Florestan Fernandes da CLACSO (2002) e a Medalha (Comenda) do Tribunal Superior do Trabalho (TST) (2013). Temas de interesse: sociologia do trabalho; teoria social; ontologia do ser social; nova morfologia do trabalho; trabalho e centralidade; classe trabalhadora; ação e consciência; sindicalismo e movimento operário[43].

Ricardo, filho de um advogado e de uma funcionária pública, nascido e criado na cidade de São Paulo; iniciou o processo de alfabetização com sua mãe, foi inserido em escola de ensino privado no primário, depois migrou para rede pública, onde concluiu o ensino médio. Fez um cursinho de inclinação ao pensamento de esquerda, teve aula de história com o professores que integravam o núcleo "História Nova", coordenado pelo Prof. Nelson Werneck Sodré, que debatia a história do Brasil pelo aporte marxiano, também nosso interlocutor nesta tese, iniciou o curso de graduação em administração pública na FGV. Após a conclusão, foi fazer ciências política na UNICAMP. Na entrevista[44] ela afirma que namora com a história, desde de quando cursava o ginásio, interesse que foi despontado nas aulas de história.

Durante o período da graduação, inseriu-se no mundo do trabalho como professor de história, a partir dessa experiência iniciou a vida política, na organização sindical de professores. Em 1975 passou a atuar no movimento de oposição no sindicato, atuação que o aproximou no Partido Comunista Brasileiro – PCB

Nos anos de 1974 e 1975 passou a ser leitor das obras de Marx, Lenin, e a estudar o Lukács. Após a conclusão da graduação, foi contratado como professor na FGV, e em

[43]Fonte https://portal.dados.unicamp.br/perfil?origem=&docente=144061&sigla_unidade=&nome_unidade=&nome_programa=

[44] Publicada na Revista Katalyses que teve como entrevistadora a Assistente Social Claudia Mazzei, sua companheira, Entrevista com Ricardo Antunes: as metamorfoses da vida e do trabalho disponível em https://www.scielo.br/j/rk/a/wwCcwYWGGBmsbby4FLXjCyR/?lang=pt

1986 foi contratado, por concurso público, na UNICAMP, onde permanece; e segundo suas palavras: “essa instituição faz parte de sua história e trajetória”. Também teve passagem na UNESP.

Ao terminar a graduação em 1975, fez o processo seletivo de mestrado na UNICAMP, seu objeto era o “populismo e classes sociais no Brasil”, tinha interessa em fazer uma análise crítica sobre o populismo. A defesa da dissertação foi em 1980. Ao finalizar o mestrado, dois projetos se despontavam, dar continuidade na discussão do mestrado, ou, estudar “classe operária”. Essa decisão estava articulada com sua militância e aproximação da lutas da região do ABC paulista. Optou pelo segundo caminho.

4.2 O trabalho no mundo capitalista

Assentamos nesse estudo que a centralidade da categoria trabalho permanece ancorando a vida na sociedade em que vivemos. Parafraseando Antunes, o trabalho é a fonte primária da realização do ser social “é a protoforma da atividade humana, o fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana” (2009 p.165).

Como explica Iamamoto (2011) o trabalho é uma categoria fundante do ser social, a autora faz essa discussão a partir da obra marxiana que se fundamenta nas dimensões da historicidade, ontologia, totalidade. Ao fazer esse diálogo, tendo como base a sociedade contemporânea, afirma:

> (...) o trabalho social: atividade criadora, produtiva por excelência, condição de existência do homem e das formas da sociedade, mediatizando o intercâmbio entre o homem e a natureza e os outros homens, por meio do qual realiza seus próprios fins, O trabalho, portanto, conduz a mudanças não só no objeto (natureza), mas no sujeito (homem). Sob o ângulo material é produção de objetos aptos a serem utilizados pelo homem. Sob ângulo subjetivo, é processo de criação e acumulação de novas capacidades e qualidades humanas e de necessidades (Iamamoto, 2011, pg. 227)

Na sociedade contemporânea, pela via do debate do pensamento pós-moderno, defende-se o fim da centralidade da categoria trabalho. Nesse debate, tanto Iamamoto quanto Antunes se refutam; pois para eles o trabalho continua sendo a centralidade da vida social. Seguindo a trilha desses pensadores, partimos da compreensão que o do trabalho é uma atividade humana, que transforma a natureza, e na realização desse ato o ser humano também se transforma, tornando-se o ‘ser social’. Portanto, a constituição do ser social se funda no e pelo trabalho.

Afirmamos nesse estudo o trabalho como categoria fundante, na apreensão marxiana se constituiu na sua essência pela transformação da natureza, que é realizada pelo homem (ser social), para atendimento de suas necessidades. A partir dessa afirmação podemos compreender que não é possível viver em sociedade sem realizar essa atividade denominada de trabalho. A própria experiência de se alimentar, ou seja, transformar o alimento com a ação da mastigação é um trabalho, dispendemos trabalho/energia ao realizarmos esse ato. Mas a nossa indagação é a retirada do mundo do trabalho, que se constitui com a venda da força de trabalho em troca de uma renda (Antunes, 2009).

Antunes (2003), ao abordar essa discussão efervescente - a perda da centralidade no trabalho; o fim do trabalho; que passou a circundar o universo acadêmico, por volta dos anos de 1970. Pontua que vivemos uma metamorfoses no mundo do trabalho, desencadeado por um processo de complexificação das condições da classe que vive do trabalho, que traz perdas relacionadas ao direitos trabalhistas e previdenciários. Corroborando com as questões elencadas por Antunes, Iamamoto (2011) ressalta que esse movimento se ramificou no contexto neoliberal, que emergiu nos anos de 1970, trazendo um novo modelo de acumulação do capital, que foi denominado de acumulação flexível, por Harvey. Nesse cenário ressalta-se a dimensão da subjetividade – a separação entre objetividade e subjetividade – com temas que abrange as questões familiares, gênero, raça, etnia, geracionais, culturais. Afirma-se nesse constructo, que o sujeito, o trabalhador, é dotado de liberdade, para fazer as suas escolhas, como se não estivesse inserido na sociedade; e suas escolhas não fossem suplantadas pelas experiências da vida em sociedade.

A centralidade no trabalho passou a ser questionada no mundo acadêmico, como sendo uma categoria que não abarca as experiências vividas pelos sujeitos na sua singularidade. O fim da categoria trabalho se condensa pelas críticas à teoria marxiana, que é denunciada como uma teoria social que se distancia da dimensão ontológica. Na obra trabalho e indivíduo social, Iamamoto, inclina-se para edificar sua construção da vivencia do trabalho, trazendo a contribuição por essa obra do "significado do trabalho no processo da constituição do indivíduo social e na produção da vida material" (2011 p.31). Os defensores dessa perspectiva crítica à teoria da tradição marxista se coadunam pelas composições:

> A crítica à teoria de Marx é filtrada por versões de raiz estruturalista e / ou economicista, tomadas como "únicas". (...) Observa-se também restrições ao primado da totalidade, próprio da tradição marxista, que é vista como incapaz de dar conta das particularidades/singularidades dos fragmentos das esferas subjetivas da vida (...) Hoje automatizadas pelas

> perspectivas pós-moderna. (...) Tais restrições atingem vários campos do conhecimento concernentes à vida social, desbordando-se nas análises referentes ao processo de trabalho (Iamamoto, 2011 p.32)

A concepção posta do caráter exclusivamente estruturalista da obra de Marx, acontece sem a continuidade do acompanhamento dos estudos do autor. Iamamoto (2011) ressalta que na obra marxiana - "Os Grundrisse"-, Marx traz a questão do humanismo, momento intelectual marxiano, que toma a cena o indivíduo social, visto pelo ângulo do sujeito vivo, criativo. A denúncia seminal, funda-se pelas leituras incompletas do legado marxiano. Convergindo com as questões defendidas por Antunes e Iamamoto sobre esse debate, Raicheles (2023) reafirma essa construção no campo do serviço social. O debate que assola o campo das ciências sociais que defende o fim do trabalho se ancora, por seus turnos, temos a "dimensão ontológica do trabalho dissociada de suas formas históricas de sua realização na sociedade capitalista, desconectando-a da apropriação do trabalho no universo do valor e da valorização do capital" Há outra corrente, que se embasa pela dimensão material do trabalho, a qual considera que somente é trabalho: "a atividade de transformação direta da natureza". E ainda, temos a corrente que "aprisiona a produção ao espaço fabril e reduz a reprodução social à reprodução da força de trabalho", mas as relações sociais de produção estão em todas as dimensões da vida social (Raicheles, 2023 p. 246 e 247).

Iamamoto (2011) explica que há um movimento de negação da teoria marxiana, no mundo acadêmico, estimulado pelo pensamento contemporâneo (pós-modernidade) que se assenta no debate da incapacidade dessa teoria para explicar a realidade, a partir das mudanças em curso nessa fase do modo de produção capitalista. São concepções que tomam assento na contramão das explicações macroestruturais, advogam a apropriação microssocial, sem interlocução do contexto sócio-histórico, não há "reconhecimento de que os sujeitos são históricos encarnam processos sociais, expressam visões de mundo e tem suas identidades sociais construídas na tessitura das relações sociais mais amplas" (Yazbek, 2009, pg.158).

No bojo dessa discussão está a chamada crise do capital, que se constituiu com a "precarização das condições de vida e trabalho da classe que vive do trabalho". Essa nova fase do capital remete ao idos dos anos de 1970, que foi anunciado pelo declínio do modelo fordista/taylorista. Esse contexto econômico é flagrado pela crise do Estado de proteção social, erguido sob os pilares do Welfare State; a relativa autonomia da esfera financeira em relação à esfera produtiva, fortalecendo a financeirização do capital; a queda da taxa de juros; a concentração dos capitais que opera pela fusão das grandes empresas; incremento

de privatizações, flexibilização e desregulamentação nos processos produtivos. O que vivemos nessa fase capitalista neoliberal, de mundialização e financeirização do capital, é a precarização, superexploração, intensificação do trabalho. A compreensão desse autor é que o valor está para além do chão de fábrica. Pois, vivemos numa era em que a extração do valor opera sobre diferentes modalidades de trabalho, fundada por e pelo trabalho coletivo. A nova morfologia da classe que vive do trabalho, condensa questões que versam com as categorias da dimensão da subjetividade; bem como acontece uma interlocução entre o trabalho produtivo e improdutivo (Antunes, 2009; Raicheles, 2023).

A autora ressalta que algumas leituras da obra de Marx desconsideram a dimensão ontológica que reside no trabalho do autor, explica:

> "(...) acentua [acentuam] o papel do trabalho enquanto componente distintivo do homem como um ser prático-social e, portanto, histórico: produtor e criador da vida em sociedade. Nessa mesma trilha têm sido secundarizadas as análises sobre o indivíduo social e as formas históricas de sociabilidade e alienação, constantes nos *Manuscritos econômicos – filosóficos* de 1844 e retomadas nos escritos da maturidade- os *Grundrisse* de 1857-58 -, aqui privilegiados (Marx, 1980). Repor o humanismo marxista no centro da análise é condição necessária para fazer emergir o indivíduo social como sujeito criativo vivo, presente no pensamento de Marx" (Iamamoto: 2011 pg.36).

Seguindo essa construção teórica-metodológica, Iamamoto reafirma que na contemporaneidade o trabalho continua sendo central na vida dos sujeitos e sujeitas; o que acontece é a restrição de oportunidades de trabalhos, "o trabalho continua sendo uma condição preliminar de sobrevivência da maioria da população alijada de outras formas de propriedade que não seja sua capacidade de trabalho" (2011, pg.87).

O trabalho está no centro de humanização do homem, é através dele que conseguimos colocar em prática nossa capacidade de transformação da natureza, para atendimento das nossas necessidades (Antunes, 2009).

Para esses autores, compreender a centralidade no trabalho na contemporaneidade é seguir o trilho da apreensão do trabalho coletivo, como explica Iamamoto (2011) o trabalho está incorporado na produção de valor, que deve ser compreendido como trabalho coletivo - no qual se articula e interconecta tanto o trabalho produtivo quanto o improdutivo; subjetividade e objetividade; trabalho intelectual e trabalho braçal – organizado para valorização do capital.

Antunes (2009) ressalta que há um processo de contrariedade do trabalho - ao mesmo tempo que liberta, escraviza; emancipa, mas aliena -, o desafio seria edificar nossa

vida também dotada de sentido, para além da nossa inserção no mundo do trabalho, com possibilidades de realizações, felicidades.

É com a obra indivíduo social que Iamamoto fará a discussão da dimensão subjetiva presente em Marx, aquecendo o debate que assola o universo acadêmico – fim do trabalho ou crise da sociedade do trabalho – tendo como horizonte o procedimento metodológico marxiano que se configura pelas dimensões da totalidade, ontologia, historicidade.

Antunes sustentado pela obra lukatiana recupera a centralidade da categoria trabalho, traz em seu trabalho explicações referente a defesa de Habermas, o qual sustenta a categoria comunicacional, como central na vida social, e não o trabalho. Explica:

> " (...) a partir do desenho preliminar que procurei fazer entre Lukcás e Habermas, entendo que a praxe interativa como momento da expressão da subjetividade encontra seu solo ontológico fundante na esfera do trabalho, onde o ato teleológico se manifesta pela primeira vez em sua plenitude, embora a esfera da linguagem ou da comunicação seja um elemento constitutivo central do ser social em sua gênese e em seu salto odontológico, em relação as formas anteriores. [Mas] não posso concordar com Habermas quando ele confere a esfera intercomunicacional o papel do elemento fundante e estruturante do processo de socialização do homem". [E continua] (...) entendo que o trabalho se apresenta como chave analítica para a apreensão das posições teleológicas mais complexificadas, que se faltam não mais pela relação direta, entre homem e natureza, mas sim por aquela que estabelece entre os próprios seres sociais. O trabalho constitui-se numa categoria central e fundante protoforma do ser social, porque possibilita a síntese entre teleologia e casualidade, que dá origem ao ser social".

No campo da sociologia do trabalho as preocupações se voltam à produção do consentimento por parte dos trabalhadores aos mais sutis mecanismos de controle adotados no Toyotismo ou pós-fordismo. As estratégias de resistência e negociação na esfera da produção são salientadas em seus condicionantes no campo fabril e extrafabril, abrangendo a família, as relações de gênero, etnicorraciais, as tradições culturais. Acentua-se a heterogeneidade das classes trabalhadoras em suas experiências de vida e de trabalho, considerando a diversidade da trajetória das categorias que a compõem, além de correspondentes repercussões na subjetividade. Na busca de apreender a diversidade das formas capitalistas de produzir, salientam-se as particularidades locais e regionais, além de diferenciações internas dos grupos de trabalhadores. Recusa-se o chamado do "paradigma unitário na análise das classes" em favor da diversidade de experiências no interior das relações sociais. Observa-se forte assento nas experiências dos trabalhadores, trazendo para o centro das análises o sujeito que trabalha, dotado de liberdade de escolha e de subjetividade, na contramão de uma enunciada eclipse do sujeito. Verifica-se uma

preocupação em articular a dimensão propriamente econômica do processo de trabalho, com suas implicações políticas e ideológicas (Iamamoto, 2012)

Observamos um incremento crescente tanto dos meios de comunicação como de alguns documentos oficiais produzidos pelas próprias FAs convocando os/as militares da reserva remunerada a permanecerem no mundo do trabalho. Analisando essa situação, por seu turnos, no campo da dimensão da subjetividade - na qual perpassa as condições concretas e objetivas – essa situação pode ser vista pela perda da consciência de classe, afirmada pelo paradigma pós-moderno da individualidade, competitividade, aporte da nova configuração da classe trabalhadora, que promove a perda da compreensão de classe que é preterida pelos ditames da individualidade, competitividade. Na dimensão objetividade aumenta o número do exército de reserva, que consequentemente desvaloriza a mão-de-obra; redução dos gastos com os recursos humanos.

Na FAB um militar que exerce a atividade de prestação de serviços – O PTTC – tem um rendimento sobre seu salário de 30%; esse percentual não será acrescentado no valor total dos rendimentos da sua “aposentadoria”.

4.3 O trabalho na caserna: trabalho militar/profissão militar e a carreira militar na FAB

Nessa subseção em que vamos abordar o trabalho militar, optamos pelo uso da fonte escrita e oral. A referência central teórica foi feita a partir da inflexão da obra de Antunes – a dialética do trabalho – com interlocução com outros trabalhos que abordam o tema, ou que permitem aproximações e reflexões; e ainda, na fonte da oralidade, recorremos ao uso do procedimento técnico: “a entrevista semiestruturada”. A escolha de incorporar entrevistas, nessa subseção, foi para compreender a percepção do trabalho militar a partir da experiência de trabalhadores desse campo. Analisamos que essa fonte permitiu a apreensão de elementos vivos, sobre essa temática. Foram inseridas partes das transcrições das entrevistas para mostrar a trajetória que esses entrevistados seguiram para se tornarem profissionais militares.

4.3.1 A carreia militar com aporte das narrativas

Essas entrevistas foram realizadas logo após a apresentação pública do exame de qualificação. A escolha desses participantes seguiu dois critérios, o primeiro se deu pela relação socioafetiva, pessoas do círculo social, da pesquisadora, cujo conhecimento foi edificada nas relações de trabalho; o outro critério foi por serem do posto de oficiais superiores, militares que iniciaram na FAB no início da fase adulta trilhando todo o percurso do oficialato, até o posto do coronelado, que é inerente da progressão da carreira, na qual prevalece os critérios objetivos (aspirante, segundo tenente; primeiro tenente; capitão; major, tenente coronel, coronel). Os postos do alto comando, no qual agrega as patentes mais altas (brigadeiro; major-brigadeiro; tenente-brigadeiro; marechal do ar) seguem critérios subjetivos e políticos, não sendo possível todos acessarem.

Foram realizadas 02 entrevistas com militares formados pela Academia da Força Aérea – AFA. Foi escolhida uma mulher (Coronel Silvia Natália), ocupante do posto de oficial superior, do quadro da Intendência. O contato preliminar do convite foi em um evento realizado pelo GAPSP, em alusão ao Dia Internacional da Mulher, que trouxe como tema: "A inserção das Mulheres nas Forças Armadas e Auxiliar". O assunto trouxe a rememoração da trajetória percorrida pela entrevistada, despertando o interesse em compartilhar na OM sua história. Essa discussão permitiu a produção de trabalho de um artigo científico[45]; bem como o interesse em abordar o tema "trabalho e carreira militar", no texto da tese, que ficou incorporado na sessão que trata do tema "a categoria trabalho".

O outro entrevistado foi um oficial superior do quadro da Infantaria (Coronel Gilmar do Nascimento), por estar na reserva não utiliza o uniforme – a farda -, seu traje é roupa civil, sua identificação acontece por distintivo -brasão - que é colocado ao lado esquerdo da camisa, sendo assim, é possível reconhecer seu posto e ter a deferência cotidiana, que acontece pela continência.

A continência é um cumprimento realizado entre os militares, sendo desencadeando pelo militar que tem posto abaixo em deferência ao mais antigo (militar com maior posto hierárquico); trata-se de uma saudação hierárquica. O reconhecimento do posto que se ocupa e da antiguidade é feito pelo uso da farda e insígnias.

[45] A inserção da mulher nas Forças Armadas: a experiência da Força Aérea Brasileira", apresentado no Congresso Latinoamericano no ano de 2023

O interesse em acolher a narrativa desse entrevistado remete a uma conversa que tivemos durante o cotidiano, quando ele trouxe algumas informações referente aos processos seletivos das Forças Armadas, que ocorrem no Rio de Janeiro, que acontece no Estádio do Maracanã. A falta de oportunidades de emprego torna o serviço militar muito atrativo naquele estado, pontuou ele. Outra questão foi ele ter mencionado a questão racial, sendo o serviço militar uma possibilidade de ascensão para camadas marginalizadas, pretos, pobres, moradores dos morros (espaços periféricos). A articulação da construção desse estudo foi feita com esse narrador, antes da efetivação, ou seja, antecedeu a admissão no programa de doutorado. Ainda no momento de preparação, fase de aluna ouvinte. Ele foi um grande entusiasta para materialização desse estudo, tanto nas conversas referente aos dilemas vivenciados pelos militares na fase da reserva, momentos que contribuíram na construção do pré-projeto do estudo; quanto na liberação em horário do expediente para cursas as disciplinas, ainda na fase de aluna ouvinte.

Para realizar essas entrevistas utilizamos a questão norteadora "falar sobre a carreira militar: motivações da escolha, trajetória de vida pessoal; trajetória da carreira militar. A escolha desses participantes seguiu o critério que defino como afetivo, o qual reconheço as pessoas que puderam trazer seus conhecimentos, experiências, trocas para construção dessa pesquisa que tem, para mim, o formato de construção coletiva. As entrevistadas foram realizadas presencialmente, na ocasião ambos estavam residido e trabalhando na cidade de São Paulo/SP; optaram em narrar os dados na organização militar que prestam serviço no momento.

a) A Narradora Silvia Nátalia - Coronel Intendente[46] diz: não é trabalho militar, é a profissão militar"

Essa entrevista foi realizada no dia 15/12/2022, tendo sido agendada previamente; teve duração 01h04; o dia, o horário e local foram definidos pela entrevistada. a Organização Militar IV COMAR, que integra o Comando da Aeronáutica, localizada na região de Santana, zona norte da cidade de São Paulo.

[46] A Carreira do oficial intendente – na Aeronáutica essa formação é feita pela AFA, com curso de duração de quatro anos. O/As cadetes passam pela formação básica, na qual recebem instruções sobre a área militar e na formação específica conhecimentos na área da administração pública, ciências da logística com habilitação na Intendência da Aeronáutica. É um curso de bacharelado. Após o curso são incorporados nas Organizações Militares do COMAER.

Esse relato aponta a supremacia masculina no campo militar, que se afirma pela garantia do poder masculino do posto do alto comando, situação que somente poderá mudar há algumas décadas, situação que decorre na inserção tardia das mulheres na carreira fim dessa Arma – a aviação -, outra questão é a inflexão do gênero da tratativa de postos. Sobre a carreira militar e trabalho militar, afirmou a entrevistada: é profissão militar!

Narradora:

*- Sou da 2ª turma de mulheres da AFA; a 1ª turma entrou em 1996 hoje elas já são coronéis; a minha é a 2ª turma, que é do ano de 1997. Sou da 2ª turma de mulheres intendentes, mulheres de academia, que começou pela Intendência. (**entrevistadora**.... tem o quadro de apoio que foi da década de 1980?). A entrada das mulheres na FAB teve início nos anos de 1980, se não me engano do ano de 1981, que foram as pioneiras que entraram no Quadro de Apoio[47]. Então eram as áreas de medicina, dentista, psicólogas, assistentes sociais, fonoaudiólogas. Elas entraram na verdade mais para área de saúde e os quadros de apoio, ligados a essa área de qualidade de vida e saúde. Como foi?*

- Retroagindo há 1996... Eu era estudante do 3º ano do ensino médio, quando apareceu a oportunidade, dada pela minha escola na época, de fazer o vestibular na AFA. Eu nunca tinha ouvido falar o que era. Não tenho militar na família, nem antes de mim, e depois de mim, ninguém se voluntariou para profissão militar. E foi realmente um desafio, desafio no seguinte sentido: como eu cursava o 3º ano do ensino médio, eu fazia uma turma chamada "ITAIME", o meu projeto era fazer o vestibular do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica).

E a nossa escola, que era uma turma dita especial - especial porque tinha foco vestibulares diferenciados - tinha como parte do nosso contrato, que os vestibulares de interesse da escola, eles podiam matricular a gente, fazer a inscrição dos alunos; e os alunos teriam que fazer as provas. Eles pagavam as inscrições e a gente ia fazer as provas.

E o vestibular da AFA, sempre foi o primeiro dos concursos nacionais de maior concorrência, cronologicamente, geralmente acontece entre junho e agosto. Então, não deixa de ser um termômetro tanto para escola quanto para o aluno concludente, de

saber como é que eu estou preparado para um concurso, que é tão concorrido. E aí, nesse sentido, eles nos escreveram, e nós fomos fazer a prova.

Confesso para você que eu fui, marquei um "x" na Intendência, porque era o único previsto para mulher. Nessa época era só Intendência e Infantaria; os aviadores eram oriundos de Barbacena, então não havia concurso para aviação. Marquei o "x" na Intendência sem saber o que era, porque no edital falava assim: mulheres apenas vagas no curso de Intendência. E fiz como se fosse um vestibular, um treeine de vestibular. Eu não tinha nem concluído o 3º ano, ainda.

E aí para minha surpresa, em pouco menos de um mês, eu recebi um telegrama na minha casa, dizendo que eu havia sido aprovada, no exame de conhecimentos e já convocando para fase seguinte, que era uma concentração, na Base Aérea de Fortaleza para levar documentos, enfim....

Aí, a minha primeira reflexão foi: poxa... esse dia eu vou perder meio dia de aula, foi a primeira coisa que eu pensei. E meu pai, como grande incentivador desde sempre, meu pai é uma pessoa muito culta, e assim, estudo e instrução acima de tudo. Ele falou: filha a gente não fecha nenhuma porta; então eu te levo, você faz o que tem que fazer, e depois eu te levo para escola. E assim foi, todas as fases que eu ia superando (concentração, intermediária, exame de saúde, teste físico, concentração final) meu pai me dava esse suporte, de me levar, e depois me levava de volta para escola. Mas o meu foco nunca deixou de ser o Instituto Tecnológico de Aeronáutica. Então, na verdade eu queria ser engenheira de computação, mas fazer parte da Força Aérea. Porque desde criança eu sonhava com os céus; na época eu queria ser aeromoça, que hoje é comissária de bordo. Então de alguma forma, a questão do ar, a questão de alçar literalmente voos, eu tinha isso desde a minha infância. E a primeira profissão que me retomava a isso era a questão da aeromoça, que era o que eu tinha mais próximo. Como falei, não tinha nenhum militar na minha família. Não tinha esse contato com a profissão militar.

E aí, no final das contas, a primeira semana de dezembro, foi a semana que realmente era o meu objetivo "o vestibular do ITA". Foi uma semana extremamente cansativa, de provas muito elaboradas. E aí, num determinado momento, aquele turbilhão parou. Acabou.

E aí, nessa semana, aproximadamente 20/12, entre 15 e 20/12, chegou o último telegrama da AFA, convocando-me para me apresentar na Base Aérea de Fortaleza, no dia 03/01, para embarcar para Pirassununga, para terminar os testes que não foram concluídos na

Base Aérea de Fortaleza, nessa época apenas o pessoal do Rio que conseguiam fazer todos os testes. Os outros locais tinham que terminar o processo seletivo na AFA.E daí eu fui, tive a conclusão em três dias de processo; e aí, foi a primeira vez que eu me senti perdida e fora de casa, porque eu tinha vinte dias para voltar, para começar o estágio. E esses vinte dias o que eu faço da vida? Uma adolescente de 16 anos, que não tinha cartão de crédito, não tinha cheque, não tinha nada. Eu tinha um dinheiro, que meu pai me deu para ir para lá. Então, esse foi o meu primeiro grande desafio, ainda não militar, mas já aprovada num vestibular de uma escola militar.

Minha primeira experiência de vida militar foi no dia 27/01/1997, quando cheguei na AFA. Recebi as instruções, já usava o traje cotonete (camiseta branca, calça jeans, tênis preto) e foi isso. Nesse mesmo dia, deu meio dia, a minha vida virou 180 graus; porque a partir daí, ninguém mais falava com a gente. Só gritava, os comandos eram todos de corneta, bomba, grito. Eu falei: aonde estamos? *Eu não tinha referência, eu procurava me balizar com as amigas, que já tinham pessoas da família que eram militares, principalmente o pessoal do Rio, que já tinha muita experiência na vida militar. E, elas iam me dando dicas, - gritou corre e não pergunta porque, só vai, segue o fluxo -. Me sentindo meio perdida, fui indo...*

Eu entendi que eu era um pontinho dentro de uma multidão, o que a multidão fizesse eu tinha que fazer, não tinha que pensar, tinha que fazer. Porque na AFA os dois primeiros anos é de instrução básica militar. Nesse momento, você não é forjado para pensar, você é forjado para cumprir ordens, obedecer, testam a sua resiliência. Aí, a partir de uma segunda fase que é o terceiro e o quarto ano, que você começa aquela preparação para ser oficial, no sentido daquele que é um líder, que olha a tropa, que toma as decisões. Mas a primeira etapa é para ver o seu grau de aderência aos valores, aos preceitos militares. Então é isso: mandou fazer, não discute, não pergunta por quê, vai e faz!

E aí é nesse momento, nesse primeiro e segundo ano, que a gente vê as pessoas que não têm aderência à profissão militar, elas começam a ser desligadas. Os maiores números de desligamentos são realmente nesse começo, porque você chegou à conclusão que isso não é para você; aí é uma peneira natural, que acontece na academia.

Eu já adianto para dizer da importância do curso de formação, como a Academia da Força Aérea, é, é realmente necessário, para que você tenha a certeza que é realmente, que é aquela profissão que você quer para você. Ou que pelo menos é aquilo que você não quer. Porque exige muito, tanto fisicamente quanto psicologicamente, e não deixa de ser um dia

após o outro, você não tem um dia tranquilo, você não tem um dia fácil. Mas isso tem toda uma motivação, do porquê, dessa exaustão física e mental, para você vê se realmente é aquilo que você quer.

Hoje, hoje eu entendo do porquê de muitas coisas, que na época eu falava que era pura maldade, mas não era pura maldade, tudo tem uma razão de ser.

E, eu já estava nesse ritmo até já gostando, porque como boa ariana [signo de áries) sou movida a desafios. Estava gostando daquela sensação "do quê me espera amanhã"? O quê eu vou ser testada amanhã? Então, isso me impulsionou de uma forma muito legal, eu estava realmente me sentindo motivada.

Até que na terceira semana, o Comandante me chama, e para você ser chamada no comando, é porque você fez uma coisa muito grave. O Comandante não chama um cadete no comando; aí eu fiquei pensando, o que eu fiz? Eu fiz tudo certo: estiquei a cama, passei o uniforme, engraxei o "bute" [bota], eu fiz isso, fiz aquilo ... ; aí fica aquele turbilhão na sua cabeça. Era o meu pai me ligando, para dizer que eu tinha sido aprovada no ITA.

Foi uma coisa louca, um turbilhão na minha vida, porque aquilo que eu sempre achei que eu queria [ser engenheira de computação], não era bem aquilo que eu queria, porque eu estava gostando daquele outro [profissão militar, carreira como Intendente da Força Aérea Brasileira].

E aí como eu falei, uma adolescente de 16 anos.... gente o que eu faço da minha vida, eu tenho que decidir a minha vida, agora! Fico aqui sem saber o que vai dar, vou para lá [ITA]? Mas não era isso que eu queria [ser militar]. E aí, isso se passaram 03 dias, entre decisões a serem tomadas, tudo até que um dia, talvez pela minha inocência de adolescente eu peguei o telefone e falei para o meu pai: pai, eu vou ficar aqui!

Meu pai ficou muito frustrado, e ficou três meses sem falar comigo, né... quase três meses sem falar comigo

Eu nunca tinha tido contato com que realmente, é a vida militar, foi me despertando, me motivando a cada dia. Eu falei: eu acho que é isso que eu quero para mim! Eu não imaginei, mas é isso!

E aí, superado os desafios; e o desafio nosso era maior, porque nós éramos minoria absoluta. A FA a despeito de ter aberto em 1995 o primeiro edital, para as mulheres entrarem em 1996, e nós já termos uma turma acima da nossa, A FAB logisticamente não estava preparada. Nosso uniforme era igual aos dos homens. Para você ter uma ideia: meu sapato ficava "sambando" no pé; porque o sapato era masculino; e o nosso pé é mais fino.

Então, tudo era de homem; a calça era aquela calça quadrada, você colocava o sinto e ficava sobrando; a camisa não tinha uma acomodação, para nossa conjuntura de seio. Um dos maiores desafios: "todas tiveram que cortar o cabelo "joãozinho". E isso foi um "baque" na autoestima! Você imagina, meninas que tinham os seus cabelos longos, as vezes mais curtos, mais longos; chegaram numa barbearia, o taifeiro cortava o seu cabelo "Joãozinho". Aí a gente se perguntava muito: mas por que isso? E a FA não tinha todas as respostas, para dar para gente. Mas a resposta principal que era colocada, era que todos eram iguais! Se os meninos tinham o cabelo curto, as meninas tinham que ter cabelo curto também.

Mas eu confesso a você que depois de muitos anos, já como oficial, a gente passou a concluir, talvez uma conclusão minha pessoal, que fosse um ponto realmente, para muitos dizerem que não ia dar certo. Porque tinha muita gente que torcia contra, a FA foi a percussora, como em quase em tudo; porque, porque é uma Força que nasceu depois de 1941, então é uma Força que está sempre a frente do Exército e da Marinha, em muitas coisas, Até porque, a velocidade da informação, a tecnologia; se a Força Aérea perder isso, não tem razão de ser. Diferente do Exército e da Marinha que caminham em passos mais lentos, pela própria missão, né?!

Então a gente interpreta, que isso talvez fosse o primeiro ó ... vamos mexer na autoestima para mostrar que não dá certo, mulher. Que lugar de mulher não é aqui, já estão nos quadros de saúde, nos outros quadros; mas porque querem na AFA?

Então, acho que esse foi o primeiro desafio, grande, maciço foi perder ali os cabelos, né?! E era todo mundo ali para parecer um bando de "play mo bill", todo mundo igualzinho; sem ninguém saber se era homem, mulher e tudo mais

E aí a importância do grupo, da nossa união; principalmente das meninas, os alojamentos, obviamente eram separados. A rotina era idêntica, somente na hora do descanso que o alojamento era separado. O uniforme era igual; rotina, inclusive física, todos os exercícios que um fazia os outros faziam. Obviamente a contagem de pontos é diferenciada, porque até um atleta de alto rendimento, você tem a conformidade física, rank masculino e feminino. E, foram desafios, que realmente a gente foi superando; a questão do uniforme foi superada. Mas a gente sentia que a gente sempre tinha que fazer muito mais e melhor, para ser vista como igual.

Era tudo muito novo, as vezes vinham autoridades do alto comando, tudo mais, visitar a academia, olha... a gente precisa ver as cadetes como se a gente fosse...assim, um objeto...

Nossa... diferente; não, igual, faz parte de uma tropa; isso gerava muita curiosidade, principalmente nas outras Forças, e em delegações estrangeiras. Poxa... vocês têm cadetes [mulheres] em academias. Então, assim a gente via que realmente tinham duas vertentes, *foram 54 anos, para abrir quadros de carreira da academia para as mulheres entrarem.*

A gente vê na história da humanidade, o colégio militar levou 100 anos para admitir meninas, criado em 1889 e foi em 1989 que abriu para as primeiras meninas entrarem. Então a gente vê que na sociedade em geral nós mulheres demoramos muito mais. Sociedade patriarcal, machista e tudo mais; para gente mostrar, que a gente não tem que ficar em casa, que a gente não é um acessório.

No meu esquadrão eram 13 meninas, nós éramos em 280 [estagiários] e 13 mulheres. A gente se unia cada vez mais, não se permitia desistir, não se permitia duvidar; a gente vai chegar, e vamos chegar da melhor forma possível, né?! Então, essa união, esse espírito de corpo, ele não tem preço: são laços eternos, que a gente nutre até hoje!

E aí passada essa fase de formação, com todas as suas peculiaridades, enfim; me vi oficial, sendo transferida para Recife, eu queria voltar para o nordeste, mas não queria voltar para mesma cidade da minha família. Pois eu já tinha um grau de autonomia, e eu, não queria perder isso, né?! E aí foi o início de um novo desafio. Desafios agora, na função de oficial, sendo observada por graduados, que muitas vezes tinham mais tempo de serviço, do que a minha idade. Eu me formei Aspirante com 20 anos.

E aí foi um segundo desafio, que agora era: eu, numa posição de oficial, tendo que pensar com a cabeça, que não tinha experiência de vida militar, tinha um arcabouço de conhecimentos teóricos. Então, eu tinha que pegar tudo aquilo e traduzir em comandos e em ações, que ao mesmo tempo eu não podia perder a minha autoridade, mas tinha que tentar ser suficiente para conduzir uma tropa. Então, eu acho que o grande marco da minha carreira, que eu me vi numa situação de perigo real. Porque isso a academia não te ensina, é a vida que te ensina! Então, como é que eu vou ganhar experiência, ter pessoas do meu lado, saber como arrebanhar o melhor de cada pessoa; mas eu tenho que estar à frente, comandando, liderando; muitas vezes sendo colocada à prova; porque não foi fácil.

Ao longo da carreira, a gente foi vendo, que a gente foi se colocando, e como os trabalhos foram muitos frutíferos, profícuos, eu vou dizer em vias gerais um sucesso; a gente começou a conquistar o respeito; inclusive daqueles que olhavam assim: será que é capaz? Será que isso... será que aquilo... é... uma coisa que eu vi, aí eu já estava aqui no antigo IV COMAR, já era tenente mais antiga e tudo.

E hoje, passados os quase 26 anos de serviço, agora no dia 25 estou sendo promovida a Coronel, né? Então eu vou entrar no último posto que eu galguei e falo com a boca cheia mesmo, pelos meus méritos. Foi a meritocracia, foi o meu desempenho, foram os cursos que eu fiz, [que permitem] que eu vou chegar a Coronel.

A partir daí é escolha [cargo político]! Então, escolha né... entram uma série de fatores, que não dependem necessariamente do teu desempenho, mas da conjuntura do alto comando.

Mas por que eu falei isso? Porque lá atrás, há 26 anos eu olhava e dizia: meu Deus, será que um dia eu vou ser aspirante, será que um dia vou ser tenente, será que um dia eu vou ser capitão, major, coronel.... Agora eu me vejo assim, Coronel! Eu confesso a você, que na época eu também olhava assim né, não tinham coronéis, somente majores do QFO. Eu falava assim: ah, que Deus me permita chegar um pouquinho melhor, não é?! Porque como elas tinham entrando muito antigamente, elas foram promovidas muito tardiamente, né?!

Depois entraram as mulheres na aviação. Hoje temos piloto de referência fazendo voo para Antártica, intercontinental, ou seja, a carreira abriu assim de uma forma... esse crédito a gente deve as pioneiras que dentro da sua área de atuação fizeram de tal assertividade, com vontade de dar certo, mostrar para que veio, que foi abrindo porta para as outras, né?!

E eu falo diariamente para quem está comigo começando a questão de ser homem ou ser mulher na profissão militar, é para escolher banheiro e alojamento só! Porque o restante todos têm a mesma capacidade e as regras são claras.

Entrevistadora: o pronome de tratamento é masculino?

Narradora: *O pronome de tratamento ele é masculino. Se você olhar... a nossa gramática por incrível que pareça ela é flexível, não deveria mudar tanto. Mas é: o Aspirante; o Tenente, o Capitão, não existe a Capitã e nem existe a Capitão; a gente fala .... mas é uma excrecência... a gente fala a Capitão, mas não é! É o Capitão! Mas aí, a gente vai tendendo naturalmente, vai se conformando e moldando a gramática. A gente tinha a Presidenta, não tínhamos?! E aí vai entrando.... Mas o correto é não flexionar é "o" [masculino], é o posto, não é a pessoa. Hoje eu sou Tenente- Coronel, mas é para falar o Tenente Coronel Natália; porque é o Tenente-Coronel, não é a Tenente Coronela, isso não existe. Mais aí com o uso do dia a dia, a gente vai se apropriando de algumas coisas e naturalmente o artigo flexionado, posto não flexiona, o artigo tende a concordar com o nome, né?! A gente vê*

usar habitualmente a Tenente Coronel Natália, até para dar uma pessoalidade um pouco, talvez uma deferência.

Nós temos a Brigadeiro Carla Lirio, a primeira Brigadeiro Médica da Força Aérea, é a Brigadeiro Carla Lima Lirio, porque é o posto, eu não mudo. Não é o cargo, é o posto. Eu vou falar o Presidente, a Presidente, o Diretor, a Diretora, o Comandante, a Comandante. Então o posto não flexiona, o artigo acabou caindo nos usos e costumes e para dar pessoalidade a que, se está referindo. Mas o posto é um só.

Na Força Aérea, a despeita de ser a mais nova, a mais recente, porque ela foi criada no auge da guerra [2ª Guerra Mundial] 1939 a 1945 nós tivemos 2ª Guerra Mundial, e já tivemos a participação da Força Aérea, como o Ministério da Aeronáutica, temos os nossos... o Brigadeiro Nero Moura, o patrono da caça que participou, nós temos vários aviadores que não eram natos da Força Aérea. Porque a Força Aérea foi composta de aviadores vindos do Exército e da Marinha, a partir de um determinado momento, esses aviadores foram os instrutores, e aí surgiram os primeiros oficiais, realmente da Força Aérea Brasileira, formados na escola de aviação do Rio de Janeiro. Até então, eram militares oriundos das duas outras Forças, que tinham que compor aquela força nascente. Uma das características absurdamente presentes na Força Aérea é a flexibilidade, a velocidade, e eu diria, até uma terceira, que é a dependência direta da tecnologia, a FA é uma Força que tem que estar sempre a frente. Porque, se ela não se atualiza, ela fica aquém do mínimo esperado, para ela. Então com base nessa visão sempre prospectiva, de estar se reinventando Nos tínhamos mulheres em outras Forças Aéreas pelo mundo

Então começa a lançar aquela pulguinha: porque não tentar? Porque não? a gente não abrir também? Olha a experiência lá de fora, poxa a Força Aérea Americana está tendo uma experiência frutífera, Força Aérea "Ror Ior Force", poxa tá legal... E a experiência tem mostrado que o comprometimento é tão bom quanto, e vamos fazer isso então?

Com certeza isso foi objeto de um grupo de trabalho que acabou aprovando no edital de 1995, a abertura do curso de intendência para as mulheres. Um curso altamente voltado à administração, ciências militares. Ou seja, digamos assim, era mais um serviço administrativo, que eles entenderam que esse primeiro desafio poderia ser aberto às mulheres, de forma que não impactasse na atividade fim, que era voar.

Hoje, nós não temos nenhuma diferenciação, exceto Barbacena que eles colocam para as meninas um número de vagas definido, são 20 vagas, para mulheres. Porque? Porque é o que eles conseguem acomodar logisticamente; porque era uma escola só de homens. Isso

no futuro também com certeza vai evoluir. Hoje no vestibular da academia não tem isso "são tantos homens e tantas mulheres", não! É um vestibular, se a sua nota for maior.... se a Intendência for, 100% passarem mulheres, vão se todas mulheres. Não tem essa diferenciação

Então eu vejo esse ingresso tardio, como uma herança realmente da nossa sociedade, mas está mudando. O Exército abriu, nós temos cadetes, alunas na ESPECEXC, que daqui a pouco vão estar na AMAM, e é o que eu falei, é uma instituição mais tradicional e tudo mais, demora um pouco para os paradigmas serem repensados. Marinha também, abriu. E no QFO, Marinha foi pioneira, foi antes da FAB. Saiu um novo RUMAER, inclusive padronizando o penteado afro, não sei se você chegou a ter contato. Qualquer coisa pede lá para o Cel. Gilmar. Por que? É um cabelo diferente, como você tem uma sargento da banda, que a gente vê direto nas formaturas, como é que ela consegue fazer o coque? Ela tem muito cabelo aqui atrás. Então as vezes o coque dela fica uma coisa gigantesca, porque ela não tem onde por, onde ela vai colocar tanto cabelo? Ela enrola, enrola...; mas ainda fica uma coisa grande.

Então, eu vi a preocupação esse ano, como a edição do novo RUMAER de padronizar a melhor forma possível, inclusive da pessoa se sentir confortável, sem ter que alisar cabelo, sem ter que fazer não sei o que... Está até previsto aquele de trancinha, desde que esteja presinho. Então, é isso que a gente precisa, a gente precisa ver o que está acontecendo, porque ainda coisas tão bobas, coisas do dia a dia, porque a gente não pode ter a empatia com o nosso efetivo? E dessa forma, essas coisas melhorarem a qualidade de vida.

Entrevistadora: têm mulheres no alto comando?

-Ainda não! Vamos lá, a mais antiga que tem é a Brigadeiro Carla, ela é médica, ela entrou nas primeiras turmas, o quadro dela, de médico, ela é a primeira oficial general da Força Aérea. Mas o alto comando é composto só de Tenentes Brigadeiros [postos destinados para aviadores]. Então, a primeira turma de academia foi a "Coronel FU" o ano passado, para chegar no alto comando serão só oficiais aviadores/as. Porque na Força Aérea, a aviação é o único quadro que chega ao último posto. Então nós só vamos ter mulheres no alto comando daqui umas décadas. Porque o meu quadro de oficiais Intendentes, nós só chegamos a Major Brigadeiro. Então hoje no generalato, nós temos a Brigadeiro Carla, daqui há 04 anos, aí sim, nós teremos a primeira turma de academia, nós teremos a primeira mulher general. Agora no Altcom (alto comando) somente com as aviadoras que hoje elas ainda são majores.

Quando a gente fala militar a gente fala profissão, quando a gente fala trabalho parece muito aquela coisa de escritório, de gabinete. E o militar é muito mais do que isso. O militar é forjado para enfrentar qualquer situação que ele seja chamado para enfrentar. Então nós temos: missões de garantia da lei e da ordem, que pode ser acionada a qualquer momento pelo presidente; na hora do vamos ver, chama quem? Os militares! Seja para coordenar operação de copa do mundo, de olimpíadas; de subir o morro... Ou seja, qualquer coisa de diferente, vai dar ruim, chama os militares.

Então a gente vê que para ser essa profissão de Estado, diretamente subordinado ao Presidente da República, o nosso uso, é a Constituição permite isso, nos temos as nossas atribuições como Força, mas nós temos uma gama de esforços. Então eu prefiro colocar profissão militar, do que carreira militar ou trabalho militar, porque mostra um pouco mais da amplitude.

Porque ser militar não é só exercer, vem de dentro; tem que ter essa conformação, essa adesão, estar sempre preparo, inclusive você faz um juramento com o sacrifício da própria vida. Muitas vezes colocando os interesses da instituição, que são os interesses da sociedade, os interesses do Estado, acima dos seus interesses particulares. Daí porque o militar não deve se manifestar politicamente, porquê? Porque ele é um servidor do Estado, do Estado brasileiro, ele não é de um governo "x" de um governo "y". Você tem as suas crenças, você tem obviamente uma posição política. Mas porque você não externa? Porque a missão é Pátria, é a Nação.

Então a gente vê que a profissão militar em situações normais... muitas pessoas até questionam: por que existem as Forças Armadas, se a gente não tem guerra? Mas será que se a gente não tivesse Forças Armadas, o nosso país não teria sido invadido? Essa é a grande polêmica. Eu tenho que mostrar que eu sou capaz, eu não preciso entrar no conflito; mas eu tenho que mostrar se alguém vier aqui, eu estou aqui preparado para... Então esse fato de não ter dia nem hora, você pode ser acionado a qualquer momento, você tem que estar de prontidão. Você ganha hora extra? Não ganha! Adicional de periculosidade? Você não tem. Porque é muita mais do que um trabalho, é uma profissão, 24 horas por 07 dias. No momento que o Estado chamar, a gente tem que estar preparado. Isso é uma doação, uma entrega muito grande. A vida do militar.... ele não é um burocrata, não é um funcionário público; é uma profissão diferenciada, e eu tenho que estar ali sempre pronta, em detrimento dos meus interesses.

Muitas vezes os interesses da sua família, os seus interesses pessoais são colocados em segundo plano. Porque, porque é a Nação que está te chamando. Então a grande questão é passar para essa geração que está entrando que não é uma profissão que quando acaba o expediente, você vai embora e pronto. Com os seus dados podem nos acionar a qualquer momento. Caso você não comparecer você toma uma FATD (punição, podendo ocorrer prisão), porque? Você está à disposição do Estado o tempo todo. Então a grande questão é mostrar para a sociedade a diferença que existe entre uma profissão dessa que não tem dia, horário, a dedicação é total, exclusiva.

Estou de férias? Eu posso ser acionada. Ou seja: você entregou a sua vida, para aquilo que você acredita. Se você não entregou e nem acredita é melhor sair. Porque aí eu não vou querer está com alguém do meu lado que não acredita naquilo que está fazendo. Eu vou querer estar com pessoas que vão cumprir a missão até o final. Então eu acho que o grande gol dá profissão militar é você ter pessoas forjadas e conscientes que essa profissão tem risco de vida sim!

Por isso que eu me permito falar que não é trabalho militar, como você falou: é profissão militar, porque tem que vir de dentro, se não a gente está se enganando

b) O Narrador: Gilmar do Nascimento - Coronel Infante[48] Diz o narrador: "desde de pequeno eu tinha o sonho de ser militar e viajar pelo mundo"

Essa entrevista foi realizada no dia 11 de dezembro do ano de 2022, na Organização Militar GAP/SP, localizada na região norte, na cidade de São Paulo/SP, OM em que o entrevistado está prestando serviço, após a reserva militar. Foi previamente agendada e o local foi escolhido pelo entrevistado.

Através do relato dessa entrevista a carreira militar apareceu como uma oportunidade de acesso à renda e aos bens materiais cultuados na sociedade capitalista. Observa-se uma carreira com intensa movimentação, tanto no que tange à questão geográfica quanto nas experiências de trabalho; com capacitações permanentes. Fique

[48] A carreira de oficial de Infantaria é feita pelo curso de formação de Oficiais de Infantaria – CFOINF, o curso tem como objetivo a instrução de combate em terra, com o objetivo de preparar o Cadete de Infantaria ao desempenho de funções para gerir as atividades desenvolvidas nas Unidades de Infantaria, incluindo as tarefas de operações especiais, emprego de tropa, de autodefesa das Organizações da Força Aérea e de defesa antiaérea. Fonte: https://www.concursosmilitares.com.br/como-ingressar-na-aeronautica/afa/cfoinf/#:~:text=Per%C3%ADodo%3A%20O%20curso%20%C3%A9%20ministrados,habilita%C3%A7%C3%A3o%20em%20Infantaria%20da%20Aeron%C3%A1utica. Acesso em 02/02/2024

ressaltado o traço de ascensão na carreira militar. Trata-se de uma carreira com garantia de proteção do direito trabalhista, iniciou aos 17 anos e aos 48 anos já tinha tempo contributivo, para migrar para reserva remunerada.

O narrador:

- Para mim é uma oportunidade maravilhosa falar sobre a minha história, sobre a minha carreira, sobre minha opção de escolher a carreira militar.

Eu me formei em 1985, como oficial de infantaria, que a parte de combatente, você faz a parte de segurança das instalações, segurança pessoal das instalações. Então eu me especializei nisso e fiquei na própria Academia da Força Aérea que é o órgão de formação, como eu te falei, desses oficiais combatentes. Fiquei como instrutor lá por um com tempo. A área de Infantaria é muito diversa, ela vai desde a parte de informática até a parte de combate mesmo. Eu fiz vários cursos, eu sou formado em defesa química, nuclear e biológica, sou formado em proteção contra incêndio, sou bombeiro de aeródromo; sou formado em investigação policial e judiciária militar; e eu tenho curso de emergências médicas que eu fiz aqui em São Paulo, eu tenho muito orgulho, foi um dos cursos que eu mais aprendi, o curso técnico de emergências médicas, já tive oportunidade de atuar em algumas situações aí fora; não salvando vidas, mas ajudando essas pessoas a serem salvas, também pelo conhecimento que eu adquirir.

Bom, a minha escolha, pela carreira militar, foi por influência do meu pai. Meu pai era militar da Marinha, digo era porque ele está na reserva, está em casa há muito tempo, tem mais de 80 anos. E isso gerou uma influência muito forte, justamente na escolha da carreira. Eu lembro, sempre conto essa história, que eu era muito pequeno e ia com a minha mãe buscar meu pai, a gente ia em consulta na Marinha, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Eu sou oriundo da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, uma origem bem humilde, meu pai e minha mãe moravam na região Tijuca, no Morro do Salgueiro e depois eles mudaram para Baixada Fluminense, Duque de Caxias, onde eles estão lá até hoje.

Então eu gostava de ver o exemplo do meu pai, da condição de vida, no começo ele não ganhava muito, mas depois ele foi se destacando em relação ao que ele ganhava, porque na época já era um salário razoável, tinha uma estabilidade boa; até porque meu pai teve duas oportunidades boas de viajar para o exterior, isso foi muito legal. Então eu lembro que na minha rua, a minha família era a mais abastada, foi a família que teve a primeira

televisão, o primeiro telefone, o primeiro carro. Naquela época, para você comprar uma linha de telefone, demorava uns 08 anos, para você comprar um plano de expansão.

Então eu fui observando isso, a imagem do meu pai, o exemplo do meu pai. No começo eu optei por fazer o exame na Marinha, assim como ele que era da Marinha. Não obteve sucesso, e aí eu fiz um cursinho preparatório e aí eu consegui passar nas três Forças: Marinha, Exército, Aeronáutica. No Exército eu não quis ir de jeito nenhum, na Marinha eu passei como reserva, e aí eu tinha um problema em relação à minha saúde, não uma coisa grave. Na época "pé chato" reprovava, e eu tenho "pé chato". Na Aeronáutica não teve nenhum tipo desse problema, então eu consegui ir para Barbacena, na escola preparatória.

A minha formação militar envolve a escola preparatória, que são 03 anos, mais o curso superior da AFA, onde você entra ou para ser aviador, que é a parte maior da Força Aérea, o braço operacional; ou Infantaria; ou Intendente. Na época todo mundo entrava para ser aviador. Eu não tive aproveitamento nas instruções de voo e aí eu consegui ser reaproveitado, reaproveitar as vagas de Infantaria, que me foi concedida; eu tinha uma boa classificação, graças a deus. E aí eu consegui optar para ser oficial de Infantaria

E aí ao longo do tempo eu fui praticamente, servindo em unidades escolas. Na AFA eu fui instrutor, depois eu fui para a escola de aperfeiçoamento de oficiais, que é uma escola de pós-formação na carreira do militar oficial, depois eu fui para o Rio Grande do Norte, em Natal, que também é uma unidade escola, além de ser unidade operacional; depois eu fui para Belo Horizonte. Então meu caminho sempre foi voltado para área de ensino e um pouco operacional também. Eu fui formado na área de Polícia de Aeronáutica; fui comandante de batalhão de infantaria; comandante de companhia; comandante de combate ao incêndio. Então é assim: é uma coisa muito diversa.

Ao longo da carreira, com um pouco mais de experiência, eu acabei me voltando para área de pessoal. Isso é líquido e certo, acontece com o aviador também, chega uma hora que você praticamente tem que abrir mão da sua área operacional, para trabalhar mais na área de liderança, gerenciamento, que faz parte, é igual como qualquer pessoa aí fora para galgar, sai da execução para ir para gestão, comigo não foi diferente.

> *De início, eu não tinha nenhuma identificação com a área de pessoal. Eu sou um pouco esquecido, até hoje sou assim, então eu desenvolvi mecanismos para enfrentar essa deficiência, e graças a deus, isso funciona.*

Eu procurei estudar bastante, porque para trabalhar na área de pessoal você tem que conhecer bastante legislação, mexe muito com prazos. Você tem uma parte técnica muito especializada. É como você tivesse que mexer com CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), regulamentos que envolvem a área de gerenciamento de pessoal, é muito diverso, muito dinâmico. Mas para minha grata surpresa, eu gostei dessa área, e então, eu comecei na Universidade da Força Aérea -UNIFA como chefe de pessoal. Depois fui para Belo Horizonte, comandei o batalhão de infantaria, mas sem deixar de lado a área de gerenciamento de pessoal, tem "um parênteses" aqui! Quando eu estava em Belo Horizonte, eu fui designado para uma Missão de Paz da Organização das Nações Unidas - ONU, para fazer um paralelo, porque essa missão de paz sempre foi um sonho, desde de pequeno eu tinha o sonho de ser militar e viajar pelo mundo.

Então, desde tenente, eu me candidatava é nunca conseguia; eu via vários amigos indo e nunca conseguia. Aí no finalzinho da minha carreira, graças a deus eu consegui a oportunidade, eu fui designado para ser oficial do Estado Maior da missão de estabilização das Nações Unidas no Haiti, " minustah" (missão de paz). Foi um ano de uma experiência absurda. E ai eu vou dizer para você, que por isso eu fiz esse paralelo, esse mais de uma ano no Haiti, foi um divisor de água na minha vida. Porque me fez enxergar várias coisas que eu não vislumbrava com essa carreira aqui no Brasil.

Então abriram várias portas, vários pontos de vista, principalmente em relação à visão internacional, no trato do ser humano, a ONU tem um trabalho muito bonito, as pessoas acham que a ONU é uma entidade militar, boina azul, não! A ONU é uma entidade civil, uma instituição civil que conta com a proteção dos militares. Para ela chegar nos lugares mais longínquos e mais perigosos, ela tem que contar com essa segurança.

Então o trabalho da ONU é justamente isso, proteção de gênero, proteção à mulher, a parte de serviço social, tudo... É uma coisa muito gostosa. Foi uma das melhores experiências que eu tive. Por isso que eu falo que foi um divisor de águas, ela me mostrou como é o mundo aí fora; ela me mostrou, foi aí que iniciou esse pensamento de longevidade. A gente pensa muito no momento presente, ou no passado, pensa no futuro? Sim! Mas não numa visão macro

Eu estou com 60 anos, teoricamente se o ser humano dura cem anos, eu já estou entrando no terceiro terço. Essa visão você não tem, eu vivi 60; agora serão mais 30, o que eu vou fazer, como é que eu vou planejar? Então essa ida para lá me fez pensar nisso. Como eu passei lá muito tempo morando sozinho, a maior parte do tempo você

mora sozinho, você tem mais tempo para olhar para si, para entender um pouco do significado do que você já fez, e o que ainda quer fazer.

Bom, saindo do Haiti, voltando para o Brasil, eu terminei minha carreira no Rio de Janeiro, fui para reserva lá; e vim para São Paulo, por interesses particulares. Fiquei um ano aqui [São Paulo] na reserva, sem fazer nada, um ano. É importante descansar, eu comecei cedo, comecei com 17 anos, isso é importante falar, no nosso caso, não agora, a gente começa muito precoce. Eu comecei com 17 anos a carreira militar, e eu era um dos mais velhos da minha turma, muitos haviam começado com 15 e até 14 anos. E aí, quando eu vi, eu estava me "aposentando" com quarenta e pouco anos, me aposentei com 48 anos, novo né?! Com meu pai foi a mesma coisa, só que meu pai se aposentou cedo e se recolheu, ele praticamente não fez nada, isolou-se dos amigos, ele ficava em casa todos os dias acordando cedo, rondando pela casa, fazendo as coisas; ele adora consertar coisas, eu aprendi também isso com ele. Os três filhos têm habilidades manuais, interessante, por causa do meu pai.

Então eu também peguei um pouco essa coisa de perder o propósito da vida, caraca, isso impactou bastante em mim. E sabe, é uma parada abrupta, de repente. E aí eu estava aqui em São Paulo, optei para ir buscar outras atividades para trabalhar, para ganhar um dinheiro, completar a minha renda, nossa aposentadoria, graças a deus, era muito boa. Mas eu queria uma forma de completar a renda. Tentei ocupar o meu tempo, e ai fui buscar opções de emprego. Acabei voltando para FAB como PTTC.

4.3.2 Algumas considerações sobre o trabalho militar

Essa parte do estudo foi dedicada para afirmar a centralidade da categoria trabalho e realizar aproximações a partir dos referenciais eleitos, para pensar o trabalho militar. No decurso desse processo, ainda na fase embrionária, emergiu o interesse em compreender em qual campo o trabalho militar se circunscreve "vivo, morto; material, imaterial; intelectual, operativo/braçal. Nessa fase, que se apresenta aqui como final, podemos auferir que o trabalho militar está embutido no trabalho social, que articula nessa fase do capitalismo a junção de trabalho "vivo, morto; material, imaterial; intelectual, operativo/braçal que ao mesmo tempo que agrega valor ao capital atua para sua manutenção. Faremos uma incursão para pensar o trabalho militar na sociedade capitalista. As FAs instituída em território

nacional, na sequência do processo de colonização, teve como primícia básica: a defesa e a manutenção do poder vigente.

O trabalho produtivo é aquele "que serve diretamente ao capital como instrumento de sua autovalorização, como meio para produção da mais-valia" (Antunes, 2004 p.156). O trabalho militar, numa primeira apreensão será visto como improdutivo, pois não gera mais-valia diretamente. Ele está no escopo da rede de serviço públicos, embora tenha excepcionalidade. Ainda sobre essa questão explica Iamamoto (2011) o trabalho do servidor público; da polícia; do soldados dos sacerdotes não pode ser relacionado ao trabalho produtivo; não porque este trabalho seja inútil ou porque não se materializa em coisa; mas porque está organizado segundo os princípios do direito público e não sobre a forma de empresas capitalistas privadas, mas podemos compreender que o Estado está a serviço do capital. Portanto, compreendemos que o produto do trabalho militar embora esteja inserido como trabalho improdutivo; é produtivo ao capital.

O trabalho militar - como os demais trabalhos na sociedade capitalista - tem valor de troca, que se apresenta no contexto social como trabalho assalariado. Na sociedade contemporânea, pautada pelo neoliberalismo, ele pode ser visto pela ótica de privilégios, devido à manutenção dos direitos trabalhistas e sociais, mesmo após a ida para reserva, situação que não é estendida aos demais trabalhadores; ou seja, os trabalhadores da esfera civil. Há também outras categorias na esfera pública, como os judiciários, algumas carreira públicas do poder executivo, legislativo em que também há a manutenção dos desses direitos.

Parafraseando Antunes (2003) e Silva[49] (2018) compreendemos que os/as militares pertencem a classe que vive do trabalho, vendem a força de trabalho em troca de um salário, que, no campo militar é denominado de soldo[50].

[49] Silva pesquisadora do campo militar

[50] Vencimento dos militares. As palavras "soldo" ("remuneração por serviços militares") e "soldado" ("homem de guerra") têm sua origem no nome da moeda romana, com a qual os soldados romanos eram pagos. Soldo, no caso do serviço militar obrigatório, não tem a característica de contra prestação pelo trabalho prestado, por isso há a possibilidade do "soldo" ser menor do que o salário mínimo. A Súmula Vincula 6 ao tratar a legalidade sobre o valor o soldo do ser inferior ao salário mínimo, considerou: "Não viola a Constituição o estabelecimento de remuneração inferior ao salário mínimo para as praças prestadoras de serviço militar inicial". "I — A CF/1988 não estendeu aos militares a garantia de remuneração não inferior ao salário mínimo, como o fez para outras categorias de trabalhadores. II — O regime a que se submetem os militares não se confunde com aquele aplicável aos servidores civis, visto que têm direitos, garantias, prerrogativas e impedimentos próprios. III — Os cidadãos que prestam serviço militar obrigatório exercem um múnus público relacionado com a defesa da soberania da pátria. IV — A obrigação do Estado quanto aos conscritos limita-se a fornecer-lhes as condições materiais para a adequada prestação do serviço militar obrigatório nas Forças

O salário é a soma de dinheiro que o empregador paga em troca do tempo despendido dedicado ao trabalho; ou ainda, o ganho advindo da venda de mercadorias sem a mediação direta com um empregador, como o profissional liberal. Portanto, o salário pode ser definido como o valor de troca da força de trabalho. A força de trabalho é uma mercadoria (Marx, 2014). Quem vende a força de trabalho são sujeitos e sujeitas que participam, mediante as realizações complexas mediações, do mundo que se opera para valorização do capital, que estão imersos ao trabalho abstrato e alienado.

Na fase atual do modo de produção capitalista há uma nova morfologia da classe trabalhadora, como defende Antunes, não vivemos mais a clássica apresentação das classes posta por Marx – a classe proletária e a classe burguesa – novas configurações foram se organizando. Essa situação indica uma complexificação nas relações de trabalho. Mas há uma corrente que apreende essa questão com a perda na centralidade da categoria trabalho.

A reflexão feita, permitiu compreender que o trabalho militar faz parte da estrutura social de sustentação do modo de produção vigente.

> A referência é aqui a sociedade capitalista madura na periferia dos centros hegemônicos mundiais, em que os processos de trabalho não se dissociam dos processos de produção de valor e de mais-valia ou de sua distribuição. Não se pode excluir ainda os trabalhadores situados privilegiadamente no campo político-ideológico, destacando-se aqueles inscritos na esfera estadual, voltados à manutenção da ordem e a criação de consensos de classes em uma sociedade marcadamente desigual, que assegurem a reprodução social (Iamamoto, 2011, pg.95)

O militar é considerado um servidor público, mas que tem uma especificidade. De acordo com o Estatuto Militar (1980) "Art. 3º Os membros das Forças Armadas, em razão de sua destinação constitucional, formam uma categoria especial de servidores da Pátria e são denominados militares". Esse documento ainda traz a informação que os militares podem ser membros da ativa ou da inatividade. Como enunciado:

> § 1° Os militares encontram-se em uma das seguintes situações:
>
> a) na ativa:
>
> I - os de carreira;
>
> II - os incorporados às Forças Armadas para prestação de serviço militar inicial, durante os prazos previstos na legislação que trata do serviço militar, ou durante as prorrogações daqueles prazos;
>
> III - os componentes da reserva das Forças Armadas quando convocados, reincluídos, designados ou mobilizados;

Armadas".
[RE 570.177, rel. min. Ricardo Le
wandowski, P, j. 30-4-2008, *DJE* 117 de 27-6-2008, Tema 15.]

> IV - os alunos de órgão de formação de militares da ativa e da reserva; e
>
> V - em tempo de guerra, todo cidadão brasileiro mobilizado para o serviço ativo nas Forças Armadas.
>
> a) na inatividade:
>
> I - os da reserva remunerada, quando pertençam à reserva das Forças Armadas e percebam remuneração da União, porém sujeitos, ainda, à prestação de serviço na ativa, mediante convocação ou mobilização; e
>
> II - os reformados, quando, tendo passado por uma das situações anteriores estejam dispensados, definitivamente, da prestação de serviço na ativa, mas continuem a perceber remuneração da União.
>
> III - os da reserva remunerada, e, excepcionalmente, os reformados, executado tarefa por tempo certo, segundo regulamentação para cada Força Armada. (Inciso acrescido pela Lei nº 9.442, de 14/3/1997)

Em relação à carreira militar, esse documento oficial enuncia que se trata de uma carreira voltada para defesa dos interesses das FAs:

> Art. 5º A carreira militar é caracterizada por atividade continuada e inteiramente devotada às finalidades precípuas das Forças Armadas, denominada atividade militar.
>
> § 1º A carreira militar é privativa do pessoal da ativa, inicia-se com o ingresso nas Forças Armadas e obedece às diversas sequências de graus hierárquicos.
>
> § 2º São privativas de brasileiro nato as carreiras de oficial da Marinha, do Exército e da Aeronáutica

Trata-se de uma carreira edificada e solidificada pelos princípios da disciplina e hierarquia, que estão afirmados no plano formal e rege a formação e a trajetória militar. Como informa o Estatuto Militar:

> Art. 14. A hierarquia e a disciplina são a base institucional das Forças Armadas. A autoridade e a responsabilidade crescem com o grau hierárquico.
> § 1º A hierarquia militar é a ordenação da autoridade, em níveis diferentes, dentro da estrutura das Forças Armadas. A ordenação se faz por postos ou graduações; dentro de um mesmo posto ou graduação se faz pela antiguidade no posto ou na graduação. O respeito à hierarquia é consubstanciado no espírito de acatamento à sequência de autoridade.
> § 2º Disciplina é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições que fundamentam o organismo militar e coordenam seu funcionamento regular e harmônico, traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever por parte de todos e de cada um dos componentes desse organismo.
> § 3º A disciplina e o respeito à hierarquia devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida entre militares da ativa, da reserva remunerada e reformados. (Brasil, 1980).

A formação militar é constituída pela coesão e coerência, a contrariedade é escamoteada, tendo ênfase nos fatos que podem ser enquadrados por princípios estipulados,

legitimados e regulamentados. A negação da totalidade, que se esvazia e se torna inerte. Por isso segue-se o que está determinado.

No quadro de oficiais compõe os seguintes postos e graduações a partir da antiguidade (**oficiais generais** – Marechal do Ar, Tenente Brigadeiro do Ar, Major-Brigadeiro e Brigadeiro – **oficiais superiores** - Coronel, Tenente-Coronel, Major – **oficiais intermediários** – capitão **– oficial subalterno** – Aspirante, Segundo Tenente, Primeiro Tenente). No quadro dos **graduados** a composição segue nos postos (Suboficial, Primeiro Sargento, Segundo Sargento, Terceiro Sargento, Cabo, Taifeiro-Mor, Soldado de Primeira Classe, Taifeira Primeira Classe, Soldado de Segunda Classe, Taifeiro de Segunda Classe. As insígnias que são utilizadas nos uniformes permitem o reconhecimento dos postos e graduações.

Localizamos o trabalho do pesquisador Huntington [51] que aborda a temática profissão militar, inclusive sendo referência em alguns trabalhos selecionados. Ao explicar a questão enfatiza que a profissão militar é edificada por uma complexa formação que exige treinamento constante e estudos. Um militar, do oficialato, é preparado para desempenhar uma habilidade intelectual, que não se sustenta unicamente nem pela técnica puramente mecânica e nem pela arte que requer atributo específico (Huntington 1996).

Neto e Telles (2021) dialogando com Huntington ressaltam que a profissão militar é a base para a garantia do Estado-Nacional, para o cumprimento dessa missão as FAs têm de recrutar pessoal voluntariamente, disputando o capital humano, junto com outras organizações da sociedade civil. A profissionalização no campo militar está sendo alicerçada pelo trabalho militar voluntário que pretere o serviço militar obrigatório.

O serviço militar voluntário transita para o campo da profissionalização, como aconteceu nos EUA, que emergiu no bojo das manifestações antiguerra. Já em Portugal, o voluntarismo ao serviço militar data dos anos de 2003. Na América Latina, a Argentina seguiu a trilha dos países de língua inglesa em relação a não obrigatoriedade. No Brasil permanece à obrigatoriedade, mas também temos modelos de inserção no campo militar pela via da voluntariedade (Neto e Telles, 2021; Kuhlmann,2001).

Conforme os dados históricos, já apontados neste estudo, a constituição das FAs no Estado brasileiro acompanha o período da colonização. A obrigatoriedade ao serviço

[51] Samuel Phillips Huntington foi um cientista político norte-americano, com inflexão conservadora, debruçou-se a estudar a relação militar e o poder civil; e os golpes de Estado. Segundo informações extraídas do portal Wikipedia https://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_P._Huntington

militar, aparece ainda nessa fase inicial, através das Capitanias Hereditárias por volta de 1542, para o emprego de ações contra a população nativa que se rebelava e ao ataque dos estrangeiros. Foi na Câmara de São Vicente que se formou a primeira milicia que instituiu a obrigatoriedade de pessoas de 14 a 60 anos, para atuarem na defesa dos interesses da coroa portuguesa. Na fase imperial, a Constituição de 1824 mantém o quesito da obrigatoriedade do serviço militar; na fase da primeira República do Brasil, que se iniciou em 1908, mas passou a vigorar em 1916, mantém-se a obrigatoriedade. A institucionalização dessa obrigatoriedade foi orquestrada por jovens que tinham servido na Alemanha e compreendiam o serviço militar como uma ligação entre o Exército e a sociedade. Ressalta Kuhlmann (2001) que outra questão que também se fazia presente, nesse contexto histórico, que apregoava a obrigatoriedade do serviço militar, era a estratégia de afastar a juventude dos movimentos anarquistas que floresciam na sociedade.

No ano de 1964, no decurso do regime cívico-militar, foi promulgada a legislação, Lei nº 4.375 de 17 de agosto de 1964, que corrobora com a obrigatoriedade e traz os enunciados:

> Art. 1º O Serviço Militar consiste no exercício de atividades específicas desempenhadas nas Forças Armadas - Exército, Marinha e Aeronáutica - e compreenderá, na mobilização, todos os encargos relacionados com a defesa nacional.
> Art. 2º Todos os brasileiros são obrigados ao Serviço Militar, na forma da presente Lei e sua regulamentação. § 1º A obrigatoriedade do Serviço Militar dos brasileiros naturalizados ou por opção será definida na regulamentação da presente Lei. § 2º As mulheres ficam isentas do Serviço Militar em tempo de paz e, de acordo com suas aptidões, sujeitas aos encargos do interesse da mobilização.

O estatuto da obrigatoriedade permanece vigente com a CF 1988, que traz essa afirmação:

> **Art. 143.** O serviço militar é obrigatório nos termos da lei.
> **§ 1º** Às Forças Armadas compete, na forma da lei, atribuir serviço alternativo aos que, em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência, entendendo-se como tal o decorrente de crença religiosa e de convicção filosófica ou política, para se eximirem de atividades de caráter essencialmente militar. (Regulamento)
> **§ 2º** - As mulheres e os eclesiásticos ficam isentos do serviço militar obrigatório em tempo de paz, sujeitos, porém, a outros encargos que a lei lhes atribuir. (Regulamento)

Diante à questão da obrigatoriedade, o trabalho na caserna converge com o serviço militar voluntário (SMV), que se apresenta na fase posterior ao alistamento obrigatório, pois após o cumprimento dos 12 meses é possível a permanência, até completar 08 anos, com

reengajamento anual. Há outras formas de acesso ao serviço militar pela via voluntarismo, o quadro de militares temporários, e o quadro de carreiras nas FAs.

Nessa linha, afirma Huntington (1996) que há diferenças entre soldado de carreira e soldado profissional, para esse autor o soldado de profissional seria aquele que exerce seu ofício para obter um ganho – o soldo - enquanto o soldado de carreira é aquele que movido por uma vocação estará a serviço da sociedade.

Sobre esse tema Neto e Telles (2021), recorrendo ao Estatuto Militar, ressaltam que o militar de carreira tem assento nas fileiras do SMV, e ao terem a incorporação nas FAs possuem estabilidade assegurada.

Para Huntington (1996) as especialidades dos oficiais das Força Armadas, com as suas diferenças, também estão presentes no mundo civil; mas há uma diferença que distingue esse oficial, que está no cerne da ação de combate. Como explica o autor:

> "Essa qualidade central encontra sua melhor definição na expressão "administração da violência" de Harold Lasswell. A função de uma força militar é o combate armado bem sucedido. Os deveres de u oficial das Forças Armadas incluem (1) organizar, equipar e treinar essa força; (2) planejar suas atividades; e (3) dirigir suas operações dentro e fora do combate" (pg. 29 e 30)

A profissão militar se solidifica por 03 eixos, nas palavras de Huntington, a corporatividade, a especialização, a responsabilidade. Explica o autor sobre o caráter corporativo:

> O oficialato [a profissão militar] é uma profissão pública burocratizada (...) Os imperativos funcionais de segurança dão origem a complexas instituições vocacionais que moldam o oficialato a um grupo profissional autônomo. (...) A estrutura corporativa do corpo de oficiais [profissionais militares] incluiu não apenas a burocracia oficial, mas também sociedades, associações, escolas, publicações, costumes e tradições. (...) Via de regra ele vive e trabalha longe do restante da sociedade (Huntington, 1996 p. 34)

Outra marca da profissão militar é a hierarquia do posto que sobrepõe o cargo. O posto aufere a experiência, antiguidade que tem acréscimo na formação e qualificação. Essa construção é chamada de meritocracia no campo militar.

Para Mancuso (2008) "a vocação militar se torna uma profissão pelo acúmulo de experiências que promovem um conjunto de conhecimentos profissionais, Samuel Huntington (1996 p.82) afirma que a história militar seria o meio de acumular tais experiências:

> Na visão militar, o homem só aprende pela experiência. Se tem pouca oportunidade de aprender pela própria experiência terá então de aprender pela experiência dos outros. Daí o gosto do militar pelo estudo da História. Pois a História é, na frase de Liddell Hart, "a experiência universal", e

> História Militar, como disse Moltke, “é o meio mais eficaz de ensinar guerra em tempo de paz”. Desse modo, a ética militar dá grande valor ao estudo metódico e objetivo da História. Mas a História só tem valor para o militar quando é aproveitada para desenvolver princípios capazes de futura aplicação. “a história militar como base da educação militar – seu valor prático preponderante para a formação e desenvolvimento mental do militar

Para o trabalhador o trabalho é mais que subsistência ele transforma também a sua identidade. Nas palavras da entrevistada (Silvia) o trabalho militar forja a identidade do trabalhador desse campo. O trabalho militar tem uma linguagem representada pela vestimenta e adornos (farda, insígnias, as armas) que apresenta o que é ser militar no mundo.

VOZES PRETAS

Alguém me avisou – canção: Ivine Lara

(...) Foram me chamar
Eu estou aqui, que é que há?
Foram me chamar
Eu estou aqui, o que é que há?
Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininho
Mas eu vim de lá, pequenininho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho
Eu vim de lá
Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininho
Mas eu vim de lá, pequenininho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho
Alguém me avisou
Pra pisar nesse chão devagarinho
Sempre fui obediente
Mas não pude resistir
Foi numa roda de samba
Eu juntei-me aos bambas pra me distrair
Quando eu voltar à Bahia
Terei muito o que contar
Ó, padrinho, não se zangue
Que eu nasci no samba, não posso parar (...)

SESSÃO TEMÁTICA 5

5- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

"História oral : um jeito de construir conhecimento a partir das narrativas dos sujeitos e sujeitas que vivem a história"

Estudo de natureza qualitativa, cujo objetivo se insere na pesquisa explicativa, que tem como diretriz a compreensão e apreensão dos fatores e determinantes que ensejam o fenômeno estudado (Gil, 2009). A pesquisa em tela abordará as questões objetivas em relação à reserva militar, ancorada pelas experiências e vivencias que os/as militares da FAB, têm em relação à essa fase da vida, da classe que vive do trabalho.

Martinelli (2017) dialogando pela ótica do serviço social enfatiza que a abordagem qualitativa traz os seguintes pressupostos: o reconhecimento da singularidade do sujeito, momento em que será possível ele se revelar a partir do discurso e da ação; reconhecimento da experiência social do participante da pesquisa (sujeito social); reconhecimento da importância de se conhecer o modo de vida desse sujeito. Ressalta a autora que o uso dessa abordagem possibilita ao pesquisador conhecer o modo de vida das pessoas, para apreender suas concepções, problemáticas, significados, experiências de vida; permitindo trabalhar o real em movimento.

Para construção do estudo recorremos ao procedimento técnico com base na fonte oral, com coletada de dados feitas com relatos orais, com aporte da metodologia da história oral. A proposta é conectar essas vivências a partir dos determinantes históricos estruturais e conjunturais da sociedade em que vivemos.

Portelli (1997a) considera que as fontes orais, entre elas a história oral, revelam a ação, o desejo, a intenção, a percepção daqueles que vivem e partilham a sua história, para construção de uma pesquisa. É a partir da fonte oral que o narrador resgata sua memória, a qual se constituiu como um processo de significados, e por ela que os sujeitos podem buscar compreensão no passado; e dar novas formas às suas vidas no presente e no futuro (Portelli, 1997 b). Contudo, é importante ressaltar que é uma narrativa ancorada pelo modo de produção capitalista, que traz consigo as expressões e valores da vida nessa sociedade. O que traz necessidade, numa pesquisa que se anuncia a compreensão pela ótica marxiana, a apreensão da contradição imanente e a leitura do fenômeno a partir da estrutura social. O uso da fonte oral, que se dá pelas entrevistas com sujeitos e sujeitas, que participam dos estudos, pode se apresentar pela veia democrática; contudo, a democracia se coaduna pelos

pilares da sociedade burguesa, que prega - o humanismo sem o humano; ou ainda pautadas no pensamento humanista de Hegel.

Sobre o relato oral, também denominado como história de vida, explica Queiroz (1988) é uma técnica de coleta de dados que se contrapõe à aridez dos dados quantitativos, que geralmente reduzem a realidade social em números. Nos dados estatísticos não aparecem valores, emoções, sentimentos, contradições. Também não se trata de exaltação à individualização. Para a autora o relato oral se constituiu como uma encruzilhada, que tem como eixo fundante a vida individual com a estrutura social, não deve ser compreendida como técnica eminentemente individual trazida pela esfera da subjetividade. Com o aporte do social, trazemos elementos objetivos da realidade vivida pelo narrador, parafraseando Iamamoto "o indivíduo social".

Advogamos que a fonte oral, na pesquisa qualitativa, permite a intercambiação da experiência vivida com a produção de conhecimentos. As narrativas são eivadas das vivencias da vida em sociedade, portanto traz as questões das dimensões: econômica, social, política, cultural.

Partimos da consideração que para se debruçar sobre um fenômeno, com o objetivo de realizar aproximações sucessivas, visando seu desvendamento é necessário a adoção de uma metodologia que articule o método da pesquisa e o referencial teórico, que trará a luz para sua compreensão e análise. Para fazer essa incursão, seguimos a inclinação marxiana, pela sua interlocução com o serviço social. Essa teoria possibilita o exercício da dimensões: ético-política; teórico-metodológica; técnico-operativa que se sustentam o fazer profissional, nessa área do conhecimento e, transportando-se na pesquisa em serviço social.

Parafraseando Martinelli (1999), a oralidade na pesquisa se coaduna como o "exercício democrático da palavra". É nesse sentido, que compreendemos que a metodologia eleita poderá ser um instrumento que possibilite o dialogo desse/as trabalhador/a com sua história; para que possam reviver seus sonhos, aspirações, desejos que ficaram embutidos em suas memórias; ou ainda, ser um espaço para construção de novos sonhos, possibilidades, reflexões. Narrar a história de vida propicia a escuta, que pode remeter a reconstrução da própria história, ao falar é possível perceber a totalidade e assim estabelecer e restabelecer os nexos que a pessoa não havia alcançado, possibilitando novos significados, para vida pós a retirada do mundo do trabalho

5.1 Detalhamento do percurso e dos procedimentos metodológicos

5.1.1 – O recurso tecnológico: um suporte técnico na produção de conhecimento

Essa produção foi atravessada pelo contexto pandêmico do Covid 19. A partir dessa pandemia o uso dos recursos tecnológicos foram alavancados, seja no universo das atividades acadêmicas (aulas, oficinas, debates, encontros, seminários, eventos científicos, inclusive internacionais), que passaram a ser realizadas de maneira remota; ou ainda, na realização da pesquisa de campo (as entrevistas), que também foi materializada com o recurso tecnológico (as câmeras). A defesa intransigente pelo estudo presencial e das ações técnicas de fonte oral (entrevistas, grupos), que eram realizadas pelo contato direto, passaram a ser realizadas, em diversos serviços, pela mediação tecnológica. Estamos na era de expansão da incorporação de plataformas digitais, que apresentam ferramentas tecnológicas (como a inteligência artificial; tecnologias de informação e comunicacional), trazendo impactos no processo de trabalho.

O isolamento social, fomentado pela pandemia, potencializou a incorporação da tecnologia da informação no cotidiano do processo de trabalho, com ênfase no teletrabalho, realizado no espaço da moradia; houve a aceleração da incorporação dessas estratégias, para evitar a paralisação dessas ações e o contato físico. A partir desse novo panorama mundial, para seguir medidas sanitárias, o uso tecnológico foi incrementado.

Para Raicheles (2022) é necessário analisar esse fenômeno a partir das contradições inerentes da sociedade capitalista, pois pode haver a apreensão como algo naturalizado. Seguindo essa reflexão, que parte do pensamento marxiano, a autora traz as seguintes considerações sobre o tema (o uso da tecnologia no processo de trabalho): essa dinâmica geralmente emerge desacompanhada de uma análise crítica, onde é possível perceber certa naturalização sobre os fenômenos. Explica na fetichização das tecnologias está embutido o caráter misterioso dessa relação, ou seja: uma relação que emerge na vida social como algo natural e definido; mas que se afirma como uma relação de coisas, que "confere às formas uma capacidade de interação como se fossem vivas, transformando relações sociais em relação entre coisas, processo que captura a subjetividade" de homens e mulheres que vivem do trabalho (pg.10 e 11).

Sobre os desdobramentos no mundo do trabalho, essa era tecnológica traz uma nova configuração no processo de trabalho, que resulta na valorização do capital. Como explica a autora:

> "Nesse contexto, as transformações tecnológicas se aceleram e revolucionam as forças produtivas, introduzindo novas técnicas cada vez mais intensamente incorporadas a processos produtivos, produtos e mercadorias, que dispensam grandes contingentes de trabalho vivo, ampliam a superpopulação relativa e criam massas de trabalhadores(as) descartáveis e supérfluos para as necessidades médias de valorização do valor " (Raicheles 2022 pg. 06).

Sobre o avanço da tecnologia no mundo do trabalho, Antunes (2003) ressalta na fase do capitalismo contemporâneo o trabalhador – aqui o pesquisador – pode não estar atrelado diretamente na transformação dos objetivos materiais – aqui a transformação do oral em texto, a redação – mas realiza a supervisão do processo produtivo, orquestrado por máquinas computadorizadas.

No percurso do processo de construção desta pesquisa, na produção textual da sessão que trata da pesquisa de campo, na qual apresentamos os relatos das entrevistas, recorremos aos recursos da Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC. Para realização das entrevistas, utilizamos o recurso da gravação com o aplicativo de mensagens instantâneas "WhatsApp", o registro foi feito diretamente no contato do/a entrevistado/a, que permitiu a escuta da gravação tanto pela entrevistadora quanto pelo/a entrevistado/a, com liberdade e autonomia, devido à posse do registro.

Na etapa da transcrição, o atalho tecnológico – feito com o recurso de transformação da voz em texto, com ativação do microfone, ferramenta que possibilita a conversão da voz em texto com o uso do documento "word" do programa da Microsoft 365, plataforma acesso privado; e acesso público, feito pela caixa de correspondência eletrônica "Gmail", no campo de aplicativos, acessando o processador de texto "online - word docs. - ". O próximo passo é a ativação do microfone, no ícone ferramentas, que permite conversão da voz em texto. Esse procedimento tecnológico não viabiliza a completude da fase da transcrição. Entretanto, permite a organização da ossatura desta etapa, dinamizando e ampliando as possibilidades no fazer científico, com a supervisão da ação humana, pois o uso da tecnologia exige a supervisão humana.

Importa destacar, que para a autora, Raicheles, o resultado da incorporação da era digital no processo de trabalho, na relação produtiva, afirma-se pelo aumento da produção no processo de trabalho, que se solidifica pela redução do trabalho vivo e a ampliação do

trabalho morto, que traz impactos diretos na redução dos gastos com a produção; perdas dos direitos para classe que vive do trabalho (Raicheles, 2022). No campo da produção de conhecimentos, a tecnologia assim como se apresenta como atalho para agregar tempo, pode fomentar o produtivismo e o afastamento nas relações coletivas. Na pesquisa qualitativa, a análise dos fenômenos perpassa pelo campo não visível, porém apreendidos e interpretados pelo pesquisador, a partir das aspirações, crenças, valores, atitudes, representações (Minayo, Deslandes e Gomes, 2011). Essa abordagem de pesquisa exige a interação do pesquisador com o espaço da organização da produção do conhecimento – a universidade.

No mundo capitalista o avanço da tecnologia alavanca os processos produtivos e amplia a capacidade humana, e agrega valor ao capital. Seu impulso no campo da produção de fomenta a cadeia produtiva, portanto quanto mais ampliado, difundido - com suporte tecnológico - , mais valoriza o capital, como explica Moura ao abordar o conhecimento na sociedade capitalista:

> " (...) o conhecimento permite que os capitalistas que o aplicam se diferenciem dos demais, obtendo uma fatia de lucro maior. (...) O conhecimento não está sujeito ao consumo. Quanto mais difundido, mais ele se expande. Quanto mais aplicado, maior ele tende a se tornar. E apesar de não ser útil, o conhecimento desempenha uma função estratégica na dinâmica de acumulação do capital" (...) o conhecimento assume a forma da mercadoria e será considerada um ativo de valor inigualável (Moura,2023 p.22)

Ressaltamos a necessidade de se desvendar, o que está oculto no universo da produção do conhecimento - de natureza qualitativa -, que se articula com o desenfreamento do recurso tecnológico.

5.1.2 Procedimentos técnicos da pesquisa

A partir das contribuições do exame de qualificação, foi feita a requalificação dos critérios, para direcionar o número de participantes do estudo, chegando num total de 04 participantes, número definido a partir dos seguintes critérios: gênero pela leitura binária - homens e mulheres – e a composição em relação aos quadros de carreira da FAB – graduados e oficiais. O convite foi direcionado para 02 oficiais – um homem e uma mulher; 02 graduados – um homem e uma mulher. No quadro de oficiais há carreiras diferentes – aviadores, intendentes, infantes; mas não foi objeto desse estudo aprofundar essas diferenças.

A localização e escolha dos/as participantes desse estudo seguiu os critérios: ético-político e socioafetivo.

No que tange ao critério ético-político a apreensão está na aproximação da igualdade de gênero. Entrevistas de homens e mulheres na mesma quantidade, embora o número de homens seja maior nesse campo, foi como opção de não reforçar a cultura androcêntrica, presente nesse campo.

A supremacia masculina no campo militar se afirma a cultura androcêntrica instituída e reproduzida. O estudo dos autores Biasus, Graeff e Carlos (2015), que pesquisaram a experiência de vida e trabalhado de mulheres militares da Base Aérea de Canoas, Rio Grande do Sul, pontuou a necessidade da apreensão da categoria gênero. Pois a formação militar anula essa diferença, o que pode obscurecer a identificação das necessidades de cada ser social (homem e mulher). Moreira (2023) ao estudar de maneira seminal a inserção das mulheres na FAB, analisou que a supremacia masculina é mantida e exaltada nesse campo por algumas escolhas, entre elas manutenção da tratativa do pronome masculino, para se referir aos postos, mesmo havendo flexão de gênero dessas tratativas na língua portuguesa. Portanto, trazer narrativas pela ótica da "igualdade de gênero" contribuiu para desconstrução do poder instituído.

Outra questão baseada no critério ético-político está na participação de militares dos quadros que têm na FAB – graduados e oficiais -, distanciando-se do preconizado no cotidiano. Nesse nicho, a prevalência da narrativa é auferida pela antiguidade, ou seja quem tem posto mais elevado tem poder de fala e decisão. Apreende-se no campo militar que a antiguidade é estatuto de conhecimento, poder, decisão. Assim como, segue-se aquilo que está escrito (norma, conduta, estatuto, ofícios, diretrizes), o cumprimento das normas é a diretriz na carreira militar. Portanto narrar, trazer conhecimentos acumulados ao longo da carreira é um procedimento que não é central no cotidiano, para aqueles que não são considerados "os mais antigos", que é a hierarquia atribuída pelo posto.

Desta forma, a escolha pela oralidade se assenta pelo compromisso ético-político, pela via da construção do conhecimento a partir de quem vive a história "o/a sujeito/a social" Meihy e Holanda (2018), que fazem a discussão da oralidade pelo método da história oral, ressaltam que a fonte oral tem como centralidade o compromisso social, trazendo à tona as vozes das pessoas que vivem a história, que geralmente não estão expressas em documentos oficiais e escritos.

Essa predominância de “seguir o que está escrito”, está afirmada pela submissão da oralidade à escrita, que acontece desde meados dos anos de 1455, apresentando-se como exercício de poder e dominação

> “O Império Romano exigiu uma burocratização administrativa que implicava conhecimentos históricos baseados em registros escritos. A história então, não poderia ser mais apenas testemunhal, oralizada ou independente de arquivos ou guarda documental. A escrita despontava assim como aliada da expansão e do colonialismo. Outro gênero correlato à visão da História surgiria: as crônicas que funcionava como registro oficial aos acontecimentos” (Meihy e Holanda, 2018, pg.97).

Observa-se que a proliferação do conhecimento através da escrita acontece na fase embrionária do modo de produção capitalista. Embora haja referência, no texto de base, que na sociedade egípcia a palavra escrita sobrepunha a oral; também pode ser vista, como forma de dominação, que é o estatuto do modo de produção capitalista.

O letramento foi instituído como formato de apropriação da cultura e das relações de poder, quem dominava à escrita detinha o poder[52]

> “a prática do registro de histórias servia tanto com da forma de conhecimento, normatização dos comportamentos coletivos ou estratégia de dominação. O ouvir e o registrar se aliaram como maneira política de documentar e quem guardava os relatos detinha o poder” (Meihy e Holanda, 2018, pág.93).

Com a expansão mercantil, novos continentes foram povoados pelos europeus em busca de matéria prima e exploração das riquezas naturais. Os povos originários dessas nações foram dominados. A instauração do modo de produção capitalista que se fundamenta, na sua fase embrionária mercantilista, pela exploração tem no conhecimento advindo da fonte escrita uma estratégia para propagar sua dominação:

> A grandes navegações depois do século XVI dos europeus colonizadores determinaram uma forma de expressão hegemônica da escrita. O poder hierarquizou o significado da expressão oral que passa a ter sentido menor que à relação escrita. A oralidade se projetou como forma de expressão popular informal (Meihy e Holanda, 2018, pg. 98).

Embora haja a supremacia do poder do conhecimento através da fonte escrita, essa situação não deixou de ter contradições, o caráter subversivo da oralidade se manifestou pelas paródia e outras expressões narrativas. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, fase de industrialização do modo de produção capitalista, período em que já havia um

[52] A exemplo disso, resgatando a história brasileira, a população negra não tinha o direito de adentrar no ensino oficial. A escravidão ainda, prejudicou a nossa transmissão de conhecimento pela oralidade; pois as diversas etnias, que eram trazidas para esse território, não se expressam pelos mesmos dialetos. Os povos nativos eram considerados não alfabetizados, tendo a tentativa de catequização

proletariado constituído, a história oral passa ter um novo estatuto, vista não como entrevista, mas como fonte para se construir a história. Surge como meio de trazer as experiências de vida de 'pessoas comuns' (pertencentes ao proletariado) ou pessoas que haviam participado da guerra. Meihy e Holanda (2018) informam que Thompson [53] desenvolveu estudos a partir das vozes da classe proletarizada ou subalternizada, visando à transformação social através da luta de classe.

O critério que denominados de vínculo socioafetivo também foi o norteador da localização dos/as participantes. O convite foi feito para pessoas de convivência cotidiana, seja pela relação do trabalho ou atendimento no serviço social.

Nossa compreensão é que esse critério pode ser visto pela ótica da subjetividade que se articula com a objetividade – o cotidiano na caserna -, espaço de desenvolvimento de vínculo afetivos, do espírito de corpo, da solidariedade entre pares, das trocas, comunhão. No total, foram contatados 05 militares para participação no estudo; 01 militar do quadro de graduados não manifestou interesse em participar, pois compreendeu que como permanece na ativa, mesmo após a ida para reserva, não iria conseguir dialogar sobre o objeto do estudo.

O procedimento técnico adotado foi a entrevista não estruturada, de acordo com Richardson (2011) esse tipo de entrevista também pode ser considera como "entrevista em profundidade, que não se guia por perguntas e respostas, na qual o entrevistado tem de escolher entre as alternativas apresentadas; mas, coaduna-se pela liberdade do entrevistado falar aquilo que deseja sobre o tema a ser abordado. O produto das entrevistas realizadas foi identificado nesse estudo como relato oral, como aborda Queiroz (1988).

Na perspectiva da história oral, enquanto método, adotamos a entrevista **como meio, as quais** são utilizadas para estudos que irão trazer conhecimentos sobre determinado assunto. No que diz respeito a sua finalidade as entrevistas foram consideradas como história oral híbrida, que geralmente recaí quando a finalidade das entrevistas forem meio. Nesse caso, as análises das entrevistas são feitas com uso de outros recursos, geralmente fonte escrita: estudos, dados estatísticos, historiografia, literatura. Na concepção do gênero

[53] Edward Palmer Thomposon intelectual da envergadura marxiana, produziu pesquisa a partir da narrativa da classe trabalhadora. Durante a Segunda Guerra Mundial lutou na Itália contra o governo fascista liderado por Benito Mussolini. Foi sargento num regimento de tanques britânicos na Campanha da Itália. Estudou no colégio Corpus Christi em Cambridge, onde aderiu ao Partido Comunista Britânico. Em 1946 formou um grupo de estudos históricos marxistas junto com Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Perry Anderson, Rodney Hilton, Dona Torr, dentre outros. Informações extraídas do portal https://pt.wikipedia.org/wiki/E._P._Thompson

narrativo, seguimos a trilha da história oral temática que tem aproximação aos trabalhos analíticos, baseia-se na concepção de equiparação entre o uso da fonte oral e documentos escritos (Meihy e Holanda, 2018)

Nesse gênero, a tônica é a técnica e não a subjetividade, faz a articulação entre a oralidade e outros documentos que trazem elementos sobre o tema em questão. A história oral temática é narrativa de uma variante do fato, pretende-se buscar a versão de quem presenciou um acontecimento. O entrevistador pode apresentar outras opiniões contrárias, e discuti-las com o narrador; mas com a finalidade de elucidar uma versão que é contestada, nunca para se contrapor ao colaborar (Meihy e Holanda, 2018)

5.2 Apresentação: narradores/as – participantes – do estudo

Ressaltamos que a identificação dos/as participantes foi feita na sequência cronológica da realização dos encontros, para facilitar a identificação no procedimento de resultado e análise, onde serão inseridos os excertos dos relatos, utilizaremos o primeiro nome de cada participante, pois todos optaram pela manutenção da identidade.

- **Coronel Intendente -** Waldemar Roberto Cabral Jorri – a entrevistada foi realizada no formato presencial, agendada previamente com o entrevistado, aconteceu no dia 16/08/2023. Ele escolheu o espaço de trabalho, para o encontro, na Organização Militar, Parque de Material da Aeronáutica – PAMA, localizada na cidade de São Paulo, onde no momento é prestador de serviços. A duração foi de aproximadamente 01 hora. (Waldemar)

- **Suboficial da especialidade de meteorologia -** Misael Ferreira do Nascimento Júnior – a entrevista foi realizada em 27/08/2023 agendada para às 16h; foi feita no domicílio do entrevistada, que reside na cidade de São Paulo, na região norte. O contato preliminar foi realizado com a esposa do entrevistado Sra. Lourdes, que forneceu o contato dele para efetivação do agendamento. A duração do encontro foi de aproximadamente de 02h40 minutos. Observamos que por ocorrer no interior do domicílio houve a interação dos membros da família. Outra questão foi que emergiram necessidades sociais, com demandas para o serviço social. (Misael)

- **Suboficial da especialidade de laboratório -** Sueli Moreira do Nascimento **-** a entrevista foi realizada de formato remoto com o uso da tecnologia da plataforma Teams. Para ser realizado o encontro abrimos uma sala virtual com a data de 05/09/2023, com início às 21h30 minutos, conforme acordado com a entrevista. Foi enviado através do endereço eletrônico o acesso e a senha, para que ele pudesse acessar a sala virtual. O encontro teve duração de aproximadamente 02h25 minutos. A gravação foi feita na própria plataforma, possibilitando a transformação do relato em texto; mas também optamos pela gravação pelo recurso da mídia WhatsApp. (Sueli)

- **Tenente Coronel Malheiros "A Danielly Malheiros de Santana –** a entrevistada foi realizada no formato presencial, no dia 20/09/2023, previamente agendada com a entrevistada, que escolheu seu domicilio para contar sua experiência sobre a reserva militar. A residência fica localizada no bairro Campo Grande, que fica na região Sul da cidade de São Paulo. O encontro teve duração de cerca de 02h40 minutos

Para materializar a proposta do procedimento técnico adotado, o relato oral com aporte da metodologia da história oral, seguimos um eixo norteador no encontro " narrar sobre a reserva militar, a trajetória militar", sendo assim a condução foi realizada pelo narrador/a; com algumas indagações da pesquisadora, a partir do desenvolvimento do diálogo.

Os encontros, para realização dos relatos orais, ocorreram na modalidade presencial com 03 participantes e 01 no formato remoto, através da Plataforma "Teams", que permite o contato visual, mediado pela tela do computador. Esse procedimento permite a gravação da entrevista; mas, para dar continuidade ao procedimento eleito (transformação da voz em texto mediado pela tecnologia), paralelamente à realização da entrevista, foi feito registro da voz, pelo recurso da mídia social "WhatsApp", permitindo dois arquivos.

Após o convite para participação na pesquisa, foi enviado para cada um o pré-projeto, para conhecimento prévio e agendamento do dia e horário para realização do encontro. Em todos os encontros, iniciamos com uma breve apresentação do estudo: trata-se de uma pesquisa de doutorado, que tem como objeto a reserva militar na FAB, e está sendo realizada no Programa de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo. O objetivo é entender o significado da reserva militar na vida dos militares. Para realizar as gravações foi informado e solicitada a autorização, visando à realização da transcrição.

5.3 A Transcrição: do relato oral ao texto

Observamos que a experiência como trabalhadora desse campo, trouxe interlocução tanto no momento dos encontros quanto no processo de transcrição. Consideramos que essa situação na pesquisa pode contribuir com uma melhor compreensão do objeto, já que nos distanciamos da concepção da neutralidade na pesquisa.

Nesse estudo, a arte da transcrição, como é denominada por alguns pesquisadores e pesquisadoras, foi um processo em transitar/revisitar/dialogar a partir das experiências vividas. É possível dizer, que quando se pesquisa um objeto que faz parte da sua trajetória de vida e trabalho, acontece um exercício que ultrapassa a transcrição do relato da entrevista, que acontece com a transformação da palavra em texto; direciona-se para uma percepção de uma escrita imbuída de sentimento, emoção, troca de afeto, de se vê no outro. Essa experiência científica, que se desencadeou na fase de transcrição dos relatos orais, pode ser considera como "pesquisa compartilhada entre duas vivencias a do/a narrador e da pesquisadora". Talvez essa experiência pode ser vista como destoante do padrão acadêmico científico cartesiano; mas não posso me furtar de compartilhar essa experiência, com aqueles ou aquelas que tiverem a oportunidade de ter contato com essa produção científica.

A transcrição foi feita em momentos diferentes, iniciamos com o uso da tecnologia, num segundo momento a leitura para verificar as incompreensão e a correção das falhas, oriundas da tecnologia. Para promover a uniformização da transcrição confeccionamos um texto – o relato da experiência, baseado no gênero linguístico – relato pessoal[54] - que tem como objetivo documentar e compartilhar as experiências vividas e as memórias da trajetória percorrida. A produção textual foi organizada por temas que versam sobre: apresentação; vida pregressa antes da incorporação na carreira militar; considerações sobre

[54] O relato pessoal se assemelha a uma narração não ficcional, pois **conta histórias verídicas de um sujeito**, além de conter elementos comuns entre os tipos textuais, como personagem, tempo e espaço. Entretanto, uma diferença básica entre eles é que, segundo alguns autores, o relato, além de não possuir narradores fictícios, como é possível na literatura, **foca-se na documentação histórica** e não na construção estética/artística. Fonte: https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/relato-pessoal.htm acesso em 09/09/2023

a carreira militar: escolha, trajetória, questões das especialidades; alguns registros fotográficos das OMs em que os militares serviram; considerações sobre a reserva militar. Também foram inseridas situações que mostram a pessoalidade dos/as participantes, incluindo trechos de letra de músicas; registros fotográficos. Em alguns relatos apareceram apontamentos para intervenção social, que embora não seja objetivo desse estudo, mas emergiu como um compromisso ético, no momento das entrevistas.

A exposição do relato na íntegra de cada participante do estudo foi elencado na subseção desta tese denominada de "Relatos Vivos: as experiências do/as militares da FAB com a reserva militar"

No momento da leitura analítica dos relatos, que ocorreu juntamente com a transcrição, foi possível a apreensão de temas que traziam elementos para compreensão e análise do fenômeno estudado, bem como as considerações sobre a carreira militar.

5.4 Procedimentos de Análises

O objeto foi analisado pelas categorias analíticas e empíricas que forem captadas no processo de interlocução entre objeto e análise , que irá permitir a apreensão do fenômeno, objeto desse estudo, analisar o fenômeno social em suas múltiplas faces da estrutura social.

Com base em Netto (2011, a) Netto e Braz (2012) na concepção teórica de vertente marxiana as categorias para terem sentido devem ser analisadas a partir da realidade e vinculadas ao movimento dialético; afirmam que as categorias são ontológicas, edificadas pela apreensão do ser social; transitórias; históricas; objetivas e concretas, pois o ser social tem uma vida material, sua existência é objetiva. Essas categorias permitem a análise do fenômeno estudado – nesse estudo a reserva militar – com apreensão da vida em sociedade que envolve as esferas da dimensão objetiva e subjetiva.

A leitura analítica foi feita com os pressupostos do método marxiano seguindo a trajetória teórica do estudo com apropriação das categorias empíricas que emergiram com a técnica de leitura e releitura do material coletado. O método na teoria social de Marx apresenta polêmicas assim como em outras ciências. Contudo, a acepção ideopolítica (o caráter revolucionário) que se vincula a essa teoria, desencadeia críticas e até perseguições. Essa consideração pode ser explicitada, a partir da exposição de Netto (2011, pg.10, a)

> "Durante o século XX, nas chamadas "sociedades democráticas", ninguém teve seus direitos civis ou políticos limitados por ser durkheimiano ou webwriano – mas milhares de homens e mulheres, cientistas sociais ou

> não, foram perseguidos, presos, torturados, desterrados e até mesmo assassinados por serem marxistas"

Ainda com Netto (2011, a) abordando reflexões sobre a leitura analítica do objeto, diz o autor sobre o tema, a partir do constructo da teoria marxiana:

> "(...) a teoria é a reprodução, no plano do pensamento do movimento real do objeto. Esta reprodução, porém, não é uma espécie de reflexo mecânico, com o pensamento espalhando a realidade tal como um espelho reflete a imagem que tem diante de si. Se assim fosse, o papel do sujeito que pesquisa, no processo do conhecimento, seria meramente passivo. Para Marx, ao contrário, o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação" (Netto, 2011, pg.25, a)

Como pontuado anteriormente, a fonte oral pode estar alicerçada nos ditames da sociedade, sendo assim os dilemas inerentes à retirada do mundo do trabalho, no campo militar, podem estar ancorados pelo padrão social, que toma corpo pelas opiniões explicitadas na sociedade. Nessa linha ressalta Viana (2008) ao trabalhar com o tema representações cotidianas, as opiniões fazem parte de uma construção superficial que se apresenta despossuída de crítica. Portanto, validamos que trabalhar com fonte oral na concepção do serviço social, pós movimento de reconceituação, significa se apropriar do referencial teórico marxiano, que pode contribuir com o desvendamento das tramas do cotidiano.

Sobre essa consideração, trabalhando com a categoria representação social, com base na teoria marxiana, explica Santos (2012) a análise deve buscar as contradições do objeto, e ainda, entre o objeto e a realidade social. Esse referencial tem centralidade na categoria trabalho que é apreendida pelas representações da realidade social, que podem expressar uma percepção parcial ou alienada, pois pode se apresentar arraigada de percepção metamorfoseada pelas determinações societárias.

A escolha pela história oral repousa no interesse em capturar a partir das narrativas a apreensão da vida cotidiana dessa categoria de trabalhadores, bem como, a compreensão sobre as repercussões da reserva militar na vida dessa categoria de trabalhadores/as.

5.5 Procedimentos Éticos na pesquisa

Esse estudo seguiu as determinações da Resolução n.466 de 12/12/2012, editada pelo Ministério da Saúde - MS, através do Conselho Nacional de Saúde - CNS, que trata das pesquisas com seres humanos; assim como os princípios fundamentais do Código de Ética Profissional do/a Assistente Social, editado pela Resolução N.º 273/93 de 13 Março 1993.

O compromisso com a ética na pesquisa com seres humanos, na sociedade brasileira é matéria do MS. No ano 1996 a publicação pioneira, que trata dessa matéria, traz o debate do respeito aos direitos humanos, visando proteção aos participantes de pesquisas. Rosa, Costa e Soares (2007), ao analisaram o tema, informam que o princípio da defesa se coaduna com o projeto ético do Serviço Social, que traz os enunciados desse documento no corpo da documentação legal da profissão.

A Lei nº 8.662 de 07 de junho de 1993, que regulamente a profissão de Serviço Social enuncia a responsabilidade e o compromisso, com a devolução para população dos dados que foram coletados, durante as intervenções realizadas, incluindo as pesquisas. Tal ação visa o fortalecimento dos interesses dos sujeitos sociais. Essa prerrogativa também está presente na metodologia eleita, a história oral (Martinelli, 2017; CFESS, 1993).

O pré-projeto dessa pesquisa de doutorado foi submetido ao Comitê de Ética da Aeronáutica, através do serviço social subordinado à DIRAP[55], visando à aprovação, para o desenvolvimento da pesquisa no âmbito institucional, bem como a autorização para realização das entrevistas com os militares que estão em lapso temporal para reserva, conforme diretrizes no PPRA, executado no âmbito institucional.

Após o Exame de Qualificação, será feita à submissão na Plataforma Brasil; consequentemente direcionado ao Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, para seguir os procedimentos adotados pela instituição.

---

[55] Esse procedimento ocorreu no mês de janeiro do ano em curso. A devolutiva contendo a manifestação de autorização para o desenvolvimento do estudo, com a utilização dos dados institucionais e realização das entrevistas foi concedida em março

Outra ação que foi realizada em relação ao desenvolvimento da pesquisa, foi a autorização da chefia imediata e mediata, para cursar o Núcleo de Estudo (NEPI) na PUC SP, para aproximação da metodologia história oral e para cursar a disciplina Trabalho e Ontologia do Ser Social na UNIFESP.

A autorização foi concedida após apresentação do pré-projeto para o doutorado.

A metodologia da história oral não pressupõe o anonimato das pessoas que serão entrevistadas no estudo. Seguindo as diretrizes dessa metodologia serão feitos os seguintes passos:

a) Após localização do participante será formulado o documento denominado de Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido-TCLE (apêndice 1), no qual constará informações referente à pesquisadora e orientadora; unidade educacional responsável pelo estudo e agência de fomento financiadora; objeto, objetivos, finalidade do estudo, esclarecimentos sobre a entrevista (formato e gravação)

b) Contato com o ou a participante para definição do dia, local, horário em que poderá ser realizada a entrevista

Compreendemos que os procedimentos éticos no projeto com o aporte da metodologia da história oral, ocorre por duas vias a validação e a carta de cessão.

A etapa da validação se constituiu pela apreciação da transcrição da entrevista, que deverá ser apreciada e corroborada pelo participante da pesquisa, que nesse estudo se efetivou pela apreciação e validação do documento - relato da experiência – por cada participante. Nessa fase são feitas as reconsiderações que o participante avaliar ser necessário. A autorização para utilização e publicação dos dados coletados, foi feita pela anuência como TCLE. Esse documento traz a legalidade da entrevista, o pesquisador deve trazer informações de como o material será utilizado (Meihy e Ribeiro, 2011).

5.6 Relatos Vivos: "as experiências do/as militares da FAB com a reserva militar"

5.6.1 Relato Oral: as narrativas do Coronel Jorri da Intendência FAB

Figura 15- da Passagem do Comando (à esquerda: Coronel Jorri)

Fonte:https://www.semanariozonanorte.com.br/noticia/solenidade-marca-passagem-de-comando-do-grupamento -de-apoio-de-sao-paulo

Quem fala: o Coronel Intendente - Waldemar Roberto Cabral Jorri, tenho 54 anos, sou casado há 27 anos, tenho 03 filhos e 02 meninas e 01 menino já crescidinhos). Fiquei 38 anos na ativa. Identifico-me como homem cisgênero, com orientação heterossexual; quesito raça/cor: branco com ascendência indígena. Sinto-me participante e colaborador do estudo. Formado pela Academia da Força Aérea Brasileira – AFA[56].

A Intendência

O símbolo da intendência é uma folha com o nome de Acanto, que tem origem grega

Carreira: A formação da carreira do Intendente, no Comando da Aeronáutica, é um curso de bacharelado com ênfase na administração pública, ciências da logística, com habilitação para gestão de finanças, subsistência e material, patrimônio. A duração do curso é de 04 anos, atualmente os estudantes recebem bolsa de estudo na fase inicial no valor de R$ 1507,00 (mil quinhentos e sete reais)[57].O curso da Intendência foi criado no âmbito do

[56] A AFA estabelecimento de ensino nível superior; localizada na cidade de Pirassununga/SP desde o ano 1971, foi instituída na cidade do Rio de Janeiro; o critério etário de admissão é de 17 a 23 anos com ensino médio completo. O estudante durante os 04 anos do curso recebe uma bolsa auxílio, alojamento, assistência médica, alimentação

[57] Informação extraída na central de divulgação de concursos para Academia da Força Aérea no site https://blog.grancursosonline.com.br/concurso-afa/#:~:text=Durante%20o%20per%C3%ADodo%20do%20Curso,fardamento%2C%20assist%C3%AAncia%20m%C3%A9dica%20e%20odontol%C3%B3gica. Acesso em 20/03/2024

Comando da Aeronáutica logo no início da organização dessa Arma, pelo Decreto-Lei 7892 de 23 de Agosto de 1945, data que ficou instituída como o Dia da Intendência (23 de agosto).

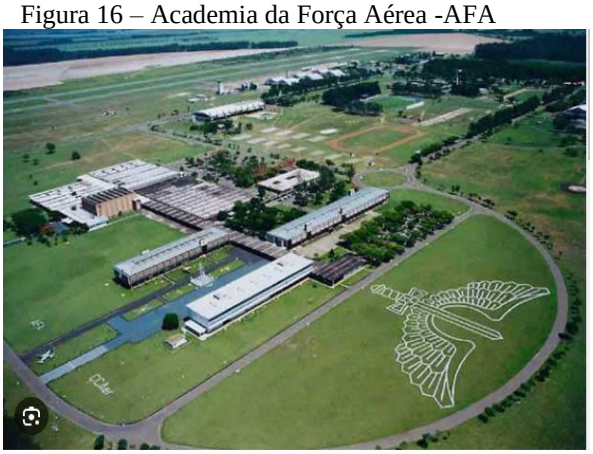
Canção da Intendência da Aeronáutica (letra e música: Francisco Bezerra da Silva)

Esplendor de saber e bondade,
Galardão de perene ideal,
Elevando o estandarte às estrelas
Sempre fui e serei sem igual.

Do ACANTO, - a florente pureza -
Estará sublimando o perfil,
Desta força vibrante e coesa,
Que enaltece o valor do Brasil.

Sou hoje, o amanhã, a história,
A virtude, o progresso, a essência,
Sou a paz, o ouro, a prata, vitória,
Somos um, sou você INTENDÊNCIA!

Figura 16 – Academia da Força Aérea -AFA



Fonte: https://www2.fab.mil.br/afa/index.php/sobre-a-afa

A entrevista: o encontro

Entrevistadora: Bom dia, coronel! Então vim aqui para conversar com senhor sobre o estudo, a reserva militar; gostaria de conhecer a sua experiência, como não temos perguntas fechadas, o senhor pode discorrer sobre o que tiver interesse. Reserva, carreira militar, enfim o que desejar.

Entrevistado: vou focar mais na reserva militar, para gente focar mais na parte da reserva, né?! Rapidamente, eu fiquei 38 anos e no ano passado, fevereiro do ano passado, fui para a reserva.

A experiência com a reserva militar

Figura 17: o sonho corinthiano

Fonte: WhatsApp

- **Questões da reserva militar: o que diz o participante e colaborador:**

- Ir para reserva foi um pouco de alívio, né? Você realmente fica naquela expectativa de um dia descansar, parar um pouco de trabalhar tira um pouco daquele estresse que realmente tem. E, por outro lado, por ser 38 anos fazendo a mesma coisa, queira ou não, você fica naquela expectativa do que vai ser, né? Como eu mesmo vou me comportar, por não ter mais aquela obrigatoriedade, que durante 38 anos você tinha. Eu me senti muito bem! Eu não senti falta do trabalho, né? A maioria do pessoal quando sai fala que sente falta; e aí acaba ficando depressivo. Os 6 primeiros meses nossa .... você não ter que pensar no dia seguinte, ou mesmo na sexta, de achar que na segunda-feira, os problemas vão estar tudo ali de novo e tal, então foi uma sensação muito, muito boa, de tranquilidade que durante quantos anos eu não tinha. Então foi legal, eu fiquei um ano e 5 meses é aí voltei. Agora não voltei por sentir falta, continuei não sentindo falta do trabalho, eu confesso que estava muito boa a minha vida, não ter compromisso de horário, não ter compromisso de trabalho, não ter que resolver isso, resolver aquilo. Então, enquanto eu estava na ativa, cheguei trabalhar cerca de 10 a 12 horas por dia; então era trabalho e casa.

O retorno ao trabalho após a reserva

Hoje é muito comum, a gente vê isso, quem está na reserva voltar para o trabalho. Esse retorno, tem muito a ver pela falta de funcionários. O comandante pediu para eu vir aqui, para ajuda-lo, por isso resolvi voltar; porque não está tendo contratações, falta pessoal, isso há muito tempo. Nesses 38 anos que eu passei, eu nunca vi nenhuma unidade que tivesse realmente 100% de lotação da tabela de pessoal completa, pelas necessidades das

habilidades apresentadas, nunca teve. E agora está se agravando; porque agora está tendo menos contratação de militares de carreira. Muita gente está voltando [retorno ao trabalho após a reserva] por essa falta; aí a vantagem para os comandantes, todo eles convidam. Essas pessoas voltam porque já têm todo um conhecimento, então isso é aproveitado; um conhecimento de 30, 35, 38 anos que a pessoa tem. De repente alguém que vai chegar ali, vai demorar 1,2,3,4 anos para aprender. Ainda mais por conta da implementação dos contratos temporários, essas pessoas ficam 08 anos e depois saem, então cada vez menos tem efetivo de carreira. A diminuição do efetivo de carreira, já estava prevista mesmo, há algum tempo. Era uma diretriz dos comandantes já algum tempo. Que foi a tal "Força Aérea 100". Os comandantes da Força Aérea, já imaginaram a diminuição gradativa do pessoal de carreira. O temporário, não tem como ele chegar, sentar na cadeira e ir fazendo o trabalho. Quando chega, vai levar um tempo para aprender. E vai ter que ter alguém ali para ensinar, são tarefas que não estavam sendo feitas lá do outro lado [fora do ambiente militar]. Então se investe um tempo, e quando a pessoa já está mais experiente, completa os 08 anos, e tem que ir embora. Por isso, a contratação dos veteranos [os PTTCs], já chegam sabendo. Você fez aquilo a vida inteira, então é mais tranquilo para a unidade. A experiência ajuda!

Entrevistadora: O que que é PTTC, como é que funciona?

- É a prestação de tarefa por tempo, certo. Então o que acontece comigo aqui, fui contratado para gerenciar a seção de contratos, que tem valores muito grandes, muito altos. Então quem já tem experiência nessa área pode ser esse contratado. No meu caso, experiência nessa área para ser o chefe da seção de contratos. Esse contrato pode ser prorrogado a cada 02, até o limite de 10 anos, a tarefa por tempo certo é uma tarefa específica. Então por isso que tem esse tipo de contratação, que pode ser interrompida a qualquer momento ou por minha vontade ou de quem me contratou. Funciona assim: eu chamei o cara, achei que o cara sabia, mas o cara não está ajudando, então interrompe o processo, não tem obrigatoriedade de esperar.

Entrevistadora - Esse valor a mais, aumenta a arrecadação da pensão militar, isso vai acarretar em algum aumento na remuneração depois que terminar o contrato?

- Quando a gente passa a trabalhar como PTTC, aumenta o valor; mas quando você deixa de trabalhar, volta o seu salário de origem. Você recebe o pro labore que equivale a 1/3 a mais da sua remuneração, recebe enquanto estiver prestando o serviço, se você parar, cessa na mesma hora, volta o seu salário de origem [da aposentadoria].

- O aumento é no momento que você está prestando o serviço, mas quando você parar de trabalhar, aquele valor que aumentou de contribuição também cessa. Quando a gente passa a trabalhar com o PTTC, aumenta a remuneração em 1/3 e quando deixa de trabalhar, volta o seu salário de origem [da aposentadoria]
- Tem discussão para aumentar esse prazo limite, que atualmente são 10 anos. Porque tem pessoas que completam os 10 anos, que gostaria de continuar, como o Coronel Gilmar, que termina o tempo dele agora [setembro/2023]. Eu continuaria enquanto meu sono continuar.
- Eu voltei a trabalhar mais por conta mesmo de um pedido, do atual comandante daqui [do PAMA] o diretor. Porque está faltando gente "pra" caramba no efetivo. Ele está encontrando dificuldade de achar alguém para ficar numa área bem específica, que é muito delicada, como a seção dos contratos. E como esse nosso trabalho [prestação de serviços] você vem, e se você achar deve que ficar um mês, 01 ano, você ficar no máximo 02 anos se quiser renovar depois, então eu vim. A princípio, estou imaginando ficar até o final do ano que vem [2024], quando também acaba o comando dele. Eu estava achando muito boa minha vida. Então, não foi por sentir falta de trabalho, não. Foi mais para ajudar um amigo, digamos assim. Acho que tem muita gente que vai para a reserva e tem dificuldade, fica depressivo, têm pessoas que acabam abusando do consumo de bebida [álcool] e depois acaba perdendo até o controle e tal. Mesmo tendo ficado 38 anos na FAB tinha muitos amigos fora, sempre tive o que fazer, viajava para algum lugar, passeios. Então isso não me fez sentir falta do trabalho. Outros que tem problema é porque passou a carreira inteira concentrado no quartel, numa área militar. Tenho amigos que moraram muito tempo em vila militar, então só amigos da FAB, conversas das questões militares, né? A válvula de escape era o trabalha no quartel, aí quando sai, fica meio perdido, né? Por isso quando vão para reserva sentem muita falta, vivia o tempo todo só aquilo. Esse ponto que eu vi. A vida militar acaba sendo o centro da vida da pessoa. Eu nunca vivi isso, o que eu acho que ajudou bastante. Também tem a questão da casa, tem situação que a pessoa fica o tempo todo em casa; fica incomodando a mulher; a mulher fica te incomodando; tem isso também. Você passa muito tempo no trabalho. E aí, do dia para noite, você vai ficar 24 horas em casa, ocupando um espaço que até então era só da sua mulher. E você, às vezes tem algum tipo de liberdade ou uma atitude sua que também não agrada, a sua mulher. Isso pode trazer conflito, né? Mas em casa, eu também não senti isso, não. Tá tudo bem, tá legal. Minha mulher até questionou: vai voltar por quê?

E uma coisa a gente aprende também na vida: se um amigo da gente está precisando, e você tem condições de ajudar, não tem porque não ajudar! Se o cara precisa, e você pode ajuda; se cansar eu saio, né? A gente tem essa liberdade, nesse tipo de contrato. Então, foi basicamente o que aconteceu nesse um ano e 5 meses, foi bem tranquilo. Outra vida, diferente daquele estresse do dia a dia? Fui coronel.

Entrevistadora: O senhor teve perdas econômicas ao migrar para reserva?

- É assim, você quando vai para a reserva, você vai ter mais tempo para gastar, se fizer só isso, realmente vai gastar mais. Porque mesmo quando você está na ativa, não dá para você ter tudo. É saber dosar, né? Mas de fato, a gente passa para a reserva e continua com seu salário integral. Você consegue manter a sua vida como ela é, não dá para querer comer fora todos os dias, que realmente não dá, realmente não dá, né? E aí, a diferença é que você está todo dia em casa. E quando você tá trabalhando, às vezes sai, mais sem gastar mais, comer de alguma. Você está na reserva e como estar numas férias constante, né? Pode querer sair mais, e se não tomar cuidado, você vai ter problemas sérios. Realmente é perigoso! Quando você está trabalhando fica muito ocupado, e você não tem tempo para gastar o dinheiro. Mas, em casa o dia inteiro... vou aqui, vou ali; vamos almoçar fora, pois está sem fazer nada. Se você for por esse caminho... Tem que saber, sim, dosar tem que se enquadrar dentro da sua condição, porque se não vai acabar arrumando um problema, sério. Têm muitos militares que moram nas vilas militares, que também podem sentir, quando tem que sair.

A experiência na vila militar

Entrevistadora: o senhor chegou a morar na vila militar?

- Morei 10 anos, na vila, quando você vai reserva tem sair. Mas como falei, eu já meio que me preparava, né? Então eu já tinha o meu apartamento próprio, né? Então eu já sabia que a hora que eu saísse da vila, teria que ter um lugar tranquilo para poder ir. Então eu também não tive nenhum tipo de impacto negativo com a saída da vila, não. A gente sente falta porque realmente você morar numa vila militar, principalmente aqui em São Paulo, é um oásis [paraíso], né? Porque você tem muito mais segurança, os seus vizinhos dali são pessoas que são amigas de muitos anos e tal. Aí quando você volta para o seu apartamento, às vezes nem os vizinhos direito você conhece, né? No prédio, às vezes só se esbarra na hora do elevador, alguma coisa assim. Já na vila não, né? Na vila, você interage muito mais com o pessoal, interage muito mais, né? Conhece as pessoas por estar sempre junto no ambiente de trabalho, né? Então isso aí você sente falta, assim é diferente, mas não a ponto de impactar em nada. Agora tem gente que por morar muito tempo na vila militar esquece

que terá que sair um dia; e aí quando sai, toma um susto. Aí às vezes não está ainda com dinheiro para tentar comprar um imóvel e tal. E aí, vai para o aluguel, aí acaba também arrumando problemas financeiros.

As movimentações na carreira

Entrevistadora: O senhor falou que ficou 38 anos na ativa teve movimentações durante sua carreira?

- Olha, eu fui privilegiado, eu não tive muitas movimentações durante a minha carreira. É tirando os 04 anos de formação, na escola; eu só fui transferido duas vezes. Uma, eu fui aqui para o Guarujá, na Base Aérea de Santos, então também pela proximidade, não precisei mudar com a minha família, tirar filhos da escola; mantive todo mundo aqui. Eu ia e voltava para trabalhar. E numa outra, fui para o Rio de Janeiro, mas foi um período curto, era um ano, então a família também não foi. Eu ia e voltava no final de semana. Então, foram 02 transferências, na minha carreira; que não chegaram a impactar em mudança para família.

Entrevistadora: O senhor é daqui de São Paulo mesmo? E fez a carreia aqui?

- Sim. Mudei de OM aqui em São Paulo, as idas e vindas foram: para o PAMA, PASP [ambas localizadas na região norte no Campo de Marte] e também o GAPSP [zona norte]; depois fui para CELOG que ficava no espaço físico do COMGAP, no bairro do Cambuci. Também fiquei 6 meses em Guarulhos, na Base Aérea de São Paulo. Então sempre fiquei em São Paulo [cidade]; e fiquei 02 anos no Guarujá e 01 no Rio de Janeiro.

Entrevistadora: como acontecem as movimentações no seu quadro?

- Na verdade, as movimentações são mais comuns na carreira do oficial aviador, por questões operacionais, eles são muito movimentados, muito. No caso dos oficiais Intendentes, não! Então, de uns anos para cá, uns 10 ou 12 anos, começou a obrigatoriedade de oficial intendente não ficar mais do que 5 anos na mesma localidade. Então, o pessoal acaba sendo transferido, mas antes, não tinha isso. Se o intendente estivesse numa unidade, e não pedisse para sair, dificilmente tiravam ele da unidade. Quando eu vim para cá, depois da minha formatura na academia, eu vim para o PAMA, onde fiquei por 14 anos, foi quando eu saí, quando criaram a obrigatoriedade, que determina que você não pode ficar mais de 5 anos na mesma localidade; foi quando eu fui para Santos, onde fiquei por 02 anos.

Entrevistadora: quando o senhor se formou na AFA, foi sua escolha vim para em São Paulo?

- Tem essa possibilidade de escolher, tem as vagas que são abertas para cada turma; então você escolhe de acordo com a sua classificação. Então, a turma vai escolhendo as vagas disponíveis, e aí eu escolhi para São Paulo.

Entrevistadora: o senhor praticamente não saiu do Estado de São Paulo, durante o tempo de serviço ativo?

- Só quando eu fui pra pro Rio de Janeiro, sempre permaneci em São Paulo, incluindo as cidades de Guarulhos e Guarujá.

- Eu mudei de bairro, da zona leste para zona norte, quando vim morar na vila; porque comecei estressar demais, com o trânsito. Quando eu era tenente, vinha de lá [zona leste], para cá [zona norte] demorava 25 minutos. Mas com o tempo, passou a demorar mais de 01 hora. Aí eu falei: cara, eu tenho a oportunidade de morar na vila, sair de casa a pé; não pegar trânsito. Vou vim morar na vila! Morava na Penha, bairro em que residia minha esposa; antes do casamento eu morava no bairro Carrão [são bairros vizinhos]. Em 2012, vim morar na vila [aqui em Santana] trouxe minha família. Fiquei na vila até quando fui para reserva, no ano passado [2022]. Então fiquei ao todo 10 anos morando na vila militar. Depois retornei para o bairro da Penha.

Entrevistadora: uma das coisas que eu também fico pensando, é a que o militar não finca raiz num lugar

- A gente não se prende mesmo. Ficar aqui em Santana ou ir para a Ipiranga, a gente não cria esse enraizamento, não. A família sente mais, mas a gente não, a gente nunca cria raiz. Cheguei a ventilar de ir para o Rio de Janeiro, depois da reserva. Chegamos a ver apartamento lá e tudo. Mas se a gente quer uma vida mais tranquila na reserva, não é o Rio de Janeiro o local, em que você terá mais tranquilidade. Acabamos desistindo. A gente tem possibilidade de conhecer lugares, que ajuda a gente a decidir onde morar, serve de subsídio na sua decisão

Entrevistadora: quando tem a movimentação a pessoa vai para um local, ela tem algum benefício para ir?

- Não, benefício não. Mas, quando você é transferido, você tem prioridade na fila de espera para as vilas militares, isso não seria um benefício! Você estava em outro estado, vai chegar lá e vai ficar aonde? Às vezes nem conhece o local. Então, você tem prioridade na fila da vila militar, para que você pegue logo, caso tenha a sua família. Só isso, não tem mais nada. Isso também pode demorar até mais de 1 ano; a pessoa pode não conseguir. Dependendo do

cara que foi transferido, pode ter filho, esposa tem que arrumar um lugar para alugar até que saia sua vaga na vila.

A preparação para reserva

Entrevistadora: qual a visão do senhor sobre a necessidade de preparação para reserva militar?

- Um programa de preparação para reserva que realmente faça a diferença; e tem feito a diferença ali. O que eu acho que a FAB poderia fazer dentro das organizações militares, e achar um caminho que incentivasse mais o pessoal a participar do programa de preparação. Tinha no hospital, funcionou muito bem, mas tem muita gente que vai falar que não precisa disso, que se for para reserva, vai descansar no adia seguinte. Precisa saber o que fazer mais, o que mais fazer na da vida. Teria que ter uma conscientização maior dentro das unidades, para que o pessoal participasse desse programa.

A vida na reserva militar: projetos

Entrevistadora: Quando você foi para reserva tinha alguma outra atividade, conseguiu incrementar algum projeto que você tinha antes que não conseguia fazer projeto?

- Quando fui para reserva, queria sair fora de São Paulo, para assistir vários jogos do Corinthians. Enquanto estava trabalhando, não conseguia sair daqui para ir. Nesse um ano e meio, fui em quase todos que eu pude. Fui para Minas Gerais; para o Rio de Janeiro, fui para o interior de São Paulo; para Goiânia. Só para ver jogo de bola.

Entrevistadora: É uma torcida forte, a corinthiana! Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, o que sempre me chamou atenção é a "dificuldade", que as pessoas parecem ter, em relação à saída do mundo trabalho. Imaginava que parar de trabalhar seria uma possibilidade para construir novos projetos de vida. Isso aconteceu com a Sambista Dona Ivone Lara, assistente social, enfermeira que pode investir na carreira artística, depois que se aposentou no serviço público. O Senhor tem algum sonho, algum projeto perdido lá atrás?

- Só de ser corinthiano, de acompanhar os jogos. Na FAB tem o grupo de veteranos, né? Eu pensava que quando eu saísse, eu iria passar ali na porta do quartel, para ir visitar as pessoas, ajudá-los, pensava assim. Foi uma coisa que eu fiz bastante também, a equipe é muito legal.

- A minha esposa, tem uma ONG, um instituto que é beneficente, que funciona paralelamente ao centro espírita, têm muitas ações voluntárias, tudo voluntário, então eu vou lá para ajudar, o pessoal. Tem gente que faz doação, tem que buscar, carregar móvel; então eu ia ajudar, para mim faz um bem danado. A gente fala: poxa, que legal, ajudei! Não queria fazer nada,

A carreira militar

Entrevistadora: como foi escolher a carreira militar, já tinha alguém da família que era militar?

- Foi uma escolha aleatória, totalmente aleatória. Eu nunca tive antes e nem tem agora ninguém na minha família que seja militar. Com 14 anos me deu na "telha" de ver o pessoal da polícia militar, e lá fiquei sabendo das Forças Armadas, mas achei isso legal, e aí fui correr atrás. Fui fazer o cursinho, para fazer a prova. Na verdade, no cursinho é que eu fui descobrir que existiam escolas das Forças Armadas, que dava para entrar com 14, 15 anos. E aí eu fiz a prova. Durante o cursinho eles dão palestras, vai gente da Marinha, do Exército e da PM [Policial Militar], para falar como que são as carreiras. Eu me identifiquei mais com a FAB. Não tive nenhuma influência da família, nem para entrar. Fui pessoalmente, naqueles cursinhos que tinham no centro de São Paulo. Fui saber como teria que me preparar par ser policial militar. Engraçado, né? Porque assim tem um certo desconhecimento da sociedade em relação às Forças Armadas, eu fui para o cursinho, com interesse na PM. Aí lá, eu fiquei sabendo que existia. Aqui é muito pouco divulgado [São Paulo], né? Até hoje é assim, não tem divulgação, cara, né? É diferente do Rio de Janeiro. Quando entrei na formação, cerca de75 a 80 % da minha turma era carioca, justamente pela divulgação. No Rio de Janeiro tem um número muito maior de quartéis, das Forças Armadas (Exército, FAB, Marinha). Em São Paulo, as pessoas nem sabem, né? Sabem alguma coisa.

Carreira militar: acesso com ênfase no setor privado "os cursinhos"

Entrevistadora: esses cursinhos são privados, né? Quem não consegue pagar, não tem acesso a essas informações. Acho que se fosse mais divulgado muito jovens teriam interesse. Eu entrei na FAB com 43 anos, nunca soube que tinha serviço social nas Forças Armadas, e até hoje muita gente nem sabe. O senhor gostaria de acrescentar alguma?

- Acho que nós falamos bem, né? Muito interessante.

Entrevistadora: vou pedir então para o Senhor se apresentar, teria que ser no começo, mas... vamos agora mesmo, como já conheço o Senhor, acabei pulando. Então fale seu nome, sua idade, se quer que seu nome seja divulgado ou não; se quer utilizar algum nome fictício, gênero, raça, orientação sexual. Enfim: quem que é o coronel Jorri?

- Chamo-me Waldemar Roberto Cabral Jorri, tenho 54 anos, sou casado há 27 anos, tenho 03 filhos (02 meninas e 01 menino já crescidinhos). Fiquei 38 anos na ativa. Identifico-me

como homem cisgênero, com orientação heterossexual; quesito raça/cor: branco com ascendência indígena. Sinto-me participante e colaborador do estudo
Finalização: agradecimentos

5.6.2 O Relato Oral: narrativas do Suboficial da FAB da especialidade de meteorologia

Figura 18 - O Suboficial Misael

Fonte: WhatsApp -foto do perfil

Quem fala: bom, chamo-me Misael Ferreira do Nascimento Júnior, hoje sou suboficial da Aeronáutica, fui para reserva em 2018, servi em algumas localidades. Tenho 54 anos, sou chefe da família, casado com Lourdes, tenho 02 filhos; sou homem cisgênero; quesito raça cor: me identifico como pardo; sou filho de militar; nasci no estado da Bahia, mas vivi no estado do Rio de Janeiro, como meu pai era da Marinha do Brasil, ele passou no concurso de fuzileiro naval; fez o curso lá e ficou por lá mesmo; depois mudou com toda a família para o RJ, eu tinha 05 meses de vida quando fui para o RJ. Eu fiquei até os 20 anos de idade no RJ. Fiz faculdade de contabilidade na PUC de Minas Gerais

A vida profissional antes da FAB e a escolha na carreira militar

- Eu trabalhei como “office-boy”, entregador de jornal em bancas; vendia jornal, levava jornal de um lugar para o outro E a gente levava jornal também de uma de um local para outro. Às vezes nos finais de semana a gente levava o jornal para vender, por exemplo, sábado. E aí, a gente vendia os jornais. Isso foi no Rio de Janeiro. Aos 20 anos migrei para carreira militar

A escolha da carreira militar para Misael: a tradição familiar e regional

- Escolhi ser militar por conta da família mesmo. A gente já tinha essa coisa de Forças Armadas e tal. Meu pai já era, meu irmão, na época já era. Eu acompanhava meu irmão, quando ele ia para Escola de Especialistas, ele colocava as roupas [as fardas] dele. Eu achava bacana para caramba. Eu dizia: vou fazer também! Meu pai sempre foi graduado, foi soldado, cabo e segundo sargento. Também tenho outros parentes que são militares das Forças Armadas, que chegaram a patamares mais altos.
- E lá no Rio tem uma coisa bacana, todo mundo quer fazer, tem vários cursos, é bem divulgado, então todo mundo corre atrás, lá no Rio. Aqui [São Pulo] não é tão divulgado como no Rio, quase ninguém fala. Mas no Rio era bastante divulgado esse negócio de entrar para as Forças Armadas. A gente faz os cursos, eu fiz bastante curso, eu tinha muita dificuldade, porque a nossa base da escola não é tão boa assim. Então, eu tive que estudar um pouquinho mais, tive que fazer uns cursinhos pré-militar. Para se adequar, as provas, se eu não conseguir fazer essas provas, era muito mais difícil. Eu particularmente fiz 3 ou 4 provas da Aeronáutica para passar. Mas eu também tinha feito prova para o Exército, Aeronáutica; para Marinha não, só tinha para oficial; se eu não me engano para se fazer as provas lá. Mas, para o Exército e Aeronáutica eu fiz bastante provas. Meu irmão não, ele tinha menos dificuldade nas matérias. Ele aprendia mais rápido, acho que ele passou na primeira. Eu fiz umas 3 ou 4 provas.

Entrevistadora: na sua opinião porque é uma tradição carioca a escolha na carreira militar?

Narrador: Acho que é a junção, o Rio de Janeiro é muito violento. Então acho que por conta da violência, as pessoas querem tipo refúgio, uma segurança em algum lugar, no caso seria nas Forças Armadas. No Rio de Janeiro, a gente ouve muita história que em função da violência os policiais abordam a gente como se a gente fosse qualquer pessoa e tal, sem nenhum respeito, né? Mas quando eles veem que somos das Forças Armadas, a situação muda, eles respeitam mais, tem mais consideração. Enfim, tem muita gente que mora afastada mesmo, como na Baixada Fluminense, lugar mais pobre, com menos recursos. E as pessoas querem esse refúgio, querem uma maneira de não serem julgadas daquela forma como pobres; sem nenhum apoio, né? É assim, pelo menos nas Forças Armadas eles dão apoio, porque de repente o cara precisa. Ele não fica sozinho, né? E outra situação seria realmente também o fato, por exemplo, da pessoa quando for para casa [ir para reserva militar], vai para casa com a remuneração integral; fora não tem, não é? Você mantém sua remuneração para casa, você não perde quando vai para reserva ou para reforma

- No Rio, você pode ir para as Forças Armadas, ou você pode ir para outra área relacionada ao funcionalismo público, né? Tem muitos funcionários públicos, no Rio de Janeiro tem bastante. Lá já foi capital do país, então tem ainda muitas áreas do governo federal. Aqui [São Paulo] é muito mais fácil emprego; lá em Minas Gerais também é mais difícil. Essa área do funcionalismo público federal é mais estadual; aqui em São Paulo também é muito mais difícil [funcionalismo federal]. Acho que é por função disso também, né? No Rio de Janeiro, é muito mais divulgada essa área, lá já é tradicional, né? As escolas militares são muito procuradas lá no Rio de Janeiro

Para Misael ser militar é:

- É uma oportunidade para pessoa de baixa renda, ela tem a oportunidade de aprender uma ferramenta de trabalho, tem um salário (...) E sem falar outra situação que ela vai aprender lá dentro como: ética, disciplina; muitas coisas boas que existe na vida, né? Só lá dentro ela vai aprender; aqui fora é muito mais difícil. Então assim, realmente as Forças Armadas preparam as pessoas para o mundo, para a vida!
- Geralmente quando você não é de uma família mais abastadas, você não tem condição de sair daquela situação que está vivendo ali, para ter uma condição melhor, né?
- Tem como aprender muita coisa, que você não sabe, eles te dão curso; quando a pessoa já é soldado te dão bastante curso no Senai, para você ter ferramentas, você sai dali mais preparado, assim que eu vejo, né?

O que diz Misael da FAB *"Força Aérea Carioca"*

- A Força Aérea é praticamente no Rio de Janeiro, a gente diz: Força Aérea Carioca. (risos). A gente volta para aquela situação de divulgação, no Rio é muito mais divulgado, tem muita gente fazendo; é o que acontece, por exemplo, quando a gente ia para escola; quando a gente se reunia, grande parte dali era do Rio de Janeiro. De São Paule tinha pouca gente; de Minas Gerais tinha pouca gente; já do nordeste também tinha bastante gente.

- **Questões da carreira militar: o que diz o entrevistado**

A inserção na FAB e formação militar: o especialista meteorologia

- Entrei na Escola de Especialistas em Guaratinguetá em São Paulo (foto 1), em 17/06/1989; e me formei em 1991. Quando iniciei a formação militar, eu morava no Rio de Janeiro, fiz rodo o processo no Rio e fui estudar em São Paulo. Entrei no quadro de graduados da FAB.

- Fiquei 02 anos, no curso de formação. Primeiro, a formação na parte militar, e depois a parte relacionada a sua área de atuação. No meu caso, eu escolhi a especialidade de meteorologia[58].. Mas tem várias áreas lá (eletrônica, eletricidade, controle de tráfego aéreo), enfim, tem um monte de áreas que você pode escolher, você escolhe a sua área. Mas, na minha época a Aeronáutica que indicava/escolhia a sua vocação, né? Ou seja, verificava se você estava realmente preparado para aquela área. Tinha um teste vocacional, que agora não tem mais, a pessoa já faz a prova direcionada para área de atuação, certo?

Figura 19 - A Escola de Formação do Suboficial Misael

Fonte:https://www.jornaldeguara.com.br/escola-de-especialistas-de-aeronautica-completa-80 anos

As movimentações ao longo da carreira militar: Tabatinga/AM; Belo Horizonte/MG; Salvador/BA; São Paulo/SP

- Após a formação, fui para cidade de Tabatinga (fotos abaixo), localizada no estado Amazonas, fica na divisa com o país da Colômbia, onde fiquei por 05 anos. Fica na região do extremo norte do país, que para mim foi uma novidade, eu nunca tinha ido para o norte, lá é o extremo norte do país. Mas como eu fui transferido para lá, para servir no DTCEA (Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Tabatinga). Tive que me deslocar, nem sabia se tinha avião, se tinha aeronave que nos levássemos para lá; se tinha alguma coisa lá. Eu e meus colegas que estavam indo para lá. Eu não queria ir, na época eu tinha uma namorada, né? E eu não queria ir, né? Eu não queria ir para o norte! Não sabia como que seria. Imaginava que devia ser um lugar muito ruim, né? Eu falei para minha namorada,

[58] O técnico em meteorologia observa e descreve as condições meteorológicas para o planejamento das missões aéreas, indispensáveis à segurança de voo. Informações extraídas do Portal institucional da FAB acesso em https://www2.fab.mil.br/eear/index.php/2015-06-02-14-14-44?layout=edit&id=168#:~:text=O%20especialista%20nessa%20%C3%A1rea%20%C3%A9,e%20a%20seguran%C3%A7a%20de%20voo.

nem sei se tem avião para lá. Eu fui no aeroporto, a mulher falou que tinha avião para lá, na época da Varing. E aí eu falei, ok! Legal! Tem até avião da Varing, eu pensei que jogassem a gente de paraquedas para lá?

As imagens mostram o cenário da cidade em que o milita teve a sua primeira movimentação, após a formatura: memória geográfica

Figura 20: Fronteira Tabatinga-AM e Colômbia

Fonte[59]:

Figura 21: A OM do início da carreira

Fonte[60]

- Era para ficar mais ou menos 03 anos; mas acabei ficando 05 anos, ela para ficar. Na época, a Aeronáutica não dava a transferência antes de completar 05 anos. Então tive que ficar até completar os 05 anos. E para mim, foi até uma experiência, uma situação que eu imaginava que não iria aproveitar muito, aquela situação, de ficar naquela localidade, mas tive a chance de aprender com os outros profissionais. Eu aprendi muita coisa. Para mim foi um grande ganho, né? Eu aprendi o trabalho da minha área, da área do meu colega; da área de outros colegas também. Como eles estavam lá, aquele período todo, tinham mais tempo para me explicar, sobre a área deles. Eu acho, que se eu tivesse numa localidade de maior, acho que não teriam o tempo para me explicarem, né? Mas ali, a gente tinha tempo, era um local muito pequeno; e a gente nem tinha para onde ir. Local, sem muito recurso. E o Destacamento (OM), ficava bem afastado do centro da cidade. Enfim, é uma cidade muito

[59] https://www.google.com/search?q=fotos+do+destacamento+da+fab+na+cidade+de+tabatinga+am&oq=FOTOS+do+destacamento+da+FAB+na+cidade+de+Tabatinga&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgCECEYoAEyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigATIHCAMQIRigAdIBCjM4MjQ1ajBqMTWoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8

[60] https://www.google.com/search?sa=X&sca_esv=602036652&sxsrf=ACQVn08oCtmf5FvWFoDUNdTx9cvJV7eRjA:1706386615902&q=%22fotos%22+do+destacamento+da+fab+na+cidade+de+tabatinga+am&tbm=isch&source=univ&fir=2GluM9CpaEoPuM%252CfS8dtqpqac6iPM%252C_%253BjWfU-s9-l0sAqM%252CPia-Xyq3FdC-HM%252C_%253BcRqMELAytkX6fM%252CYwKWi16fEB-6CM %252C%253BUNr3HMrc-cKV2M%252C5R1FDxusV8rtdM%252C_% 253BlDYa551 kyY_ bOM% 252 C5R1FDxusV8rtdM%252C_%253BsPrGkUAfgGS3EM%252CizNoF14zlpcqgM%252C_%253Baeh888YlHR7PIM%252CizNoF14zlpcqgM%252C_%253BukptldlrouCtVM%252CiW4gToko8kLTSM%252C_%253Bh7QnsKPK3Tvf9M%252CfS8dtqpqac6iPM%252C_%253BASlOGy5-XsM-jM%252CfS 8dtqpqac6iPM%252C_&usg=AI4_-

pequena, né? Fronteira com a Colômbia. A Colômbia tinha recursos melhores que o nosso, mas era uma cidade pequena também, mas era muito mais desenvolvida. Mas, Tabatinga, é uma cidade muito pequena, tamanho. A gente se deslocava muito para lá, [para Colômbia]. A área de Tabatinga era muito ruim, né? Tinha lugares que não tinham nem ruas asfaltadas; não tinha rede de esgoto. Era bem atrasada aquela cidade. A gente ficou, esse período todo lá [05 anos], eu aprendi muita coisa na minha área, da área de aeroporto, de eletrônica; de passar as mensagens. Enfim, gerou um aprendizado muito grande, que eu não teria em outro local. Depois dos 05 anos, eu pedi transferência, e fui para Minas Gerais.

- Aí Minas Gerais que é um local bem maior, né? Eu fiquei no Destacamento [OM] que fica bem próximo do Aeroporto de Confins. Nesta [OM] tinha muitos recursos, a gente tinha bastante coisas para fazer. Então, cada um ficava no seu setor. A gente praticamente não tinha contato com os setores dos outros colegas, mas tínhamos contato entre colegas. E de vez em quando a gente aprendia alguma coisa sobre tráfego aéreo. A minha área é de meteorologia. A gente sabia muita coisa em relação à área do colega, porque eles explicavam para a gente. Mas cada um ficava mais no seu setor.

- Eu ficava na minha sala, no meu setor. Mas assim, a gente tinha muitos contatos também. Um período muito bom. No período de folga, que a gente tinha, saíamos bastante; conheci muita gente lá, tive até uma filha, no período de folga que tinha, a gente saia bastante, tive contato com muita gente. Fiquei mais ou menos uns 11 anos, lá; nesse Destacamento de Confins. Comecei a fazer faculdade, fiz na PUC Minas Gerais, nesse período que estive lá, fiz até o quarto período; depois conclui a graduação na PUC de Salvador, para onde pedi transferência.

- Em Salvador, fiquei no Destacamento [OM] da minha área [meteorologia] no serviço de proteção de voo. Fui deslocado par lá na transferência que eu pedi. Fiquei também 5 anos lá; aprendi muita coisa. É um local, que eu me surpreendi. Porque o pessoal é muito mais rigoroso do que lá em Minas Gerais. Tem muita gente lá que é descolado do sul, o pessoal lá, era muito mais “caxias” que é aquela pessoa muito rigoroso na disciplina militar e tal, mais rigorosa. Então, para minha surpresa, foi bem puxado lá, né?

- Depois de Salvador, escolhi vir para São Paulo, pela questão da estrutura, né? Na verdade, eu queria ir para o Rio de Janeiro, mas a Lú queria vir para São Paulo. No Rio também tem muita estrutura no serviço de saúde, lá tem 03 hospitais da FAB, se eu não me engano tem o Hospital Central, tem o da Ilha do Governador e outro; só que também tem muitas unidades lá no Rio.

As movimentações no quadro dos graduados: necessidade de serviço, interesse particular, necessidade de atenção à saúde

Narrador: Nós graduados, a gente pede a transferência. No caso de oficiais não, eles são obrigados devido ser cargo de comando. Enfim, eles têm que pedir essa transferência, se estiver num cargo de comando, se não estiver não pedem. Se não estiverem em cargo de comando, pedem se quiserem. Pode ficar aquele período lá, se for o tenente, se for capitão; pode ficar aquele período no local. Agora o graduado não, é a mesma coisa do capitão para baixo. Somente pede se quiser. Se não quiser sair dali vai ficando. Agora, no caso oficial superior para cima, você é obrigado, a passar por outros comandos; quando ascende a major, tenente-coronel, coronel essa área todinha, eles são obrigados a se deslocarem. Mas de capitão para baixo, se eu não me engano, não, somente quando querem. Eles só vão [transferidos] se pedirem.

- Para Tabatinga, eu fui por necessidade de serviço; no meu caso, eu fui deslocado para lá. Mas depois não foi mais por necessidade de serviço; eu desloquei por minha necessidade, porque eu queria; mas acabou saindo por necessidade do serviço; e essa a última foi por necessidade de saúde.

- Depois de Salvador, escolhi vir para São Paulo, pela questão da estrutura, né? Na verdade, eu queria ir para o Rio de Janeiro, mas a Lú queria vir para São Paulo. No Rio também tem muita estrutura no serviço de saúde, lá tem 03 hospitais da FAB, se eu não me engano tem o Hospital Central, tem o da Ilha do Governador e outro; só que também tem muitas unidades lá no Rio.

- No meu caso, eu pedi porque eu queria ir para Salvador, pois não conhecia. Quis sai de Tabatinga, porque era muito ruim. Eu queria ir para o RJ, só que eu não consegui. Porque têm algumas restrições; alguns locais não têm vaga. Aí só tinha vaga para Minas Gerais, então pedi para Minas Gerais. Consegui ir para Minas Gerais, depois de 11 anos, quis sair; é muito mais fácil sair de uma localidade que não tem estrutura; para outra localidade. Do que sair de localidade que tem estrutura, a Aeronáutica tem essa prioridade; também tem a classificação de cada. Cada localidade também tem a classificação, como o Tabatinga tinha uma estrutura pior, né? Não tinha muita estrutura; você tem prioridade para pedir para localidade. Assim, não precisa esperar os 05 anos, pode pedir com 03 anos. Você pode pedir, com 03 anos, para ir para outro local, você tem prioridade. Já na localidade que tem estrutura muito melhor, você só consegue sair depois de 10 anos. É mais difícil, isso aí.

-Então, depois de Tabatinga, eu fui para MG, no DTCEA de Confins, na cidade de Belo Horizonte, e tive que ficar mais de 10 anos lá, para pedir a transferência outra localidade. Com 05 anos, você já pode pedir, pode pedir por interesse particular. Não por interesse ou necessidade de serviço, não é necessidade ser de serviço, é muito mais difícil, mas algumas pessoas conseguem sair com 07 anos, às vezes conseguiram sair, mas está de serviço. Mas aí você tem que ter vaga na outra localidade. Se você não tiver, você não consegue sair. E eu consegui sair só com 11 anos; quando fui para Salvador.

- Em Salvador, fiquei, inclusive, até casei lá, com a dona Lourdes; tive um filho lá [Diogo]. A gente ficou morando na vila militar, era muito bom, eu não precisava sair de lá. A gente só saiu por causa das necessidades de atenção e saúde do Diogo, que tem autismo; e lá a gente não tinha um hospital da Aeronáutica, como tem aqui [em São Paulo] lá não tem a estrutura, não é? Então a gente teve que sair de lá [Bahia] por conta disso. Em Recife tem hospital da Aeronáutica, mas na Bahia, não tinha. Inclusive lá a gente [os militares da FAB] tinha plano de saúde. Tinha um problema de plano de saúde mesmo. Aeronáutica fez um contrato com a REPEVIDA [Rede privada], a gente tinha um cartãozinho para usar, em casos de saúde e tal, e a gente estava usando. A gente usou bastante coisa. Então, a gente ficou esse período lá. A gente morava na vila e usava o serviço de saúde privado. Eu me lembro que quando ela [Lourdes], ficou grávida, a gente teve problemas com a Aeronáutica - estourou a bolsa, eu a levei para o hospital, ela teve um problema e não tinha como fazer o exame dela, ali no plano de saúde. O chefe do hospital [da Aeronáutica] de reforço que tinha lá, era pequeno. É, falou para gente se deslocar para um hospital público SUS; então eu falei: mas se a gente não tem o plano de saúde? Que na época nem era o REPIVIDA, era Unimed. Como a médica que acompanhava ela [Lourdes] estava no SUS, deveriam ir para o SUS, e ficar com a médica lá; e ela que vai dizer o que se tem a fazer. Eu falei: beleza? Mas só que eles não deram ambulância, não deram nada. Disse que era para eu ir com o meu carro. Era longe, a bolsa já tinha estourado, corria risco da gente perder a criança!

- Aí eu falei: pô, mas estourou à bolsa... ele disse que não havia problema e que daria certo.

-Aí, chegando lá, a médica falou que não era para ela ter ido para aquele hospital. Mas que era para ter ido lá para o outro hospital, para fazer a cirurgia e o nascimento da criança. Aí ela, [a médica] entrou em contato com esse médico, chefe dela, que falou que era para gente ir para outro hospital, com mais recursos. A médica disse: olha se ela sair daqui para ir para outro hospital, ela pode perder a criança e perder a vida também. Porque ela já tem idade e tal, não pode ter um parto normal, tem que ser cesárea E eu fiquei nesse ínterim, a gente

ficou lá ouvindo o que a médica falava com o médico chefe. Enfim, ela fez [o parto] lá. Lá não tinha UTI Neonatal, Graças a Deus não aconteceu nada, com o Diogo, ele nasceu com saúde. Deu tudo certo! Mas aí eu falei ... isso eu vou correr atrás. Enfim, era Unimed, depois foi para REPIVIDA. Teve um monte de reclamações, não só a minha; mas de outros colegas também. Aí a gente ficou esse período lá, mas saímos por conta do Diogo [ou seja pela falta de assistência para atender às necessidades do filho]. Diogo tem autismo, né? E a gente teve que sair de lá, por isso; eu pedi transferência. Só que eu pedi transferência por motivo de saúde. Não por motivo de necessidade pessoalmente e ou particular. Foi por motivo de saúde!

- A gente teve que correr atrás de um médico da própria Aeronáutica, dizendo que ele realmente precisava sair de lá, porque lá não tinha recurso. Não tinha um hospital voltado para isso, não tinha nenhum convênio, não tinha uma clínica para esse atendimento. A gente que tinha que pagar do nosso próprio bolso. Depois, pedir o reembolso[61], só que ela [Aeronáutica] demorava muito, para reembolsar. Eu gastava muito, e não tinha como bancar isso. Eu não ganhava tanto assim; na época eu não ganhava como suboficial; era primeiro sargento, não tinha dinheiro suficiente. A gente não tinha como pagar essa clínica, era uma clínica muito boa, lá em Salvador. Mas, a gente não tinha, não tinha dinheiro e era a Aeronáutica demorava mais de 02 meses para efetuar o reembolso. A gente teve que sair de lá [Salvador], enfim a gente teve que sair de lá por com conta disso.

- A gente conseguiu entrar em contato com o psiquiatra, muito bom! Ele falou, tudo bem, eu vou fazer isso! Vocês estão precisando, vou fazer o relatório e envio para DIRSA[62], que é o órgão responsável, né? Aí ele mandou. Mesmo assim, na época foi difícil, para gente sair. A DIRSA também não queria dar. Eu tive que correr atrás também de alguns contatos, aí eu conseguir essa transferência.

A progressão na carreira militar

Entrevistadora: como acontece a progressão no seu quadro?

- Narrador: se eu não me engano, são 05 anos, né? 5 anos para cada um [cada posto]. Assim, na época eram 5 anos, né? De terceiro, depois vai a segundo, a primeiro sargento. Depois poderá ser suboficial. Para cada período de uma graduação para outra graduação, demora mais ou menos 05 anos, agora aumentou o prazo para 7 anos. Na minha época eu

[61] Política de Assistência Social implementada pelo COMAER Projeto Saúde

cheguei a pegar esse período de 05 anos, quando fui para segundo sargento com 5 anos. Mas, depois de segundo para primeiro foram 07 anos. (Isso adia a ascensão na carreira). Eles aumentaram o tempo, o interstício é? O motivo não sei qual foi? Mas, agora demorava um pouquinho, demorou um pouquinho mais para chegar ir de um posto para outro posto [promoção]

- E foi lá [OM em Salvador], se eu não me engano, que eu fui promovido a suboficial. Fiz a prova para ingressar como suboficial, e consegui passar. Caso você não passe na primeira, tem a chance de passar na segunda; mas eu consegui passar na primeira. A gente ficou só esperando o dia da promoção, para chegar a ser suboficial, enfim consegui chegar a suboficial.

A Vila Militar – Próprio Nacionais Residenciais – PNR: as experiências

Diz o entrevistado: só morei em vila depois que eu casei, antes não. Tem vila para solteiro também, mas é muito mais difícil. Em Salvador não tinha vila para solteiro, só tinha vila para quem tinha dependente, aqui em São Paulo também, ´só para quem tem dependente. Acho que em Brasília tem vila para solteiro. Mas teoricamente, você tem que ter dependente. Morar na vila é uma economia muito grande, muito grande, porque você paga água, luz e a estadia com um descontado; mas é uma grana muito pequena, dá para você se manter bem. Eles fizeram isso em função do pessoal que ia servir e não conhecia a localidade, ou que teriam que morar em locais que não eram condizentes com a patamar que a pessoa tem, né? Só que dependendo do local, você tem que gastar muito mais que você tem. Eu, por exemplo, quando eu cheguei aqui em São Paulo, eu fiquei morando em guaianases [bairro no extremo da região leste] até sair a minha vaga na vila militar. Fiquei praticamente uns 2 meses aí morando lá em Guaianases. A gente morou na vila militar da Vasco Cinquini, aqui Santana, eu trabalhava no DTCEA [aeroporto de Congonhas] lá tem uma vila militar mais próxima que seria no bairro Perdizes, que seria a mais próxima. O pessoal fala que é uma vila muito boa. Eu não conheço a gente não conheço, né? Mas dizem que é muito boa. Morei na vila em Salvador fiquei lá por 5 anos lá, depois eu vim para São Paulo, cheguei aqui em 2014. Morei em vila mais ou menos 10 anos.

Carreira militar e o regime de prontidão

- A gente tem que tirar serviço [ficar no mínimo 24h na OM]. Você tem que preencher uma fichinha [cumprir sua quantidade de serviço, preencher quadrinho]. Fazer outros serviços

como: prestação de concurso, tem que dar apoio. por exemplo, você tem que estar lá. Na prestação de concurso, inclusive para outra Armas, a Aeronáutica tem que dar apoio. Aí eu tive que preencher essa lacuna também. Tinham algumas que eu não precisava ir, por ser mais antigo; mas como tinha que preencher quadrinho, eu ia. por exemplo, eu era mais antigo. Enfim, lá foi muito mais rigoroso, o pessoal vigia muito mais. Eu fiquei até assustado, com aquela situação. Fiquei 05 anos, que foram bem puxados.

Vivencias na trajetória das cidades em que serviu

Guaratinguetá/SP: a formação de especialista

Tabatinga/AM: o início da carreira; aprendizado; medo, insegurança (a movimentação por necessidade do serviço)

Belo Horizonte/MG: diversão, paternidade; graduação universitária; acesso de recursos (movimentação por escolha)

Salvador/BA: casamento, nascimento do Diogo; promoção (movimentação por escolha)

São Paulo/SP: atenção às necessidades de saúde: a busca da proteção familiar (a movimentação por necessidade de saúde)

- **Questões do objeto do estudo - a reserva militar – o que diz entrevistado?**

"Ir para reserva: vou para casa -Misael"

Falando sobre a escolha da carreira militar o entrevistado ressaltou que um dos benefícios em ser militar é quando vai "para casa" [referindo-se a reserva] vai com o salário integral. Sobre a expressão "reserva: vou para casa", refere o entrevistado**:**

- Narrador: é, a gente fala! Eu acho que é uma coisa mais antiga, né? A gente fala muito isso aí, porque eu acho que é como se você estivesse numa guerra, né? Você sai da guerra, e fala: vou para casa! Entendeu? Vou sair daquela confusão toda, e vou para casa. É mais ou menos isso. O pessoal, que era mais antigo, que foi para guerra geralmente falava isso: vou para casa agora. Vou sair da daquela, daquela guerra, toda aquela confusão toda, e estou indo para casa. Os militares usam muito essa frase

- Eu fui para reserva em 2018; entrei no curso da Escola de Especialistas em 1989 e me formei em 1991. Como eu fui para Tabatinga, ganhei 1/3 de acréscimo na contagem do tempo, que a cada 03 anos, ganhava 01 ano. Porque era um lugar afastado, sem recursos, como fiquei 05 anos lá, ganhei um 1/3 desse período que fiquei lá. Fiquei na ativa 29 anos

e um pouquinho, pois peguei 01 ano e pouco do tempo de Tabatinga, por isso foi menos de 30 anos.

- Na verdade, eu não queria nem ir para reserva, mas às vezes o teu chefe não entende a sua situação, às vezes eu precisava sair mais cedo, para ficar com Diogo [filho] dar apoio para a Lu [a esposa] e tal. Que eu pedi para o meu chefe sair um pouquinho mais cedo, em função justamente do meu filho, que tem problema, e ele não queria deixar. Então achei melhor pedir reserva, pois às vezes minha esposa precisava sair, e alguém tinha que ficar com o Digo. Eu também tinha um colega meu, de fora, que me falou que quando, eu fosse para reserva, que tinha um aeroporto que estava selecionando pessoal, para ir para lá, principalmente quem trabalhava na área de trafego aéreo. Então falei: vou pedir reserva, já tem uma coisa para mm lá fora. Então, pedi reserva, só que pedi antes do tempo. Teve esse período da reforma da reforma da previdência, e na realidade eu fui prejudicado, se eu ficasse um pouquinho mais, dava para eu receber uma remuneração um pouquinho melhor. Mas aí eu acabei saindo um pouco antes, uma precipitação acabei saindo antes; e fui para trabalhar esse lugar [aeroporto], consegui o emprego. Fiquei praticamente um ano, a empresa não conseguiu renovar o contrato.

- Quando eu sai da Aeronáutica, a gente conseguiu comprar, financiar um apartamento. Aí eu fui trabalhar em Jundiaí. Foi até bom, porque estava conseguindo pagar o apartamento aqui. Hoje, até eu faço o "uber" [motorista de aplicativo] para manter as contas em dia. Tá meio complicado, mas assim dá para pagar as contas, para nós pagar as contas.

Entrevistadora: a gente vem observando que as pessoas continuam trabalhando depois da aposentadoria/reserva. Por que você acha que isso acontece?

- Narrador: há tem muitas variáveis, mas eu acho que a mais importante é a parte financeira. Você tem que manter as contas, né? Apesar de você ter ido para casa [para reserva] você tem que manter as contas, você tem que pagar as contas. Acho que se não fosse isso a gente estaria fazendo outras coisas; dá um trabalhão. Acho que até daria para trabalhar, mas como se fosse um "hobbe"; mas não como uma necessidade.

A Preparação para reserva

- Para mim a reserva é assim: se eu não tivesse me preparado, eu acho que eu ficaria em casa só olhando para parede, porque você tem que ter um preparo. Se você não tiver, por exemplo: eu tenho muitos colegas que acabam tendo problema de saúde. Ficara um tempo tomando remédio, porque não se prepararam para a reserva, não sabiam o que fazer na reserva. A questão, é que você tem aquela rotina; e quando você sai daquela rotina ou você

já tem que saber o que você vai fazer e tal. Então você tem que se preparar para reserva e você sair daquilo ali, você continuar trabalhando, continuar fazendo alguma coisa. Você não pode parar; e têm muitos que pararam. Em Minas Gerais tem cara que saia de casa e ficava sentado na esquina, olhando para frente e tal [sem norte]. Aí tinha que tirar o cara de lá para ir fazer alguma coisa, jogar futebol, jogar cartas, tentar fazer alguma coisa e tal.

- Sei que tinha um acompanhamento lá do pessoal da Aeronáutica; tinha palestra para gente, da palestra eu participei sim.

- Tinha esse negócio de educação financeira, né? Parecia um monte de educação financeira, para gente como ir para reserva e não gastar muito dinheiro, evitar pedir empréstimo. Essas coisinhas que a gente compra, porque não é só uma besteirinha; conforme vai somando no final do mês é uma bola de neve, né? Então, teve educação financeira; teve algumas coisas interessantes, realmente teve.

Reserva e perdas materiais

Entrevistadora: você acha que mesmo no caso dos militares que mantém a mesma renda quando migra para reserva tem perda financeira?

- Narrador: nas Forças Armadas tem o graduado que recebe menos do que oficial. Então na medida que o tempo vai passando a inflação vai aumentando e vai comendo aquela grana. O dinheiro [salário] não é reajustado de acordo com a inflação. E o graduado sente muta mais do que o oficial. Como o oficial ganha mais tem muitos que nem trabalham. Tenho colegas que foram a capitão e falaram que não precisam trabalhar. No meu caso eu preciso trabalhar, pois o dinheiro [salário] não é o suficiente para gente pagar as contas.

- Só perda, uma perda, mas a gente tem que manter aquilo ali, porque as contas elas só vão aumentando, elas não permanecem naquele valor que estava antes, elas vão aumentando e à medida que elas vão aumentando, você também tem que manter a remuneração para conseguir pagar essas contas, fica difícil, até de você manter. Nas Forças Armadas, tem aquela situação do empréstimo, tem muita gente que perdeu até o carro, meu pai, por exemplo. Você acaba entrando numa bola de neve. Você pede, só que você vai ter que pagar juros. Meu pai pediu um empréstimo. Depois de mais ou menos 6 meses, ele pedia outro, ou seja, foi aumentando cada vez mais, a bola. Quando ele ia pagar, ele não conseguia. Hoje ele não consegue pedir mais empréstimo, por causa da idade dele. Mas se tivesse em condições de pedir, ele pediria, mas não podia mais fazer mais nada. Ou seja, acabou aquele empréstimo ali, acabou a renda dele. Têm muitos, muitos colegas das Forças Armadas que acabam fazendo isso aí. Eu até estava fazendo, depois parei, e falei: isso aí é uma loucura!

Não posso fazer! Você perde, você perde muito, você acaba fazendo isso quando está na ativa, e vai para reserva com essas dívidas de empréstimos. Quando você está na ativa e vai para reserva com esse mesmo pensamento .... [fazer empréstimos como alternativa de renda].

- A gente inclusive na Aeronáutica e nas Forças Armadas tem uma pessoa para explicar como fazer uma boa educação financeira. Porque tem muita gente, muita gente mesmo que eu conheço, que fica totalmente endividada porque pede empréstimo, sabe que tem que pagar. Mas não sabe assim para controlar, para segurar o dinheiro. Eu fiquei um período sem carro, para não pedir empréstimo, pois iria prejudicar ainda mais a minha situação, se eu pedisse empréstimo.

- Então fiquei esse período todo sem carro, fiquei mais de 01 ano sem carro. Mas fiquei juntando dinheiro. Eu fiz justamente o contrário, pois o pessoal pega dinheiro emprestado para depois pagar. Mas depois também ficam enrolados para pagar. Quando você está na ativa, você tem mais condições de pagar, você pode fazer missões [funciona como hora extra que gera um rendimento maior ao seu salário]. Mas depois que você vai para reserva, não tem mais missão né?

- As missões, você ganha através das diárias, e dependendo dos dias que você ficar nessas missões, você ganha as diárias. Essa diária é para você ter condição de pagar transporte, estadia e alimentação. Eles te dão esse dinheiro para você gastar no momento, às vezes dão antes, às vezes dão depois, quando você for fazer a missão. Esse valor foi atualizado e dá uma grana mais ou menos boa, né? Se você ficar mais ou menos 10 dias, você ganha uma remuneração boa. E teoricamente você não vai gastar aquilo tudo, porque você fica dentro do quartel, e lá já tem tudo tem tudo, tem estadia... enfim, tem tudo que você precisa e não vai gastar dinheiro; pode gastar com outras coisas. Esse dinheiro você pode guardar ou pagar com uma dívida que você tiver.

Entrevistadora: então é comum ter essas missões?

- Narradora: depende muito, depende da própria Força, se tiver precisando fazer essas missões; mas geralmente tem as missões, elas acontecem. Precisa acontecer, porque a Aeronáutica vai para muitos lugares [representações] precisa de pessoas especializadas em cada área, para fazer essas missões. Então ela tem que fazer, não tem como correr disso. E a FAB precisa de muita gente para fazer essas missões.

Entrevistadora: no seu dia a dia, era comum você ter essas missões, geralmente todo mês tinha?

- Narrador: não, depende muito da área que você tiver trabalhando, né? E depende da necessidade dessas missões, né? Por exemplo: pode ser um curso também, se você tem que fazer um curso você ganha também; já é uma missão, de repente você vai fazer um curso em são josé, você tem que ganhar, é uma missão. Caso você tiver que se deslocar, porque você está precisando. Caso o seu filho estiver precisando [para tratamento de saúde e não tenha o serviço na cidade em que você estar servindo] você ganha diária também, está previsto na lei de remuneração dos militares. Então tem uma série de situações que você pode ganhar essas missões, e só isso aí já é dinheiro. Então com isso dá para tirar mais algum ganho, quando você está na ativa. Mas, não acontece quando a gente está na reserva.
- No caso do oficial tem a representação; para os oficiais têm várias coisas, mas para o graduado, eu não lembro, não me recordo, mais o que acontece. Então quando você vai para a reserva o que muda é o nome, mas ganha praticamente, quase a mesma coisa [o soldo continua o mesmo]. A gente ganhava vale alimentação, no DTCEA, porque lá não tinha rancho [não tem alimentação]. Tem algumas situações assim que você ganha mais, realmente. É diferente da maioria dos militares que na OM tem rancho. Isso aí você não ganha mais, mas é o direito à alimentação. Tem que dar condições de você almoçar, comer em algum lugar, equivale ao vale refeição.
- Eu perdi muito com a Previdência, quando teve a reforma da Previdência a gente perdeu remuneração. Fizeram essa reforma de uma maneira, o suboficial tem um curso, mas inventaram um outro curso [adicional de habilitação] para a pessoa ganhar um pouquinho mais. Mas para você ganhar, tem que está na ativa. E como eu fui para a reserva antes da reforma, eu perdi essa remuneração. A gente fala que é a gratificação dos altos estudos; que também pode ser feito na Aeronáutica, direcionado a própria Força, é um curso que na realidade a gente faz esse curso quando vai para o posto de suboficial. Esse curso ultrapassa a carga horária dos altos estudos, você pega área militar, área de português, redação. Então a pessoa pediu para que esse curso que a gente faz para ser suboficial que fosse igualado com o curso de altos estudos.
- Na verdade, era para ter esse curso dentro da própria Força [FAB], mas na verdade a única Arma que fez o curso internamente foi o Exército.

A perda com para quem está na reserva: o adicional de habilitação (altos estudos)

O adicional de habilitação foi criado com a reforma que teve no ano de 2019, que traz acréscimo no soldo para quem está na ativa e faz cursos de pós-graduação, que são considerados como altos estudos.

Diz Misael sobre esse adicional: só para quem está na ativa.; não se trata de um aumento real

- A reforma foi feita sem conhecimento do próprio congressista. Eles não tinham conhecimento das Forças Armadas, tanto que eles falaram que quem tinha meritocracia seriam só os oficiais; e os graduados não. Mas todo mundo tem. Eles se esquecem que nós também fizemos escola, nós fizemos 2 anos de escola, mas eles não consideraram nossa formação. No caso o Brigadeiro que fez a reforma, não levou em consideração, entendeu? Ele falava que meritocracia só era para os oficiais.

- É, foi um aumento que a gente teve, não foi um aumento real, era só um aumento dessa gratificação desses altos estudos. Eu lembro que na época teve essa conversa aí, mas foram determinadas áreas, não foi para todo mundo não; tanto que eu tinha curso superior na época [em 2019]. E, no entanto, eu não ganhei essa gratificação a mais; eu acho que é por conta da área.

Reserva e aposentadoria: as diferenças

- Na verdade estou na reserva, que não é igual a aposentadoria, porque se estourar uma guerra a gente pode ser chamado; ou alguma situação aqui dentro do país, e as Forças Armadas necessitarem da gente; a gente pode colocar a farda de novo; é claro que tem que ter a autorização do Presidente. Eu acho difícil isso acontecer, mas se acontecer, a gente teoricamente, tem que estar preparado para isso. Somente quando a pessoa foi reformada, não tem como ela voltar mais. No meu caso, eu posso voltar; no caso meu pai, por exemplo, que está com 82 anos, não tem como voltar mais. Acho que não vai ter uns poucos 60 anos por aí, você pode ser reformado. Mas não tenho certeza. Tenho certeza de que mais deve estar em todos, 60 e poucos anos; não lembro. Na minha área, minha graduação que eu sou suboficial, a saída compulsoriamente era com 54 anos; hoje, se eu não me engano, aumentou esse prazo, aí você pode ficar mais tempo. Então o pessoal vai para reservar com 70 anos. Aumentou esse período, deve ser até os 70 anos. Porque o suboficial é o último patamar dos graduados, né? Então o cara fica na realidade um tempo muito grande. Então para ele ser reformado, demora muito; deve demorar até uns 70 anos para ser reformado, aí que fica livre de qualquer situação, não pode ser mais chamado.

Reserva x questões familiares e necessidade de completação da renda

O narrador fala sobre a saída da vila militar pós a reserva militar

Diz Misael: a gente sente, sente um baque, mas não é tão grande, dá para levar. É que o problema todo, é que como o Diogo [o filho] tem essa dificuldade, tem que ter alguém para ficar com ele. É, a gente tem esse problema, né? Porque a Lu poderia trabalhar, ela podia estar me ajudando também, entendeu? Mas tem que ter alguém para ficar com ele. Se eu paro de trabalhar para ficar com ele, a gente não tem como pagar as dívidas. Mas se não fosse isso, a Lú poderia trabalhar também, ela quer trabalhar, ela já tem curso superior, poderia está trabalhando. Mas ela não trabalha por conta do Diogo, alguém tem que ficar com ele

Tem alguns órgãos, alguns organismos que fazem isso; mas tem que pedir ajuda do Estado, e o Estado não ajuda. No caso da AMA [associação que atende à população com autismo] tem algumas instituições que até ajudam bastante, que são bem preparadas, mas elas não têm ajuda do Estado; o Estado praticamente a vira as costas. Esse que eu acho, que o maior problema.

A ida para reserva militar e a manutenção do vínculo "Fabiano"

- Hoje eu estou com 54 anos, em 2018, quando fui para reserva estava com 49 anos, bem jovem, mas na realidade era para eu ter ido antes. Eu tinha condições de ir por causa do tempo, que servir em Tabatinga, eu poderia até ter ido antes disso aí

- A gente já participou desse grupo, já me chamaram algumas vezes para participar. É o grupo da terceira idade. Eles se encontram uma vez por mês; mas agora acabou o grupo. E a gente não sabe quando é que vai voltar, né? Se vai voltar a ser como antes.

- Tem o grupo da terceira idade no hospital, eles olham toda a parte física da pessoa, se a pessoa, se a pessoa tem alguma coisa grave. Funciona no hospital. E tem um dos veteranos que eles se encontram para almoçar, que são os grupos das turmas. Amanhã a gente também tem. Eles fazem uma programação, a minha turma se encontrou em 2021. A gente participa do encontro, a gente falava encontro, né? Leva a família leva todo mundo, lares levam a gente compondo o lugar. A gente foi para Recife. A gente faz turismo, vai para um monte de lugar, a gente almoça, já paga tudo antes. Vai pagando tudo antes até chegar o dia do encontro. Demora geralmente 01 ano, a gente vai pagando até chegar o dia. Vai para vários lugares, quando a gente chega no local está tudo organizado. A gente faz a programação toda, e alguém da turma organiza. Esses encontros são muito bacana, muito

- Tenho contato com eles [os colegas da turma], ainda mantenho o contato, apesar de não estar dentro do grupo, pessoal te vendo todos os momentos ali, mas, eu mantenho contato

telefônico e pelo WhatsApp e tal, e a gente se reúne algumas vezes, a gente se reúne, para bater papo

Reserva militar: projetos de vida

Inicia dizendo: eu queria fazer a minha área, que é a área de contabilidade. Mas assim, se o Diogo não tivesse esse problema, eu acho que queria fazer um outro curso superior, tipo. Direito, né? Eu tinha um sonho de fazer isso.

- Se tivesse tempo eu fazer ia aprender línguas [outros idiomas], né? Aprender línguas para viajar. Seria uma boa também viajar. Se eu tivesse dinheiro, meu sonho é ir para Holanda, levar meu filho, minha filha para eles conhecerem. Eu li a biografia do Sidney Sheldon, ele começou a escrever depois dos 40 anos.

Sugestões para atividades com militares da reserva

- Eu acho que sim, acho que ela deveria fazer alguns eventos, para manter essa coesão do grupo. Acho que falta um pouquinho, apesar da Aeronáutica fazer muitos eventos, portões abertos, por exemplo. Mas eu acho que ela deveria fazer mais. Por exemplo, tinha uma unidade que a gente ia, que o próprio Exército fazia festa junina, entendeu? Para tentar juntar mais as famílias e tal, de quem está na reserva, com quem está na ativa, né? Mas realmente a gente sente um pouquinho de falta desse contato, né? Realmente a gente se sente um pouco distante da Força.

- A gente participava, só dessa atividade de terceira idade, da Aeronáutica; fora a gente praticamente não tem essas atividades. A gente não tem. Fora da Aeronáutica é difícil a gente ter outro tipo de contato, assim, relacionado a eventos, essas coisas assim. Antes as pessoas aposentadas, né?

Como foi participar do estudo?

- Senti-me entrevistado

Considerações da Lourdes – a esposa do Misael Júnior

O que diz Lourdes sobre a ida de Misael para reserva: as necessidades do filho; a perda financeira

- Eu acho que teve bastante impacto, né? Eu acho que teve muito porque quando o Júnior estava trabalhando na Aeronáutica, ele tinha algum tempo. Agora ele precisa trabalhar mais para poder complementar a renda, entendeu? Como eu não consigo trabalhar por conta que o Diogo é autista e demanda, além de precisar bastante não temos suporte; não temos uma ajuda de custo para ele; porque ele precisa de uma natação, precisa de um esporte e a gente

não tem condição de pagar. Né? Não nem escola, o plano ainda deixa a desejar nas terapias. Estamos pagando outro plano além do plano da aeronáutica. Fora da Aeronáutica, é outro problema, porque eu tentei inclusive a equoterapia, não consegui pela polícia militar. até hoje. eu não consegui. Teve aquele problema da pandemia, então parou tudo. Recomeçaram as crianças que já estavam escritas; tem que terminar aquelas; para começar as que estão escritas para colocar outras; também não consegui no parque da Água Branca. É muito difícil, o "Di" já está com 12 anos, né? Está começando a entrar na adolescência, né? E vai ser agora vai ser mais difícil, ele requer outras coisas, né? É. Muito mais difícil agora e é, e a gente está praticamente de pés e mãos atados. Então, o impacto para mim, na minha opinião, foi muito grande, porque o Júnior tem que trabalhar para suprir essas necessidades e eu acabo ficando sozinha. Tenho que arcar com tudo, só eu.

- Então tenho que levar para o médico; tenho que ir para a reunião; tenho que correr atrás de terapias fora. Estou tentando colocar ele no caps, mas não consegui. No Caps dizem que ele não é mais perfil de caps. Aí disseram que era para eu procurar uma clínica, o "Di" está esperando vaga numa clínica que é conveniada pelo SUS. E já tem mais de ano e eu pedi também um neuro, porque tem papéis [encaminhamentos]. Tipo assim o Diogo precisa de um cartão para viagem municipal e quem faz isso, tem que ser pelo SUS.

- Eu falo, eu me formei [sou pedagoga], não consigo trabalhar. Trabalho com o Diogo; eu que praticamente alfabetizei ele na pandemia. A gente tem que participar, a gente tem que estar lá, a gente tem que que está orientando. Eu consegui alfabetizar o Diogo. Hoje ele está fazendo circo, natação. A gente está pagando o clube da Polícia. Militar, onde eu o levo para fazer natação e capoeira; está se inserindo no grupo; porque a gente não tem dinheiro para pagar individual. O ideal seria fazer individual para que pudesse ser inserido no grupo. Mas como a gente não consegue pagar; a gente está tentando inseri-lo grosseiramente no grupo para que ele possa aprender. Então, se a piscina está com muita gente (...) o pessoal não tem preparo, para receber, para atender essa necessidade. Eu escutei de um professor: então, ele não em uma terapeuta que possa acompanhá-lo.

- na escola ele tem a mediadora; mas o que ela faz, ela teria que receber o plano pedagógico individualizado dele; que seria o conteúdo programático, a professora teria que individualizar de acordo com as necessidades dele; e isso não acontece, principalmente agora que ele está no 7° ano, que são 06, 07,08 professores. Então eu já estou justamente conversando com a escola a respeito disso. O plano individualizado do Diogo, como vocês estão preparando? Ameacei mandar uma carta para central do Sesi, e aí agora que eles vão

fazer o plano individualizado dele. Também ela não tem preparo para estar com ele, entendeu?

Ele precisa ser orientado, exemplo: “Di” quando você for sair da sala, para quem você pede? Para o professor! Ela tem que orientar ele nesse sentido. Porque não é somente sentar ali e fazer uma tarefa, tem que ter todo um preparo para saber lidar com a situação, então também é difícil

Apresentação pessoal: homem cisgênero; raça/cor: pardo; idade: 54 anos; escolaridade superior completo em contabilidade; sentiu que foi entrevistado, pois teve a gravação embora não houvesse e direcionamento das questões

Observa-se que não há participação na vida comunitária fora do campo militar; mesmo com a reserva militar permanece o vínculo com a FAB

5.6.3 Relato Oral: narrativas da Suboficial Sueli – a técnica de laboratório da FAB

Figura 22: ilustração em alusão à profissão a entrevistada

Fonte: https://web.facebook.com/photo/?fbid=3224464574334528&set=a.2174230216024641&locale=pt_BR

Quem fala: Sueli Moreira do Nascimento, 55 anos, quadro de especialistas técnicos da FAB, posto suboficial da especialidade técnica de laboratório, está na reserva militar há 3 anos; mulher; filha de alagoano (loiro de olhos claros) com uma baiana (mulher preta); divorciada, mãe de 03 filhos, natural do Rio de Janeiro. Identificou-se no estudo como entrevistada

Trecho da Canção do Especialista: música e letra do Suboficial George Ayres Borges

(...) Especialistas, avante ao ar
Para a frente, com garbo varonil
Agiganta a tua obra sem par;
Sob o céu deste grande Brasil (...)

- **Questões da carreira militar: o que diz a entrevistada**

A inserção na FAB: entrei na FAB por acaso; eu não sabia que existiam mulheres no militarismo (Exército). Eu via muitas unidades do Exército onde eu morava; via aquele camuflado [a farda], também via os aviões, a gente morava perto do Campo dos Afonsos [Base Aérea], os aviões em treinamento do pessoal do paraquedismo, eles [os aviões] passavam bem próximo da minha casa. Mas não entendia nada de Forças Armadas. Tirando meu pai, que disse que serviu o Exército, no serviço obrigatório. Tirando ele, não tive conhecimento de outro militar na família. Depois de mim, sim, minha filha mais velha; mas antes de mim não. Eu fiz um curso na época de patologia clínica, curso técnico. Eu tinha um professor que era do Exército, que me falou que eu podia fazer a prova, para ser da carreira militar, disse que era bom é estável, com um bom salário. Eu não me lembro exatamente como que eu descobri que estava aberto para Força Aérea. Mas eu sei que naquele ano, no ano de 1989, naquele ano não abriu para laboratório; nem para a Marinha.

Quando fiz a inscrição, eu já trabalhava, tinha terminado o curso técnico e estava trabalhando. Na época do concurso eu tinha 21 anos. Sinceramente, eu achava que não iria passar, porque só no Rio de Janeiro, para laboratório, foram 3 setores no Maracanã, só no Rio. Na época, o concurso era para o III COMAR, que abrangia Rio de Janeiro e Minas Gerais, tinha mais outro estado, me lembro muito bem. Mas, enfim, só no Rio, 03 setores do Maracanã. Então, eu realmente não achei que fosse passar. Fui pelo salário. Na época eu não tinha muita noção do que era o militarismo, também pensei na estabilidade. Porque naquela época era difícil. E aí, fiz o concurso.

- Minha escola [curso de formação militar] foi em Minas Gerais, numa comunidade nuclear que agora já mudou de nome. Em julho de 1990, eu me formei. Quer dizer no posto de sargento da especialidade de laboratório. O serviço de laboratório é a minha base. Quando me formei, escolhi o Rio de Janeiro, no Hospital de Força Aérea do Galeão; fiquei nesse Hospital por 10 anos, como técnica de laboratório, trabalhando no laboratório.

O concurso, a incorporação e a fase da formação militar:

- No meu quadro, na época do meu concurso, podia entrar nas Forças Armadas até os 23 anos, eu estava com 22 anos, então estava na idade limite.

- Na minha época era assim, acho que eram 14 meses. Sendo 5 meses (uma coisa assim, 4 meses e meio) de formação militar, não tinha nada com a especialidade, era somente a formação militar. Ficava durante a semana na escola, e nos finais de semana vinha para casa. Um período complicado! Muita mulher junto já é problema crescente (risos), todas muito novas. Eu era uma das mais velhas. Tinham muitas meninas com 18 anos que passaram; na mesma turma que eu; e nós ficávamos no alojamento, mas não tínhamos contato com a unidade. Nosso acesso era bastante restrito. Nós tínhamos autorização para irmos em alguns lugares definidos, como levar roupas na lavanderia. Tinha uma pessoa, sempre uma aluna de serviço, que buscava correspondência, naquela época. Nós não tínhamos facilidade do celular, como tem hoje. Todo mundo chorava muito, durante a quarentena. No horário vago, (naquele horário em que nós não estamos tendo aula e nem tendo atividade física) a gente não era autorizada a sair da frente do prédio onde ficava nosso alojamento; onde ficava toda a parte relacionada ao corpo de aluno; a secretaria. Então a gente somente podia conversar entre a gente, ficar nos banquinhos, que ficavam no caminho para vila dos oficiais. Então se a gente ficasse lá, tínhamos que levantar toda hora, sempre passava um oficial.

- Em frente aos bancos, tinha um prédio, tinha uma rua que a gente descia uma escada, para ir para campo, onde a gente fazia atividade física; bem do lado do Aeroporto da Pampulha, unidade muito bonita, muito bonita mesmo. Tem muita foto. Foi um período difícil; esse período de aluno é difícil, é corrido. Mas têm os momentos bons, tem uns momentos de aflição próprio. Isso [essa parte da formação] nos faz viver as provas relacionadas à parte militar, a parte de regulamentos, essas coisas que nós atendíamos naquela época. Nesse concurso que eu fiz, foram 133 vagas ao todo, entre várias especialidades administrativas; na época tinha arquivista, tinha estação, essa não tem mais. No final, formaram 127 e 05 foram desligadas durante o curso.

A carreira do quadro de sargento:

- Antigamente, quando eu entrei, tinha somente o cargo de carreira, então só entrava até os 23 anos. Hoje tem diferença; tem o sargento temporário agora, na minha época não existia. O temporário pode entrar com a especialidade, faz o curso de 01 ano, que antigamente eram de 02 anos, onde ele aprendia a especialidade, lá na Escola de Especialistas. Então eu não sei dizer agora como está funcionando.
- Antigamente nós não éramos formadas para a reserva, éramos convocadas para o serviço ativo no ato da formatura. E aí nós tínhamos reengajamento a cada 02 anos até a estabilidade. Não era, como é agora que durante o tempo de 10 anos vem a estabilidade. Então a gente podia ser mandada embora a cada avaliação, que acontecia a cada 02 anos.

As movimentações ao longo da carreira militar

- Após a formação, retornou para o Rio de Janeiro, onde ficou por 10 anos. Meu interesse era ficar em Minas Gerais, eu teria que ficar no III COMAR, que abrange o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ao todo eram 133 vagas para o Brasil inteiro. Tinha vaga de laboratorista em Minas Gerais, mas tinha 02 laboratoristas mineiras, que tiraram notas melhores do que as minhas, elas pegaram as 2 vagas de laboratório que tinha. Então, eu voltei para o Rio de Janeiro e fiquei por 10 anos, no HFAG.

Figura 23 Organização Militar – Hospital da Força Aérea do Galeão - o início da carreira da Suboficial Sueli

Fonte: https://web.facebook.com/hfag0/photos/?_rdc=1&_rdr

- Depois eu fui para a Escola de Especialista (foto 3 - abaixo), no interior de São Paulo, na cidade de Guaratinguetá foi uma escolha. Entrei no plano de movimentação, pois já estava há 10 anos na mesma OM; a classificação para transferência era diferente naquela época. Eu entrei no plano e solicite a transferência para sair do Rio, queria mudar para uma cidade de interior. Sempre gostei de morar no interior, então a gente não tinha outros motivos.

Figura 24: a OM EEAR[63] - a trajetória na carreira militar da Suboficial Sueli

Fonte:https://www.jornaldeguara.com.br/escola-de-especialistas-de-aeronautica-completa-80 anos/

- Fomos para Guaratinguetá. Para o técnico de laboratório tem menos opção de OM, como por exemplo, a enfermagem, que têm vários hospitais, para o técnico de laboratório fica mais restrito, entendeu? Então eu já estava há 10 anos no mesmo local. Também o hospital era muito longe da onde eu morava. E a gente não conseguia imóvel mais perto, por causa

[63] Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR), é responsável pela formação de graduados do posto de sargentos. Forma especialistas, atualmente cerca de 28 especialidades. O dia do Especialista é 25 de março. Foi instituída no ano de 1941, a partir da fusão da escola de sargentos da MB e do EB. A EEAR faz parte da formação da entrevista, que na época foi em Minas Gerais, pois pertence ao quadro de sargentos; e ainda foi a segunda OM que serviu. Fonte das informações sobre a EEAR https://www.jornaldeguara.com.br/escola-de-especialistas-de-aeronautica-completa-80-anos/

do padrão do local, a Ilha do Governador por mais estranho que pareça, era bem cara na época. Hoje eu não sei como é que está, mas era bem caro lá na época para o nosso padrão de vida. Então, a gente estava distante, e aí eu pedi transferência para o interior de São Paulo, para Escola de Especialistas. Aí sim, eu esperei um ano e deu certo. Eu indico para todo mundo morar perto do trabalho, enquanto eu tiver possibilidade. Eu achava que numa cidade pequena, fosse melhor? Mas lá, [em Guaratinguetá, o custo de vida] é mais alto do que eu estava acostumada no Rio. Mas, morar perto do serviço não tem preço, porque eu acordava no Rio às 4 e meia da manhã, para pegar ônibus às 5 horas, para começar a trabalhar às 7h. Saia do serviço às 13h, chegava em casa às 15h; isso por uma vida inteira. Eu já trabalhava antes de entrar Força Aérea. Em Guaratinguetá, eu acordava às 06h e dava tempo de fazer tudo (arrumar o uniforme, tomar café com calma, fazer o lanche da minha filha; e ainda chegava no hospital cedo). Para mim foi qualidade de vida. Muita mudança grande, mas qualidade de vida. Trabalhando perto do hospital e o aprendizado também que é da minha vida militar foi uma antes da Especialista, e foi outra depois. Eu aprendi muito, realmente lá.

A saída do Rio de Janeiro para São Paulo, na cidade de Guaratinguetá. Eu vim para o interior de São Paulo, porque eu entendia na época que isso era o melhor, era algo que iria melhorar a nossa qualidade de vida. E uma cidade pequena, uma cidade mais tranquila. O Rio de Janeiro já estava muito movimentado. Era muito distante, [do trabalho e casa] uma vida inteira tendo essa rotina. Porque desde que eu estudava, eu acordava de madrugada pegava ônibus, então a minha vida toda acordava de madrugada. Eu queria mais qualidade de vida e morar em um ambiente é melhor.

Como cidade do interior [Guaratinguetá] eu achava que lá seria melhor. Eu nem sabia da Escola de Especialistas, sabia que existia, mas não conhecia a cidade, não conhecia a unidade. Eu não pedi focando na unidade, eu pedi porque eu entendi que era a vontade de Deus para nossa vida, era o que tinha que ser feito na época. Minha filha tinha 6 anos, a mais velha. Então eu achava que era o que eu tinha que fazer. Fiz a solicitação e graças a Deu, naquele ano, eu lembro que quando eu fiz a solicitação, eu fui a única da minha especialidade no Brasil todo, que pediu movimentação; que juntou com o tempo que eu tinha. Na minha especialidade ninguém havia pedido movimentação, que eu soubesse. Quem exercia a função na época eram outros militares, mas não tinham um técnico de laboratório lá. Eu fiz, então assim: coloquei nas mãos de Deus! Já tinha mais de 10 anos na mesma OM, que me facilitava. Entrei no plano de movimentação e deu certo, que bom!

- A movimentação de Guaratinguetá para Base Aérea de São Paulo, que fica localizada na cidade de Guarulhos., solicitei por questões pessoais, a minha filha mais velha na época, queria fazer medicina e a gente não conseguia. Não tinha como manter ela aqui [no centro de São Paulo] e o resto da família lá, e uma série de coisas, na época. O meu marido, ele exercia as funções dele aqui, então a gente ficava bastante distante um do outro. Tinha 2 crianças com diferença de 2 anos de idade, então isso me sobrecarregava. Então juntou uma porção de fatores. Eu solicitei, coloquei a minha necessidade; e aí eles me transferiram para Base Aérea em Guarulhos. Eu nem pensei em ir para o HFASP, pedi para base, lá tinha uma vaga para técnico de laboratório e não tinha nenhum técnico lá, então era mais certo.
Servi na Base Aérea de Cumbica, no esquadrão de saúde, por 07 anos. Quando faltavam 2 anos e 8 meses [para dar o tempo de ir para reserva], com a reestruturação que houve na FAB. Aí, eu fui transferida, eu pedi. E, fui transferida para o Hospital de São Paulo. [HFASP]. Eu terminei meu tempo de serviço ativo nesse Hospital. Foram 2 anos e 8 meses, ou melhor, acho que perto de 2 anos e 10 meses, com a mudança da legislação. Eu paguei um pedágio de alguns meses para reserva.

Figura 25- A última OM que a entrevista serviu – o HFASP (registro de formatura de passagem de comando)

Fonte:https://www2.fab.mil.br/hfasp/index.php/ultimas-noticias/891-passagem-de-direcao-do-hfasp

Formação militar a questão de gênero - a incorporação das mulheres na FAB no quadro de graduadas: relatos sobre essa questão

- Apesar da minha turma já ter sido a oitava turma, do quadro feminino das graduadas, a minha turma foi a última do PFG., ainda assim, tinham várias dificuldades ainda com o feminino. Quanto às adequações nas unidades em geral; naquela época.

-Estou lembrando agora (...) mulheres não podiam carregar a Bandeira Nacional, sério. Tinha as graduadas, e tinha o quadro feminino de oficiais. A mulher não poderia desfilar com a Bandeira Nacional. Era um homem que carregava nos desfiles. A mulher desfilava com a Bandeira militar com o feminino; ela desfilava com a Bandeira da unidade [OM] ou do estado. Não me lembro muito bem, mas não era a Bandeira Nacional. Eu entrei em 1990, a minha turma já foi a oitava, as mulheres começaram a entrar na FAB em 1982. Na minha turma nós éramos em133 mulheres.

A carreira na FAB para o profissional da saúde

- Tem pouca divulgação sobre a carreira militar, às vezes uns colegas da minha filha perguntam como faz para entrar? No Rio, falasse muito, têm cursinhos. No Rio, na área da saúde, a opção era concurso público no estado, ou no município; e em laboratórios particulares, com o advento de outras especialidades como biomédico, farmacêuticos atuando na área do laboratório (...) antigamente não era assim; com isso aumentou a concorrência. Então o salário do técnico foi lá para baixo. Para você viver é difícil e bem complicado. Eu procurei um tempo, para trabalhar fora também; mas vi que não compensava.

- O salário da FAB é bem maior, por isso na FAB na área da saúde dentista, farmacêutico ficam, recebem mais, o salário é muito melhor do que aqui fora. Já para o médico não é muita vantagem, pois no oficialato chega uma hora que o oficial vai para setores d comando, de chefia. Então, às vezes o médico não consegue mais ficar atendendo; e é nesse momento que ele está no auge, que tem mais experiência e acaba não atendendo mais, por causa dos cargos de chefia. Ele tem que desempenhar uma função administrativa. A gente perde!

As perdas salariais ao longo da carreira

O salário do militar, mudou! Antigamente, os graduados tinham um padrão de vida muito mais alto, né? Antes o pessoal chamava de “soldão”, que é o nosso salário. Não era muito baixo, existia uma série de benefícios, medalha, gratificações, auxílio creche, auxílio moradia. Essas coisas é que aumentavam o salário na época. Então o graduado tinha um padrão de vida bem mais alto. Quando houve essa mudança, que a gente chamou de “soldão”, quando vem o “soldão”, o salário aumentou, mas nós perdemos alguns benefícios. Num primeiro momento, parecia manter mais ou menos a mesma coisa, mas depois a capacidade aquisitiva do graduado diminuiu bastante.

O trabalho temporário nas Forças Armadas

Indagação da entrevistadora: hoje também tem o quadro de temporários, como você analisa essa situação?

- O temporário é bom, porque entra uma pessoa com mais experiência no serviço, porque entra com mais idade e tem mais experiência; mas ele vai embora. E dependendo da característica dele como pessoa, ele nem vai se preocupar em dar um gás no serviço, pois sabe que vai embora. Eu acho ruim porque a gente perde. Por exemplo o soldado, menino bom vai a cabo, já está interado no serviço; você já o conhece; mas dá o tempo dele; ele tem que ir embora. Aí vai entrar outro soldado que não sabe nada. Na minha visão isso causa prejuízo ao serviço. Quando o temporário, o soldado, hoje não engaja mais. Antigamente, soldado que ficava até 10 anos não ia mais embora, engajava. Hoje não. Agora eles ficam no máximo 08 anos, o tempo do temporário. Então, quando o cara está bom, quando ele pegou todo o tramite, ele vai embora. Depois entra outro que não sabe nada. A gente perde muito profissional bom, por essa questão, porque fica um tempo determinado. Se continuar do jeito que está daqui a pouco na Força vai ter só 3S e suboficial. Muita gente hoje não quer seguir carreira, eles entram como sargento, mas já entra com outra perspectiva, vão fazer um concurso, uma faculdade e vão procurar outra coisa. Eu vi muitos colegas com essa questão, muita gente indo embora e ficando aquele hiato. Isso é muito ruim, porque não tem para quem passar; passar a sua experiência; na Força tem muito regulamento que você vai aprendendo com o tempo; que não se aprende em um mês.

A Vila Militar – Próprio Nacionais Residenciais – PNR: as experiências

Diz a entrevistada: antigamente, quando o padrão de vida do graduado era mais alto, não havia muito interesse em moras nas vilas militares. Essa era a minha percepção, pode ser que eu esteja errada, não falo com base em dados estatísticos, mas não havia muito interesse nas vilas. Esse interesse veio com a perda da capacidade aquisitiva do graduado. Depois que eu tive minha filha, fui morar em Belford Roxo, era bem distante de Bangu, também era bem distante da Ilha do Governador, então, quando eu tive minha menina, eu fui para vila militar. Antes não tinha muita gente interessada, não que não tivesse oferta de imóveis, que fossem poucas casas ou poucas vilas. Mas é que muita gente morava de aluguel, muita gente tinha um outro padrão de vida, outra realidade. Essa é a minha percepção. Fiquei 10 anos no Rio e nuca morei em vila militar, lá.

- Morar na vila é mais tranquilo, no quesito segurança, ela funciona como um condomínio, é mais seguro, as crianças têm mais liberdade para brincar. Hoje a gente não pode deixar a criança, o filho brincando na rua, lá a gente tinha essa facilidade, poder andar de bicicleta na rua, os carros têm limitação de velocidade, tem mais espaço. Geralmente essas unidades têm bastante área verde; essa é uma característica das unidades que eu conheci. A gente acaba tendo mais qualidade de vida, por ficar perto do serviço. Em Cumbica fica tudo muito distante, se você for a pé da Vila para parte administrativa, são uns bons 25 minutos de caminhada. O entorno fora da base também é distante, não é muito bom.

Indagação da entrevistadora: Morar na Vila é mesma coisa que está dentro de um quartel?

- Eu acho que depende do seu vizinho. Eu tinha colegas que falavam, que eles achavam que parecia que não tinham saído expediente. Tem também aquela coisa de que você está mais perto, então numa necessidade, você vai ser o primeiro a ser chamar, entendeu? É opção de cada um, eu gostava, eu morei na vila em Guará, então nossa, muito bom, muito bom mesmo. Muita tranquilidade, muito passarinho, muito verde. Na vila em Cumbica, menos. Fica perto do aeroporto, mas mesmo assim também muita qualidade de vida. A única coisa, é que você tem a dificuldade da restrição do acesso, daquela coisa de autorizar a entrada, é como um condomínio, né? Mas para mim, isso nunca foi um problema, não. A questão é: quem está perto de você, entendeu. Eu tive um vizinho uma vez, que era bem mais antigo que eu, que deixava claro o tempo todo que ele era mais antigo. Então é assim: aprender a conviver como em qualquer outro lugar.

Indagação da entrevistadora: essa relação de antiguidade, ela também é socializada nas vilas ou isso era uma coisa pontual daquela pessoa?

- Isso depende muito da pessoa, tem gente que não esquenta. Eu sempre gostei, na minha época, era cada macaco no seu galho, né? Eu fui formada assim, cada macaco no seu galho. Então eu sempre respeitei o espaço dos outros, como eu tinha filho pequeno e trabalhava bastante, não tinha muito tempo para estar socializando. Em Guará eu frequentava bastante o clube, que tinha dentro da vila; eu ia bastante. Eu tinha a minha filha pequena, então eu sempre ia com ela. Já na base, eu já não frequentava muito. É característica de cada um. Tem gente que socializa mais, gente menos, normalmente você faz mais amizade com o vizinho do lado, né? E se o cara for chato, vai ser o vizinho do lado do bar. Aí tem gente que te vê como um colega de arma, irmão da Força. Mas, também tem quem vê você como mais moderno. Para mim, não muda muito, é lidar com pessoas, é assim. Vai ser assim em qualquer lugar. Talvez você vai para um condomínio, não tem o mais antigo que você, mas

tem um cara que mora lá desde que era criança, e pode ter relações autoritárias, né? Que a pessoa, ela se acha mais importante para uma determinada coisa e vai querer prevalecer aquela opinião dela, né? Então, isso é em geral, né? Isso é da pessoa no geral.

Carreira militar e o regime de prontidão

- O militar tem que estar sempre à disposição das Forças Armadas, pode estar na sua casa no final de semana e ser acionado, você tem que estar pronto. Inclusive você pode estar se preparando para viajar, pode estar de férias, se for acionado, não vai poder tirar férias. Caso aconteça algum problema na sessão, você vai precisar ficar, isso aí não é agradável para ninguém. Mas faz parte, está escrito na letra pequena, como muitos dizem, mas está escrito lá [na legislação do militar], você é militar; e você é militar o tempo todo. É isso que eu vejo que as pessoas não tem ideia do que é realmente a vida como militar. Você tem que estar preparada para isso, sem questionar, né? Se tiver que ir? Vai e pronto! Tem que ir. Eu soube de colegas do Exército, que serviam em locais na Fronteira, onde o cara não podia dormir, porque os guerrilheiros entravam lá para roubar armamento e matavam. Ninguém fala dessas coisas, quem está lá tem família. Ele [o militar] está zelando pelo país onde você mora, que pode não significar nada, pois não temos essa cultura do apego, de patriotismo, de apego à terra e às instituições. Mas o militar está lá aguardando na fronteira do país onde você mora. Ele está correndo risco de vida e ele tem família; ele é filho de alguém. Enfim, tem que estar lá defendendo o país.
- Na minha concepção, e na concepção dos mais antigos, que a gente conversa muito sobre isso, é uma coisa assim: você já sabe, e se você não se adapta, vê que não é legal para você, não fica; pois pode estar na sua casa no final de semana e ser acionado, você tem que estar pronto. Inclusive você pode estar se preparando para viajar, pode estar de férias, se for acionado, não vai poder tirar férias-
. Caso aconteça algum problema na sessão, você vai precisar ficar, isso aí não é agradável para ninguém. Mas faz parte, está escrito na letra pequena, como muitos dizem, mas está escrito lá [na legislação do militar], você é militar; e você é militar o tempo todo. É isso que eu vejo que as pessoas não tem ideia do que é realmente a vida como militar. Você tem que estar preparada para isso, sem questionar, né? Se tiver que ir? Vai e pronto! Tem que ir. Eu soube de colegas do Exército, que serviam em locais na Fronteira onde o cara não podia dormiu, porque os guerrilheiros entravam lá para roubar armamento e matavam. Ninguém fala dessas coisas, quem está lá tem família. Ele [o militar] está zelando pelo país onde você

mora, que pode não significar nada, pois não temos essa cultura do apego, do patriotismo, do apego à terra e às instituições. Mas o militar está lá guardando uma fronteira do país onde você mora. Ele está correndo risco de vida e ele tem família; ele é filho de alguém, ele pode ser alguém, pode ser maior de alguém, manda alguém lá. Então essa coisa não é visualizada pela população como um todo, não é não. Eles não sabem disso. Por isso apesar de sermos bem quistos, pois quando você chega a parar para conversar com pessoas e passa aquela ideia de segurança, né? Pessoas se sentem seguras porque tem um militar ali, mas é meio fantasioso. Na prática, as pessoas não entendem da necessidade das Forças Armadas no país, da necessidade que existe, é custoso, é oneroso manter as Forças Armadas; mas é uma necessidade. É uma necessidade dentro de um país, seja ele de que linha for. As Forças Armadas são uma necessidade para resguardar, principalmente no nosso país.

A visão distorcida da profissão militar na sociedade

- A impressão que eu tenho, e aí novamente eu digo que a minha impressão, não tenho dados técnicos para afirmar isso, mas a impressão que eu tenho; é que todo mundo acha que militar é tudo rico, tudo milionário. Então a ideia é sempre de super salários, pouco serviço, o que nunca foi uma realidade. A gente trabalha bastante, não existe, pelo menos na minha perspectiva, onde eu já servi, não existe aquela coisa que as pessoas pensam, você fica lá sentado, papeando e levantando para tomar um cafezinho, sabe? Não é assim nos lugares onde eu já estive, não. Nós temos momentos de confraternização, festas, coisas que existem em qualquer local de trabalho; mas que não é toda hora.

A impressão que eu tenho é que as pessoas acham assim, que se você é militar, e você está num lugar, por exemplo, acontece um acidente, acham que você vai descer, já pronta para fazer a ressuscitação do cara que tá acidentado; e finalizar o trânsito ao mesmo tempo. As pessoas acham que a gente tem essa capacidade, que a gente tem muito dinheiro. Se você vai num lugar e diz que é militar, eu sinto em alguns meios, tem-se essa impressão, que a gente tem que resolver tudo.

Aí eu tenho a impressão que tem umas pessoas que têm essa visão errada acerca da função, da importância do militar. Existem diferenças. Uma pessoa com o meu curso técnico não vai ganhar o que eu ganho, enquanto sargento com o meu curso técnico, tá bom, temos uma legislação específica. No setor privado você tem outros tipos de gratificações, você tem

contratos que determinam horários; se você trabalha num dia em que seja feriado, ganha um valor diferente; se trabalha horas a mais, recebe hora extra; nós não, somos militares.

O militar, não exerce a função se não estiver fardado, ele não é militar. Quando ele está dentro da OM, é militar o tempo todo. Então nós somos rígidos. Se eu for trabalhar como técnica de laboratório, eu sou uma técnica de nível médio. Na Força, não, eu sou eu sargento, sou um militar. Tenho uma especialidade, mas antes da especialidade, eu sou sargento, então nós temos várias funções. Se a gente tirar um serviço por mês, o seu salário é um, e o mesmo se você tirar 20 serviços no mês. E as pessoas não entendem isso. Enquanto todo mundo deita e dorme, por mais que existem jornadas de trabalho, e eu sei bem disso, que são exaustivas; eu sei que existem locais de trabalho insalubres e horríveis, por aí por fora. Mas em algum momento o cara vai chegar em casa e vai dormir. Ele não sabe que em todas as OM, inclusive nas fronteiras, tem um militar acordado trabalhando e zelando pelo país.

Têm lugares que os caras têm uma jornada terrível que pega 3 ônibus para ir e para voltar; chega em casa exausto, não tem qualidade de vida, não tem tempo para estar com a família, não tem dinheiro para ter uma diversão; mas ele deita e dorme. Entretanto, sempre terá um militar acordo, em um posto naquele horário; responsável por um armamento, responsável por um prédio. Então é uma responsabilidade que as pessoas não sabem, que o militar tem. As pessoas veem como uma forma muito fantasiosa, e não tem ideia do quão importante são as Forças Armadas dentro de um país. Eles não têm ideia, a gente está lá, e se estourar uma guerra, como aconteceu na Ucrânia, a gente fala que não queria guerra, mas teve.

Mas a Ucrânia é a exceção, falaram tanto que não haveria guerra, mas as pessoas estão lá, infelizmente morrendo até hoje. Se tiver uma guerra, você [as pessoas que não são militares] não vai, vão passar andando e tocando suas vidas, vão cuidar da família, entendeu? A sua família vai estar com você. Mas o militar, vai para guerra, entendeu? Não importa se ele tem 3 filhos pequenos, não importa se ele tem uma mãe que depende dele, não importa se ele é viúvo (...) ele vai. É o regime da prontidão!

- **Questões do objeto do estudo - a reserva militar – o que diz a entrevistada?**

"Ir para reserva: tirar a farda e vestir o pijama!" Sueli

A reserva militar: não é igual a aposentadoria; a similitude com a aposentadoria seria a reforma militar

- Eu estou na reserva, fui para a reserva, que é diferente de estar reformada, que seria igual a aposentadoria. Você fica na reserva por um tempo, depois que você sai do serviço ativo, antigamente eram 5 anos; agora, realmente, com essa reestruturação, não sei quantos anos são. Aí você é reformado e não tem condições de ser chamado. Ninguém é chamado para guerra com 70 anos. Mas teve muita mudança nos últimos 04 anos, então mudou muita coisa; e eu não consegui acompanhar todas as modificações, né? Depois que a gente é reformado por conta da idade, não pode mais ser convocado. Na reserva ainda posso ser convocada, para o serviço ativo, se houver necessidade para as Forças Armadas.

Reserva/aposentadoria e vivencias

- Quando estava chegando meu tempo da reserva, meu chefe sempre brincava comigo, suboficial, fica? Não! Quando você aposenta, você passa a ter uma visão muito diferente da vida você se dá conta de muita coisa, pois a cabeça está boa, mas o corpo não acompanha. Antigamente era assim, você tirava serviço, depois ia para o expediente; agora se eu fico uma noite sem dormir, já fico um "bagaço". Mas você passa a ver... eu já passei mais da metade da minha vida, então eu quero que as pessoas entendam, independentemente de ser militar que precisam se cuidar; que saiam dessa "neura", não tem que se preocupar. Aposentar e voltar a trabalhar para quê? Para ganhar dinheiro? É uma necessidade? Você acaba não vivendo, você fica preso nessa roda viva, e não vive! Você fica preocupado em trocar o carro, em fazer reforma... aí você não vive. Então assim, eu acho legal quem se aposenta e quer voltar a trabalhar beleza; mas eu, eu acho que o tempo que eu tenho para viver.

-Tem tanta coisa que você pode fazer que é trabalho, embora não seja chamado assim, não tem remuneração. Tem tanta coisa que você pode fazer depois que se aposenta; eu ainda não estou fazendo. Mudei há mais ou menos 01 ano, ainda estou conhecendo o bairro. Mas as pessoas ficam muito presas em coisas, depois a gente morre e não viveu.

- Eu não quero me preocupar, se quiser acordar tarde, dormir tarde, guardando as necessidades, pois às vezes a gente precisa madrugar; eu quero viver. Eu gostaria de pensar assim lá atrás, teria feito muita coisa diferente

A reserva a aposentadoria vem acompanhada de uma maturidade, às vezes a gente olha para trás e diz: eu nem precisava me estressar por causa daquilo! Eu queria assim como aquele tema do Fernando Benjamim Boto: a gente nasce velho, porque você terá todo o aprendizado que a idade traz, assim você teria toda a maturidade que idade traz e ia seu corpo ia rejuvenescendo, queria assim. Já pensou que bom?!

A ida para reserva militar

Então eu queria muito ir para reserva, porque eu estava muito cansada, muito esgotada emocionalmente também. Quando eu fui para reserva foi uma bagunça. Porque eu fui para reserva junto com a pandemia, na semana que começou a fechar as coisas por causa da pandemia, teve aquela questão em São Paulo que não podia estar circulando sem uma necessidade. Foi nesse período que eu fui para reserva, então eu vim de uma atividade constante (a gente lida com o paciente o tempo todo) e fiquei trancada em casa com 2 crianças, na época adolescentes. Então, foi muito ruim, porque tudo o que eu pensava fazer na reserva [não conseguia fazer] não podia sair de casa. Na época estava morando próximo ao hospital e a gente só podia sair para o estritamente necessário. E aquele clima de insegurança, de medo, né? Eu também nem podia ficar mais tempo por conta da pandemia, porque meus filhos não tinham aula, então não dava para deixá-los muito tempo em casa sozinhos. Nessa época, só estávamos nós 3, né? A minha filha mais velha já tinha se casado, já estava na Força. Ela também é militar, e eu estava divorciada. Então assim, ficou eu e meus 2 filhos morando juntos. Eles pararam com as aulas na segunda e começaram a ficar em casa; e na terça, era meu último dia de serviço. Então foi essa bagunça. Eu tive uma série de problemas de saúde gratuitos. Do que eu planejei para reserva, nada aconteceu, foi muito diferente. Foi o primeiro ano, foi muito difícil. Não tinha mais lugar para ir, não me sentia pertencendo mais a um lugar, não tinha obrigações; obrigação somente com meus filhos. Eu não me sentia muito útil porque eu tinha colegas que estavam lá na linha de frente. O pessoal da saúde teve mais pressão, mais uma vez se lascou. O pessoal que trabalha na área da saúde mais uma vez e sempre, se deu muito mal, então eu tinha colegas que estavam trabalhando, lidando com todas essas incertezas que houve no início da pandemia, com todos os temores, tive colegas que adoeceram, tive conhecidos que faleceram de covid; e eu estava trancada em casa. Eu não tinha para onde ir, não tinha como começar a fazer atividade, tudo que eu

queria, era fazer atividade física; eu queria sair para fazer, sou fã de caminhada, mas eu queria andar. Eu queria ir bater loja, tomar sorvete; mas não dava para fazer nada. Então, foi tudo muito complicado, muito complicado.

A Preparação para reserva

Não participou de espaços para pensar a ida para reserva: não, eu não dava crédito quanto a isso. Eu falava que eu tinha que fazer um curso para continuar na ativa até o tempo de ir para reserva. Para mim, na minha perspectiva, seria bem diferente.

Onde morar após a reserva militar:

A entrevistada ressaltou que optou em morar na cidade de São Paulo, na região norte; local em que serviu na última OM, o HFASP. Saiu da Vila Militar de Guarulhos, logo após vir servir no HFASP, preferiu ficar mais próximo do local de trabalho, para esperar a reserva militar. Após vir para HFASP, quando estava morando em Guarulhos, estava novamente acordando às 04h da manhã, chegava em casa muito cansada; também era muito cansativo dirigir na Marginal [rodovia] todos os dias. Quando foi para reserva, decidiu ficar morando na região que já estava, zona norte.

- Eu queria ir para o interior; mas, não queria ir para Guaratinguetá, lá tem suas limitações enquanto cidade pequena. No Vale do Paraíba o serviço é muito complicado, muito escasso.
- Eu tenho 02 filhos, ainda estudando; na época tinha outra filha mais velha que estava na adolescência, já terminando também o nível médio. Então seria complicado conseguir serviço e eu nunca quis ficar longe dos meus filhos. Queria manter a família mais próxima. Então, eu não tinha interesse de voltar para Guará na reserva, não; mas eu queria ir para o interior. Eu queria ir para uma cidade mais tranquila, mas a minha filha mais velha falou que não era para eu ir para o meio do mato, que ela não iria resgatar a velha no meio do mato.
- Não pensei em retornar para o Rio de Janeiro, eu não me adapto mais a temperatura. Quando eu ia para casa da minha mãe, no verão, era um terror, aquele calor o tempo todo. Eu gostei muito do clima aqui de São Paulo. A minha intenção nem era sair de Guará, mas devido as atividades do meu marido, decidimos sair. Gostei muito, gostei muito da temperatura, gosto do friozinho, nunca mais pensei em voltar para o Rio.

O desejo da reserva e sua aproximação com as mudanças no mundo do trabalho e a perda da autonomia do trabalhador

Eu não acho que eu me encaixo mais como técnica de laboratório, porque o que eu aprendi como técnica, a minha formação técnica, visava muito o paciente; e hoje não. Não estou

falando da Força Aérea, do militarismo em si, mas em todos os locais tem muito essa questão de metas, objetivos, controle de qualidade, produtividade, para todos os lados tem isso [as organizações sociais de saúde] muitas questões que são colocadas hoje e que acabam interferindo, na minha visão técnica, interfere na qualidade do serviço que é prestado à pessoa. Então hoje eu vejo que a questão do laboratório de análises clínicas, é muito mais manter todo um sistema, do que propriamente fazer um exame. Antigamente, quando eu fazia um exame, como o de colesterol, se eu verificasse que estava muito alterado, e tinha algumas outras coisas alteradas no seu exame, eu já fazia ali o triglicerídeo, fazia um colesterol total, para que o médico precisasse com aquele resultado. Não precisava esperar o médico marcar, ou pedir outro; a gente já se adiantava para ajudar o paciente. Apesar da nossa metodologia ser muito manual, no início, né? Tinha muita coisa manual quando eu comecei. Mas a gente tinha essa possibilidade de agilizar para melhorar para o paciente, para facilitar a vida do paciente, entendeu? Hoje eu me dedico ao cuidado da minha família, não quero saber de trabalhar.

- Por exemplo, eu vi recentemente, um pouco antes de me aposentar, um oficial que trabalhava em Pirassununga e não me lembro do local certo, mas ele viu que no soro do paciente tinha alguma coisa diferente. Ele foi, fez outros exames, chegou dentro daquele que ele pesquisou, ele ajudou o médico a fechar um diagnóstico muito mais rapidamente, e não estava na solicitação do médico, o pedido. Hoje em dia nós trabalhamos de uma forma mais fechada, mais limitada. Então eu fico presa àquilo que o médico solicitou; a gente agiliza dentro da Força, entendeu? A minha formação foi muito diferente. Então, para ser uma boa técnica, eu tenho que entender mais de aparelho e do idioma inglês, do que do exame, entendeu? Tá tudo muito automatizado, então eu não tenho vontade de voltar a trabalhar na área. Não me sinto útil. Apesar do conhecimento adquirido com o tempo, isso é uma questão que eu vejo na reserva.

- Quando eu estava na Base Aérea, conversei com o coronel da reserva e ele conversando comigo e falou que a última pessoa, último militar da farda, último graduado, que sabia fazer manualmente aquelas redes de camuflagem que é usada em acampamento. Antigamente aquilo era ensinado e se fazia manualmente, último cara que sabia fazer, também foi para a reserva, daquele ano que estávamos falando. Depois disso ele não tem ninguém para fazer, a gente tem que comprar pronto, tem que terceirizar, olha porque não tem mais ninguém para fazer. Então eu sinto que não me encaixo nesse perfil. Acho que algumas coisas estão se perdendo com aqueles que se aposentam no geral, não só com os

militares, mas se perde algo nessas gerações que estão vindo. Depois eles não têm, a maioria não tem curiosidade em aprender; ficam dentro do quadradinho ali. Não estou dizendo que não são qualificados, eu acho que é uma característica e as relações de trabalho mudam. Hoje eu me dedico ao cuidado da minha família, não quero saber de trabalhar.

Reserva militar e projetos de vida

Inicia dizendo: o que se perdeu, perdeu! Não tem como a gente voltar, seja por conta da idade, seja por conta dos grupos a que você pertence nessa faixa etária da reserva. Eu queria ir para uma cidade mais tranquila, mais para o interior, não longe, mas perto de São Paulo, próximo da praia, alguma coisa assim entendeu?! Para uma cidade menor. Eu queria voltar a estudar, fazer faculdade. Comecei a trabalhar na Força Aérea, mas aí não consegui conciliar, e tive que abrir mão. Depois de um tempo eu casei, tive filho, aí não voltei a estudar, mas eu tinha vontade de voltar a estudar e eu ainda não voltei. E sempre quis fazer atividade física, mas aí você tem que conciliar, né? E como eu fui para reserva tem toda essa questão econômica [perdas], né? Você sai da vila, então na vila você tem um padrão de vida. Quando você sai, você não tem mais aquele padrão de vida. Se eu for pagar aluguel, dependendo do valor que você paga. Eu morei de aluguel na reserva; precisava de uma casa própria, mas fiquei no aluguel. O salário não acompanha, o salário de ninguém acompanha o aluguel que todo ano é reajustado, 10 ou 15%, no último ano que morei de aluguel, o reajuste foi de 20%, isso há 02 anos atrás. Então eu disse: não vou pagar isso, vou para debaixo da ponte, mas não vou pagar isso aí, não. Isso aconteceu quando eu já estava na reserva, né? Há 2 anos atrás, estava na reserva. Eu aluguei uma casa para ficar próximo do serviço; as crianças no colégio próximo para poder conciliar os horários; e a minha ideia era ir para a reserva, sem o aluguel. Mas com a pandemia, não teve como, porque ninguém recebia ninguém em casa para ver imóveis; no primeiro momento, parou tudo. Mesmo no final de 2020, as pessoas não queriam abrir as portas para receber ninguém, para olhar imóveis próprios. O pessoal de imobiliária também não estava muito aberto, para levar clientes para fazer visitas nas casas, levando gente no carro (...) no final de 2020, ainda era muito difícil.

Questões que podem emergir na reserva: as diferenças de gênero, o sentimento de não pertencimento e reconhecimento

- Eu conheci 02 homens que adoeceram depois que foram para reserva, coisas assim. Um, teve um abscesso no fígado; quando estava trabalhando, encontrava com ele bem. Acho que para o homem é mais complicado, não tem outra perspectiva depois trabalho, trabalho o

tempo todo. Você passa a ser avó; tem os cuidados da casa enfim. Mas para o homem (...). Quando eu estava lá em Guará, eu vi esses colegas passando por isso. O cara vivia quartel, a vida toda, então quando ele vai para reserva [pode adoecer] eu vi isso acontecer bastante. Acho que para o homem é mais complicado, senti muito essa questão. Toda vez que eu vou no hospital, que eu ainda vou bastante lá, para acompanhamento minha mãe, meus filhos, é muito estranho não precisar prestar continência. Tudo que você aprendeu durante uma vida de serviço, tudo o que eu aprendi não serve mais para nada, seja o aprendizado do laboratório ou o militar. Também não quero isso, porque eu não vivo somente com contato com militares, né? Eu reclamava muito todo domingo, quando via o domingo estava passando, e na segunda-feira tinha que ir trabalhar. Então, não ter que passar a farda no final de semana; fazer a parte do ritual da farda. Ela [a farda] te investe de uma autoridade que na verdade, não tem nada a ver a ver com o que você é enquanto pessoa. Seu caráter e de quem você é, mas a farda ela tem essa capacidade de te investir de uma autoridade que é visível aos olhos, "a lei", né? Então quando você vai [para reserva], a gente brinca que vai vestir o pijama, né?

Então, você vai ser um SARAM [registro numérico], vai ser mais um número. Quando o militar vai no hospital, após a reserva, não utiliza farda, não se usa posto e graduação, pelo menos no laboratório era assim. Para mim não pesa não me identificarem como suboficial

Para nós mulheres tem a questão da menopausa que muda muita coisa**.** O uniforme é feito para as magrinhas, se você engorda, nada fica direito no corpo

Reserva militar e as perdas financeiras

Sair da vila militar traz aumento nos gastos com a manutenção para o militar e sua família. É difícil para quem mora na vila, quando chega a fase da reserva militar tem que sair. Na vila o militar paga o valor da locação da casa de acordo com o seu soldo, uma porcentagem. Então tem essa perda. Como morei de aluguel senti a inflação, que somente vale para eles [os proprietários]. Estava morando em casa própria, mas era em Guarulhos, então eu vim para zona norte, porque era mais próximo do hospital [HFASF]. Passei 2 anos e meio de aluguel; nossa o valor do reajuste é absurdo; porque ninguém ganha esse reajuste, nenhum trabalhador. É absurdo! Você mora na casa, você não pode nada, mas você tem que pagar tudo. Você tem que consertar. Não é só isso, o salário do militar se mantém, você tem reajuste quando? Quando foi o último aumento dos militares?

Em 2019, foi criado o adicional de habilitação militar, para altos estudos; mas não teve reajuste do soldo. O aumento foi somente para aqueles que tivessem estudos [pós-

graduações], foi um critério da meritocracia, né? Que mudou bastante isso na vida do militar e aí depois disso, parou de ter um aumento. Isso não é o aumento real. O militar não tem aumento anual; teve uma época que tivemos um reajuste de cerca de 15%, tipo assim, era 15% de aumento, eles deram 5%. Ali no final daquele ano deram 5% e tinha 5% para o outro ano. Aí eles parcelarem em tantas vezes, mas não era anual. Isso afeta bastante o salário do militar, do posto. Quando eu fui promovida para suboficial, tive minha última promoção. Então, se o militar não tiver aumento, ou seja, se não aumentar o soldo eu não tenho aumento. mais previsão no meu salário. Quando eu fui promovida, eu estava esperando uma melhoria salarial, não tinha noção dos valores. Eu não procurei me informar, mas achei que seria uma melhoria boa, né? Na prática, eu tive um aumento de 100 reais e pouco, na época, porque quando eu fui promovida, também aumentou o desconto no imposto de renda. Veio o aumento, e foi abocanhada em pelo leão.

Como foi participar do estudo?

- Senti-me entrevistada poder falar essas questões foi muito importante, pude falar sobre o militar no contexto do país, a necessidade do militarismo; isso ninguém para, para ouvir isso, para ouvir essas coisas. Foi muito bom, porque eu pude colocar a minha visão sobre as coisas, a questão técnica da minha especialidade, a questão do militarismo; essa dificuldade de gênero que existe até hoje. Então pode falar dessas coisas foi muto importante. É muita coisa para falar, porque foram 30 anos, foi muito "chão", foi toda uma vida, têm coisas que também não vale a pena a gente lembrar. Mas é muito bom poder participar e poder falar de um tempo que você viveu.

Uma coisa que eu não falei: eu não me identifico muito como militar, não gosto de fala, geralmente quando perguntam, o que sua mãe faz? Trabalha em laboratório, não gosto de falar, por causa dessas expectativas que as pessoas têm, de achar que a gente está preparado para tudo, ou achar que a gente tem resposta para tudo. Por isso digo, agora, que sou aposentada como técnica de laboratório.

Mas é bom poder falar

Finalizando Sueli: agradeço pela oportunidade de conversa sobre esse assunto. Olha só: eu sou uma técnica aposentada.

Diz Sueli: eu estou muito feliz com a minha reserva. Estou muito satisfeita. Sinto falta, amo formatura, entendeu.... É a sensação de não fazer parte de algo, de algum lugar.

5.6.4 Relato Oral: narrativas da Tenente Coronel Malheiros “A Danielly”

Figura 26: A Tenente Cel. Malheiros à esquerda

Foto: arquivo pessoal

Figura 27: A Danielly após a reserva

Fonte: WhatsApp

Quem fala: Danielly Malheiros, formada em pedagogia; incorporou no quadro de oficiais de apoio, que era denominado de quadro feminino da reserva da Aeronáutica, no ano de 1991. Esse quadro foi extinto no ano 2000. Está na reserva militar há 06 anos, desde dezembro/2017; mulher cisgênero; quesito raça/cor: branca; divorciada, com vínculo marital, mãe de 02 filhos; natural da cidade de Santos/SP.

Diz a entrevistada: “***hoje, eu falo para qualquer pessoa, tudo o que eu tenho e sou eu devo à FAB”***

A vida antes da carreira militar

-A minha origem é o estado de São Paulo, nasci na cidade de Santos, onde vivi até os 6 anos de idade. Então eu não tinha relação com a cidade de Santos. A minha relação principal foi em Brasília. Quando eu cheguei em Brasília, eu tinha 15 anos, então eu fui aos shows da Banda Legião Urbana, conheci Renato Russo; Capital Inicial, Dinho e toda essa galera, eu vivi o auge da musicalidade em Brasília. Então no meu período de punk, eu estava em Brasília ia nos shows. Brasília era um lugar tranquilo de se viver, entendeu? - Eu andava de bicicleta por todo lado. Eu era punk[64] (foto do estilo punk abaixo) na adolescência, do cabelo colorido essa personalidade ficou... eu deixei para lá quando comecei a trabalhar com 18 anos.

[64] “movimento juvenil de contestação dos valores e da ordem social vigente que teve início na Grã-Bretanha na década de 1970 e se caracterizou por sinais exteriores de provocação (no vestuário, cortes de cabelo, piercings, etc.)” fonte:

Relembrando a juventude: a vida em Brasília “a cidade do rock dos anos 80”

Figura 28 : Imagem do Estilo Punk

Figura 29 - Fotos da cidade do Rock

Fonte[65]:

[65] google.com/search?sca_esv=1ba2041d0738a613&sxsrf=ACQVn09nwgHO5km4OEadFqCOa7NXde8eqQ:1708354480647&q=Brasília+a+capital+do+rock+nos+anos+80+fotos&tbm=isch&source=univ&fir=8UzV7zp8zVjShM%252CKyUu9UYx0l-QvM%252C_%253BUF8jbS1FENRPoM%252 CB5PEiw GX m 85YQM%252C_%253B5RpCe4uz64rGWM%252CYw6DxO7PafBm9M%252C_%253BNiZpZ1cvXrRX2M%252CYw6DxO7PafBm9M%252C_%253Bj_xhJar9ktvX_M%252CqAqXJ0T6dH0OqM%252C_%253B0J0pYBqhzj8sYM%252CNERhQhttps://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/punk0MvUNlH8M%252C_%253BM8KOwhM8CGSnWM%252CGhhGtX4zm6y4MM%252C_%253BNiR8iWyQx63gkM%252CYw6DxO7PafBm9M%252C_%253BqYNzAM1FNych4M%252CzFISqh6-fWy8KM%252C_%253B6gFDsqDpxn3OJM %252CYiJVDuKp bzu7 vM%252C_&usg=AI4_-kTqLJVaXXqsyMCZem1quV8ClTKWdQ&sa=X&ved=2ahUKEwjVh-Cv1LeEAxXVq ZUCHZfK DKE Q7Al6BAgSEDc&biw=1366&bih=641&dpr=1#imgrc=8UzV7zp8zVjShM

Trechos da letra Tempo Perdido - Canção de Legião Urbana[66]

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo tempo do mundo

Todos os dias, antes de dormir
Lembro e esqueço como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder

Nosso suor sagrado
É bem mais belo que esse sangue amargo
E tão sério

E selvagem
Selvagem
Selvagem

Veja o sol
Dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega
É da cor dos teus olhos
Castanhos
Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo

Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora

O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido
Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens

[66] Fonte: https://www.letras.mus.br/legiao-urbana/22489/

A carreira de pedagogo na FAB "o pedagogo militar"

Silva e Fernandes (2019) informam que cargo de pedagogo foi incorporado na FAB juntamente com outros cargos técnicos, para atender as especificidades nas organizações militares. Ressaltam as autoras:

> "a dimensão filosófica do trabalho pedagógico permitirá questionar quem é o aluno que será formado, qual concepção de homem se acredita para essa formação, o que se espera, na escola, que esse aluno como pessoa, seja capaz de obter (...) a orientação educacional voltada para o quartel possui algumas peculiaridades, visto que o quartel e a escola são instituições com características próprias, intrínsecas" (2019 pg. 09)

- **Questões da carreira militar: o que diz a entrevistada**

A carreira militar e a tradição familiar

- Meu pai era militar, ele não queria que eu fosse militar, quando eu disse que iria entrar na FAB, ele disse: você não vê o que eu passo, tirando serviço? Você ainda vai querer essa vida? Mas, na realidade ele ficou todo feliz. Na minha formatura ele foi fardado, colocou as minhas platinas. Depois quando ele foi promovido a suboficial, eu fui entregar as platinas dele. O oficial comandante dele pediu que eu entregasse as platinas dele. Eu fui fardada de sétimo alfa e fui lá na unidade dele sem ele saber. Ele ficou muito orgulhoso. Lembro muito dele também [emoção]
- Meu pai fugindo do meu avô veio para Santos, num caminhão de banana e foi trabalhar na Estiva com 16 anos. Aí ficou morando no Porto de favor, lá nas casas próximas do Porto, até completar 18 anos de idade. Quando completou 18 anos entrou no quartel com 18 anos e nunca mais saiu.
- Meu filho também serviu na FAB. Ele entrou na fase do serviço militar obrigatório. A história dele é bem engraçada. Ele deu baixa em 2020, em março de 2020, no início da pandemia; quando eu mudei de Brasília para cá. Quando ele estava com 17 anos, a vida dele era videogame. Aí eu cheguei para ele e falei assim: olha, você tem até o dia 25 de dezembro para me dizer o que você quer fazer, quando você completará 18 anos. Porque se você quiser estudar fora, a gente vai fazer de tudo, para você ir; vou mandar você. Mas para isso, você tem que me dizer o que você quer fazer. Então você tem até 25 de dezembro para me dizer o que você quer. Se no dia 25 de dezembro, depois do papai noel, se eu te perguntar e você não tiver resposta, você vai fazer o que eu quero.

- Chegou o dia 25 de dezembro. Eu perguntei para ele depois do papai noel; e ele falou: agora eu não sei! Então, eu disse: eu sei, mas vamos passar as festas. No dia 3 de janeiro nós fomos para junta de serviço militar, quando chegamos lá na junta eu falei: esse rapazinho aqui tem que se apresentar, tem que se alistar. Ele se assustou.

- Aí eu fui lá na seção mobilizadora, lá na base [Base Aérea de São Paulo, em Guarulhos] e falei: o meu filho vai servir, vocês vão trazer ele para cá, entenderam? Aí o novo coronel conseguiu convocar ele par lá, deu certo. Ele ficou por 3 anos, quando ele ia fazer o concurso para S1 [soldado], que foi bem na pandemia. Nessa época, não teve teste físico, aproveitaram o teste do ano de 2019, que era o último válido. Porém, na fase desse teste ele tinha rompido os ligamentos do joelho, numa descida da viatura de bombeiro; e aí ele foi dado como incapaz, temporariamente. E aí ele não passou, certo? Aí ele deu baixa; deram a baixa dele.

As motivações da escolha pela carreira militar

A inserção na FAB

- Entrei na FAB em 1991; na época eu tinha 23 anos a idade limite para entrar, era o último ano que eu poderia fazer aquele concurso. Foi um fato até bem interessante; eu estava fazendo faculdade de pedagogia, ainda; um colega meu de turma, chegou para mim e falou assim: porque você não faz um concurso, você está acabando a faculdade e tal, vai querer ser professora? Professor ganha pouco, vai precisar de um salário melhor; ele me entregou a apostila. No meio do caminho do "buzão" [ônibus], eu resolvi ler aquilo. E era o concurso da FAB. Nessa época eu dava aula de manhã e de tarde; na hora do almoço, preparava as aulas e ia para faculdade à noite; foi a minha vida. Era bem corrida.

- Na semana seguinte, encontrei com ele [com o colega que disse para ela fazer o concurso] de novo. Ele disse: e aí já vai fazer a inscrição? Está pronta? Eu falei assim: bicho, eu até gostaria de fazer, só que eu não tenho dinheiro para pagar a inscrição. Eu não tinha dinheiro, era como se fosse 300 dinheiros de hoje. Eu ganhava 800 dinheiros. Disse ele: isso não tem problema, eu pago a sua inscrição, quando você for tenente, tu me devolves. Danielle: faço questão! Aí, durante a aula, preenchi a ficha de inscrição, entreguei para ele, foi um favor.

- Na outra semana, ele me entregou o cartão de inscrição. Eu estava terminando a faculdade. Eu fui, fiz o concurso, qual foi o meu espanto? Chega em casa o telegrama, dizendo que eu tinha passado na primeira fase de provas escritas.

- O meu pai era militar do Exército Brasileiro, que Deus o tenha no lugar que ele merece. Ele teve uma parte de malcriação comigo. Você sabe o que eu passo? E você está querendo

essa vida, para você? Eu falei: pai, eu não vou fazer por vontade, como você que optou pelo Exército, porque faz parte da sua personalidade, não quero nada disso. Eu estou pela grana. Eu fiz concurso pela grana. O salário vai ser bom. Aí ele se empolgou, me ajudou a treinar para o teste físico, depois para o exame médico.

- Foi a primeira vez que eu saí de casa; fui morar sozinha. Fui para Belo Horizonte. Até então, nunca tinha saído de casa. Fiquei em Belo Horizonte por 4 meses, que é o período de formação, né?

A carreira militar

- Fui incorporada como pedagoga no quadro de oficiais de apoio, é um quadro que não existe mais, desde o ano 2000. Ele foi extinto. Não era um quadro de apoio, quando ele começou, não era isso; era o quadro feminino da reserva da aeronáutica. As primeiras que foram incluídas em quadros de carreira foram as graduadas que passaram direto para o PSS. Para as oficiais [as mulheres] não havia quadro que pudesse absorver, por conta das especialidades; tinham várias profissões de formação acadêmica. Então, tinham várias oficiais, de turmas anteriores à minha, formação de analista de organização e métodos, por exemplo. Essa carreira foi extinta, porque foram acabando os oficiais.

- A Minha vida na FAB começou em Brasília, no DEPEN - Departamento de Ensino. Depois de um tempo, eu me casei. Quer dizer, antes disso eu fiz pós-graduação, porque eu estava vendo que eu estava trabalhando com recursos humanos, então vamos estudar recursos humanos e aí a minha vida se desenrolou.

- Então hoje, eu falo para qualquer pessoa, tudo o que eu tenho e sou eu devo à FAB. A possibilidade da criação dos meus filhos, nosso estilo de vida. Tudo isso foi proporcionado pela Força Aérea, pelo salário que eu tinha na Força Aérea. Sou muito grata! Até por conta da minha capacidade de estudo, de elaboração e as vertentes pelas quais eu fui trilhando, dentro desses 26 anos de FAB. Entende? As coisas que eu fiz; as turmas que eu formei e tal. Beleza.

- Quando chegou, em 2012, foi a minha última promoção. Eu fui promovida a Tenente-Coronel em 2012. Chegou em 2012, depois da farofa, do monte de cerveja, da comemoração da promoção; eu parei sentada na frente da minha casa e falei assim: caramba, eu só tenho mais 5 anos! E 5 anos passam voando, e na verdade, passaram sim. A gente não vê passar com certeza, mas chegou. E esses 5 anos depois da minha última promoção, foram cruciais, para eu começar a introjetar a minha vida civil

As movimentações ao longo da carreira militar

A entrevistada tem relação com movimentação pregressa a inserção na carreira militar, em decorrência na carreira militar do seu pai.

(...) Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos como os nossos pais (...)

Trechos da Canção Como os pais (Elis Regina)
Composição: Antônio Carlos Belchior

A movimentação como filha de militar

- Eu nasci em Santos, mas fui para Brasília devido a movimentação do meu pai, isso em 1982, nessa época eu estava com 15 anos, a gente saiu de Boa Vista, foi uma movimentação externa de curso do meu pai. Aí a gente veio pra Brasília.

- Eu fiquei em Brasília de1982 até 2001. Em 1998 foi o ano dessa movimentação. Saímos de São Paulo quando eu tinha 06 anos de idade. Foi a primeira movimentação do meu pai quando ele se formou, sargento; ele era Infante do Exército. A gente foi para Boa Vista onde ficamos por 4 anos. Fui fazer a quinta série em Curitiba, que foi a segunda movimentação do meu pai. Entendeu? Quando a gente veio de Boa Vista para Curitiba, foi por um problema de saúde de dependente. A minha mãe teve a minha irmã em Boa Vista e a minha irmã nasceu com problema de saúde. Em Boa Vista não tinha condição de tratamento, então o Exército movimentou meu pai, para Curitiba. E aí a gente ficou lá. No primeiro ano movimentação do meu pai minha irmã morreu, ainda era bebê lá, tinha feito um aninho quando ela morreu. Aí nós ficamos aquele tempo mínimo em Curitiba, de 2 anos, o tempo mínimo necessário. E aí meu pai pediu para voltar para Boa Vista. Aí voltamos para Boa Vista. Aí nessa volta para Boa Vista, eu terminei o ensino médio. Praticamente fiz o fundamental todo em Boa Vista. Eu fiz quinta, sexta, sétima, oitava lá. Quando eu entrei no primeiro ano em Boa Vista, o meu pai veio para o Rio de Janeiro fazer um curso. Mas a

gente ficou lá. Ele fez o curso, terminou em terceiro lugar e aí ele tinha a opção de escolha da vaga. Por conta da capacitação que ele fez, aí conversando com a minha mãe escolheu Brasília; os 2 primeiros lugares escolheram o Rio e São Paulo; e sobrou a vaga de Brasília para ele

- Aí a gente foi para Brasília, foi o pior momento da minha vida. Eu tinha 15 anos, namorava um menino do colégio militar, escondido do meu pai. Colega da Vila lá em Roraima. Eu falava: eu não vou, não vou querer ir! Porque o Jonathan [meu namorado] iria ficar. Meu mundo caiu, aquelas coisas de adolescentes de 15 anos. E aí mudamos, conforme a vontade do meu pai.

- E aí, depois, qual o meu espanto? Em 1997, quando nasceu meu primeiro filho; e eu fiz a mesma coisa; fiz a mesma coisa com os meus filhos. Mas é a vida[67].

(...) E a vida
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é, meu irmão?

Há quem fale que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo (...)

Trechos da Canção de Gonzaguinha: O que é, o que é?

A movimentação a partir da sua carreira: Brasília-DF; Guaratinguetá/SP; Belém/PA; Guarulhos/SP; São Paulo/SP

- Depois que me formei, fui servir em Brasília, onde fiquei por 11 anos e pedi movimentação para cidade de Guaratinguetá. Em 1994, eu me capacitei em gestão de recursos humanos, para eu entender como é que era o nosso processo de seleção; então pedi para ir para a Escola de Especialistas, para ver como aquilo acontecia [a seleção]. Então foi uma movimentação, mas que foi por um desejo profissional

[67] Durante a transcrição, na fase da transformação da narrativa em texto, essa parte da narrativa trouxe na memória a letra da música do Gonzaguinha, conforme trechos acima

Figura 30- Formatura na Escola de Especialista de Aeronáutica

Fonte[68]:

- Para ser movimentado tinha que ter uma triangulação muito efetiva. Tinha que ter um tempo mínimo numa unidade, mas não é obrigatório. Você tinha que ter no mínimo 2 anos; mas não significa que com 2 anos tem que movimentar, não no meu quadro. Essa é uma regra básica para os aviadores, que a cada 2 anos tem de ser movimentado. Um outro que consegue se agarrar em alguma coisa, acaba ficando um pouco mais. Mas eles têm necessidade dessa movimentação. Quer dizer, na verdade é uma movimentação estratégica da FAB, precisa movimentar porque o que sai do corpo da academia vai para Natal. Esse povo vai escolher qual é o avião que eles querem voar. Aí aqueles que estão nas unidades de cada uma das aviações, eles precisam sair para que outros entrarem. Porque existe um número no quantitativo de pessoal na entrada, dependendo do tamanho da base, o esquadrão tem aviadores do Bandeirante. Dependendo do esquadrão, aqui em Guarulhos tinha Bandeirante, tinha helicóptero, tinha cênica. Não eram 3 aviões diferentes. Para cada um desses aviões, tinham um corpo de aviadores. Quando terminava o curso em Natal, que é anual. Aqueles aviadores têm que se movimentar, porque Natal é escola. Vamos supor que se formaram 25 de transporte, então vai ter que ser movimentado para as organizações de Bandeirante e de cênica. Então, quem está em Natal, que é antigo, vai ter que sair para que os novos cheguem. Por que que eles precisam dar continuidade na formação, tornarem instrutores. Depois 03 instruções, eles também são movimentados.

- No meu quadro já era mais tranquilo. Quando eu me movimentei para a Escola de Especialistas foi uma triangulação. O pedagogo que estava na AFA [Academia da Força Aérea], era de Brasília. Eu queria me dar prazer de retornar para São Paulo, queria vir para

[68] https://www.google.com/search?q=foto+da+escola+de+especialista+da+aeronautica&oq=foto+da+escola+de+especialista+da+aeronautica&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCjE0ODUyajBqMTWoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#vhid=AHHopwyuaKiN0M&vssid=l

São Paulo. Então pelo atribuo da triangulação, o Brigadeiro autorizou. A escolha foi minha, porque eu já tinha visto como que era a capacitação e a definição de perfis de ingresso, numa escola de formação de carreira.

- Depois, eu pedi para ir para Belém do Pará, porque tinha uma colega minha de turma que estava lá; e eu queria trabalhar no serviço regional para ver como era um recrutamento de soldado; para ver como era a formação do temporário, entendeu? Como que era a fase seguinte do pessoal que era formado que sai como o S1 e pode ir até a cabo, que tem que fazer um curso antes de ser promovido a cabo. E era a carreira, não tinha concurso para cabo. E nem concurso para S2 por tempo. Ou ele dava baixa ou era promovida S1 com 4 anos, se ele tivesse mérito, ele era promovido, se não tivesse mérito, davam a baixa dele, com 4 anos. E aí o S1 ficava mais 4 anos, completava os 08 anos de serviço, né? Se ele tivesse mérito, ele ia fazer o curso de cabo. Ele fazia o curso de cabo, voltava para a unidade e ficava aguardando vaga, para promoção. Então tinha gente que ficava 12 anos esperando vaga, e a gente chamava de S1 por acaso. Eu queria saber como é que era isso, entendeu?

- A ida para Belém, foi pelo interesse de mostrar para os meus filhos, como era a Amazônia; de dar essa experiência para os meus filhos de Amazônia. Porque eles estavam dentro da caixinha em Brasília. Eles nasceram em Brasília, depois fomos para Guaratinguetá. Eles viveram a vida que toda criança quis ter. Andavam livremente, brincavam, andavam de bicicleta, andavam pelo meio do mato, se arrebentavam, voltava para casa cheia de carrapato, essa foi a vida dos meus filhos. O início de infância deles foi em Guaratinguetá e foi a coisa mais maravilhosa. Então se você perguntar para eles hoje, quais são as melhores lembranças da infância, eles vão dizer que foi maravilhoso fugir de jacaré para mato, passar o dia inteiro no meio do mato com os outros colegas da vila e tal; o melhor período da vida deles. Para mim, era ótimo; porque eles estavam guardados dentro da Vila, né? Eu na divisão de ensino e eles guardadinhos ali dentro da vila. Por mais traquinagem que fizessem, não passava de um braço quebrado; não iam desaparecer. Então foi a melhor época.

- Então sentia a necessidade de mostrar para eles como é que era a Amazônia, que era mais diferente do que era Guaratinguetá, né? E aí nós fomos para Belém, por um lado, pelo lado profissional, foi muito produtivo para mim. A partir daquele momento, em Guaratinguetá eu construí a minha monografia do aperfeiçoamento. Foi em Guará [Guaratinguetá] que eu me especializei, em avaliação de ensino. E em Belém, eu apliquei [a monografia]. Em Belém, onde fiquei 02 anos que é o tempo mínimo previsto, quando acontece a movimentação, a gente veio para São Paulo. Em Belém eu fui designada para a escola e ao

mesmo tempo eu trabalhava no SEREP[69]. Eu entrei numa estafa profunda, tive uma estafa profunda. Junto com a estafa, eu tive uma crise de pânico. Foi o primeiro episódio de crise de pânico que eu tive, nem sabia que tinha. Aí eu fiquei afastada do serviço. Foi nesse período que eu fui promovida a capitão, fui promovida por antiguidade. Eu tinha mérito para isso, mas a administração escolheu que eu fosse promovida por atividade. E aí eu não cabia mais nas OM [SEREP e escola], porque tinham que ser gerenciadas por um oficial superior.

- No SEREP, eu era a mais antiga, então me colocaram como excedente, para eu me transferir. Aí eu vim para o ILA[70] [Guarulhos/SP], na ocasião, eu ainda estava afastada. Toda vez que tem excedente, você pode ser movimentado. A junta de saúde determinou a minha transferência para São Paulo, e por conta de eu ser pedagoga, eu fui designada para o ILA. Quando eu soube da minha transferência, pensei "eu quero aquilo que eu não tenho".

Figura 31- O Instituto de Logística da Aeronáutica -ILA

Fonte[71]:

- No ILA precisavam de uma pedagoga, então quando souberam da minha movimentação por determinação da junta, pediram para eu ir para o ILA. Aí eu fiquei no ILA. Em tese, eu cheguei em São Paulo e fui para o hospital, eu estava em tratamento, ainda fiquei uns 5 meses em acompanhamento no hospital, entendeu? Eu estava em casa na vila, mas eu estava afastada, né? Eu respondia ao hospital, entendeu? Em 08 meses recebi alta; e fui me apresentar no ILA em 2007 e fiquei até agosto de 2017, quando eu fui para reserva.

---

[69] SEREP -Serviço de Recrutamento e Preparo de Pessoal da Aeronáutica

[70] O Instituto de Logística da Aeronáutica -ILA fica localizado no espaço geográfico da Base Aérea de São Paulo, localizada na cidade de Guarulhos

[71] //www.google.com/search?q=fotos+DO+iNSTITUTO+DE++logística+DA+Aeronautica+de+são+paulo&tbm=isch&ved=2ahUKEwjd6JeV8bWEAxVnGbkGHWQkBoIQ2-cCegQIABAA&oq=fotos+DO+iNSTITUTO+DE++logística+DA+Aeronautica+de+são+paulo&gs_lp=EgNpbWciPmZvdG9zIERPIGlOU1RJVFVUTyBERSAgbG9nw61zdGljYSBEQSBBZXJvbmF1dGljYSBkZSBzw6NvIHBhdWxvSLS5AlDBFFjunAJwA3gAkAEAmAHvDaABqKsCqgETMC4yLjQuNC40LjEzLjE2LjguMrgBDMgBAPgBAYoCC2d3cy13aXotaW1nwgIEECMYJ4gGAQ&sclient=img&ei=cn3SZd3nBOey5OUP5MiYkAg&bih=641&biw=1366#imgrc=ngpPVGA55K5UyM

- Antes da reserva, em agosto de 2017 fui transferida do Rio para cá, para São Paulo. E como eu já estava no ILA me transferiram, eu nem soube da minha transferência. Eles me transferiram do ILA para PAMA. [Parque de Material de Aeronáutica]. Eu estava trabalhando no PAMA, porque o que aconteceu em 2015? Saiu o Comando do Coronel Marschall, que atualmente é o Brigadeiro Marshall [Brigadeiro do Ar Marcos Dias Marschall], da reserva, eles saibam que iria entrar o Major Brigadeiro Eliezer [Major-Brigadeiro Engenheiro Eliezer de Freitas Cabral].
- Na época, eu já era muito antiga, eu já tinha passado, inclusive pela direção do ILA, já fui até a diretora interina do ILA. Nessa época o Coronel Eliezer, hoje "Major-Brigadeiro Engenheiro Eliezer de Freitas Cabral", queria me mandar para o SEREP, porque tinham as meninas das as outras turmas que eram pedagogas, e ele achava que precisava de uma coronel, ele tinha que abrir uma vaga de coronel, ou seja, de tenente coronel. Então ele queria me mandar para o SEREP. Porém, o SEREP, por sua vez não me aceitava, porque eu era muito antiga. Era muito antiga. O chefe do SEREP, é um tenente-coronel de infantaria recém promovido. Então, eu seria mais antiga que o coronel, que era chefe, e não dava, né? Aí eu fiquei com receio de me encostarem. Então, eu não consegui continuar.
- Perguntei para mim mesma: o que eu queria na minha trajetória profissional? Porque eu tinha passado pela formação, pela parte de recrutamento e avaliação; depois no ILA pela capacitação. Depois do período de formação, o cara vai fazer uma série de cursos ali [no ILA] para se especializar ainda mais, na área dele. Aí o que aconteceu? O Brigadeiro Marshall saiu do ILA e tinha ido para o PAMA, que fica no Campo de Marte, aí eu conversei com ele, com o Brigadeiro que comandava o PAMA, o Brigadeiro Neubert [Major-Brigadeiro do Ar Ricardo Augusto Fonseca Neubert] que disse tudo bem, vem para cá! Aí eu fui para o PAMA prestando serviço no ILA, para o PAMA. Fiquei lá 2016 de 2017 até agosto. Quando foi em abril, teve a visita de inspeção do COMGAP [Comando Geral de Apoio] e anunciou a transferência do COMGAP do Rio para São Paulo. E no mesmo momento os coronéis disseram que eu estava no pacote. Falaram: vamos precisar de você para trabalhar no gabinete. Você que vai montar a primeira subchefia.
- Depois de Belém vim para São Paulo; em de São Paulo, fui para ILA; depois fui transferida para o Rio de Janeiro, onde fiquei de 2013 a 2015. Aquela passagem pelo Rio de Janeiro durou quase 3 anos. Aí quando o Brigadeiro Barros, saiu do comando do COMGAP ele perguntou para mim, se eu queria ficar? Quer dizer, eu já estava no finalzinho de carreira,

foi praticamente a minha última movimentação. Aí ele perguntou? Você quer ficar aqui no Rio ou você quer voltar para São Paulo?

- Aí foi quando eu voltei para o ILA, nesse meio tempo eu consegui ir para o PAMA e organizei toda a sessão de treinamento. Tem uma sessão de treinamento em todas as unidades da FAB. Aí eu assessorava o treinamento, aí eu organizei toda assessoria de treinamento lá no PAMA, experiência que me permitiu entender dos aviões.

- Foi muito legal para minha passagem na FAB, realmente foi muito bom, foi muito bom porque foi uma unidade que possibilitou que eu entendesse a unidade que trabalha com a matéria-prima da FAB, o avião. Conheci pessoas maravilhosas que trabalham lá. Têm as pessoas que gosto muito. Quando eu entrei num avião da FAB, aquele "troço" [o avião] que vai te levar para um outro lugar e não vai cair. Porque se você for parar para pensar na idade que tem aquilo lá, é só a mão desses caras, não tem outra conversa, é a mão desses caras. É a mão deles, é a mão deles. Então foi uma carreira de bastante movimentação. Eu consegui me movimentar bastante!

Entrevistadora: o que significa a movimentação para você?

Narradora: é a novidade! É a novidade mesmo!

Entrevistadora: mesmo quando ela acontece sem o seu desejo, quando você é excedente?

Narradora: isso mesmo. Quando ela acontecia, eu sempre a trouxe para essa questão de novidade. É a novidade; é a mudança; é o deixar para trás a velharia da casa, os brinquedos das crianças que elas não brincam mais. Então vamos doar! Mudar enquanto eles eram pequenos, também sempre foi muito mais fácil; eu procurava levar para esse lado do lúdico para eles, entendeu? Para mim, além de ser a novidade, também tinha a questão do desafio do novo; de ir para um lugar que eu não conhecia ninguém; ter que aprender a cultura daquele lugar, e imaginar que seria bem legal. Sempre via como novidade para mim, entendeu?

Entrevistadora: Eu falava assim: nossa, eles devem sofrer com esse negócio de movimentação, porque como eu sou uma pessoa tão bairrista, que nem consigo pensar em mudar do meu bairro, né?

Narradora: Eu cresci sendo nômade, então a questão do apego às coisas não tenho; mas apenas as pessoas e aos lugares. Mas não me apego as coisas, é muito difícil. Então é mais fácil, desfaço-me das coisas com muita facilidade. Eu acho que é até um perfil que o militar tem; que é essa capacidade de sempre estar começando, né? Os companheiros [maridos, esposas] têm que ter essa capacidade; têm casamentos que se rompem exatamente por isso,

porque tem que ir embora. O cara tem que ser movimentado; mas, poxa, será que a esposa não se ligou que quando ela começou a namorar, ele já estava nessa profissão. E no caso da mulher, como eu, cheguei no meu espoo e disse: estou sendo movimentada, eu vou ser transferida, ah.... Ele disse: para onde? Para Belém do Pará. Bem, eu falei pego os meus filhos e vou. Eles são extensão do meu corpo, ondo eu vou eles vão também. Na época ele trabalhava numa concessionária em Pindamonhangaba; ia e voltar todos os dias, era pertinho, né? Eu olhei e disse para ele: então pensa, eu vou começar a encaixotar. Eu tenho somente os meus filhos. Você escolhe, se quer ir ou não.

Observações dos processos de formação da FAB: experiências advindas das movimentações

- Na Escola de Especialistas tinha um exame psicotécnico lá dentro da escola? Quando o estudante chegava na escola, ele fazia um exame psicotécnico para ver em qual especialidade ele seria habilitado, era um teste vocacional. Era praticamente uma semana de testes, para definir 03 especialidades, para cada um; se você tinha uma turma de 700, era uma semana fazendo teste nos 700. As vezes um cara podia dizer que queria ser controlador de tráfego, mas não tinha essa aptidão; no teste poderia dar manutenção, suprimentos. A sessão acabou por conta da reserva da Coronel Débora, que era a responsável; e não houve reposição de pessoal, até porque a capacitação da Coronel Débora era exatamente isso. A coronel Débora era psicóloga especializada em teste vocacional. Trabalhava nessa seção: Eu, a Coronel Débora, um Sargento, que também tinha formação em psicologia, e com o fim da seção, foi remanejada para seção de equipamentos. chegou. Ele voltou para o galpão de equipamento de novo e a seção foi extinta.

- E aí, o que aconteceu? Teve um aluno BCT[72] de controle de tráfego, que entrou, e no primeiro foi desligado. A situação foi levada para o conselho de ensino, porque ele era gago[73]. Agora imagina um controlador de tráfego gago; como seria um problema ele estar no controle e começar a gaguejar. Ele controlava Guarulhos [aeroporto], que ao mesmo tempo tem 1520 voos pousando. E ele começa a gaguejar? Complicado, não? Não estou sendo preconceituosa, mas é uma questão mesmo operacional. Operacionalmente, ele não teria condição para isso, mas poderia ter ido para outra especialidade, onde não fosse

[72] Curso na especialidade de Controle de Tráfego Aéreo

[73] O vocábulo científico é gagueira de disfasia ou disfemia. Definição: "é uma perturbação da linguagem a qual está associada a uma lesão cerebral e consiste na má coordenação das palavras". Fonte: https://www.doctoralia.com.br/perguntas-respostas/cientificamente-e-mais-correto-chamar-a-gagueira-de-disfasia-ou-disfemia

necessário o discurso, a comunicação falada, como sendo a ferramenta principal de trabalho. Você entende?

- E aí, quando eu disse isso no conselho de ensino, que ele poderia ser aproveitado em outra especialidade que ele poderia ser movimento para outra especialidade, não tinha essa condição porque uma vez que ele não fez o teste, ele escolheu a especialidade na inscrição. É como que naquele momento o conselho iria desligá-lo? Mas, desligou. Ele entrou na justiça e ganhou. Acho que hoje já deve ser suboficial. Ele prestou um concurso e foi aprovado; como poderia ser desligado? Ele não foi submetido a nenhum tipo de teste, onde ele tenha sido reprovado.

Entrevistadora: não tinha tratamento?

Narradora: aí eu já não sei te dizer se é que hospital tenha avaliado a incapacidade dele para as personalidades, entendeu que ele já estava dentro, né? Isso gera processo. Por exemplo, trabalhou comigo uma sargento, controladora; mas ela não conseguia controlar. É uma pedagoga, muito triste. Ela fez especialização na área de psicopedagogia e tudo, eu a ajudei muito, durante o período que eu servi lá no SRPV[74] [OM], inclusive fiz revisão dos artigos científicos que ela produzia. Ela começou então a fazer tratamento. Eu falei para ela: busca um psicólogo para saber por que que você não consegue homologar, para poder controlar é, eu falei assim, faz isso. Porque você ainda não terminou o seu tempo para engajamento definitivo, porque se não, você vai ser mandada embora da FAB. Você não consegue colocar na especialidade. Aí ela procurou um psicólogo, psiquiatra e tal; fez uma bateria de exames e de teste; e descobriu que ela tinha autismo.

Entrevistadora: O que seria homologar? que seria homologar a especialidade.

Narradora: É como se alguém tivesse verificando se você está seguindo o passo a passo do processo, entendeu? Também tem que homologar determinadas aeronaves para poder fazer a manutenção e assinar. Hoje, os documentos referentes às manutenções são feitos sozinhos. Mantenedor homologado, que pode fazer essas assinaturas da documentação, mesma coisa o controlador de tráfego, ele só pode controlar sozinho, depois que ele passa por uma série, ou seja, um período de horas que eu não me lembro, onde ele é acompanhado por outro. E aí depois ele faz o teste final em que ele vai fazer o controle de várias aeronaves durante um turno, que acho que é de 6 horas, um turno inteiro sozinho. Se a partir daquele momento der tudo certo, pois ele está sendo observado por um oficial, que é o chefe da operação naquele

[74] Serviço Regional de Proteção ao Voo

momento, por exemplo, olha por ele, é homologada em torre. Ele é homologado em centro de controle, de controle civil, centro de controle mental, entendeu? Só depois disso é que ele pode voar sozinho, vamos dizer assim, né? E ela não conseguia, entrava em parafuso, ficava dispersa, como forma de se proteger, entendeu? A partir de agora é você sozinha. Ela disse que o suboficial estava sempre com ela até na hora da prova. Mas todo mundo tinha que voar sozinho, vamos dizer assim, com uma situação problema na frente e tinha que fazer aquilo, resolver aquela situação. O sub estava sempre junto dela, então ela tinha a segurança do sub e conseguia fazer, conseguia como na vida normal dela. O Sub ficava tomando conta dela, entendeu? Resumindo a história toda, a Elisa, gente boníssima, menina lindinha. Ela foi mandada embora [demitida] da FAB, porque ela não conseguia homologar. Logo depois que eu fui embora. Ela Foi mandada embora, aí ela entrou na justiça.

- Ela não conseguia homologar, foi diagnosticada com autismo leve, na verdade ela tinha que ter sido diagnosticado muito antes, lá na escola, né? Agora, ela está em casa, esperando a reforma que somente pode ocorrer depois que ela completar os 10 anos. Ganhou a ação judicial; a justiça sempre dá causa ganha. Podemos dizer que foi erro dela, ou que agiu de má fé? Não! Nem ela sabia que tinha autismo, que ela tinha algum tipo de bloqueio que podia ser reformada. Poderia ser um transtorno mental ou de ansiedade, pânico e tal, podia ser qualquer coisa. Eu indiquei que ela procurasse ajuda com psicoterapia, para tentar ajuda-la. Porque a minha preocupação era a FAB reconhecer a doença dessa pessoa, para poder dizer: eu errei. A inspeção de saúde foi falha.

- Você passa no exame psicológico, tem que desenhar uma casinha com o chão, teto e fica tudo bem; mas se deixar a casinha flutuando, aí tem algum problema. Mas eles não indicam o que é, você entendeu? E hoje em dia, o exame psicológico faz parte do Exército, da Marinha, e todo mundo sabe como tem que fazer o desenho [teste]. Tem que desenhar a casinha com janelinha .... A pessoa vê se desenha pelo menos os 5 dedos da mão.

- Então, comecei trabalhando direto nessa área; eu sou formada em pedagogia e especializada em administração e gestão e supervisão escolar. E aí eu fui trabalhar na área de planejamento educacional. Eu comecei na administração com gestão escolar. Eu senti necessidade de entender os processos de recrutamento e seleção, entendeu? Por que, essa pessoa que tem que entrar? Por que que eu tenho que ter só essa quantidade de vagas? Qual que é a diferença? Qual o perfil das pessoas de cada especialidade? Em 1994, eu fiz especialização em gestão de RH. Especializei em gestão de RH, que me deu uma base para começar a entender, a gestão de RH da FAB.

- A gente tinha um quantitativo de vagas definidas com um único perfil. Então a gente não tinha um perfil de controlador de tráfego, um perfil de suprimento etc. A gente não sabia o que, que a gente precisa. Qual o perfil da pessoa para entrar na FAB?

- Para eu poder medir a qualidade do meu processo; eu preciso saber qual que é a minha matéria-prima; para que eu possa modificar, durante esse processo, essa matéria-prima. Para transformar em um produto que é FAB necessite. Aí a gente começou a mapear, em 1995; e começamos a trabalhar sobre perfil profissiográfico, que já existia nos planos de carreira e nos planos de cargos e salários. Como a FAB não tinha esses perfis, você recebia um moleque de 14 anos, e a única coisa que a gente sabia, era que ele queria voar; e que não podia usar óculos; hoje ele pode usar, ok. Hoje um moleque pode fazer cirurgia de miopia, por exemplo, e se apresentar na escola, para fazer os outros testes; o exame psicotécnico, o psicológico, o teste físico. Mas lá atrás quando eu entrei na FAB, não podia. Mas acho que depois de 2004 foi modificado também a altura, até então, o que não podia era medir abaixo de 1,50 m ; pois não alcançaria os pedais do avião, mesmo trazendo o banco para a frente. Mas não tinha uma altura máxima. Aí é que surge um problema: o meu grande amigo, que Deus o tenha no lugar que ele merece, que morreu como tenente coronel, o Tenente-Coronel Pérsio, que tinha 2,12m de altura. Ele queria ser caçador [pilotar avião de caça], queria ser um topo gang, na época que tinha recém lançado o filme asas indomáveis. E aí, quando fez o teste para entrar na FAB tinha 2,12 m. No primeiro ano ninguém voa, no segundo ano começam a atuar. Ele não cabia no avião, portanto não podia voar. Ele trazia o banco para trás, mas o joelho dele batia nos controles de mão. Aí, aos trancos e barrancos, ele continuou voando OT 25, enquanto toda a turma dele igual, teve 27, o Tucano, ele voava OT 25. Fazia tudo o que era possível com aquela aeronave. Dentro da instrução do quarto ano, tudo o que era possível ele participou. A FAB formou, e o mandou para Natal [Base Aérea de Natal], e aí ele iria ser caçador, só que já mandou ele com a orientação: você poderá escolher qualquer voo, menos a caça. Ele estudou, se capacitou e foi voar QC 130, se adaptou, entendeu? Ele acabou sendo um dos melhores da turma dele. Ele não pode exercer a atividade que ele tanto desejava exercer, sendo que ele tinha mérito para isso.

- Hoje foi restringida a altura, fizeram a comissão com profissionais de educação física que trabalham lá; e concluíram que a altura máxima é de 1,92m.

Entrevistadora: Coronel, mas assim, os aviadores podem entrar na escola a partir dos 14 anos e vão permanecer crescendo.

Narradora: Exato. Entendendo que eles ainda vão crescer; eu tenho que ter a perspicácia do sistema de saúde da FAB, para acompanhar o desenvolvimento desse indivíduo; e lá no recrutamento, pedir pelo menos, aquele exame de densidade óssea, onde eu consigo calcular aquela radiografia das mãos. Porque eu consigo que vem com o laudo dando a perspectiva de crescimento daquele indivíduo. E aí, eu consigo, cuidar desse cara. O decorrer da vidinha dele; e aí, você vai direcionando esse adolescente para que o desenvolvimento físico dele se de dentro de um padrão. Para que ele possa cumprir com o perfil, isso é fácil de se fazer dentro da escola de formação (alimentação balanceada, atividade física definida, horas de sono, estudo). Então você consegue acompanhar o desenvolvimento dessa molecada. Até moldar os sujeitos ao fisicamente falando você consegue moldar.

Carreira militar e vida familiar e conjugal

Entrevistadora: será que isso para a mulher é mais difícil? Por que na nossa sociedade é mais comum as mulheres abdicarem da carreira profissional para estar seguindo um homem [o marido] né? E como foi isso foi para você, a movimentação, sua vida amorosa, seu casamento?

Narradora: é aquela coisa, eu tive que escolher entre a minha vida profissional e meu desenvolvimento enquanto profissional em detrimento dos meus relacionamentos; eu tive que escolher. Por exemplo, em Brasília, me casei em 1996; meu filho nasceu em outubro de 1997, quando ele tinha 5 meses, estava lindo. Porque ele conseguia, eu não conseguia conciliar a vida de esposa com a carreira militar, eu tinha que me dedicar ao meu filho. Era uma extensão do meu corpo. Entendeu? Então onde eu ia eu levava meu filho. Meu filho, embora fisicamente tenha cortado o cordão umbilical, ele é uma extensão de mim. A minha filha, a mesma coisa, era uma extensão de mim. Eles continuam sendo. Então eu sempre me enxergava como um pacotinho: eu, Arthur e Luiza, erámos nós 3. Se eu tivesse que ser movimentada era essa a lógica; era estranho pensar em 04 pessoas, sabe? E foi assim, se não quisessem [os maridos] estava valendo. A relação deles com os pais ficou muito complicada. Meu filho mais velho, por exemplo, só foi ter um relacionamento - entre aspas, mesmo assim muito distante - com o pai, quando ele estava com 19 anos. Porque quando ele tinha 05 meses de vida, eu me separei, Entendeu? Ele voltou para Goiânia, e eu continuei em Brasília trabalhando e tal. Casei de novo, tive a minha filha Luiza. Depois fui transferida para Guaratinguetá. Minha vida seguiu, ele [meu filho Arthur] com o padrasto, e assim, segui a minha vida seguiu. Ele conheceu padrasto com 02 aninhos de idade; é o pai que ele conhece, o homem que ele é hoje, é devido ao relacionamento que ele teve com o padrasto,

que é o pai da Luiza, entendeu? E é isso. Isso não é só específico da carreira militar, né? É muito comum numa separação os pais se separarem dos filhos. Isso a gente vê sempre; só que geograficamente falando, fica mais difícil, né? E a gente vê hoje em dia essa separação geográfica. Meu filho, foi conhecer o pai dele com 19 anos, ele já estava na FAB; foi um encontro no final de semana; ele achou a tia no Facebook. Comprou a passagem para ele, saiu de Guarulhos e foi para Goiânia, passou o fim de semana lá; e conheceu o pai dele. Entendeu? E o pai disse para ele que o tempo todo eu fugia com ele. Mas não estava fugindo; eu estava sendo transferida. Mas para ele, era a fuga. Na verdade, eu estava sendo transferida de um lugar para outro, entendeu?

- Eu fazia isso tudo, porque eu estava na ativa, então era aquela coisa: a minha farda vai me proteger! Fazia pelo amor a farda, né? É por causa da farda, não era por causa da Danielle era pela Coronel Malheiros. Eu incorporei a minha identidade militar. Mas quando fui para reserva eu mudei, disse: vamos mudar, vamos fazer força. Porque se eu fosse ficar contra a mudança, eu iria ficar frustrada; e iria ficar vivendo do passado. E quem vive de passado é museu. Então disse para mim: relaxa, relaxa; acho que assim que tem que ser a reserva.

- Eu tenho um companheiro novo e a gente está se acostumando um com o outro.; estamos há 04 anos juntos, então estamos nos acostumando ainda; ele comigo, eu com ele, com a cachorra.

Entrevistadora: fala-me uma coisa, Danielly, agora eu vou acostumar chamar Danielly.

Narradora: Melhor.

A vila militar: a segurança e o bem-estar

Entrevistadora: você sempre morou em Vila militar?

- Meus filhos viveram a vida que toda criança quis ter. Andavam livremente, brincavam, andavam de bicicleta, andavam pelo meio do mato, se arrebentavam, voltava para casa cheia de carrapato, essa foi a vida dos meus filhos. O início de infância deles foi em Guaratinguetá e foi a coisa mais maravilhosa. Então se você perguntar para eles hoje, quais são as melhores lembranças da infância, eles vão dizer que foi maravilhoso fugir de jacaré para mato, passar o dia inteiro no meio do mato com os outros colegas da vila e tal; o melhor período da vida deles. Para mim, era ótimo; porque eles estavam guardados dentro da Vila, né? Eu na divisão de ensino e eles guardadinhos ali dentro da vila. Por mais traquinagem que fizessem, não passava de um braço quebrado; não iam desaparecer. Então foi a melhor época

Entrevistadora: E como foi sair da vila militar?

Narradora: foi uma tristeza. Foi uma tristeza. Eu morava na vila militar de Guarulhos que tem segurança; oxigênio puro; lugares para caminhar, sabe? A Base Aérea de Guarulhos tem uma história muito legal, entendeu? E ter que sair de Guarulhos, da Base, para uma vida fora daqueles muros foi bem sentido, foi bem sentido ... Eu nunca mais voltei até a Base; fui uma ou duas vezes ao ILA. Fui numa formatura no ILA, aí começou aquela nostalgia. Eu queria passar nas casas onde eu morei na vila; mas senti aquele nervoso; aquela sensação que você não pode passar de novo, entendeu? Você não pode viver de novo aquilo; tudo ficou lá .... agora é outra história. Nesse ano de 2023 já morei em Santos, onde fiquei 05 meses; depois, voltei para São Paulo. Estava aqui em São Paulo, mas meu marido quis ir para Santos; eu disse: vamos, vamos para o Santos! Aí não estava dando em Santos; então vamos voltar para São Paulo. Eu não tenho tempo ruim, junto tido e digo: vamos! Quando as crianças estavam comigo, eu tinha as extensões, meus 02 pacotinhos. Agora eu tenho meu pacotinho, que é o meu bulldog francês, e as minhas sacolas, essas daí para onde eu vou, eu carrego comigo

Carreira militar e o regime de prontidão

- A Força Aérea tomava todo o tempo que eu tinha; era muita dedicação. Eu não vi meus filhos sentarem, não vi meus filhos caminharem; pois eles estavam na creche. Naquela época, a licença maternidade era de 04 meses. Vivia só aquela prontidão permanente, você fica 24 horas ali, ligada no “220” [sem se desligar do trabalho]. Agora não!

A carreira militar na sociedade brasileira

Entrevistadora: a senhora já pensou em trabalhar com informação junto as pessoas que têm vontade de serem militares?

Narradora: já pensei, só que hoje o mercado está tão cheio de picaretas, que eu morro de medo de me meter com esse povo e acabar me dando mal, entendeu? Mas eu tenho vontade de trabalhar com isso sim!

Entrevistadora: nas entrevistas que eu já fiz, verifiquei que aqui em São Paulo há pouca publicidade em relação à carreira militar. São Paulo é muito diferente do Rio, né? É, não tem essa publicização. Tem muito jovem que nem conhece. Se a gente vai numa feira de graduação, para os estudantes conhecerem as profissões, não tem exposição da carreira militar, não tem coronel!

Narradora: As Forças Armadas não podem fazer divulgação de si próprias. Se alguém quiser saber, caso tiver curiosidade para saber sobre alguma coisa da carreira militar, ou coisa

parecida a área militar, é orientado a buscar informações no site, sobre os cursos de formação. Está tudo o site institucional, esse é meio de divulgação, lá você vai achar todas as informações. A gente não é autorizado a fazer publicidade da Força Aérea, ninguém pode fazer. Somente pode fazer alguma divulgação a comunicação social do Comando em Brasília, entendeu? É só eles que podem, porque eles que têm o pessoal de comunicação social que pode falar pela Forças Armadas.

Mas voltando essa questão da divulgação da carreira militar, só quem pode fazer é o centro de comunicação social da Aeronáutica; ninguém sem farda pode fazer isto, a não ser que seja designado a fazer. Poderia ter uma política institucional de divulgação, uma política institucional tratando disso, sim. E esse ranço que a molecada tem, que logicamente a própria mídia coloca esse ranço. Logicamente a gente não vai dizer que o militar é perfeito, sempre existe o joio no trigo, como todos os lugares. Mas, tira, extirpa, limpa e pronto. Quantas e quantas vezes a gente já passou por isso dentro do quartel, eu principalmente como vice diretora do ILA [OM] tive muitas vezes que expulsar pessoas, por diversas coisas e situações, que não eram condizentes, com a carreira militar. Mas sempre de pessoas de baixa patente (soldado ou cabo). Muito difícil na minha época vê oficial ou oficial superior cometendo um descabimento, como a gente vê agora na televisão, os caras ainda vão em CPI [comissão parlamentar de inquéritos] fardados, né? A meu ver, se o pessoal antigo do EB [Exército Brasileiro], se meu pai fosse vivo, ele estava se revirando de ódio, de ver o cara [o militar] expondo a farda, né? O cara cometeu improbidades o tempo em que exerceu um determinado cargo; e ainda vai com a farda?

- **Questões do objeto do estudo - a reserva militar – o que diz a entrevistada?**

… eu vou para a reserva: não sei o que combina comigo, se amarelo combina comigo; se eu posso vestir uma roupa estampada, pois eu só sei vestir azul… Danielly

Como foi pensar a reserva militar, para a entrevistada:

A entrevistada referiu que começou a pensar na reserva após a última promoção

Narradora: Depois da minha última promoção, os anos foram cruciais, para eu começar a introjetar na minha mente, que aquele período da minha vida estava acabando. Tanto é que eu falava para as pessoas; ou melhor, as pessoas falavam: nossa, daqui a pouco a senhora vai para reserva, né? Eu falava assim: pois é, eu vou para a reserva; não sei o que combina

comigo, se amarelo combina comigo; se eu posso vestir uma roupa estampada, pois eu só sei vestir azul. Para onde eu vou, eu pergunto, qual que é o uniforme [para cada momento e situação tem um uniforme/farda com definição prévia]. Então, eu nunca precisei me preocupar com uma roupa para eu sair. Quando eu levava meus filhos para sair, quando eles eram pequenos, eu saía de short, camiseta, tênis, calça jeans, camiseta, casaco. Eu nunca precisei me elaborar, para poder sair.

- Fiquei pensando: o que combina comigo? O que eu tinha? Que tipo de batom que eu posso usar/ Será que vermelho carmim, vai ficar bem no meu rosto? Será que eu posso usar cílio postiços?

E aí fui para reserva em 2017, fui em 25 de dezembro; quando foi no ano-novo, eu olhei, fui ver os fogos na praia, olhei para um lado, olhei para outro, foi como se eu tivesse passado por um portal. Onde aquela pessoa que serviu durante 26 anos não era a mesma que estava em 2018. Na verdade, em 2018 era outra pessoa. Só que, ninguém deixou eu atravessar esse portal.

A permanência no mundo do trabalho militar após a reserva

- Fui contratada como PTTC [prestação de serviço por tempo certo]. A única coisa que eu fiz naquele momento foi fazer algumas adaptações, como: deixar a farda e voltar a usar traje civil. Então era bem interessante, porque era um experimento que eu fazia comigo mesma. Comecei a mudar meu visual; usava cores que eu achava que ficava bem em mim; também pude deixar o cabelo maior. O que eu podia fazer? Usar mais bijuterias, que a farda não me permitia. Eu cobrava muito isso de vocês também, né? E aí foi bem interessante esse período de trabalho. Acompanhei a transição do COMGAP do Rio de Janeiro para São Paulo, né? Então foi muito trabalho nesse período de PTTC, foi bem interessante.

- Aí no final de 2018, finalzinho de 2018, eu tive um problema em família. E tive que me mudar para Brasília e cancelei o PTTC no COMGAP; e eu fui para o Brasília.

Em Brasília, já estava acertado, o meu ex-marido tinha conseguido arrumar as coisas lá em Brasília para mim, um novo contrato de prestação de serviço. Em 2019, eu fiquei trabalhando na primeira Subchefia do Estado-Maior.

- Em março de 2020, começou a pandemia, aí aquela tortura total. A minha maior preocupação era com as pessoas que trabalhavam comigo. Que tinham que se movimentar para lá e para cá. Nossa, terrível, terrível, terrível. Foi muito difícil, para a atividade aérea, no aeroporto de Congonhas, né? E aí a gente começou a trabalhar só com ensino à distância,

e aí, por acaso, eu domino bem a área, e deu para gente continuar fazendo a parte de capacitação numa boa, né?

- Em abril de 2022, eu falei assim, eu preciso ser a Danielly, nesse período eu tinha me divorciado, eu estava muito para baixo, estava muito triste. Aí eu resolvi cuidar de mim, porque meus filhos já estavam criados, estão cada um, cuidando das suas vidas. Aí eu resolvi cuidar de mim. Eu deixei meu cabelo crescer, fui cuidar da minha pele, fiz massagem, fiz um monte de coisas que eu não podia fazer durante a minha vida toda, por conta da FAB, e da minha forma de viver, dentro de uma bolha, que não me permitia fazer isso, né?

- Até porque, com os filhos pequenos, você não vai fazer massagem, você vai priorizar as coisas das crianças, né? Então aquela grana que seria para gastar com um pacote de estética, você prefere gastar para o guarda roupa das crianças, por exemplo. Na verdade, eu estava afastada há um ano; há um ano que eu estou sem fazer nada.

Reserva: tempo de trabalho comum e tempo de trabalho militar

- Consegui juntar o tempo da faculdade, consegui levar esse tempo para FAB, por isso foram 26 anos de trabalho na FAB, foi por conta dessa junção do trabalho fora. Não foi por conta do limite de idade; na minha contagem de tempo de serviço tenho 32 anos de serviço, eu saí com 26 por conta da compulsória de 5 anos no último posto. Foram 26 anos de efetivo serviço e 32 anos de tempo total, porque foram averbados o tempo de fora, né?

Entrevistadora: quanto tempo que a senhora levou da faculdade. Como foi a contagem desse tempo? E o tempo da faculdade ou tempo de estágio?

Narradora: para cada 05 anos é 01 ano de serviço, né? Eu falei aqui que precisa. Não foi pelo estágio, foi pelo fato de ter feito a faculdade. Isso saiu a 5 anos. Sim, conta para ir para reserva, para o tempo total de serviço para ir para reserva; conta a data de praça até o último dia de serviço, então eu tenho 26 anos de efetivo serviço, 32 de tempo total, entendeu?

Pós reserva militar: questões de violência de gênero

- Após retirada da farda sofri assédio, que foi praticado por um oficial superior. Em 26 anos de serviço fardada nunca, nunca passei por isso. Foi a minha primeira experiência ruim, sem farda. Fui assediada por um oficial general. Eu fui assediada. E aí aquilo bateu na minha cabeça; e eu, meio que perdi o chão, sabe? Fiquei meia atordoada, paradinha.

- Diante disso, eu peguei e falei para o meu marido, que eu não queria mais trabalhar. E aí, ele ficou zangado comigo e tal. A gente resolveu então se separar depois de 22 anos de

casados. Eu peguei as minhas coisas, minhas roupinhas e falei, vou voltar para São Paulo. Que é onde está a minha família. Minha raiz é em São Paulo! Aí, vim embora para São Paulo. Minha filha, que estava morando comigo, veio também; porque meu filho estava servindo aqui em São Paulo, lá no Corpo de Bombeiros da Base Aérea de São Paulo. Voltei para São Paulo e fui para o SRPV. Foi um prazer. Quando eu me apresentei no SRPV.

Questões de gênero x a farda

Entrevistadora: você falou uma coisa que eu achei importante, mas não sei se entendi se direito, se tiver errado a senhora, me corrija. A senhora disse que sofreu assédio sexual após trabalhar sem a farda, certo? Mas chegou a vivenciar situação semelhante ao longo da carreira, fardada?

Narradora: Eu acho que é aquela coisa: a identidade da gente está na nossa farda, é como se fosse um escudo para qualquer coisa, entendeu? Então, por exemplo, eu era mais forte fardada, com certeza. Digo psicologicamente falando, não fisicamente, e até socialmente, quando eu estava com a farda, eu era assim: incorruptível, eu não era atingida.

Entrevistadora: Quando eu entrei na FAB, quando as pessoas me viam de farda, nossa, é outra coisa. As pessoas sempre me cumprimentavam

A reserva e a vida para além dos quartéis

Narradora: agora, não sabem que eu sou militar, que sou da FAB; eu aprendi a ser a Danielle. Iniciar um resgate da minha identidade, eu já tinha uma identidade, que tenho que resgatar, para reconstruir.

- Estou num momento de estudar coisas novas, porque eu sou professora, então a gente sempre tem algo para ensinar. Nós precisamos ter um apoio para ter um conhecimento razoável sobre aquilo, né? Para ser professor, você tem que ter conhecimento de vários contextos diferentes, acho que é esse é o grande lance de ser professor, ser professor é diferente, porque só transmitir conhecimento um bom livro transmite. Você ao ler, absorve ou não? Agora, ser professor é diferente!

- Quando você pega conhecimento, esse conhecimento dos livros, você sistematiza e consegue inserir em vários contextos de vida das pessoas, porque aí você se faz compreender. Se você não faz isso, é complicado. Então, como eu atualmente, não estou mais dentro da Força Aérea, não estou mais trabalhando; eu estou primeiro construindo esse conhecimento. Um conhecimento novo. Conhecimento de orquídeas, sobre cultivo de suculentas, sobre a magia das plantas medicinais. É esse assunto que eu estou estudando atualmente; e também sobre runas, tarô, coisas que eu já trabalho há algum tempo; mas que

agora estou estudando para poder ensinar. Entendeu? E outras coisas que são do dia a dia, por exemplo, eu aprendi a fazer pão; porque até então eu não tinha tempo para me dedicar nisso. A Força Aérea tomava todo o tempo que eu tinha; era muita dedicação. Eu não vi meus filhos sentarem, não vi meus filhos caminharem; pois eles estavam na creche. Naquela época, a licença maternidade era de 04 meses. Vivia só aquela prontidão permanente, você fica 24 horas ali, ligada no "220" [sem se desligar do trabalho]. Agora não! Agora, estou há um ano que eu estou sem fazer nada.

- Aí, quando você desacelera, quando se desliga da tomada - é o que eu acho – é que muitas pessoas morrem em pouco tempo - você pode fazer um levantamento hoje junto aos hospitais, de quanto tempo um veterano morre depois que vai para reserva? Porque te tiram da tomada de uma vez, não te preparam para você sair. Quando pensaram em fazer isso, até Coronel Joselma, que era esposa do Coronel do Ulisses Manuel Maia Santana, ela criou um programa de preparação para a reserva. Só que, o que aconteceu? Por que que as pessoas não iam? Porque era dentro do hospital. Eu não sou doente, eu não estou indo para a reserva por incapacidade. Por que estão me colocando dentro do hospital? O programa dela tinha que ter sido desenvolvido em todas as OM da Força Aérea, por maior ou menor que ela fosse. Tinha que ter um dia em que assistente social daquela região juntasse as pessoas que estavam vias de irem para reserva, sejam elas graduados ou oficiais, para falar com essas pessoas alguns assuntos como insegurança; mas não no ambiente hospitalar.

Entrevistadora: Danielle, você participa de algum grupo de veteranos?

Narradora: me faz mal! Fui até convidada a fazer parte desses grupos de veteranos, mas quem está lá, só vê o lado negativo; só reclama. Ninguém tem a capacidade humana de conhecer o que construiu. Talvez a reclamação é de não estar vivendo mais o tempo glorioso. Mas tempos gloriosos a gente constrói a qualquer momento.

Entrevistadora: Já teve a oportunidade de participar de outros espaços comunitários fora da FAB? Aqui na cidade de São Paulo, nas unidades básicas de saúde tem vários grupos e atividades. Seria uma forma também de ampliar o contexto social. A rede Sesc também oferece atividades.

Narradora: pensei nisso sim, é bem bacana. É muito legal a rede SESC

A preparação para reserva

Narradora: acho que a preparação para a reserva é uma coisa super importante. A gente tira o cara da tomada, que estava ligada no 220. A maioria das pessoas que eu conheço tiveram problemas de saúde sérios, logo depois que foram para reserva. Essas pessoas estavam

saudáveis, e acabaram tendo alguma doença do nada. Tiram você da tomada e falam: vaza, valeu pelo tempo que você ficou com a gente! Como assim? Não é desse jeito, não é desse jeito que você desliga uma pessoa. Depois de 30,32 anos, tem gente que foi embora com 40 anos de serviço, como muitos Brigadeiros. Fico pensando, como está a cabeça dessas pessoas, que foram para a reserva, depois de 42, 45 anos de serviço?

- Se entrar na academia [escola de formação militar] com 14 anos, imagina, uma vida toda dentro de quartéis, então são pessoas que não sabem viver fora desse ambiente. Pessoas que passaram sua adolescência, sua juventude, sua vida inteira, dentro da FAB. E depois de tantos e tantos anos, criou os filhos, constituiu família. E depois de uma vida inteira, eles vão te tiram da tomada, e aí, você tem que desacelerar. Então esse processo de desaceleração é "punk" [muito difícil]. Porque não é desaceleração mental somente, é desaceleração física também. E aí, quando você faz isso, que você desacelera fisicamente, começam aparecer um monte de problemas físicos. Em mim, apareceu uma artrose no pé; gordura no fígado, entendeu? Eu tive que tratar tudo isso depois da reserva.

Entrevistadora: será que foi devido à Senhora ter mais tempo, mais condições de fazer exames para investigar, descobrir, tratar?

Narradora: Não, não fiz investigação não, eu fui parar na emergência. No caso da gordura no fígado, fui parar na emergência com 5 dias de diarreia sem parar, já estava desidratada, quase que ao extremo. E aí, os médicos investigaram, fizeram isso, aquilo, aquilo outro; viram que o meu fígado tinha aumento, chamaram o gastro, para avaliar; aí chegaram à conclusão de que eu estava com gordura no fígado, que precisava tratar.

Entrevistadora: Qual a diferença de estar na ativa sem ter ido para reserva e ficar na ativa como PTTC? A senhora falou, mas poderia falar um pouco mais de uma militar de farda e uma militar sem farda, é diferente.

Narradora: o uso do uniforme pelo significado de igualdade. Ele vai igualar todo mundo, então a gente usa um uniforme, né? Todos somos iguais. A partir do momento que me tiram essa igualdade eu sou diferente, eu passo a ser um pouco diferente. Na minha essência, eu sou igual, só que eu não estou acostumada a ser diferente. Eu sou acostumada a ser igual. Todo mundo sabe quem eu sou: a Coronel Malheiros, todo mundo sabe e tal. Mas, a Coronel Malheiros sem farda? A farda chega independente do meu nome, eu era a coronel. O uniforme [a farda] chegava primeiro. É a questão da deferência que a gente tinha. Você passa a não ter essa referência. Então, se eu chego hoje, por exemplo, se eu chego no hospital, outro dia fui na emergência, o soldado que estava no atendimento da emergência.

Nem olhou para minha cara. Ele só foi olhar para minha cara na hora que eu entreguei a ficha, que ele viu: Tenente Coronel, aí ele me olhou. Ele olhou para mim. E isso causa um impacto muito grande.

- É que você perde o escudo de proteção. Então, quando eu fui assediada por um Brigadeiro, lá no estado maior, foi exatamente isso que eu senti; que eu não tinha mais o meu escudo [a farda]. A farda nos protege!

Entrevistadora: uma vez eu fui atender um coronel da reserva, e ele falava essa questão do quanto para ele era um sofrimento ir no hospital, e ninguém nem olhar para ele, nem saber quem ele era. Só quem o conhecia, os outros veteranos, sabiam, aqueles que serviram com ele. Foram essas situações que me instigaram a querer compreender melhor a reserva militar. No hospital, eles alegam que não usam porque não pode ter diferença no tratamento, como passar na frente, coisas nesse sentido. Mas, quando eu conversei com esse coronel, ele falava assim: eu passei a minha vida toda para conquistar o meu posto, nas Forças Armadas, não é como no mundo civil que qualquer um te coloca num cargo; a gente constrói de tijolo em tijolo, por meritocracia. E, quando chega a fase que a gente vai ser reconhecido, por tudo o que a gente galgou a vida toda, aí você vai para a reserva.

Narradora: sim, esse tratamento você até tem. Mas a partir do momento que você é identificado pelo posto. Agora, se você é uma pessoa que é como esse coronel que você citou. Que ficou chateado porque ninguém deu deferência para ele, é exatamente porque o símbolo da patente dele, ele deixou de usar, porque ele teve que deixar de usar, quando foi para reserva. Isso faz a gente perder o escudo. Quando eu fui para a reserva, dei todas as minhas fardas para Regina. Que foi a maneira que eu entendi, para me desfazer. Da mesma forma, eu entendi que eu tinha que me desfazer da Coronel.

Reserva militar e as perdas financeiras

Entrevistadora: depois da ida para a reserva, a Sra. sentiu que teve algum tipo de perda ou não?

Narradora: Sim, principalmente financeira, que é a principal.

Entrevistadora: Mas o militar vai para a reserva com o mesmo salário, da ativa, certo?

Narradora: Vai sim, só que são implantados alguns descontos com a alteração da lei [reforma]. Por exemplo, quando eu fui para reserva., eu fui com um cálculo diferente daquele que eu tinha feito inicialmente no ano 2000. Foi feita uma operação em que a gente ganhava uma gratificação de tempo de serviço. Todo ano a gente recebia. Então, por exemplo, em 2000, parou de ser paga essa gratificação. Quando parou, eu tinha 11 anos de

serviço, então eu tinha 11%, era 1% por ano sobre o salário bruto. Aí quando eu fui para a reserva, me tiraram 2%, mas não sei porque. Até hoje não conseguiram me explicar o porquê me tiraram 02 por cento; e ao mesmo tempo, o meu imposto de renda aumentou muito, porque eu fui perdendo dependentes. Eu tinha 3 dependentes, que era o meu ex-marido e meus filhos.

- Não tenho aquela responsabilidade com a manutenção dos meus filhos, mas sempre ajudo. Minha filha recebe R$ 1900,00 e paga R$ 700,00 na faculdade. Aí eu falei: deixa a mãe te ajuda. Então tive uma perda financeira, porque se não tem mais aquela questão de ter dependentes, aumenta o imposto. Antigamente, a gente podia escolher se queria pagar para ter posto acima, quando ia para reserva, e fazer o pagamento. Faltavam 03 meses para eu ter esse direito, quando mudou a lei de remuneração dos militares. Mas, quando chegou no ano 2000 que faltavam 03 meses acabou com o posto acima. Faltavam 3 meses para eu completar o tempo certo para garantir. O meu pai, por exemplo, garantiu, hoje minha mãe recebe pensão de major; porque meu pai conseguiu garantir o posto acima. Eu não consegui, então teve uma perda, né? Com essas últimas reformas e mais reformas agora, pelo que está aí, também tem mais uma "encheção" de saco. O SARAM [contribuições feitas pelos militares] também subiu, que agrega o valor da contribuição da previdência militar; também teve um aumento da contribuição daquele desconto que vai para a saúde. Teve um aumento nisso aí, entendeu? Então, além dessas perdas do ponto de vista mesmo da remuneração também tem perda subjetiva: apaga a farda, o distanciamento dos colegas da Vila...

Reserva militar e projetos de vida

Traçando um diálogo entre a fase da juventude de Danielly, ancorada pela Canção da Banda Legião Urbana (trechos abaixo), que tem o significado das reflexões referente à efemeridade da vida, sobre o decurso inevitável do tempo, que traz imbuído a reflexão das prioridades da vida[75]; indagamos: quais as prioridades da Danielle para vida pós a retirada do mundo do trabalho da caserna? Quais os sonhos, desejos, projetos, aspirações, desejos?

[75] Informações coletadas no portal https://www.aoredor.blog.br/post/releitura-de-tempo-perdido-por-banda-petropolitana#:~:text=Originalmente%2C%20a%20m%C3%BAsica%20%E2%80%9CTempo%20Perdido,especialmente%2C%20sobre%20rever%20nossas%20prioridades. Acesso em 19/02/2024

Trechos da Canção do Legião Urbana: Tempo perdido[76]

(...) Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes acesas
Agora

O que foi escondido é o que se escondeu
E o que foi prometido ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido

Somos tão jovens
Tão jovens
Tão jovens

Narradora: Se eu tinha um sonho ficou lá para trás; não tenho. Não tenho sonhos; tenho objetivos que são diferentes de sonhos. Sonhos são na maioria das vezes meio que inatingíveis, né? Mas eu tenho objetivos; e o meu principal objetivo é me manter ativa mentalmente; esse é o meu projeto. Por isso que eu estudo; eu estou sempre fazendo várias coisas ao mesmo tempo, entendeu? Eu tenho uma tia, que ela já faleceu, que tinha Alzheimer; ela teve a doença com 60 anos. Então, comecei a estudar sobre essa doença e descobri que o Alzheimer tem uma questão de hereditariedade, também; os parentes de primeiro grau são mais suscetíveis, né? E aí eu fiquei com essa preocupação. A minha mãe é uma pessoa extremamente lúcida, ela está com 82 anos. Ela é extremamente lúcida e muito ativa, entendeu? Então quero chegar na idade da minha mãe, com a mesma capacidade dela, inclusive de ajudar a galera a fazer lição de casa, trabalhos de escola. Minha mãe, ao mesmo tempo que lava roupa, ela faz almoço para todo mundo da casa. Eu quero chegar assim, quando tiver a idade dela. Na idade da minha mãe

Pós a reserva militar: é agora Danielly??

A Coronel Malheiros não faz mais parte da minha personalidade, vamos dizer assim: quem eu sou? Na verdade, a Danielle, aqui é a Dani, é isso que estou resgatando socialmente falando, a gente tem que usar uma série de máscaras, dependendo do ambiente onde a gente está, né? Eu deixei de exercer o papel social de punk, que ficou restrito, guardei dentro de um potinho, entendeu? E aí, depois eu resgatei a Danielle eu agora.

[76] Ao pesquisar sobre o significado da letra dessa canção coletamos a informação que ela traz reflexões referente à efemeridade da vida, sobre o decurso inevitável do tempo, que traz imbuído a reflexão das prioridades da vida. Assim perguntamos: quais as prioridades da Danielle para vida pós a retirada do mundo do trabalho da caserna?

Figura 32 - Resgatando a Danielly

Memórias

- Eu não quero voltar para lá [para Brasília]; porque meu pai foi enterrado lá; e foi muito traumática a morte dele. Meu pai morreu dormindo sozinho, não sofreu, né? Quando a gente se deu por si, eu falava para minha mãe assim: pelo menos morreu dignamente e não sofreu. Ele não sentiu nada, não ficou numa cama de hospital internado. Foi assim: papai do céu foi lá, tirou ele da tomada e está tudo certo. Ele estava na reserva há 2 meses. Olha, ele já tinha feito o requerimento para inspeção de saúde. Ele ia vir para o aniversário de 1 ano do meu filho; mas ele morreu 7 dias antes. Na missa de sétimo dia, fomos para a casa da minha mãe, em Santos, e fizemos um bolinho de aniversário do meu filho. Foi assim desse jeitinho, desse modelo, ele era delegado do serviço militar em São Mateus, no Espírito Santo. Deixou a gente em Brasília, falou para minha mãe, fiquem aí porque eu vou. Eu vou para a reserva no fim do ano, eu vou pegar esse tempo aqui de delegado, que será o dobro. Então, quando eu for para a reserva, ainda vou receber em dobro, e ele queria pegar toda a grana dele, para comprar uma casa em Santos, entendeu? Queria voltar para a cidade do irmão gêmeo

De volta a São Paulo – Banda Titãs letra: Os Cegos do Castelo

Eu não quero mais mentir
Usar espinhos que só causam dor
Eu não enxergo mais o inferno que me atraiu
Dos cegos do castelo me despeço e vou

A pé, até encontrar
Um caminho, o lugar
Pro que eu sou

Eu não quero mais dormir
De olhos abertos, me esquenta o Sol
Eu não espero que um revólver venha explodir
Na minha testa se anunciou

A pé, a fé devagar
Foge o destino do azar
Que restou
E se você puder me olhar
Se você quiser me achar
E se você trouxer o seu lar
Eu vou cuidar, eu cuidarei dele
Eu vou cuidar do seu jardim
Eu vou cuidar, eu cuidarei muito bem dele
Eu vou cuidar
Eu cuidarei do seu jantar
Do céu e do mar
E de você e de mim

5.7 Considerações sobre a retirada do mundo do trabalho no campo militar: diálogos com os/as militares da FAB sobre a reserva miliar

"Os nossos objetos de pesquisas estão intimamente ligados com a nossa trajetória de vida"
(Martinelliando)

A presente subseção temática foi organizada para trazer explicações sobre o fenômeno estudado – a reserva militar na FAB. No plano formal, há documentos oficiais que discorrem sobre esse assunto. Para abordar esse tema recorremos aos relatos orais de militares que pertencem ao quadro de inativos – os veteranos da FAB -, que migraram para reserva remunerada. São militares que ingressaram através de concurso público, que têm assegurada ou presumida a vitaliciedade. O Estatuto Militar[77] em seu Art. 3° § 2º informa: "Os militares de carreira são os da ativa que, no desempenho voluntário e permanente do serviço militar, tenham vitaliciedade assegurada ou presumida". Pertencem ao quadro da reserva das Forças Armadas do Estado brasileiro, como mostra a legislação desse campo:

> Art. 4º São considerados reserva das Forças Armadas:
> I - individualmente:
> a) **os militares da reserva remunerada**[78]; e
> b) os demais cidadãos em condições de convocação ou de mobilização para a ativa.
> I - no seu conjunto:
> a) as Polícias Militares; e
> b) os Corpos de Bombeiros Militares

A legislação específica que trata da composição dos que pertencem ao quadro da reserva na FAB, o Decreto nº 10.986 de 08 de Março de 2022, que dispõe sobre a reserva nessa Arma que a compõe e sua finalidade:

> Art. 2º Constituem a reserva da Aeronáutica os:
> I - militares da reserva remunerada;
> II - cidadãos em condições de convocação ou de mobilização nacional para a ativa, cujo cumprimento das obrigações relativas ao serviço militar vincule-se à Aeronáutica; e
> III - cidadãos que tenham sido incluídos na reserva da Aeronáutica, nos termos das normas que tratam do serviço militar.
> Art. 3º A reserva da Aeronáutica destina-se
> I - a atender às necessidades da Aeronáutica:
> a) No preparo de seus órgãos operacionais e de apoio; e
> b) No seu emprego da defesa nacional, na garantia da lei e da ordem e na operação em operações de paz
> II - em tempo de paz, a completar os efetivos nas organizações militares mediante convocação, reinclusão ou designação; e
> III - a completar os efetivos nas organizações militares e a atender às necessidades de pessoal de outras atividades de interesse da Aeronáutica:

[77] O Estatuto Militar promulgado em 1980 teve alterações no ano de 2019
[78] Grifos nossos

> a) em mobilização
> b) em crise
> c) em calamidade pública; ou
> d) no decurso de conflito armado ou de guerra
> *Parágrafo único.* Na hipótese do inciso II do *caput*, serão convocados os integrantes da reserva da Aeronáutica de 1ª e 2ª classes.

Com base nos enunciados afirmados dos documentos oficiais desse campo, podemos compreender que militares da reserva remunerada ainda mantém-se disponível para o trabalho; portanto não vive a condição de pessoa aposentada. Trata-se de um afastamento do mundo do trabalho militar, que pode ser definitivo ou temporário; "uma espécie de licença especial, cuja manutenção fica condicionada à manutenção da paz e da ordem e que se encerra quando o militar atingisse os requisitos para ser reformado".

A condição de pertencimento da reserva das FAs significa que a convocação para o serviço ativo pode acontecer caso haja necessidade do Estado. Enquanto não atingirem a condição da reforma, podem ser acionados pelo Estado brasileiro caso haja necessidade. Informa a legislação no "§ 3º Reformado é o militar desobrigado, definitivamente, do serviço militar ". Essa condição acontece quando o militar atinge os seguintes critérios:

> Art. 60. O militar da ativa ou da reserva passa à situação de reformado:
> a) por ter atingido a idade limite de permanência na reserva ;
> b) por invalidez ou incapacidade física definitiva ;
> c) por sentença judiciária condenatória à reforma, passada em julgado;
> d) por ter sido julgado incapaz, profissional ou moralmente, em processo regular.

O critério etário, que se baseia na capacidade para cumprimento das ações inerentes à carreira militar, que define a permanência na ativa, baseia-se pelos graus hierárquico/posto. Após a reforma ocorrida no ano de 2019, houve aumento do critério etário para permanência na reserva. Como mostra o quadro abaixo:

Quadro 2 - Informa a faixa etária de permanência na reserva militar, Brasil, 2024.

Posto	Antes 2019	Pós 2019
Oficial-general	68 anos	75 anos
Oficial-superior	64 anos	72 anos
Capitã-tenente, capitão, Oficial subalterno e praças	60 anos	68 anos

Fonte: Estatuto Militar (1980) alterações ano 2019

Outra mudança que se efetivou com a reforma do ano de 2019, foi em relação ao tempo de trabalho no campo militar; antes eram necessários 30 anos, nos quais podiam

agregar tempo de outros regimes previdenciários; e ainda tempo de curso de graduação. Quem ingressou após o ano de 2019 deverá cumprir 35 anos de serviço. Quem não tinha completado o direito de migrar para reserva, tem um pedágio de 17% a mais do tempo que faltava para completar os 30 anos.

A contagem de tempo do serviço militar, critério objetivo que define a migração do/a militar para reserva, inicia-se desde o momento da incorporação nas FAs, como enunciado no Estatuto Militar:

> Art. 97 – A partir da data da incorporação a qualquer órgão do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, os militares começam a contar tempo de serviço nas Forças Armadas.
> § 1º Na apuração do tempo de serviço dos militares são usadas as seguintes expressões:
> a) tempo de efetivo serviço;
> b) anos de serviço.
> § 2º Essas expressões são definidas do seguinte modo:
> a) tempo de efetivo serviço: espaço de tempo, contado dia a dia, entre a data inicial de praça e a data do licenciamento, da transferência para a reserva ou da reforma. Na apuração do tempo de efetivo serviço são deduzidos os períodos não computáveis e desprezados os acréscimos previstos na legislação vigente no Exército, na Marinha e na Aeronáutica, exceto o tempo dobrado de serviço em campanha, que é considerado serviço efetivo;
> b) anos de serviço (computáveis para fins de inatividade): soma dos tempos de efetivo serviço (alínea anterior, inclusive tempo dobrado de campanha) e dos acréscimos legais (guarnições especiais, curso de Colégio Militar, licença especial, serviço público, curso Acadêmico, e arredondamento para ano da fração maior de 6 meses).
>
> Art. 98. O tempo que o militar passou ou vier a passar afastado de suas funções, em consequência de ferimentos recebidos em combate, ou na manutenção da ordem pública, ou de moléstia adquirida em campanha, será computado como se e0le o tivesse passado no exercício efetivo das funções que desempenhava.
>
> Art. 99. Entende-se por tempo de serviço em campanha, para contagem pelo dobro, o período que o militar estiver em operações de guerra ou em serviço delas dependentes ou decorrentes, ou que tome parte, nas mesmas condições, em expedições tendentes a restabelecer a ordem interna.
> § 1º A contagem do tempo de serviço pelo dobro é definida em leis e regulamentos.
> § 2º Durante o período definido neste artigo, será, abonado ao militar um quantitativo correspondente ao terço do soldo da tabela em vigor, denominado “terço de campanha”.
>
> Art. 100. Os casos de perdas e acréscimos de tempo de serviço são especificados nas leis, regulamento. e instruções em vigor no Exército, na Marinha e na Aeronáutica.

Nossas reflexões sobre o objeto do estudo partem da compreensão que vivemos numa sociedade que tem como centralidade a categoria trabalho. Portanto quais são os dilemas em relação ao afastamento do mundo do trabalho, numa sociedade em que o

trabalho se afirma como gerador de valor de mercadorias? As compreensões baseadas nos objetivos apresentados nesse estudo, que guiarão a discussão dos resultados apreendidos foram organizados em categorias temáticas, as quais emergiram no decurso da produção, no processo de intelecção do objeto estudado; e ainda questões relacionadas ao campo militar.

5.8.1 Discussão e análises: categorias temáticas

- **Categoria temática: reserva e reestruturação produtiva**

Olhando o fenômeno foi pela categoria analítica "reestruturação produtiva", que se desencadeou com no bojo da chamada crise capitalista pós os anos de 1970, fomentada pelo projeto neoliberal. Na sociedade brasileira, esse projeto se expandiu na década de 1990, proveniente do projeto de acumulação do capital, que trouxe como um dos seus pilares a ofensiva contra o trabalho, que se afirma pela desregulamentação do trabalho formal. Nesse modelo de economia, privilegia-se a subcontratação; o trabalho terceirizado; o esvaziamento de direitos trabalhistas; perda política dos trabalhadores (Montaño e Durigueto, 2011).

Antunes (2009) ao se debruçar sobre esse contexto econômico oferece contribuições para apreensão como ocorre o desdobramento no campo da classe que vive do trabalho. Diz o autor a ampliação da reestruturação produtiva emergiu em adoção de novos padrões de tecnológicos e na organização de processo de trabalho, que teve como alicerce o capital financeiro e o ideário neoliberal. Nessa esteira se complexifica a condição da classe que vive do trabalho, os contratos formais, estáveis, passam a ser preteridos pelo parciais, subcontratos; vivemos o crescimento exponencial da informalidade. Portanto, diz Antunes há uma nova morfologia da classe trabalhadora.

Nas FAs, incluindo a FAB, esse processo de flexibilização culminou com a incrementação de subcontratação (prestação de serviços) e contratação temporária, que tomou centralidade; observa-se que contratos temporários se sobrepõem aos vínculo por concurso público, inerente da carreira militar, como previsto na legislação. O Entrevistado Waldemar referiu que na FAB foi implementado o "Projeto Força Aérea 100", que é o projeto de reestruturação implementado no ano de 2016. Do ponto de vista institucional,

coaduna-se pela incrementação do avanço tecnológico, visando maior competitividade; e ainda, redução dos gastos, inclusive a diminuição do efetivo de pessoal[79].

> *"A diminuição do efetivo de carreira, já estava prevista mesmo, há algum tempo. Era uma diretriz dos comandantes já algum tempo. Que foi a tal* ***"Força Aérea 100****". Os comandantes da Força Aérea, já imaginaram a diminuição gradativa do pessoal de carreira". (Waldemar)*

A reestruturação na FAB orquestrada pelo "Projeto Força Aérea 100" resultou numa redução do efetivo de carreira em 23%, como apontou Neta (2021) em seu estudo sobre esse tema. Ressalta:

> " (...) houve uma mudança na composição geral do efetivo da Força, com a diminuição do efetivo de carreira, o que denota que a FAB vem se adequando em busca de seu objetivo de diminuição de efetivo, bem como de futuros gastos menores com os inativos em sua folha de pagamentos – a parcela do orçamento destinada a pessoal" (Neta, 2021 p.s.n).

Analisamos que o subcontrato se configura na contratação do prestador de serviço, que é quando aquele militar que está na reserva, retorna para ativa, através da prestação de serviço por tempo certo -PTTC. Sobre o assunto explica o entrevistado:

> *"É a prestação de tarefa por tempo, certo. Foi o que acontece comigo aqui. Fui contratado para gerenciar a seção de contratos, que tem valores muito grandes, muito altos. Então quem já tem experiência nessa área pode ser esse contratado. No meu caso, experiência nessa área para ser o chefe da seção de contratos. Esse contrato pode ser prorrogado a cada 02, até o limite de 10 anos, a tarefa por tempo certo é uma tarefa específica. Então por isso que tem esse tipo de contratação, que pode ser interrompida a qualquer momento ou por minha vontade ou de quem me contratou. Funciona assim: eu chamei o cara, achei que o cara sabia, mas o cara não está ajudando, então interrompe o processo, não tem obrigatoriedade de esperar".(Waldemar)*

A falta do investimento na contratação via carreira militar, traz impacto na redução de servidores ou militares, para ocuparem cargos que exigem acúmulo de experiência na administração pública. O Entrevistado Waldemar ressaltou que sua contratação ocorreu por essa situação. Pois foi contrato para gerenciar uma sessão que envolve o trabalho de licitações, que exige muito conhecimento.

> *"Hoje é muito comum, a gente vê isso, quem está na reserva voltar para o trabalho. Esse retorno, tem muito a ver pela falta de funcionários. O comandante pediu para eu vir aqui, para ajudá-lo, por isso resolvi voltar; porque não está tendo contratações, falta pessoal, isso há muito tempo. Nesses 38 anos que eu passei, eu nunca vi nenhuma unidade que tivesse realmente 100% de lotação da tabela de pessoal completa, pelas necessidades das habilidades apresentadas, nunca teve. E agora está se*

[79] As informações sobre o Projeto "Força Aérea 100, foram extraídas de um vídeo institucional, que está disponível na internet, que explica os objetivos desse projeto. Acesso em https://www.youtube.com/watch?v=KyP6sTBJgpo

> *agravando; porque agora está tendo menos contratação de militares de carreira. Muita gente está voltando [retorno ao trabalho após a reserva] por essa falta; aí a vantagem para os comandantes, todo eles convidam. Essas pessoas voltam porque já têm todo um conhecimento, então isso é aproveitado; um conhecimento de 30, 35, 38 anos que a pessoa tem. De repente alguém que vai chegar ali, vai demorar 1,2,3,4 anos para aprender. Ainda mais por conta da implementação dos contratos temporários, essas pessoas ficam 08 anos e depois saem, então cada vez menos tem efetivo de carreira. A diminuição do efetivo de carreira, já estava prevista mesmo, há algum tempo. Era uma diretriz dos comandantes já algum tempo. Que foi a tal "Força Aérea 100". Os comandantes da Força Aérea, já imaginaram a diminuição gradativa do pessoal de carreira. O temporário, não tem como ele chegar, sentar na cadeira e ir fazendo o trabalho. Quando chega, vai levar um tempo para aprender. E vai ter que ter alguém ali para ensinar, são tarefas que não estavam sendo feitas lá do outro lado [fora do ambiente militar]. Então se investe um tempo, e quando a pessoa já está mais experiente, completa os 08 anos, e tem que ir embora. Por isso, a contratação dos veteranos [os PTTCs], já chegam sabendo. Você fez aquilo a vida inteira, então é mais tranquilo para a unidade. A experiência ajuda!" (Waldemar)*

O entrevistado ainda ressalta que reingressou ao trabalho ativo, para ajudar à gestão de um amigo, portanto o que se firmou nesse retorno foi o vínculo de solidariedade ao colega da caserna, comportamento chamado de espírito de corpo no campo militar, que é apropriado pelo contexto econômico neoliberal.

> *"Eu voltei a trabalhar mais por conta mesmo de um pedido, do atual comandante daqui [do PAMA] o diretor. Porque está faltando gente "pra" caramba no efetivo. Ele está encontrando dificuldade de achar alguém para ficar numa área bem específica, que é muito delicada, como a seção dos contratos. E como esse nosso trabalho [prestação de serviços] você vem, e se você achar deve que ficar um mês, 01 ano, você ficar no máximo 02 anos se quiser renovar depois, então eu vim. A princípio, estou imaginando ficar até o final do ano que vem [2024], quando também acaba o comando dele. Eu estava achando muito boa minha vida. Então, não foi por sentir falta de trabalho, não. Foi mais para ajudar um amigo, digamos assim" (Waldemar)*

Segundo informação institucional nos últimos cinco anos, na FAB, (a postagem com data referente ao ano de 2016) o aumento na contratação de militares temporários teve aumentou 67%. No ano de 2010 "número era de 4.986; em 2012, passou para 5.983 e, atualmente, são 8.328", com previsão de aumentar ainda mais. Verbaliza o Coronel Lélio Walter Pinheiro da Silva Júnior, que ocupava o cargo no Comando Geral de Pessoal, na data da publicação oficial

> "A seleção dos temporários é feita com base em análise de currículo, então, nós atraímos pessoas com experiência para a FAB, damos oportunidade de emprego e, futuramente, ocorrerá a desoneração da folha de pagamento, já que esses profissionais vão para a reserva não remunerada[80]"

[80] Portal Institucional da Força Aérea Brasileira fab.mil.br/noticias/mostra/24479/GESTÃO%20-%20Ampliação%20de%20número%20de%20militares%20temporários%20dinamiza%20política%20de%20

Com a contratação temporária, os vínculos de carreira são preteridos pelos vínculos temporários. Essa situação traz impacto direto na reserva, pois cresce o número de militares que são convocados para retornarem ao trabalho. Seja pelas perdas que a classe trabalhadora vem sofrendo, pela ofensiva neoliberal; seja como reposta da esfera pública, para legitimar a racionalização em nome da eficiência e eficácia do Estado, projeto que foi erguido na década de 1990, pelo então Ministro Pereira Bresser.

Perin (2006) explica que o Serviço militar temporário pode ocorrer, por seu turno, nas seguintes situações:

> a) por imposição constitucional e legal, quando o cidadão é convocado para a prestação do serviço militar obrigatório, dentro do período e condições estipuladas;
> b) após, quando, de forma voluntária, prestam ou prorrogam o serviço militar na condição de praça ou oficial. A Lei no 4.375, de 17 de agosto de 1964 (Lei do Serviço Militar).
> "Art. 33. Aos incorporados que concluírem o tempo de serviço a que estiverem obrigados poderão, desde que o requeiram, ser concedida prorrogação desse tempo, uma ou mais vezes, como engajados ou reengajados, segundo as conveniências da Força Armada interessada (2006, p.43).

O autor vai na linha da afirmação da racionalidade e considera que a manutenção de militares de carreira onera o orçamento público. Argumentos defendidos em prol do neoliberalismo, que culminou na "reforma". Ao mesmo tempo que traz a defesa desse projeto, pontua a precariedade que esse tipo de vínculo traz para essa categoria de trabalhadores.

> A prestação do serviço militar temporário, precipuamente aquele prestado após sucessivas prorrogações, tem uma outra virtude de extrema importância, que é preparar e qualificar uma reserva de cidadãos aptos para serem mobilizados e convocados quando ocorrerem os motivos constitucionais e legais que justificam essas medidas. Por outro lado, não pode deixar de ser adicionado o fundamento de que a manutenção de um efetivo integral de militares de carreira nas Forças Armadas resultaria em um dispêndio muito grande em termos de recursos orçamentário-financeiros para o Estado brasileiro, que, de imediato, afetaria diretamente toda a nossa sociedade" (Perin, 2006, p.43)

Nas considerações de Neta (2021 p.s/n.) embora tenha ocorrido a redução do efetivo com o formato de contratação temporário, não trouxe redução até o momento. A "política de aumento de pessoal temporário com o objetivo de diminuir obrigações financeiras futuras de inativos e pensionistas, ainda não propiciou reflexos no orçamento da Força".

---

recursos%20humanos#:~:text=Em%20cinco%20anos%20houve%20um,temporários%20de%20sargentos%20e%20oficiais. Acesso em 10/09/2023

Nesse contexto econômico neoliberal há outros ataques à classe trabalhadora, como a desorganização do trabalho, ou ainda pode se dizer a destruição no processo de trabalho, construído a partir do acúmulo da experiência do/a trabalhador/a, incluindo a perda da autonomia da categoria. Diz a entrevistada:

> *"Eu não acho que eu me encaixo mais como técnica de laboratório, porque o que eu aprendi como técnica, a minha formação técnica, visava muito o paciente; e hoje não. Não estou falando da Força Aérea, do militarismo em si, mas em todos os locais tem muito essa questão de metas, objetivos, controle de qualidade, produtividade, para todos os lados tem isso [as organizações sociais de saúde] muitas questões que são colocadas hoje e que acabam interferindo, na minha visão técnica, interfere na qualidade do serviço que é prestado à pessoa. Então hoje eu vejo que a questão do laboratório de análises clínicas, é muito mais manter todo um sistema, do que propriamente fazer um exame. Antigamente, quando eu fazia um exame, como o de colesterol, se eu verificasse que estava muito alterado, e tinha algumas outras coisas alteradas no seu exame, eu já fazia ali o triglicerídeo, fazia um colesterol total, para que o médico precisasse com aquele resultado. Não precisava esperar o médico marcar, ou pedir outro; a gente já se adiantava para ajudar o paciente. Apesar da nossa metodologia ser muito manual, no início, né? Tinha muita coisa manual quando eu comecei. Mas a gente tinha essa possibilidade de agilizar para melhorar para o paciente, para facilitar a vida do paciente, entendeu?"*
> *" (...) eu vi recentemente, um pouco antes de me aposentar, um oficial que trabalhava em Pirassununga e não me lembro do local certo, mas ele viu que no soro do paciente tinha alguma coisa diferente. Ele foi, fez outros exames, chegou dentro daquele que ele pesquisou, ele ajudou o médico a fechar um diagnóstico muito mais rapidamente, e não estava na solicitação do médico, o pedido"; (Sueli)*

Outra questão apontada pela Entrevistada Sueli é a perda do conhecimento, que na atual conjunta do processo de trabalho não é transmitida para gerações vindouras. O conhecimento se torna efêmero em tempo de reestruturação produtiva.

> *"Hoje em dia nós trabalhamos de uma forma mais fechada, mais limitada. Então eu fico presa àquilo que o médico solicitou; a gente agiliza dentro da Força, entendeu? A minha formação foi muito diferente. Então, para ser uma boa técnica, eu tenho que entender mais de aparelho e do idioma inglês, do que do exame, entendeu? Tá tudo muito automatizado, então eu não tenho vontade de voltar a trabalhar na área. Não me sinto útil. Apesar do conhecimento adquirido com o tempo, isso é uma questão que eu vejo na reserva.(Sueli)*
> *- Quando eu estava na Base Aérea, conversei com o coronel da reserva e ele conversando comigo e falou que a última pessoa, último militar da farda, último graduado, que sabia fazer manualmente aquelas redes de camuflagem que é usada em acampamento. Antigamente aquilo era ensinado e se fazia manualmente, último cara que sabia fazer, também foi para a reserva, daquele ano que estávamos falando. Depois disso ele não tem ninguém para fazer, a gente tem que comprar pronto, tem que terceirizar, olha porque não tem mais ninguém para fazer. Então eu sinto que não me encaixo nesse perfil. Acho que algumas coisas estão se perdendo com aqueles que se aposentam no geral, não só com os militares, mas se perde algo nessas gerações que estão vindo.(Sueli)*

- **Categoria temática: reserva militar – o tempo livre convertido em mais trabalho**

Analisamos que na sociedade capitalista contemporânea, a retirada do mundo do trabalho – que pode ser a aposentadoria ou a reserva militar – que poderia ser vivida como tempo disponível, ou tempo livre; pode se transformar em mais trabalho. É através do trabalho que se gera mais capital. Portanto, essa fase na vida da classe trabalhadora, converte-se em mais trabalho contribuindo com a valorização do capital. Como vimos na situação dos 03 entrevistados (Waldemar; Danielly; Misael).

Iamamoto (2011 p.58) recorrendo a Marx, 1985 e Rosdolsky (1983) faz a seguinte afirmação, em relação à necessidade humana em ter tempo livre para se desenvolver - que na nossa reflexão a reserva militar ou a aposentadoria poderiam ser momentos livre para classe trabalhadora –

> "A crítica romântica não vislumbra que nessa forma Histórica de individualidade são criadas as possibilidades materiais da riqueza humanizada, da riqueza como o tempo disponível para o desenvolvimento pleno dos indivíduos, pois "a riqueza é tempo disponível e não outra coisa". Tempo disponível social para reduzir a um mínimo o tempo de trabalho de toda a sociedade e assim tornar livre o tempo de todos para o seu próprio desenvolvimento: a riqueza como força produtiva para o desenvolvimento de todos os indivíduos. Entretanto, na sociedade burguesa, a tendência é, por um lado, criar tempo disponível e por outro, convertê-lo em mais trabalho"

O Entrevistado Waldemar ressaltou que seu retorno ao mundo do trabalho no campo militar ocorreu em virtude da falta de recursos humanos na FAB, principalmente para ocupar os cargos/postos que exigem acúmulo de experiência na administração pública. Reingressou a partir do contrato de prestação de serviços. Portanto, a permanência no mundo do trabalho após o direito à reserva remunerada, pode ser vista como resposta suplantada pelo ideário da reestruturação produtiva que trouxe repercussões para o interior da classe trabalhadora; perde-se a consciência de classe na sua totalidade, são enaltecidos os valores da dimensão individual, que são ancorados pelo chamado pós-modernismo.

Através do relato abaixo é possível analisar que com o subcontrato – PTTC – um trabalhador que poderia ser admitido com salário integral e ter acesso ao emprego e renda, ausenta-se do mundo do trabalho. Essa situação pode eclodir com o aumento do exército de reserva, que culmina na desvalorização da mão-de-obra e a redução de gastos com os recursos humanos.

> *- Quando a gente passa a trabalhar como PTTC, aumenta o valor; mas quando você deixa de trabalhar, volta o seu salário de origem. Você recebe o pró-labore que equivale a 1/3 a mais da sua remuneração, recebe enquanto estiver prestando o serviço, se você parar, cessa na mesma hora, volta o seu salário de origem [da reserva]" (Waldemar)*

Analisa-se que na esfera pública a resposta capitalista é a terceirização, os contratos temporários. Essa condição leva à destituição da organização da classe que vive do trabalho, nesse nicho de trabalho. No bojo da crise sanitária, houve a incrementação do trabalho "home-office", que promove o afastamento e o arrefecimento do/as trabalhadores/as; que também pode ser um atributo de esvaziamento da organização dos/as trabalhadores/as.

A perda da consciência da classe interfere diretamente na conquista dos direitos socais da classe que vive do trabalho, como mostra a história. O avanço da proteção social acontece com a politização dos/as trabalhadores.

A contratação temporária traz danos ao processo de trabalho no campo militar há uma perda da processualidade, da memória do processos.

> *"O temporário é bom, porque entra uma pessoa com mais experiência no serviço, porque entra com mais idade e tem mais experiência; mas ele vai embora. E dependendo da característica dele como pessoa, ele nem vai se preocupar em dar um gás no serviço, pois sabe que vai embora. Eu acho ruim porque a gente perde. Por exemplo o soldado, menino bom vai a cabo, já está interado no serviço; você já o conhece; mas dá o tempo dele; ele tem que ir embora. Aí vai entra outro soldado que não sabe nada. Na minha visão isso causa prejuízo ao serviço. Quando o temporário, o soldado, hoje não engaja mais. Antigamente, soldado que ficava até 10 anos não ia mais embora, engajava. Hoje não. Agora eles ficam no máximo 08 anos, o tempo do temporário. Então, quando o cara está bom, quando ele pegou todo o tramite, ele vai embora. Depois entra outro que não sabe nada. A gente perde muito profissional bom, por essa questão, porque fica um tempo determinado. Se continuar do jeito que está daqui a pouco na Força vai ter só 3S e suboficial. Muita gente hoje não quer seguir carreira, eles entram como sargento, mas já entra com outra perspectiva, vão fazer um concurso, uma faculdade e vão procurar outra coisa. Eu vi muitos colegas com essa questão, muita gente indo embora e ficando aquele hiato. Isso é muito ruim, porque não tem para quem passar; passar a sua experiência; na Força tem muito regulamento que você vai aprendendo com o tempo; que não se aprende em um mês". (Sueli)*

- **Categoria temática: a reserva x liberdade ou autonomia?**

> *"os homens [mulheres] fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas, transmitidas" (Karl Marx)*

A partir da construção realizada sobre a categoria trabalho, nossa reflexão foi na seguinte linha: seria a retirada do mundo do trabalho - que se constituiu como garantia de direito da sociedade capitalista - o momento de liberdade para quem vive do trabalho? Fase na qual trabalhadores/as atingiram a proteção previdenciária que lhe garanti a sobrevivência, sem ter que realizar a troca do seu tempo pelo salário. A reserva militar vista pela condição do afastamento do mundo do trabalho, vem acompanhada da sensação de alívio, possibilidade de fazer aquilo que se deseja, bem-estar . Essas considerações postas nos relatos tomam a aparência da "liberdade" que o trabalhador/a conquista nessa fase.

> *expectativa de um dia descansar, parar um pouco de trabalhar tirar um pouco daquele estresse que realmente tem" (...) Os 6 primeiros meses nossa .... você não ter que pensar no dia seguinte, ou mesmo na sexta, de achar que na segunda-feira os problemas vão estar tudo ali de novo e tal, então foi uma sensação muito, muito boa, de tranquilidade que durante quantos anos eu não tinha. Então foi legal, não ter compromisso de horário, não ter compromisso de trabalho, não ter que resolver isso, resolver aquilo. Então, enquanto eu estava na ativa, cheguei trabalhar cerca de 10 a 12 horas por dia; então era trabalho e casa (Waldemar)*

> *"Mas muito bom poder me cuidar, poder decidir se eu vou acordar cedo. Se eu vou querer limpar a casa ou não, entendeu? Isso é muito bom, muito bom. (...) - Eu não quero me preocupar, se quiser acordar tarde, dormir tarde, guardando as necessidades, pois às vezes a gente precisa madrugar; eu quero viver. Eu gostaria de pensar assim lá atrás, teria feito muita coisa diferente" (Sueli)*

Barroco (2010) ao discorrer sobre trabalho e liberdade, fazendo a discussão pela categoria da alienação traz a seguinte consideração:

> A vida cotidiana não alienada e de uma vida que tenha uma margem de mobilidade na qual a cotidianidade possa ser suspensa para dar lugar a atividades não alienadas ou menos alienados. Dentre eles salientam-se a arte, a filosofia, a ciência, a ética e a práxis política, exigências que superam a cotidianidade ao fato de pertencerem ao domínio da práxis (2010 p.180)

Guedes[81] (2011 p.161) ao realizar um estudo sobre a categoria liberdade pela trajetória marxiana, considera que "liberdade na perspectiva da crítica marxiana, é constitutiva da práxis humana e se refere à relação entre teleologia e causalidade", nessa

[81] Guedes incorpora a concepção da categoria de Marx que está nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844,* Marx identifica liberdade como um atributo constitutivo do ser social e, como tal, inerente ao gênero humano e não aos indivíduos sociais atomizados em esferas que o limitam ao horizonte da propriedade privada que inverte o sentido do que constitui a sociabilidade humana: o trabalho. Estabelece as bases de uma nova ontologia que demarca o rompimento com a metafísica clássica e que traduz a necessária relação entre a liberdade e a construção de uma nova sociabilidade, possível apenas com a superação da propriedade privada"

linha não pode ser consubstanciada pelo horizonte da sociedade capitalista, fundada na sociedade privada.

Podemos refletir que embora a reserva se apresente como uma veia da liberdade, estamos olhando a partir das relações de produção capitalista. Pois não haveria essa "liberdade", como pontuou nossa entrevistada, caso não tivesse vendido a sua força de trabalho, que lhe permite o acesso à renda, mesmo após a retirada no mundo produtivo. O benefício da renda, que nesse estudo é chamada de pensão militar, funciona como um seguro na sociedade, com critérios como idade e tempo de trabalho. Ao longo da vida produtiva o trabalhador vai acumulando um valor que irá utilizar na fase de sua aposentadoria/reserva. Portanto, trata-se de uma liberdade forjada na sociedade capitalista.

Santos (2010) ao abordar a categoria liberdade a partir de uma análise crítica da obra de Erich Fromm, pois pontua que ele era seguidor do humanismo abstrato, portanto não pregoava a transformação societária; que se dedicou à interlocução entre as obras marxiana e freudiana, discorre:

> "Dentre os conceitos abordados por ele (Erich Fromm), o da liberdade é um dos fundamentais na sua obra, pois para ele contém uma diferença entre a "liberdade de" e a "liberdade para", sendo a primeira a liberdade existente também na sociedade capitalista que segundo o autor uma pseudoliberdade, e a segunda seria a realização da liberdade no sentido do homem se livrar das ideologias que o aprisionaram ao longo da história, bem como na sociedade capitalista. (...) "A liberdade na sociedade capitalista não passa de uma ilusão isto que a grande maioria da população vive explorada embora o sistema tenha criado ao longo dos anos ideologias, entendidas como falsa consciência, que justificaram a exploração e garantiram a manutenção da sociedade" (Santos, 2010 p.18 e 19).

Portanto não é possível afirmar que a reserva se afirma como liberdade, mas uma autonomia[82], ou então a liberdade individual. Pensar a reserva como o tempo livre é compreender que é nesse momento que o trabalhador militar adquire sua autonomia, pois

[82] **Autonomia** é um termo de origem grega cujo significado está relacionado com independência**,** liberdade ou autossuficiência. O antônimo de autonomia é heteronomia, palavra que indica dependência, submissão ou subordinação. Em Ciência Política, a autonomia de um governo ou de uma região pressupõe a elaboração de suas próprias leis e regras sem interferência de um governo central nas tomadas de decisões. Em Filosofia**,** autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. Neste caso, a autonomia indica uma realidade que é dirigida por uma lei própria, que apesar de ser diferente das outras, não é incompatível com elas. Em Educação**,** a autonomia do estudante revela capacidade de organizar sozinho os seus estudos, sem total dependência do professor, administrando eficazmente o seu tempo de dedicação no aprendizado e escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis. Quando se fala em Ensino e-Learning ou EAD. Fonte: https://www.significados.com.br/autonomia/ acesso em 06/01/2024

conseguiu sua autossuficiência material, objetiva. A reserva é uma condição em que se adquire as condições materiais para vida em sociedade, do ser social na sociedade capitalista

- **Categoria temática: perdas financeiras e a reserva militar - as perdas econômicas da classe que vive do trabalho**

> *" (...) antigamente, quando o padrão de vida do graduado era mais alto, não havia muito interesse em moras nas vilas militares. Essa era a minha percepção, pode ser que eu esteja errada, não falo com base em dados estatísticos, mas não havia muito interesse nas vilas. Esse interesse veio com a perda da capacidade aquisitiva do graduado. Depois que eu tive minha filha, fui morar em Belford Roxo, era bem distante de Bangu, também era bem distante da Ilha do Governador, então, quando eu tive minha menina, eu fui para vila militar. Antes não tinha muita gente interessada, não que não tivesse oferta de imóveis, que fossem poucas casas ou poucas vilas. Mas é que muita gente morava de aluguel, muita gente tinha um outro padrão de vida, outra realidade. Essa é a minha percepção. Fiquei 10 anos no Rio e nuca morei em vila militar, lá". (Sueli)*

De acordo com os relatos é possível apreender que a classe trabalhadora na atual conjuntura do capitalismo vem sofrendo ataques ao atendimento de suas necessidades seja pela via da renda, oriunda da inserção no mundo do trabalho; ou pelo sistema de proteção social. As perdas objetivas foram apresentadas por aumento em relação aos tributos (SARAM, imposto de renda); perda de gratificações: adicional de habilitação, tempo de serviço; falta de aumento real sobre o soldo militar; saída das vilas militares; não poder realizar representações, como é possível na ativa; perda de tempo de progressão de posto. Na esfera subjetiva as perdas recaem pela falta do uso da farda; perda da conivência comunitária nas vilas. As perdas objetivas que afetam as condições de vida:

> *"Os militares têm perda em geral, não é para quem está na reserva, é para todos os trabalhadores, para o militar também. A questão é que alguns grupos de profissionais têm aqueles períodos dos dissídios ou quando tem aumento do salário mínimo, que o aumento do salário mínimo é uma vergonha de dizer; mas todo ano, ele vai ter aumento, tem a data base. Ele tem uma data base, é uma previsão, mas o militar não tem" (Sueli)*

> *"(...) nas Forças Armadas tem o graduado que recebe menos do que oficial. Então na medida que o tempo vai passando a inflação vai aumentando e vai comendo aquela grana. O dinheiro [salário] não é reajustado de acordo com a inflação. E o graduado sente muta mais do que o*

> *oficial. Como o oficial ganha mais tem muitos que nem trabalham. Tenho colegas que foram a capitão e falaram que não precisam trabalhar. No meu caso eu preciso trabalhar, pois o dinheiro [salário] não é o suficiente para gente pagar as contas". (Misael)*

> *Quando você está na ativa, você tem mais condições de pagar, você pode fazer missões [funciona como hora extra que gera um rendimento maior ao seu salário]. Mas depois que você vai para reserva, não tem mais missão né? As missões, você ganha através das diárias, e dependendo dos dias que você ficar nessas missões, você ganha as diárias. Essa diária é para você ter condição de pagar transporte, estadia e alimentação. Eles te dão esse dinheiro para você gastar no momento, às vezes dão antes, às vezes dão depois, quando você for fazer a missão. Esse valor foi atualizado e dá uma grana mais ou menos boa, né? Se você ficar mais ou menos 10 dias, você ganha uma remuneração boa. E teoricamente você não vai gastar aquilo tudo, porque você fica dentro do quartel, e lá já tem tudo tem tudo, tem estadia... enfim, tem tudo que você precisa e não vai gastar dinheiro; pode gastar com outras coisas. Esse dinheiro você pode guardar ou pagar com uma dívida que você tiver.*

A reestruturação da carreira militar, que aconteceu no ano de 2019, o aumento salarial real, que nesse campo se constituiu pelo aumento do soldo, foi substituído pela criação de gratificações, entre elas o adicional de habilitação, que somente é possível conquistar os quesitos durante a carreira, na fase ativa; e o adicional da disponibilidade. Sem o aumento do soldo, não há aumento, diz a entrevistada:

> *"O militar não tem aumento anual; teve uma época que tivemos um reajuste de cerca de 15%, tipo assim, era 15% de aumento, eles deram 5%. Ali no final daquele ano deram 5% e tinha 5% para o outro ano. Aí eles parcelarem em tantas vezes, mas não era anual. Isso afeta bastante o salário do militar, do posto. Quando eu fui promovida para suboficial, tive minha última promoção. Então, se o militar não tiver aumento, ou seja, se não aumentar o soldo eu não tenho aumento. mais previsão no meu salário. Quando eu fui promovida, eu estava esperando uma melhoria salarial, não tinha noção dos valores. Eu não procurei me informar, mas achei que seria uma melhoria boa, né? Na prática, eu tive um aumento de 100 reais e pouco, na época, porque quando eu fui promovida, também aumentou o desconto no imposto de renda. Veio o aumento, e foi abocanhada em pelo leão."(Sueli)*

De acordo com a tabela da Subdiretoria de Pagamento de Pessoal do Comando da Aeronáutica, o último reajuste sob o soldo foi em janeiro do ano de 2020.

O aumento incidiu sobre a gratificação adicional de habilitação, criado com a reforma do ano de 2019, a gratificação dos altos estudos abrange somente os militares que estão na ativa. Essa gratificação funda a diferença de salário entre militares da ativa e da reserva; funda-se pelo exaltação da meritocracia, pois não trata de aumento real sobre o soldo; mas aumento para quem realizar os cursos definidos.

> "O Adicional de Habilitação é uma parcela remuneratória já prevista, conforme regulamentação da Medida Provisória nº 2.215-10, de 31 de agosto de 2011, criado com a intenção de incentivar os militares das Forças Armadas a se engajarem no melhoramento técnico, o que consequentemente resulta em ganhos para toda a sociedade brasileira. Esse Adicional é devido mensalmente, por ocasião da conclusão, com aproveitamento, de cursos realizados durante a carreira do militar e que atendam aos interesses do Comando da Aeronáutica. Com a publicação da Lei nº 13.954/19 o Adicional de Habilitação teve seus percentuais majorados, em 4 parcelas anuais" (Brasil, FAB, 2022)[83]

Essa gratificação é um percentual acrescedido sobre o soldo militar conforme o tipo do curso realizado, para militares que estão na ativa. O quadro abaixo apresenta o percentual em escala crescente.

Quadro 3 - Referente aos percentuais do Adicional de Habilitação, Brasil, 2024.

Curso	Até junho de 2020	A partir julho 2020	A partir julho 2021	A partir julho 2022	A partir julho 2023
Altos estudos I (doutorado)	30	42	54	66	73
Altos estudos II (mestrado)	25	37	44	61	68
Especialização	20	27	39	41	45
Aperfeiçoamento	16	19	22	25	27
Formação	12	12	12	12	12

Fonte: https://graficos.poder360.com.br/J3FVl/1/ (Congresso Nacional)

Sobre essa gratificação e a perda salarial pontua a Entrevistada Sueli:

> *Em 2019, foi criado o adicional de habilitação militar, para altos estudos; mas não teve reajuste do soldo. O aumento foi somente para aqueles que tivessem estudos [pós-graduações], foi um critério da meritocracia, né? Que mudou bastante isso na vida do militar e aí depois disso, parou de ter um aumento. Isso não é o aumento real(Sueli)*

A meritocracia na sociedade capitalista pode ser vista como categoria de "exclusão". afeta diretamente o militar que está na reserva, pois esse critério de aumento salarial abrange somente quem está na ativa. Trata-se de um quesito que trará diferença salarial no campo militar entre ativos e "inativos. Embora a legislação militar tem em seu arcabouço a equiparação salarial desses dois grupos. Portanto, o uso desse recurso para aumento dos salários traz consigo dois processos de exclusão: valorização financeira para o grupo

[83] Fonte: https://www2.fab.mil.br/sdpp/index.php/slideshow/225-reestruturacao-da-carreira

considerado produtivo e a desvalorização, através do congelamento salarial, para o grupo considerado inativo. Outra questão é embasar o aumento somente para aqueles que conseguem realizar os cursos de pós-graduação, a inclusão em cursos têm vários fatores, que podem afastar essa possiblidade do trabalhador. No caso da Entrevistada Sueli, após o ingresso a FAB, embora tivesse interesse em dar continuidade nos estudos, não conseguiu. Tinha uma rotina cotidiana, inclusive decorrente do processo do trabalho; e ainda a questões do campo familiar e social, que afastaram essa possibilidade

> "*eu acordava, no Rio, às 4 e meia da manhã, para pegar ônibus às 5 horas, para começar a trabalhar às 7h. Saia do serviço às 13h, chegava em casa às 15h; isso por uma vida inteira. Fiquei nessa situação por 10 anos (...) Eu queria voltar a estudar, fazer faculdade. Comecei a trabalhar na Força Aérea, mas aí não consegui conciliar. Abri mão, depois de um tempo eu casei, tive filho, aí não voltei a estudar, mas eu tinha vontade de voltar a estudar e eu ainda não voltei" (Sueli)*

Abordando a categoria da meritocracia numa perspectiva crítica a luz do pensamento marxiano, discorre Silva (2022 p. 34)

> "a meritocracia tende a ser compreendida como algo imanente ao modo de produção capitalista e a própria humanidade, consistindo em nada mais nada menos do que um atributo individual e, com isso, acaba-se naturalizando as próprias contradições tipicamente capitalistas".

Outra dimensão posta no trabalho desse autor, para dialogar sobre a meritocracia é a ideológica, que a coloca em um nível autônomo e independente da contradição entre capital e trabalho; desconectando-se da apreensão da totalidade e a complexidade inerente ao modo de produção capitalista, escamoteando a sua dimensão de autovalorização do capital (Silva, 2022). Com base nas considerações relatadas pela entrevistada acima, corroboradas pelo entrevistado Misael e pela Entrevistada Danielly (abaixo), podemos compreender que o aumento salarial pela categoria da meritocracia, reduz o investimento da esfera pública nos recursos humanos. O Estado na sua versão neoliberal.

> *-Eu perdi muito com a Previdência [reforma de 2019], quando teve a reforma da Previdência a gente perdeu remuneração. Fizeram essa reforma de uma maneira (...), o suboficial tem um curso, mas inventaram um outro curso [adicional de habilitação] para a pessoa ganhar um pouquinho mais. Mas para você ganhar, tem que está na ativa. E como eu fui para a reserva antes da reforma, eu perdi essa remuneração. A gente fala que é a gratificação dos altos estudos; que também pode ser feito na Aeronáutica, direcionado a própria Força, é um curso que na realidade a gente faz esse curso quando vai para o posto de suboficial. Esse curso ultrapassa a carga horária dos altos estudos, você pega área militar, área de português, redação. Então a pessoa pediu para que esse curso que a gente faz para ser suboficial que fosse igualado com o curso de altos estudos. (Misael)*

> *A reforma foi feita sem conhecimento do próprio congressista. Eles não tinham conhecimento das Forças Armadas, tanto que eles falaram que quem tinha meritocracia seriam só os oficiais; e os graduados não. Mas todo mundo tem. Eles se esquecem que nós também fizemos escola, nós fizemos 2 anos de escola, mas eles não consideraram nossa formação. No caso o Brigadeiro que fez a reforma, não levou em consideração, entendeu? Ele falava que meritocracia só era para os oficiais. (...) foi um aumento que a gente teve, não foi um aumento real, era só um aumento dessa gratificação desses altos estudos. (Misael)*

> *(...) O SARAM [contribuições feitas pelos militares] também subiu, que agrega o valor da contribuição da previdência militar; também teve um aumento da contribuição daquele desconto que vai para a saúde. Teve um aumento nisso aí, entendeu? Então, além dessas perdas do ponto de vista mesmo da remuneração, também tem perda subjetiva: apaga a farda, o distanciamento dos colegas da Vila... (Danielly)*

No decurso da carreira militar os entrevistados vivenciaram situações que resultaram em perda financeira, como a questão da progressão de posto. O Entrevistado Misael referiu que antigamente, para ser promovido de um posto para o outro, na carreira dos graduados, acontecia a cada 05 anos, mas esse lapso temporal foi para 07 anos. Dessa forma há um perda financeira. Outra situação apresentada nessa linha foi a perda da gratificação por tempo de serviço, como apontou a Entrevistada Danielly.

> *"(...) se eu não me engano, são 05 anos, né? 5 anos para cada um [cada posto]. Assim, na época eram 5 anos, né? De terceiro, depois vai a segundo, a primeiro sargento. Depois poderá ser suboficial. Para cada período de uma graduação para outra graduação, demora mais ou menos 05 anos, agora aumentou o prazo para 7 anos. Na minha época eu cheguei a pegar esse período de 05 anos, quando fui para segundo sargento com 5 anos. Mas, depois de segundo para primeiro foram 07 anos. Isso adia a ascensão na carreira. Eles aumentaram o tempo, né? O motivo não sei qual foi".(Misael)*

> *[foram] são implantados alguns descontos com a alteração da lei [reforma]. Por exemplo, quando eu fui para reserva., eu fui com um cálculo diferente daquele que eu tinha feito inicialmente no ano 2000. Foi feita uma operação em que a gente ganhava uma gratificação de tempo de serviço. Todo ano a gente recebia. Então, por exemplo, em 2000, parou de ser paga essa gratificação. Quando parou, eu tinha 11 anos de serviço, então eu tinha 11%, era 1% por ano sobre o salário bruto. Aí quando eu fui para a reserva, me tiraram 2%, mas não sei porque. Até hoje não conseguiram me explicar o porquê me tiraram 02 por cento; e ao mesmo tempo, o meu imposto de renda aumentou muito, porque eu fui perdendo dependentes. Eu tinha 3 dependentes, que era o meu ex-marido e meus filhos.(Danielly)*

- **Categoria temática: reserva militar e perda financeira – aporte na questão de gênero**

As mulheres trabalhadoras podem ter que desempenhar o trabalho duplicado, que inclui a jornada de trabalho, os cuidados com a manutenção interna da casa; o cuidado com a prole. Essa condição pode trazer sobrecarga e desgaste, que afasta a possibilidade da realização de sonhos e projetos (Nogueira, 2011).

A partir dos anos de 1970, momento em que se difundiu a mundialização do capital e a acumulação flexível, tendo como caudatário nesse contexto a feminização do trabalho. Contudo, apesar da incrementação da inserção da mulher no mundo do trabalho produtivo manteve-se no espaço doméstico, nas relações reprodutivas, a presença marcante das mulheres. Nogueira (2011) ressalta que mesmo com as mudanças que ocorreram na trajetória feminina, não houve uma reposicionamento na divisão sexual do trabalho na esfera doméstica. Diante do contexto o trabalho duplicado – "a dimensão em dobro do trabalho, no que tange à divisão sexual nas esferas do trabalho (mundo produtivo) e da reprodução (espaço doméstico) - passa ser inerente da condição feminina, na sociedade contemporânea.

A perda financeira em decorrência do critério meritocrático que se condensa o adicional de habilitação, afetou a possibilidade de acréscimo na renda da Entrevistada Sueli. Fica evidente em seu relato que o cotidiano familiar voltado principalmente com a relações de reprodução a afastou da realização do desejo de cursar o ensino superior, que resulta numa perda de 12% do valor do soldo que recebe.

Visto por outro ângulo, mas sob essa categoria, a Entrevistada Danielly também aponta a centralização da responsabilidade com a reprodução da prole na figura da mulher/mãe, situação que a questão econômica recaiu sobre ela.

> *" (...) eu não conseguia conciliar a vida de esposa com a carreira militar, eu tinha que me dedicar ao meu filho. Era uma extensão do meu corpo. Entendeu? Então onde eu ia eu levava meu filho. Meu filho, embora fisicamente tenha cortado o cordão umbilical, ele é uma extensão de mim. A minha filha, a mesma coisa, era uma extensão de mim. Eles continuam sendo. Então eu sempre me enxergava como um pacotinho: eu, Arthur e Luiza, erámos nós 3. Se eu tivesse que ser movimentada era essa a lógica; era estranho pensar em 04 pessoas, sabe? E foi assim, se não quisessem [os maridos] estava valendo. A relação deles com os pais ficou muito complicada. Meu filho mais velho, por exemplo, só foi ter um relacionamento - entre aspas, mesmo assim muito distante - com o pai, quando ele estava com 19 anos" (Danielly).*

No bojo da "reforma" de 2019 também foi criado o adicional de disponibilidade militar, que se coaduna pelo regime de prontidão permanente do/a militar. O que dizem os entrevistados sobre a prontidão:

> *"O militar tem que estar sempre à disposição das Forças Armadas, pode estar na sua casa no final de semana e ser acionado, você tem que estar pronto. Inclusive você pode estar se preparando para viajar, pode estar de férias, se for acionado, não vai poder tirar férias. Caso aconteça algum problema na seção, você vai precisar ficar, isso aí não é agradável para ninguém. Mas faz parte, está escrito na letra pequena, como muitos dizem, mas está escrito lá [na legislação do militar], você é militar; e você é militar o tempo todo. (...) Você tem que estar preparada para isso, sem questionar, né? Se tiver que ir? Vai e pronto! Tem que ir". (Sueli)*

> *"A gente tem que tirar serviço [ficar no mínimo 24h na OM]. Você tem que preencher uma fichinha [cumprir sua quantidade de serviço, preencher quadrinho]. Fazer outros serviços como: prestação de concurso, tem que dar apoio. por exemplo, você tem que estar lá. Na prestação de concurso, inclusive para outra Armas, a Aeronáutica tem que dar apoio. Aí eu tive que preencher essa lacuna também. Tinham algumas que eu não precisava ir, por ser mais antigo; mas como tinha que preencher quadrinho, eu ia. por exemplo, eu era mais antigo. Enfim, lá foi muito mais rigoroso, o pessoal vigia muito mais. Eu fiquei até assustado, com aquela situação. Fiquei 05 anos, que foram bem puxados". (Misael)*

O adicional de disponibilidade militar Decreto n° 10.471 de 24 de Agosto de 2020, estende-se a todos os militares seja para os militares da ativa ou da reserva, reforma; contudo ele foi edificado com base em percentual hierarquizado. Como enunciado do documento presidencial:

Decreto n° 10.471 de 24 de Agosto de 2020, que regulamenta o Adicional de compensação de disponibilidade militar abrange todos os militares, inclusive os que estão na reserva, com incidência sobre o soldo.

> Art. 2º O adicional de compensação por disponibilidade militar é a parcela remuneratória mensal devida ao militar em razão da disponibilidade permanente e da dedicação exclusiva no decorrer de sua carreira. O adicional é uma vantagem concedida ao agente em decorrência do tempo de exercício ou em prol da natureza singular da função, a qual exija conhecimento técnico ou uma natureza própria de trabalho. O adicional faz referência com o tempo, com a função ou com ambos. Por ter natureza permanente, o adicional, em geral, se incorpora aos vencimentos, sendo de caráter perpétuo, ou seja, depois de determinado período, este acaba por integrar aos vencimentos dos beneficiados, conforme a própria lei já deixa positivado, é um direito que o beneficiário adquire após ter cumprido alguns requisitos de carreira, torna-se um direito adquirido.

O percentual de acordo com o posto/graduação que incide sobre o soldo, como não há aumento real sobre o soldo, pode-se dizer que essa estratégia - aumento por criação de gratificações- reduz o aumento real, dessa categoria. Outra questão é a diferença do percentual em relação à hierarquia dos postos, enquanto um oficial superior tem o percentual de 41 % sobre o soldo; o de um soldado o valor é de 5%. E ainda, observa-se e redução do valor do percentual para o quadro inerente aos temporários. No caso do oficialato, os

temporários atinge postos (aspirante, segundo e primeiro tenente), cujo percentual é de 5% e 6%; quando passa para o posto de capitão, inerente somente aos militares de carreira, esse percentual dobra. O mesmo acontece com os graduados, como mostra a figura abaixo os quadros abaixo:

Figura 33 - Gratificação adicional de disponibilidade militar

POSTO OU GRADUAÇÃO	Percentual que incide sobre o soldo a partir de 1º de janeiro de 2020
Almirante de Esquadra, General de Exército e Tenente-Brigadeiro	41
Vice-Almirante, General de Divisão e Major-Brigadeiro	38
Contra-Almirante, General de Brigada e Brigadeiro	35
Capitão de Mar e Guerra e Coronel	32
Capitão de Fragata e Tenente-Coronel	26
Capitão de Corveta e Major	20
Capitão-Tenente e Capitão	12
Primeiro-Tenente	6
Segundo-Tenente	5
Guarda-Marinha e Aspirante a Oficial	5
Aspirante e Cadete (último ano), Aluno do Instituto Militar de Engenharia (último ano) e Aluno do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (último ano)	5
Aspirante e Cadete (demais anos), Aluno do Centro de Formação de Oficiais da Aeronáutica, Aluno de Órgão de Formação de Oficiais da Reserva, Aluno do Instituto Militar de Engenharia (demais anos) e Aluno do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (demais anos)	5
Aluno do Colégio Naval, Aluno da Escola Preparatória de Cadetes (último ano) e Aluno da Escola de Formação de Sargentos	5
Aluno do Colégio Naval, Aluno da Escola Preparatória de Cadetes (demais anos) e Grumete	5
Aprendiz-Marinheiro, Aprendiz-Fuzileiro Naval	5
Suboficial e Subtenente	32
Primeiro-Sargento	20
Segundo-Sargento dos Quadros Especiais de Sargentos	26
Segundo-Sargento	12
Terceiro-Sargento dos Quadros Especiais de Sargentos	16
Terceiro-Sargento	6
Cabo (engajado)	6
Cabo (não engajado)	6
Taifeiro-Mor	5
Taifeiro de Primeira Classe	5
Taifeiro de Segunda Classe	5
Marinheiro, Soldado Fuzileiro Naval e Soldado de Primeira Classe (especializado, cursado e engajado), Soldado-Clarim ou Corneteiro de Primeira Classe e Soldado Paraquedista (engajado)	5
Marinheiro, Soldado Fuzileiro Naval, Soldado de Primeira Classe (não especializado) e Soldado-Clarim ou Corneteiro de Segunda Classe, Soldado do Exército e Soldado de Segunda Classe (engajado)	5
Marinheiro-Recruta, Recruta, Soldado, Soldado-Recruta, Soldado de Segunda Classe (não engajado) e Soldado-Clarim ou Corneteiro de Terceira Classe	5

Fonte:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20192022/2019/Lei/L13954.htm#anexo2

- **Categoria temática: reserva e a questão habitacional**

No momento da reserva militar a questão da moradia pode se configurar como uma necessidade a ser atendida. Os militares de carreira geralmente moram nas vilas militares em PNRs, moradias disponibilizadas pela União, para quem está na ativa. Essa modalidade de morar facilita a intersecção entre trabalho e moradia. Mas, o direito em morar nesses locais somente ocorre durante a o trabalho ativo. De acordo com a relatos a saída das vilas é vivida como perda financeira:

> *Sair da vila militar traz aumento nos gastos com a manutenção para o militar e sua família. É difícil para quem mora na vila, quando chega a fase da reserva militar, tem que sair. Na vila o militar paga o valor da locação da casa de acordo com o seu soldo, uma porcentagem. Então tem há essa perda. Como morei de aluguel senti a inflação, que somente vale para eles [os proprietários]. Estava morando em casa própria, mas era em Guarulhos, então eu vim para zona norte, porque era mais próximo do hospital [HFASF]. Passei 2 anos e meio de aluguel; nossa o valor do reajuste é absurdo; porque ninguém ganha esse reajuste, nenhum trabalhador. É absurdo! Você mora na casa, você não pode nada, mas você tem que pagar tudo. Você tem que consertar. Não é só isso, o salário do militar se mantém, você tem reajuste quando? Quando foi o último aumento dos militares?(...) Eu morei de aluguel na reserva, eu precisava de uma casa própria. Eu morei de aluguel, o salário não acompanha, o salário de ninguém acompanha o aluguel que todo ano tem reajustado, 10 oou 15%" (Sueli)*

> *"Morar na vila é uma economia muito grande, muito grande, porque você paga água, luz e a estadia com um descontado; mas é uma grana muito pequena, dá para você se manter bem. Eles fizeram isso em função do pessoal que ia servir e não conhecia a localidade, ou que teriam que morar em locais que não eram condizentes com a patamar que a pessoa tem, né!?" Morei em vila mais ou menos 10 anos" (Misael)*

Essas narrativas mostram a questão da moradia, ou como diz Engels (1873) " a questão da habitação", que traz impacto na condição de vida da classe trabalhadora; e ainda ressalta que o inquilino está para o proprietário do imóvel, assim como o assalariado está para o capitalista. O reajuste para quem mora de aluguel, não acompanha o aumento salarial. Embora a moradia seja um direito garantido no plano constitucional, o que há de garantia é o acesso pela via do mercado, através dos financiamentos imobiliários, inclusive no caso das moradias populares.

Na vila militar também há quesitos do campo da segurança, bem-estar, qualidade de vida, sentimento de pertencimento, relações socioafetivas e comunitárias. Portanto também há perda nesses campos da vida, que envolve a questão da habitação que "transcendendo o

teto, implica nas relações estabelecidas comunitariamente com a vizinhança e o bairro", bem como acesso às demais necessidades (Almeida e Pinto, 2017).

> *"Meus filhos viveram a vida que toda criança quis ter. Andavam livremente, brincavam, andavam de bicicleta, andavam pelo meio do mato, se arrebentavam, voltava para casa cheia de carrapato, essa foi a vida dos meus filhos. O início de infância deles foi em Guaratinguetá e foi a coisa mais maravilhosa. Então se você perguntar para eles hoje, quais são as melhores lembranças da infância, eles vão dizer que foi maravilhoso fugir de jacaré para mato, passar o dia inteiro no meio do mato com os outros colegas da vila e tal; o melhor período da vida deles. Para mim, era ótimo; porque eles estavam guardados dentro da Vila, né? Eu na divisão de ensino e eles guardadinhos ali dentro da vila. Por mais traquinagem que fizessem, não passava de um braço quebrado; não iam desaparecer. Então foi a melhor época.*
> *[sair], foi uma tristeza. Eu morava na vila militar de Guarulhos que tem segurança; oxigênio puro; lugares para caminhar, sabe? A Base Aérea de Guarulhos tem uma história muito legal, entendeu? E ter que sair de Guarulhos, da Base, para uma vida fora daqueles muros foi bem sentido, foi bem sentido ... Eu nunca mais voltei até a Base; fui uma ou duas vezes ao ILA. Fui numa formatura no ILA, aí começou aquela nostalgia. Eu queria passar nas casas onde eu morei na vila; mas senti aquele nervoso; aquela sensação que você não pode passar de novo, entendeu? Você não pode viver de novo aquilo; tudo ficou lá .... agora é outra história" (Danielly)*

> *"Morar na vila é mais tranquilo, no quesito segurança, ela funciona como um condomínio, é mais seguro, as crianças têm mais liberdade para brincar. Hoje a gente não pode deixar a criança, o filho brincando na rua, lá a gente tinha essa facilidade, poder andar de bicicleta na rua, os carros têm limitação de velocidade, tem mais espaço. Geralmente essas unidades têm bastante área verde; essa é uma característica das unidades que eu conheci. A gente acaba tendo mais qualidade de vida, por ficar perto do serviço. Em Cumbica fica tudo muito distante, se você for a pé da Vila para parte administrativa, são uns bons 25 minutos de caminhada. O entorno fora da base também é distante, não é muito bom" (...) eu morei na vila em Guará, então nossa, muito bom, muito bom mesmo. Muita tranquilidade, muito passarinho, muito verde. Na vila em Cumbica, menos. Fica perto do aeroporto, mas mesmo assim também muita qualidade de vida. A única coisa, é que você tem a dificuldade da restrição do acesso, daquela coisa de autorizar a entrada, é como um condomínio, né? Mas para mim, isso nunca foi um problema, não! (Sueli).*

> *"Morei 10 anos, na vila, quando você vai reserva tem sair. A gente sente falta porque realmente você morar numa vila militar, principalmente aqui em São Paulo, é um oásis [paraíso], né? Porque você tem muito mais segurança, os seus vizinhos dali são pessoas que são amigas de muitos anos e tal. Aí quando você volta para o seu apartamento, às vezes nem os vizinhos direito você conhece, né? No prédio, às vezes só se esbarra na hora do elevador, alguma coisa assim. Já na vila não, né? Na vila, você interage muito mais com o pessoal, interage muito mais, né? Conhece as pessoas por estar sempre junto no ambiente de trabalho, né? Então isso aí você sente falta". (Waldemar)*

A vila militar se apresenta como mais que o acesso a um lar, que é custeado de acordo com a realidade salarial do trabalhador militar. Morar na vila, como disseram os

entrevistados, tem-se a garantia dos quesitos: segurança, acesso ao espaço verde, interação social, proximidade com o local de trabalho. Esses elementos agregam qualidade de vida para o trabalhador militar e sua família.

As narrativas sobre a experiência em morar nas vilas militares se aproxima do elemento comunitário afetivo. Contudo, é uma resposta capitalista burguesa, que visa à qualidade do trabalho e não a qualidade de vida do trabalhador militar; pois ao migrar para reserva perde o direito de permanecer nessas vilas. Esse modelo de moradia "a vila militar", tem aproximação com o modelo de "vila operária", que ao mesmo tempo que promovia a aproximação do local de trabalho, trazia elementos de disciplina, obediência (Farias, 2014). O pagamento para morar numa vila operária, assim como numa PNR, é um benefício descontado na folha de pagamento

> *"(...) mora na vila militar, tem também aquela coisa de que você está mais perto, então numa necessidade, você vai ser o primeiro a ser chamar, entendeu?" (Sueli)*

- **Categoria temática: reserva militar e necessidade de proteção social**

A reserva militar poderia ser um período de convivência familiar com divisão dos papeis no espaço da reprodução da família. Mas, no caso do Misael, que necessita se manter no mundo do trabalho, o papel dos cuidados permanece com a mulher. O trabalho do cuidado aparece como não pago, na sociedade patriarcal inerente à figura materna/feminina. A falta da proteção social pública, implica no não compartilhamento das relações de reprodução social.

> *" (...) o problema todo, é que [meu filho] tem essa dificuldade [autismo], tem que ter alguém para ficar com ele. É, a gente tem esse problema, né? Porque a Lu poderia trabalhar, ela podia estar me ajudando também, entendeu? Mas tem que ter alguém para ficar com ele. Se eu paro de trabalhar para ficar com ele, a gente não tem como pagar as dívidas. Mas se não fosse isso, a Lú poderia trabalhar também, ela quer trabalhar, ela já tem curso superior, poderia está trabalhando. Mas ela não trabalha por conta do Diogo, alguém tem que ficar com ele"*
> *Tem alguns órgãos, alguns organismos que fazem isso; mas tem que pedir ajuda do Estado, e o Estado não ajuda. No caso da AMA [associação que atende à população com autismo] tem algumas instituições que até ajudam bastante, que são bem preparadas, mas elas não têm ajuda do Estado; o Estado praticamente a vira as costas. Esse que eu acho, que o maior problema". (Misael)*

Para Montenegro (2017) que estudou a categoria cuidado, no campo do envelhecimento, o cuidado está regulamento como profissão, pois está no rol da

Classificação Brasileira de Ocupações sob o código 5152[84]. Pontua a pesquisadora que o cuidado deve ser compreendido como um direito social, efetivado pela esfera pública, deslocando-se da esfera privada – campo da família. Essa situação também aponta a questão de gênero, as mulheres ao desempenharem o papel de cuidado sem o reconhecimento dessa atividade pelo poder público, fica afastada do mundo do trabalho, que envolve o não acesso aos direitos trabalhistas e previdenciários; possibilidade de terem uma carreira profissional.

O Entrevistado Misael tem um filho com autismo que necessita da intervenção da política pública para atendimento das necessidades. No momento essa atenção está restrita ao sistema de proteção do COMAER.

A política social no COMAER foi criada pelo Sistema de Assistência Social em 1985, tendo sido regulamentada através da Portaria Nº93/GM3 de 24 de janeiro de 1985, tendo como objetivo central à promoção do bem-estar social do militar, seus dependentes e aos trabalhadores civis e seus dependentes. A última alteração decorre do documento NSCA 163-1 editada no ano de 2020, que trata do Sistema de Serviço Social – SISESO, que regula a política de assistência social, desse campo que está prevista na forma de concessão de benefícios socioassistencias (saúde, educação, alimentação, habitação). Mediante condicionalidades, incluindo à contribuição RAS/DIRINT (Recurso da Assistência Social), que acontece de maneira compulsória para militares ativos ou inativos e pensionistas; sendo facultativa aos servidores civis.

A redução do efetivo na FAB poderá incidir na redução da arrecadação do recurso da Política de Assistência Social, que se configura como política social contributiva, que se equipara a um seguro social. Desencadeando no arrefecimento do desenvolvimento de projetos sociais para atender as necessidades humanas e sociais, dessa categoria de trabalhadores/as. Que também terá dificuldade no acolhimento dessas necessidades pela via das políticas públicas. Trata-se da materialização do estado neoliberal na vida da classe que vive do trabalho. Nas Forças Armadas, redução do efetivo, perda do poder de renda; perda de recursos na política social; para classe trabalhadora em geral desproteção social, desemprego estrutural; perda de postos de trabalho; perda da renda.

[84] A definição de cuidador - alguém que desempenha o papel de cuidado, para garantir o bem-estar, a alimentação, a saúde, higiene pessoal, educação e outras necessidades daquele que apresenta essa necessidade

Categoria temática: reserva e as relações de reprodução

Através dos relatos é possível compreender que a ida pra reserva pode permitir que o militar tenha condições de desenvolver ações para promover sua reprodução social e a de sua família. Situação que pode ser inviabilizada caso haver o retorno ao mundo do trabalho.

> *"Na verdade, eu não queria nem ir para reserva, mas às vezes o teu chefe não entende a sua situação, às vezes eu precisava sair mais cedo, para ficar com" Di" [filho] dar apoio para a Lu [a esposa] e tal. Que eu pedi para o meu chefe sair um pouquinho mais cedo, em função justamente do meu filho, que tem problema, e ele não queria deixar. Então achei melhor pedir reserva, pois às vezes minha esposa precisava sair, e alguém tinha que ficar com o nosso filho" (Misael)*

- **Categoria temática: a reserva militar e apropriação pelo capital financeiro**

As perdas materiais da classe trabalhadora reduz as condições matérias de sobrevivência. Como apontamos, os militares pertencem a categoria dos servidores públicos, embora tenham uma especificidade. É um nicho de trabalhadores que tem a garantia da renda, situação que passa a ser atrativo para o capital financeiro, que se alimenta pelas perdas salariais; e os empréstimos consignados acabam sendo uma reposta para driblar a sobrevivência.

> *- Só perda, uma perda, mas a gente tem que manter aquilo ali, porque as contas elas só vão aumentando, elas não permanecem naquele valor que estava antes, elas vão aumentando e à medida que elas vão aumentando, você também tem que manter a remuneração para conseguir pagar essas contas, fica difícil, até de você manter. Nas Forças Armadas, tem aquela situação do empréstimo, tem muita gente que perdeu até o carro, meu pai, por exemplo. Você acaba entrando numa bola de neve. Você pede, só que você vai ter que pagar juros. Meu pai pediu um empréstimo. Depois de mais ou menos 6 meses, ele pedia outro, ou seja, foi aumentando cada vez mais, a bola. Quando ele ia pagar, ele não conseguia. Hoje ele não consegue pedir mais empréstimo, por causa da idade dele. Mas se tivesse em condições de pedir, ele pediria, mas não podia mais fazer mais nada. Ou seja, acabou aquele empréstimo ali, acabou a renda dele. Têm muitos, muitos colegas das Forças Armadas que acabam fazendo isso aí. Eu até estava fazendo, depois parei, e falei: isso aí é uma loucura! Não posso fazer! Você perde, você perde muito, você acaba fazendo isso quando está na ativa, e vai para reserva com essas dívidas de empréstimos. Quando você está na ativa e vai para reserva com esse mesmo pensamento .... [fazer empréstimos como alternativa de renda].(Misael)*

Nas considerações da Entrevistada Sueli, a fase da reserva também pode acontecer pela permanência no mundo do trabalho, para incremento de mais consumo

> *Você acaba não vivendo, você fica preso nessa roda viva, e não vive! Você fica preocupado em trocar o carro, em fazer reforma... aí você não vive.*

> *Então assim, eu acho legal quem se aposenta e quer voltar a trabalhar beleza; mas eu, eu acho que o tempo que eu tenho para viver.(Sueli)*

O capital financeiro se coaduna pelo capital industrial e as instituições financeiras. Explica Iamamato (2012), não se pode deixar de apreender que no capital financeiro está embutido o trabalho humano, não pode ser visto somente na forma aparente que desponta no contexto social, pelas aplicações financeiras especulativas, que obscurecem à produção.

- **Categoria temática: a reserva militar e a retirada do uniforme – a farda**

Os militares que migram para reserva deixam de usar o uniforme, mesmo quando retornam para prestação de serviços. Na vivencia da entrevistada Danielly, essa situação promove uma certa desproteção.

> *"a identidade da gente está na nossa farda, é como se fosse um escudo para qualquer coisa, entendeu? Então, por exemplo, eu era mais forte fardada, com certeza. Digo psicologicamente falando, não fisicamente, e até socialmente, quando eu estava com a farda, eu era assim: incorruptível, eu não era atingida" (Danielly).*

> *"Ela [a farda] te investe de uma autoridade que na verdade, não tem nada a ver a ver com o que você é enquanto pessoa. Seu caráter e de quem você é, mas a farda ela tem essa capacidade de te investir de uma autoridade que é visível aos olhos, "a lei", né? Então quando você vai [para reserva], a gente brinca que vai vestir o pijama, né?"(Sueli)*

> *Então, você vai ser um SARAM [registro numérico], vai ser mais um número. Quando o militar vai no hospital, após a reserva, não utiliza farda, não se usa posto e graduação, pelo menos no laboratório era assim. Para mim não pesa não me identificarem como suboficial (Sueli)*

Duarte (2018) que discute o uso da farda no campo militar, na polícia militar, considera que farda é uma ferramenta, usada pelo/a trabalhador/as, que diferencia essa categoria dos/as cidadãos/ãs. Explica a partir da obra de Marx, que no campo militar, a farda se materializa como instrumento de trabalho, portanto, imbrica-se diretamente na identidade dessa categoria de trabalhadores e trabalhadoras. A partir das contribuições de lukactiana, a autora, no que versa sobre o trabalho como práxis social, questiona qual a finalidade da farda, no seu universo de pesquisa, polícia militar? Ela encontra respostas com David[85], e traz as seguintes explicações:

> a. Distinguir o trabalhador, isto é, diferenciar o oficial do praça, estabelecendo qual "status de um homem" (DAVID, 2003, p. 24);

[85] DAVID, A. M. Homens adornados: moldando o soldado francês à moda, 1852 – 1914. In: STEELE, V (org.). Fashion theory. Edição brasileira, vol. 2, n. 1. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2003

> b. Por meio da homogeneização do conjunto de indivíduos fardados, gerar uma "força visualmente impressionante" (idem), tendo que "o efeito visual dessa conformidade militar podia ser opressivo"(idem);
> c. Demonstrar que a polícia está pronta para combater, que a nação está alerta. Conforme Huart (1879, p. 96), "há um soldado que tem um bom uniforme; o exército francês está se reorganizando."
> d. O efeito causado pelo bom aspecto da farda é também uma estratégia de marketing – a polícia poderia não estar efetivamente preparada para o combate, mas as fardas em bom estado passam a impressão de que está;
> e. As fardas também têm como finalidade configurar a identidade visual da polícia, fortalecendo a coesão dessa identidade;
> f. O excelente aspecto do uniforme (novo, passado, ajustado ao tipo físico, etc.) é uma forma de distinguir um praça, aumentando sua possibilidade de promoção, pois demonstra que o mesmo está mais preparado para o combate que os colegas;
> g. No contexto histórico, o uniforme deve simbolizar a tradição da força (na PMMG, isto é explícito com a insígnia de Tiradentes, localizada na camisa/gandola);
> h. Por se tratar de um objeto relacionado às mais novas tecnologias – afinal, as guerras estimularam o desenvolvimento tecnológico nos países – a farda também representa o futuro da força;
> i. Por fim, as fardas são também contextualizadas como roupa para desfilar, assim sendo ostentadas em um jogo de sedução do policial militar ver e ser visto pelos cidadãos. (Duarte, 2018 s.n.p)

Com base nas explicações acima, destacamos algumas considerações para dialogarem com nosso universo de estudo, para compreender a narrativa da entrevistada, entre elas: a assertiva "A' "deixar de usar a farda, trouxe para a entrevistada uma identidade "comum", uma pessoa comum, sem o prestígio e o poder, que a farda lhe atribuía no universo militar. Dialogando com o item "G", a narrativa pode evidenciar que não usar a farda se desencadeia em perda de autoridade. No item "H", fica demonstrado que deixar de usar a farda, no momento de migração à reserva, pode estar no imaginário social, que aquele militar representa o que está para trás (o passado), já que a farda representa o futuro, são valores enaltecidos nas sociedades ocidentais de desvalorização do antigo; que para outras culturas é visto como acúmulo de conhecimento. Apropriando de Foucault explica Duarte (2018), a farda simboliza o poder, adestrando os corpos dos trabalhadores militares, entre eles os policiais. Portanto, conclui a autora "a farda é uma forma de manipulação ideológica, de estabelecer uma moral no trabalho, capaz de condicionar os movimentos do corpo que a ostenta".

Outra questão apontada com a retirada do uniforme foi a vulnerabilidade, como narrou a entrevistada

> *- Após retirada da farda sofri assédio, que foi praticado por um oficial superior. Em 26 anos de serviço fardada nunca, nunca passei por isso. Foi a minha primeira experiência ruim, sem farda. Fui assediada por um oficial general. Eu fui assediada. E aí aquilo bateu na minha cabeça; e eu,*

> *meio que perdi o chão, sabe? Fiquei meia atordoada, paradinha.(Danielly)*
>
> *O uso do uniforme [significa igualdade]. Ele vai igualar todo mundo, então a gente usa um uniforme, né? Todos somos iguais. A partir do momento que me tiram essa igualdade eu sou diferente, eu passo a ser um pouco diferente. Na minha essência, eu sou igual, só que eu não estou acostumada a ser diferente. Eu sou acostumada a ser igual. Todo mundo sabe quem eu sou: a Coronel Malheiros, todo mundo sabe e tal. Mas, a Coronel Malheiros sem farda? A farda chega independente do meu nome, eu era a coronel. O uniforme [a farda] chegava primeiro. É a questão da deferência que a gente tinha. Você passa a não ter essa referência. Então, se eu chego hoje, por exemplo, se eu chego no hospital, outro dia fui na emergência, o soldado que estava no atendimento da emergência. Nem olhou para minha cara. Ele só foi olhar para minha cara na hora que eu entreguei a ficha, que ele viu: Tenente Coronel, aí ele me olhou. Ele olhou para mim. E isso causa um impacto muito grande.(Danielly)*

Explica Botelho (2005) o uniforme se constituiu como representação simbólica, coroada pela autoridade e pelo status, afirmando a identidade funcional. A partir do vestuário, da tarjeta e insígnias é possível identificar a graduação, posto e antiguidade que o militar ocupa, na cadeia de comando. A o uniforme – a farda - é reconhecido como sendo a segunda pele, discurso comum de se ouvir no cotidiano institucional. Na reserva perde-se o direito de usá-la. A supressão dessa vestimenta pode ser vivida pela ótica do sofrimento, que se caracteriza pela perda de prestígio de autoridade, de espaço na sociedade, causando tristeza e sofrimento.

- **Categoria temática: reserva militar e a perda da identidade "o desfilamento social"**

A reserva militar, ou a aposentadoria, pode trazer o sentimento do não pertencimento social, que Enríquez explica a partir do desfilamento social, quando emerge no trabalhador/a o sentimento de não estar mais "afiliado uns aos outros e, em certa medida, a visão coletiva desaparece". E na situação da retirada do mundo do trabalho, pode emergir o sentimento de inutilidade, vivenciando pelo trabalhador/a, pelo não reconhecimento de sua cidadania, podem se sentir desconsiderados com perda da autoestima e da valorização social (Enríquez, 1999).

Essa vivencia apareceu nas narrativas, que mostraram que a ida para reserva pode trazer perda de significado da vida em sociedade, fora do mundo do trabalho, afetando inclusive a identidade. A perda de trabalho provoca uma ferida profunda na identidade de

diferentes pessoas, concorrendo para a desagregação de suas personalidades (...) o trabalho é um dos elementos constitutivos do ser humano (Enríquez, 1999)

> *Eu falava assim: pois é, eu vou para a reserva; não sei o que combina comigo, se amarelo combina comigo; se eu posso vestir uma roupa estampada, pois eu só sei vestir azul. Para onde eu vou, eu pergunto, qual que é o uniforme [para cada momento e situação tem um uniforme/farda com definição prévia]. Então, eu nunca precisei me preocupar com uma roupa para eu sair. Quando eu levava meus filhos para sair, quando eles eram pequenos, eu saía de short, camiseta, tênis, calça jeans, camiseta, casaco. Eu nunca precisei me elaborar, para poder sair.*
> *Fiquei pensando: o que combina comigo? O que eu tinha? Que tipo de batom que eu posso usar/ Será que vermelho carmim, vai ficar bem no meu rosto? Será que eu posso usar cílio postiços?*
> *E aí fui para reserva em 2017, fui em 25 de dezembro; quando foi no ano-novo, eu olhei, fui ver os fogos na praia, olhei para um lado, olhei para outro, foi como se eu tivesse passado por um portal. Onde aquela pessoa que serviu durante 26 anos não era a mesma que estava em 2018. Na verdade, em 2018 era outra pessoa (Danielly)*

Nas narrativas aparecem que a retirada do mundo do trabalho pode trazer estranhamento na vida em sociedade, inclusive com adoecimento. Embora essa situação tenha se apresentada a partir das mulheres – as sujeitas do nosso estudo – esse processo de desfilamento também é vivido pelos homens.

> *Eu conheci 02 homens que adoeceram depois que foram para reserva, coisas assim. Um, teve um abscesso no fígado; quando estava trabalhando, encontrava com ele bem. Acho que para o homem é mais complicado, não tem outra perspectiva depois trabalho, trabalho o tempo todo. Você passa a ser avó; tem os cuidados da casa enfim. Mas para o homem (...). Quando eu estava lá em Guará, eu vi esses colegas passando por isso. O cara vivia quartel, a vida toda, então quando ele vai para reserva [pode adoecer] eu vi isso acontecer bastante. Acho que para o homem é mais complicado, senti muito essa questão. Toda vez que eu vou no hospital, que eu ainda vou bastante lá, para acompanhamento minha mãe, meus filhos, é muito estranho não precisar prestar continência. Tudo que você aprendeu durante uma vida de serviço, tudo o que eu aprendi não serve mais para nada, seja o aprendizado do laboratório ou o militar. (Sueli)*

> *Tem muita gente que vai para a reserva e tem dificuldade, fica depressivo, têm pessoas que acabam abusando do consumo de bebida [álcool] e depois acaba perdendo até o controle e tal (Waldemar).*

Enríquez (1999) explica que a identidade forjada é completada com o trabalho, no campo militar define a aparência do/a trabalhador/a, como irá se vestir, onde irá morar, o que irá estudar, como será a vida comunitária e social; e ainda, impede a inserção em espaços de representação sindical, partidária. No caso das mulheres define a cor do esmalte que será utilizado, o tipo de cabelo. O trabalho faz o quê? Ele toma as pessoas que já têm um certo

grau de personalidade e as remodela. Portanto a saída do mundo do trabalho pode vir sob esse guarda-chuva. Enfim, traça-se a forma de ser, do ser militar.

A saída do mundo do trabalho por ocorrer de maneira abrupta pode desencadear também em adoecimentos, que podem estar associados ao desfilamento social. Pontua a entrevistada:

> *A gente [a FAB] tira o cara da tomada, que estava ligada no 220 (...) A maioria das pessoas que eu conheço tiveram problemas de saúde sérios, logo depois que foram para reserva. Essas pessoas estavam saudáveis, e acabaram tendo alguma doença do nada. Tiram você da tomada e falam: vaza, valeu pelo tempo que você ficou com a gente! Como assim? Não é desse jeito, não é desse jeito que você desliga uma pessoa. Depois de 30,32 anos, tem gente que foi embora com 40 anos de serviço, como muitos Brigadeiros. Fico pensando, como está a cabeça dessas pessoas, que foram para a reserva, depois de 42, 45 anos de serviço?*
> *Se entrar na academia [escola de formação militar] com 14 anos, imagina, uma vida toda dentro de quartéis, então são pessoas que não sabem viver fora desse ambiente. Pessoas que passaram sua adolescência, sua juventude, sua vida inteira, dentro da FAB. E depois de tantos e tantos anos, criou os filhos, constituiu família. E depois de uma vida inteira, eles vão te tiram da tomada, e aí, você tem que desacelerar. Então esse processo de desaceleração é "punk" [muito difícil]. Porque não é desaceleração mental somente, é desaceleração física também. E aí, quando você faz isso, que você desacelera fisicamente, começam aparecer um monte de problemas físicos. Em mim, apareceu uma artrose no pé; gordura no fígado, entendeu? Eu tive que tratar tudo isso depois da reserva (Danielly)*

> *"Não tinha mais lugar para ir, não me sentia pertencendo mais a um lugar, não tinha obrigações; obrigação somente com meus filhos. Eu não me sentia muito útil porque eu tinha colegas que estavam lá na linha de frente. O pessoal da saúde teve mais pressão, mais uma vez se lascou. O pessoal que trabalha na área da saúde mais uma vez e sempre se deu muito mal, então eu tinha colegas que estavam trabalhando, lidando com todas essas incertezas que houve no início da pandemia, com todos os temores, tive colegas que adoeceram, tive conhecidos que faleceram de covid; e eu estava trancada em casa. Eu não tinha para onde ir, não tinha como começar a fazer atividade, tudo que eu queria, era fazer atividade física; eu queria sair para fazer, sou fã de caminhada, mas eu queria andar. Eu queria ir bater loja, tomar sorvete; mas não dava para fazer nada". (Sueli)*

A centralidade da vida na esfera produtiva, no mundo do trabalho. pode trazer estranhamento e perda do significado da vida

> *Outros [alguns militares] que tem problema é porque passou a carreira inteira concentrado no quartel, numa área militar. Tenho amigos que moraram muito tempo em vila militar, então só amigos da FAB, conversas das questões militares, né? A válvula de escape era o trabalha no quartel, aí quando sai, fica meio perdido, né? Por isso quando vão para reserva sentem muita falta, vivia o tempo todo só aquilo. Esse ponto que eu vi. A vida militar acaba sendo o centro da vida da pessoa. (Waldemar)*

- **Categoria temática: a reserva militar: não é igual a aposentadoria - a similitude com a aposentadoria seria a reforma militar**

Ir para reserva militar é diferente da aposentadoria, a reserva funciona como uma intermediação para retirada definitiva do mundo do trabalho militar. Estar na reserva, caso ainda não tenha acontecido a reforma, significa que a pessoa pode ser acionada a qualquer momento, caso haja interesse da administração. Nessa linha explicam os entrevistados:

> *"Eu estou na reserva, fui para a reserva, que é diferente de estar reformada, que seria igual a aposentadoria. Você fica na reserva por um tempo, depois que você sai do serviço ativo, antigamente eram 5 anos; agora, realmente, com essa reestruturação, não sei quantos anos são. Aí você é reformado e não tem condições de ser chamado. Ninguém é chamado para guerra com 70 anos. Mas teve muita mudança nos últimos 04 anos, então mudou muita coisa; e eu não consegui acompanhar todas as modificações, né? Depois que a gente é reformado por conta da idade, não pode mais ser convocado. Na reserva ainda posso ser convocada, para o serviço ativo, se houver necessidade para as Forças Armadas" (Sueli)*

> *"Na verdade estou na reserva, que não é igual a aposentadoria, porque se estourar uma guerra a gente pode ser chamado; ou alguma situação aqui dentro do país, e as Forças Armadas necessitarem da gente; a gente pode colocar a farda de novo; é claro que tem que ter a autorização do Presidente. Eu acho difícil isso acontecer, mas se acontecer, a gente teoricamente, tem que estar preparado para isso. Somente quando a pessoa foi reformada, não tem como ela voltar mais. No meu caso, eu posso voltar; no caso meu pai, por exemplo, que está com 82 anos, não tem como voltar mais. Acho que não vai ter uns poucos 60 anos por aí, você pode ser reformado. Mas não tenho certeza". (Misael)*

No campo militar a condição do afastamento definitivo, no plano formal, acontece pela transferência do militar da reserva para a reforma; ou para reforma direto, que pode ser inclusive por questões de incapacidade para trabalho. Kayat (2010 p.154) a partir da apropriação do Estatuto Militar, explica " reforma é a situação em que o militar passa definitivamente para inatividade, que pode acontecer por idade, doença, acidente. Em regra, não é possível retornar ao serviço ativo, como acontece na reserva".

- **Categoria temática: reserva e a preparação: como é, e por que se preparar para viver essa fase?**

A preparação para reserva militar no contexto da FAB é realizada por um projeto de incumbência do serviço social. O projeto apresenta quesitos de lapso temporal de 02 anos para migrar para reserva, envolve questões da área da educação financeira, novos projetos.

Na sociedade brasileira, essa ação voltada para aposentadoria, está prevista no Estatuto do Idoso. As narrativas alimentam a necessidade do desenvolvimento de ações para essa fase. Sobre o tema dizem os entrevistados:

> *"Eu acho que ela deveria fazer alguns eventos, para manter essa coesão do grupo. Acho que falta um pouquinho, apesar da Aeronáutica fazer muitos eventos, portões abertos, por exemplo. Mas eu acho que ela deveria fazer mais. Por exemplo, tinha uma unidade que a gente ia, que o próprio Exército fazia festa junina, entendeu? Para tentar juntar mais as famílias e tal, de quem está na reserva, com quem está na ativa, né? Mas realmente a gente sente um pouquinho de falta desse contato, né? Realmente a gente se sente um pouco distante da Força". (Misael)*
>
> *-"Um programa de preparação para reserva que realmente faça a diferença; e tem feito a diferença ali. O que eu acho que a FAB poderia fazer dentro das organizações militares, e achar um caminho que incentivasse mais o pessoal a participar do programa de preparação. Tinha no hospital, funcionou muito bem, mas tem muita gente que vai falar que não precisa disso, que se for para reserva, vai descansar no adia seguinte. Precisa saber o que fazer mais, o que mais fazer na da vida. Teria que ter uma conscientização maior dentro das unidades, para que o pessoal participasse desse programa. (Waldemar)*
> *"Narradora: acho que a preparação para a reserva é uma coisa super importante. A gente tira o cara da tomada, que estava ligada no 220. A maioria das pessoas que eu conheço tiveram problemas de saúde sérios, logo depois que foram para reserva. Essas pessoas estavam saudáveis, e acabaram tendo alguma doença do nada. Tiram você da tomada e falam: vaza, valeu pelo tempo que você ficou com a gente! Como assim? Não é desse jeito, não é desse jeito que você desliga uma pessoa. Depois de 30,32 anos, tem gente que foi embora com 40 anos de serviço, como muitos Brigadeiros. Fico pensando, como está a cabeça dessas pessoas, que foram para a reserva, depois de 42, 45 anos de serviço?*
> *- Se entrar na academia [escola de formação militar] com 14 anos, imagina, uma vida toda dentro de quartéis, então são pessoas que não sabem viver fora desse ambiente. Pessoas que passaram sua adolescência, sua juventude, sua vida inteira, dentro da FAB. E depois de tantos e tantos anos, criou os filhos, constituiu família. E depois de uma vida inteira, eles vão te tiram da tomada, e aí, você tem que desacelerar. Então esse processo de desaceleração é "punk" [muito difícil]. Porque não é desaceleração mental somente, é desaceleração física também. E aí, quando você faz isso, que você desacelera fisicamente, começam aparecer um monte de problemas físicos. Em mim, apareceu uma artrose no pé; gordura no fígado, entendeu? Eu tive que tratar tudo isso depois da reserva.*
> *Entrevistadora: será que foi devido à Senhora ter mais tempo, mais condições de fazer exames para investigar, descobrir, tratar? (Danielly)*
> *"Não participou de espaços para pensar a ida para reserva: não, eu não dava crédito quanto a isso. Eu falava que eu tinha que fazer um curso para continuar na ativa até o tempo de ir para reserva. Para mim, na minha perspectiva, seria bem diferente " (Sueli).*
>
> *"Coronel Joselma, que era esposa do Coronel do Ulisses Manuel Maia Santana, ela criou um programa de preparação para a reserva. Só que, o que aconteceu? Por que que as pessoas não iam? Porque era dentro do hospital. Eu não sou doente, eu não estou indo para a reserva por incapacidade. Por que estão me colocando dentro do hospital? O programa dela tinha que ter sido desenvolvido em todas as OM da Força*

> *Aérea, por maior ou menor que ela fosse. Tinha que ter um dia em que assistente social daquela região juntasse as pessoas que estavam vias de irem para reserva, sejam elas graduados ou oficiais, para falar com essas pessoas alguns assuntos como insegurança; mas não no ambiente hospitalar." (Danielly)*

- **Categoria temática: reserva militar e a vida além da caserna**

Migrar para reserva militar é a retirada do mundo do trabalho, embora não tenha caráter definitivo. Portanto nessa fase é possível também vivenciar outras experiência fora no mundo do trabalho. Antunes (2009) afirma que no capital contemporâneo foi forjado um novo sistema no qual as mediações de segunda ordem que é o dinheiro se transpõe a mediação da primeira ordem que são as necessidades humanas. O trabalho que na sociedade capitalista é o produtor de mercadorias, para valorização do capital, assume nessa era a sua centralidade fundante. O autor ao discorrer sobre tempo de trabalho e tempo livre, chama a atenção para uma vida cheia de sentido, tanto dentro quanto fora do mundo do trabalho, na sociabilidade contemporânea. Diante dessa possibilidade o que dizem os entrevistados:

> *"Tem tanta coisa que você pode fazer que é trabalho, embora não seja chamado assim, não tem remuneração. Tem tanta coisa que você pode fazer depois que se aposenta; eu ainda não estou fazendo. Mudei há mais ou menos 01 ano, ainda estou conhecendo o bairro. Mas as pessoas ficam muito presas em coisas, depois a gente morre e não viveu.*
> *A reserva a aposentadoria vem acompanhada de uma maturidade, às vezes a gente olha para trás e diz: eu nem precisava me estressar por causa daquilo! Eu queria assim como aquele tema do Fernando Benjamim Boto: a gente nasce velho, porque você terá todo o aprendizado que a idade traz, assim você teria toda a maturidade que idade traz e ia seu corpo ia rejuvenescendo, queria assim. Já pensou que bom?! (Sueli)*

> *- Se tivesse tempo eu fazer ia aprender línguas [outros idiomas], né? Aprender línguas para viajar. Seria uma boa também viajar. Se eu tivesse dinheiro, meu sonho é ir para Holanda, levar meu filho, minha filha para eles conhecerem. Eu li a biografia do Sidney Sheldon, ele começou a escrever depois dos 40 anos. (Misael)*

> *"Iniciar um resgate da minha identidade, eu já tinha uma identidade, que tenho que resgatar, para reconstruir".*
> *"Estou num momento de estudar coisas novas, porque eu sou professora, então a gente sempre tem algo para ensinar. Nós precisamos ter um apoio para ter um conhecimento razoável sobre aquilo, né? Para ser professor, você tem que ter conhecimento de vários contextos diferentes, acho que é esse é o grande lance de ser professor, ser professor é diferente, porque só transmitir conhecimento um bom livro transmite. Você ao ler, absorve ou não? Agora, ser professor é diferente! (Danielly)*

> *"Quando você pega conhecimento, esse conhecimento dos livros, você sistematiza e consegue inserir em vários contextos de vida das pessoas, porque aí você se faz compreender. Se você não faz isso, é complicado. Então, como eu atualmente, não estou mais dentro da Força Aérea, não estou mais trabalhando; eu estou primeiro construindo esse conhecimento. Um conhecimento novo. Conhecimento de orquídeas, sobre cultivo de suculentas, sobre a magia das plantas medicinais. É esse assunto que eu estou estudando atualmente; e também sobre runas, tarô, coisas que eu já trabalho há algum tempo; mas que agora estou estudando para poder ensinar. Entendeu? E outras coisas que são do dia a dia, por exemplo, eu aprendi a fazer pão; porque até então eu não tinha tempo para me dedicar nisso" (Danielly).*

> *"Quando fui para reserva, queria sair fora de São Paulo, para assistir vários jogos do Corinthians. Enquanto estava trabalhando, não conseguia sair daqui para ir. Nesse um ano e meio, fui em quase todos que eu pude. Fui para Minas Gerais; para o Rio de Janeiro, fui para o interior de São Paulo; para Goiânia. Só para ver jogo de bola.*
> ***Entrevistadora**: É uma torcida forte, a corinthiana! Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, o que sempre me chamou atenção é a "dificuldade", que as pessoas parecem ter, em relação à saída do mundo trabalho. Imaginava que parar de trabalhar seria uma possibilidade para construir novos projetos de vida. Isso aconteceu com a Sambista Dona Ivone Lara, assistente social, enfermeira que pode investir na carreira artística, depois que se aposentou no serviço público. O Senhor tem algum sonho, algum projeto perdido lá atrás?*
> *- Só de ser corinthiano, de acompanhar os jogos. Na FAB tem o grupo de veteranos, né? Eu pensava que quando eu saísse, eu iria passar ali na porta do quartel, para ir visitar as pessoas, ajudá-los, pensava assim. Foi uma coisa que eu fiz bastante também, a equipe é muito legal.*
> *- A minha esposa, tem uma ONG, um instituto que é beneficente, que funciona paralelamente ao centro espírita, têm muitas ações voluntárias, tudo voluntário, então eu vou lá para ajudar, o pessoal. Tem gente que faz doação, tem que buscar, carregar móvel; então eu ia ajudar, para mim faz um bem danado. A gente fala: poxa, que legal, ajudei! Não queria fazer nada" (Waldemar)*

> *Não tenho sonhos; tenho objetivos que são diferentes de sonhos. Sonhos são na maioria das vezes meio que inatingíveis, né? Mas eu tenho objetivos; e o meu principal objetivo é me manter ativa mentalmente; esse é o meu projeto. Por isso que eu estudo; eu estou sempre fazendo várias coisas ao mesmo tempo, entendeu? Eu tenho uma tia, que ela já faleceu, que tinha Alzheimer; ela teve a doença com 60 anos. Então, comecei a estudar sobre essa doença e descobri que o Alzheimer tem uma questão de hereditariedade, também; os parentes de primeiro grau são mais suscetíveis, né? E aí eu fiquei com essa preocupação. A minha mãe é uma pessoa extremamente lúcida, ela está com 82 anos. Ela é extremamente lúcida e muito ativa, entendeu? Então quero chegar na idade da minha mãe, com a mesma capacidade dela, inclusive de ajudar a galera a fazer lição de casa, trabalhos de escola (Danielly)*

As narrativas mostram que há projetos pensados para vida fora da caserna; contudo, nem sempre se confirmam no cotidiano. Cabe ressaltar que as escolhas humanas, envolvendo nossos projetos, são metamorfoseadas pelas relações sociais; portanto não são

escolhas pensadas, articuladas, proferias que tem como substantivo o social (Netto e Braz, 2012).

Categoria temática: a reserva e a maternagem

A maternagem culminou com o interesse em ir para reserva. A entrevista Sueli ressalta que queria acompanhar a rotina escolar dos filhos

> *" (...) eu estava ansiosa pela reserva, porque eu já estava muito cansada. Eu sou mãe velha, eu tinha 02 adolescentes. Eu tenho uma mais velha, que é sargento da saúde. Mas tenho 02 ainda novos, então nesse período eu fui para reserva. Eles tinham 10 e 12 anos, então ainda estava naquela correria de escola, dos trabalhos, de prova e mais" (Sueli)*

> *"(...) A Força Aérea tomava todo o tempo que eu tinha; era muita dedicação. Eu não vi meus filhos sentarem, não vi meus filhos caminharem; pois eles estavam na creche. Naquela época, a licença maternidade era de 04 meses. (Danielly)*

A inserção da mulher no mundo do trabalho " pode ser um fator de afastamento do papel da maternagem; ou ainda, ter o acúmulo dessas funções que irá incidir em esgotamento (Nogueira, 2011). Maternidade, mulher e mundo do trabalho: cada vez mais a maternidade, principalmente para mulheres inseridas no mundo do trabalho, vem ocorrendo após os 40 anos, que passa a ser considerada como maternidade tardia. A fase reprodutiva que era dos 20 aos 30 anos, passou a ser pós 40. Observa-se que na fase 20 aos 30 anos, o projeto das mulheres está mais voltado para carreira profissional. Como o desempenho do papel do cuidado permanece forte no universo da mulher, a possibilidade da retirada do mundo do trabalho sea firma como o momento de exercer a maternagem para cm os filhos. Embora, na sociedade contemporânea haja o recrutamento das mulheres no trabalho, o papel do cuidado com a prole não envolveu outros atores, no caso de mulheres que pertencem a classe que vive do trabalho.

Categoria temática: reserva e movimentação - parâmetros para moradia pós reserva

Os entrevistados estavam residindo em vilas militares no momento que migraram para a reserva. Observa-se que ao longo da carreira militar estiveram em diversas cidades e estados. Condição que é inerente da carreira militar, a mobilidade geográfica que acontece pela movimentação. O PLAMOV – Plano de movimentação prevê:

> " movimentação se inicia com a manifestação do militar; mas segue um conjunto de fatores para se efetivar: número de vagas disponíveis;

> antiguidade; interesse da administração; interesse pessoal do militar; necessidade de mudança de OM"[86]

A mobilidade geográfica, denominada de movimentação, que é a prestação de serviço em qualquer localidade, inclusive fora do país, está presente no cotidiano desses trabalhadores. Para garantia da manutenção do estado de prontidão e para atender às necessidades da Nação, as Forças Armadas podem determinar o local em que o trabalhador militar irá servir. Conforme descrito na Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 30-4 de 2014 o militar deve estar à disposição da necessidade da nação:

> "o militar do COMAER está sujeito a servir em qualquer parte do País ou no exterior, em cumprimento às prescrições legais e às normas regulamentares da atividade militar. Além disso, os homens e as mulheres que ingressam na Aeronáutica têm ciência das peculiaridades da carreira militar, que submete o indivíduo a exigências que não são impostas a outros segmentos da sociedade".

Sobre o tema movimentação, a Portaria editada pelo COMGEP[87] Nº 232/1SC2 DE 31 DE Março de 2022, informa:

> "é o termo genérico que abrange, transferência, nomeação, classificação, nomeação, designação ou qualquer outro ato administrativo que implique o afastamento do militar de uma OM [Organização Militar] com destino a outra e que visa, precipuamente, assegurar a presença do efetivo necessário a eficiência operacional e administrativa das Organizações Militares do COMAER

Abordando o assunto a movimentação explica a entrevistada:

> *"Para ser movimentado tinha que ter uma triangulação muito efetiva. Tinha que ter um tempo mínimo numa unidade, mas não é obrigatório. Você tinha que ter no mínimo 2 anos; mas não significa que com 2 anos tem que movimentar, não no meu quadro. Essa é uma regra básica para os aviadores, que a cada 2 anos tem de ser movimentado. Um outro que consegue se agarrar em alguma coisa, acaba ficando um pouco mais. Mas eles têm necessidade dessa movimentação. Quer dizer, na verdade é uma movimentação estratégica da FAB, precisa movimentar porque o que sai do corpo da academia vai para Natal. Esse povo vai escolher qual é o avião que eles querem voar. Aí aqueles que estão nas unidades de cada uma das aviações, eles precisam sair para que outros entrarem. Porque existe um número no quantitativo de pessoal na entrada, dependendo do tamanho da base, o esquadrão tem aviadores do Bandeirante" (Danielly).*
>
> *Quando ela [a movimentação] acontecia, eu sempre a trouxe para essa questão de novidade. É a novidade; é a mudança; é o deixar para trás a velharia da casa, os brinquedos das crianças que elas não brincam mais. Então vamos doar! Mudar enquanto eles eram pequenos, também sempre foi muito mais fácil; eu procurava levar para esse lado do lúdico para eles, entendeu? Para mim, além de ser a novidade, também tinha a questão do desafio do novo; de ir para um lugar que eu não conhecia*

[86] ICA 30-4 Movimentação de Pessoal Militar editada no ano de 2008
[87] Comando Geral do Pessoal no Comando da Aeronáutica

> *ninguém; ter que aprender a cultura daquele lugar, e imaginar que seria bem legal. Sempre via como novidade para mim, entendeu?*
> *"Eu cresci sendo nômade, então a questão do apego às coisas não tenho; mas apenas as pessoas e aos lugares. Mas não me apego as coisas, é muito difícil. Então é mais fácil, desfaço-me das coisas com muita facilidade. Eu acho que é até um perfil que o militar tem; que é essa capacidade de sempre estar começando, né?* (Danielly).

A entrevistada acima apontou que devido à movimentação situação que vivencia desde a sua infância, pois seu pai também era militar, trouxe para si uma característica com similitude de nomadismo. Desde que migrou para reserva experenciou morar em cidades diferentes.

> *Nesse ano de 2023, já morei em Santos, onde fiquei 05 meses; depois, voltei para São Paulo. Estava aqui em São Paulo, mas meu marido quis ir para Santos; eu disse: vamos, vamos para o Santos! Aí não estava dando em Santos; então vamos voltar para São Paulo. Eu não tenho tempo ruim, junto tido e digo: vamos! (Danielly)*

> *"Eu nasci em Santos, mas fui para Brasília devido à movimentação do meu pai, isso em 1982, nessa época eu estava com 15 anos. [Depois] a gente pra de Boa Vista, foi uma movimentação externa de curso do meu pai. Aí a gente veio pra Brasília".(Danielly)*

> *"Eu fiquei em Brasília de1982 até 2001. Em 1998 foi o ano dessa movimentação. Saímos de São Paulo quando eu tinha 06 anos de idade. Foi a primeira movimentação do meu pai quando ele se formou, sargento; ele era Infante do Exército. A gente foi para Boa Vista onde ficamos por 4 anos. Fui fazer a quinta série em Curitiba, que foi a segunda movimentação do meu pai. Entendeu? Quando a gente veio de Boa Vista para Curitiba, foi por um problema de saúde de dependente. (Danielly)*

A Entrevistada Sueli, optou em residir na cidade de São Paulo, após a ida para reserva. Natural do Estado do Rio de Janeiro, a escolha tem relação com a melhoria da qualidade de vida e a oferta de serviços que tem nesta cidade para atender suas necessidades. Tinha preferência em morar numa cidade do interior. No momento, em que realizamos a entrevista, ressaltou que estava morando no bairro há cerca de 01 ano, portanto não tem referências, e membros da rede de social primária, na qual perpassam os laços afetivos. Esses quesitos poderiam contribuir realização de atividades e projetos comunitários.

A entrevistada ressaltou que optou em morar na cidade de São Paulo, na região norte; local em que serviu na última OM, o HFASP. Saiu da Vila Militar de Guarulhos, logo após vir servir no HFASP, preferiu ficar mais próximo do local de trabalho, para esperar a reserva militar. Após vir para HFASP, quando estava morando em Guarulhos, estava novamente acordando às 04h da manhã, chegava em casa muito cansada; também era muito cansativo dirigir na Marginal (rodovia) todos os dias. Quando foi para reserva, decidiu ficar morando na região que já estava, zona norte.

> *"Eu queria ir para o interior; mas, não queria ir para Guaratinguetá, lá tem suas limitações enquanto cidade pequena. No Vale do Paraíba o serviço é muito complicado, muito escasso. Eu tenho 02 filhos, ainda estudando; na época tinha outra filha mais velha que estava na adolescência, já terminando também o nível médio. Então seria complicado conseguir serviço e eu nunca quis ficar longe dos meus filhos. Queria manter a família mais próxima. Então, eu não tinha interesse de voltar para Guará na reserva, não; mas eu queria ir para o interior. Eu queria ir para uma cidade mais tranquila, mas a minha filha mais velha falou que não era para eu ir para o meio do mato, que ela não iria resgatar a velha no meio do mato.*
> *- Não pensei em retornar para o Rio de Janeiro, eu não me adapto mais a temperatura. Quando eu ia para casa da minha mãe, no verão, era um terror, aquele calor o tempo todo. Eu gostei muito do clima aqui de São Paulo. A minha intenção nem era sair de Guará, mas devido as atividades do meu marido, decidimos sair. Gostei muito, gostei muito da temperatura, gosto do friozinho, nunca mais pensei em voltar para o Rio" (Sueli)*

O Entrevistado Misael é natural do Estado do Rio de Janeiro, permaneceu morando na cidade de São Paulo após a reserva. Local que solicitou movimentação para acesso aos serviços de saúde visando à reabilitação do filho.

> *"Quando eu sai da Aeronáutica [para reserva], a gente conseguiu comprar, financiar um apartamento. Aí eu fui trabalhar em Jundiaí. Foi até bom, porque estava conseguindo pagar o apartamento aqui. Hoje, até eu faço o "Uber" [motorista de aplicativo] para manter as contas em dia. Tá meio complicado, mas assim dá para pagar as contas, para nós pagar as contas" "(...) escolhi vir para São Paulo, pela questão da estrutura, né? Na verdade, eu queria ir para o Rio de Janeiro, mas a Lú queria vir para São Paulo. No Rio também tem muita estrutura no serviço de saúde, lá tem 03 hospitais da FAB, se eu não me engano tem o Hospital Central, tem o da Ilha do Governador e outro; só que também tem muitas unidades lá no Rio. (Misael)*

O Entrevistado Waldemar informou que é oriundo da cidade de São Paulo/SP, onde permaneceu após a reserva militar, ao longo de sua carreira suas movimentações foram através das mudanças de OM, mas sempre esteve no Estado de São Paulo. Referiu que após a reserva chegou a pensar em morar em outro estado, mas a ideia não se concretizou.

> *"Cheguei a ventilar de ir para o Rio de Janeiro, depois da reserva. Chegamos a ver apartamento lá e tudo. Mas se a gente quer uma vida mais tranquila na reserva, não é o Rio de Janeiro o local, em que você terá mais tranquilidade. Acabamos desistindo"*
> *Mudei de OM aqui em São Paulo, as idas e vindas foram: para o PAMA, PASP [ambas localizadas na região norte no Campo de Marte] e também o GAPSP [zona norte]; depois fui para CELOG que ficava no espaço físico do COMGAP, no bairro do Cambuci. Também fiquei 6 meses em Guarulhos, na Base Aérea de São Paulo. Então sempre fiquei em São Paulo [cidade]; e fiquei 02 anos no Guarujá e 01 no Rio de Janeiro.*
> *(...) as movimentações são mais comuns na carreira do oficial aviador, por questões operacionais, eles são muito movimentados, muito. No caso dos oficiais Intendentes, não! Então, de uns anos para cá, uns 10 ou 12*

> *anos, começou a obrigatoriedade de oficial intendente não ficar mais do que 5 anos na mesma localidade" (Waldemar)*

Com base nos relatos referente a essa categoria, observamos que a movimentação foi um quesito de ampliação ao território nacional, possibilitando fazer a escolha da moradia a partir dessa experiência, com direcionamento na qualidade de vida e acesso aos serviços, para atendimento das necessidades sociais e de saúde.

Evidencia-se que a cidade de São Paulo que era polo da industrialização, na fase do capital industrial, na fase contemporânea é polo do capital financeiro e dos serviços.

- **Categoria temática: reserva militar e adoecimento**

O universo do mundo do trabalho pode comprometer a saúde dos/as trabalhadores/as com o desencadeamento de doenças adquiridas na relação com o mundo do trabalho. O Ministério da Saúde -MS (Brasil, 2002 p.21) define como doença advinda do trabalho como "um conjunto de danos ou agravos que incidem sobre a saúde dos trabalhadores, causados, desencadeados ou agravados por fatores de risco presentes nos locais de trabalho" pontua que exposição a fatores de riscos com aos agentes biológicos, agentes físicos; agentes químicos; organização do trabalho, Detalhando cada um desses fatores de risco, o MS (2002 p.21) traz as seguintes explicações:

> a) Agentes físicos - ruído, vibração, calor, frio, luminosidade, ventilação, umidade, pressões anormais, radiação etc.
> b) Agentes químicos - substâncias químicas tóxicas, presentes nos ambientes de trabalho nas formas de gases, fumo, névoa, neblina e/o poeira.
> c) Agentes biológicos - bactérias, fungos, parasitas, vírus, etc.
> d)Organização do trabalho - divisão do trabalho, pressão da chefia por produtividade ou disciplina, ritmo acelerado, repetitividade de movimento, jornadas de trabalho extensas, trabalho noturno ou em turnos, organização do espaço físico, esforço físico intenso, levantamento manual de peso, posturas e posições inadequadas, entre outros.

De acordo com a discussão sobre a saúde do trabalhador e o desencadeamento de doenças relacionadas ao trabalho, no campo militar aparecem questões de exposição de riscos, que se insere na organização do trabalho (disciplina, jornadas de trabalho extensas, trabalho noturno; esforço físico intenso). Na FAB também pode haver a exposição ao agente físico (ruídos), na situação de trabalhadores que exercem atividades relacionadas à área da aviação. Esses fatores de riscos podem afetar a saúde dessa categoria de trabalhadores e trabalhadoras.

As doenças que emergem no processo da organização do trabalho se relacionam com a área da saúde mental no trabalho.

> *“ (...) quando você desacelera, quando se desliga da tomada - é o que eu acho – é que muitas pessoas morrem em pouco tempo - você pode fazer um levantamento hoje junto aos hospitais, de quanto tempo um veterano morre depois que vai para reserva? Porque te tiram da tomada de uma vez, não te preparam para você sair’ (Danielly)*

> *“(...) eu queria muito ir para reserva, porque eu estava muito cansada, muito esgotada emocionalmente também” (Sueli)*

A ida para reserva também apareceu como uma fase de desencadeamento de doenças, que nos traz a necessidade de pensar na saúde do trabalhador para essa fase.

> *“A maioria das pessoas que eu conheço tiveram problemas de saúde sérios, logo depois que foram para reserva. Essas pessoas estavam saudáveis, e acabaram tendo alguma doença do nada. Tiram você da tomada e falam: vaza, valeu pelo tempo que você ficou com a gente’ Danielly)*
> *“ (...) quando você desacelera, quando se desliga da tomada - é o que eu acho – é que muitas pessoas morrem em pouco tempo - você pode fazer um levantamento hoje junto aos hospitais, de quanto tempo um veterano morre depois que vai para reserva? Porque te tiram da tomada de uma vez, não te preparam para você sair” (Danielly)*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa parte da produção textual foi edificada para trazer algumas considerações que possam elucidar o objeto do estudo; bem como responder a pergunta norteadora - quais as questões inerentes que atravessam a vida desses/as trabalhadores e trabalhadoras, quando migram para reserva?

Observa-se pelas narrativas e pela revisão da literatura que a retirada do mundo do trabalho produtivo se apresenta na sociedade brasileira pelo aspecto subjetivo, que aufere a construção social de inatividade, improdutividade, inutilidade; assim como, pela materialidade da vida em sociedade pela perda da renda; precarização das condições de vida. Nesse estudo, as perdas materiais que decorrem na fase da reserva militar foi orquestrada pela contrarreforma, que se afirmou por fundar discrepâncias salariais entre militares da ativa e reserva/reforma. Analisamos que a reserva militar, que poderia ser o tempo livre,

para o desenvolvimento humano em suas capacidades; é formatada para reafirmar a política neoliberal do Estado capitalista afirmado pela reforma administrativa.

A reserva militar se apresenta por turnos diferentes, ao mesmo tempo que permite a liberdade do tempo livre com a efetivação dos projetos pessoais e sociais, além daqueles cultivados ao longo da vida produtiva; também incrementa o retorno ao mundo do trabalho seja pela falta de profissionais capacitados, condição que vem sendo arrefecida devido à incrementação da contratação temporária; e ainda, perda da carreira do serviço público civil, para os cargos administrativos. Os vínculos edificados ao longo da carreira militar que forja o "espirito de corpo", acabam sendo cooptados para dar respostas aos problemas do cotidiano pela falta de recursos humanos.

Quando optamos por realizar esse estudo, tendo como objeto a retirada do mundo do trabalho produtivo, no campo militar, tínhamos como questão provocadora preliminar: seria a reserva militar ou a aposentadoria, a fase que a classe trabalhadora teria para realizar projetos que ficaram que foram preteridos pela relação produtiva? Nessa fase de finalização, desse estudo, podemos considerar que a reserva militar, não sendo diferente da aposentadoria, é emoldurada pelo capitalismo. Ela se transforma como elemento de produção para mais trabalho, que na fase atual com subcontratos, terceirizações, contrato parciais, agregando aos atributos para valorização do capital. O que presenciamos é o enaltecimento da permanência na esfera produtiva, na fase da reserva militar. No estudo, na parte dedicada ao objeto, participaram quatro sujeitos/as; desses, três mantém-se inseridos no mundo do trabalho ativo.

Procuramos seguir a trilha do referencial teórico em que se coaduna o serviço social, pós movimento de reconceituação – o materialismo histórico dialético – para essa construção recorremos aos trabalhos que apresentavam inclinação nessa vertente, estudos com abordagem de outras referências teóricas aparecem no trabalho, mas não para sustentar nossa linha condutora.

Essa diretriz teórica direciona para pensar a retirada do mundo do trabalho com inflexão na categoria trabalho, com base na sociedade capitalista. Parafraseando Antunes, nosso interlocutor nesse estudo, o trabalho é uma categoria fundante, que nos permite compreender a atividade econômica da sociedade capitalista; cria valores que constitui a riqueza social; e ainda, define o próprio modo de ser do homem. Não se trata de uma atividade natural, trata-se de uma atividade que tem um fim "a produção de valores".

Após o exame de qualificação houve a solicitação de associar a reserva militar com a categoria aposentadoria; porém**,** embora partam da mesma matriz - a retirada do mundo do trabalho - não podem ser apreendidas como sinônimos, pois a reserva militar tem peculiaridades que a difere da aposentadoria. Entre essas peculiares podemos destacar: a possibilidade da reconvocação para o trabalho em caso de determinação do Estado; geralmente a ida para reserva acontece na faixa etária dos 40 aos 55 anos; diferente da aposentadoria que acontece na fase em que as pessoas são idosas, principalmente após a reforma previdenciária que retirou a aposentadoria por tempo de contribuição, que permitia a aposentadoria a partir dos 48 anos de idade. O militar migra para reserva na fase da produtividade. A ida para reserva na fase produtiva, apresenta-se como um ingrediente para fomentar o barco das contratações temporárias, em detrimento às contratações da carreira militar. Trata-se da implementação da reforma administrativa proposta na década de 1990, pelo então Ministro Bresser Pereira, que não se freou. Mas, foi sendo incrementada ao longo dessas décadas.

Durante o processo de construção da pesquisa, quando iniciamos a localização de trabalhos científicos que abordassem o tema estudado "reserva militar" iniciamos com a temática aposentadoria, pois tinha como pressuposto que se tratava de categoria similares. Sendo assim, realizamos uma revisão de literatura para incursão ao tema. Verificamos que a produção do serviço social frente a essa temática, é incipiente. O tema reserva militar apareceu como objeto de estudo em produção do serviço social, o qual guiou nossa aproximação com objeto. Não nos aprofundamos para refletir sobre essa situação – o afastamento da categoria nessa área de estudo, mas cabe-nos aqui fazer algumas reflexões seminais, que podem provocar a construção de novos estudos sobre esse objeto.

Na sociedade contemporâneo vivemos o sucateamento e destruição dos direitos trabalhista e parco acesso aos direitos previdenciários; pensar na preparação da aposentadoria ou reserva remunerada está se distanciado da condição da classe que vive do trabalho, portanto outros objetos vão emergindo para categoria se debruçar e desvendar as tramas das relações sociais. Essa temática – preparação para aposentadoria ou reserva remunerada – circunscreve-se ao campo do serviço social do trabalho, espaço sociocupacional que se arrefeceu para o serviço social, nessa fase do capitalismo. No campo militar, há incremento nas contratações temporárias, que incide num outro tipo de reserva, a não remunerada, que apresenta-se para classe trabalhadora, pela via da perda de renda.

Durante a realização das entrevistas, foi indicado por dois entrevistados a necessidade de incorporação no estudo, dos oficiais da carreira fim (os aviadores), pois há peculiaridades, principalmente no que tange à questão da intensidade da movimentação, a mobilidade geográfica, que na FAB, é mais comum nessa carreira. Contribuição que emergiu empiricamente, podendo ser objeto para novos estudos.

Avaliamos que a metodologia eleita, a história oral, serviu como espaço para que os/as participantes do estudo tivessem um momento para narrar sobre a experiência vivida no trabalho da caserna, rememorar o ingresso na carreira militar, falar sobre a fase da reserva militar. Nos diálogos apareceram temas como: o regime de prontidão permanente; os norteamentos em relação a imersão no campo militar; a mobilização geográfica; o próprio sentido das Forças Armadas em tempo de paz; assuntos não debatidos com frequência pela sociedade brasileira; embora façam parte dos espaços acadêmicos.

Percebemos que as entrevistas permitiram o resgate de lembranças afetivas, momentos dolorosos, conquistas, experiências, trajetórias; que foram brotando conforme a narração fluía, envolvia, trazia explicações. Observamos que o procedimento metodológico não se configurou como espaço para construção de novos projetos de vida, como havíamos elencado em um dos objetivos específicos. Mas como disse a Sueli *" foi um momento de poder falar a minha vida militar, tive a oportunidade de falar"*.

Observamos que o momento da decisão em seguir a carreira militar foi balizado por experiências no âmbito familiar, do total de entrevistados, metade seguiu a trajetória dos familiares. Apareceu também incrementação regional, no Estado do Rio de Janeiro é comum essa profissão, há veiculação das informações sobre a carreira militar no contexto social e institucional (escolas). Nesse estado também há uma grande quantidade de organizações militares que aproxima a população desse campo.

Para responder aos objetivos específicos, que foram propostos no estudo, elaboramos a explicação a partir das categorias que emergiram conforme o processo da leitura analítica do material coletado – as narrativas, as quais foram organizadas em relatos orais, foram edificados pelos campos: carreira militar e reserva militar. Esse material foi entregue para todos os participantes do estudo, em cumprimento ao procedimento ético adotado da metodologia da história oral.

Outro exercício realizado que contribuiu para fomentação das categorias temáticas foi a articulação entre categorias analíticas e o campo militar. Propiciando reflexão, compreensão, para elucidação do objeto, visto por seus turnos, na dimensão objetiva, que

afeta as condições materiais da vida em sociedade, quanto na esfera da dimensão subjetiva, a qual abarca as experiências materiais.

A reserva militar toma formato de perda financeira, embora os documentos oficiais afirmam não haver diferença salarial, entre trabalhadores do campo militar da ativa e da reserva; mas o estudo apontou que essa diferença salarial está solidificada, nesse campo. A estratégia criada pela criação de gratificações, sem haver o aumento no soldo, promove a abertura desse abismo. Evidencia-se a desvalorização vinda pela esfera financeira, daqueles/as trabalhadores/as que se afastam da vida produtiva, mesmo após a conquista desse direito. A saída da vila militar, que acontece nessa fase, traz a questão habitacional, a falta de acesso à política habitacional. Podemos compreender que morar na vila militar atende dois contextos, ao mesmo tempo que traz melhoria das condições de vida e trabalho para o militar; também facilita a execução do regime de prontidão. Contudo, a centralidade está fundamentada no trabalho e não nas condições de melhoria da qualidade de vida do trabalhador. Quando deixa o trabalho ativo não pode mais residir nessas vilas.

Analisando a reserva militar na fase do capitalismo contemporâneo, alicerçado pelo neoliberalismo, verificamos que se desenha no campo militar, uma nova morfologia da classe trabalhadora desse campo – antes: trabalhadores concursados de carreira, tanto da área militar quanto da área dos servidores da carreira pública; na atualidade: trabalhadores subcontratados (PTTC) e trabalhadores temporários. Uma morfologia que se constituiu por uma categoria com vínculo temporário; que pode acontecer pelo retorno do/a após a reserva através da contratação para prestação de serviço; ou contratação pelo caráter do serviço militar voluntário, para os ingressantes na carreira militar. Essa situação traz impacto direto no processo de trabalho, pois se alavanca a rotatividade, que afeta a continuidade dos processos. Um dos narradores, apontou que seu retorno aconteceu pela necessidade da organização, que devido o quadro temporário na carreira de oficiais a uma redução de um oficial preparado para assumir cargos, que exigem acúmulo de conhecimento.

Verificamos que a reserva militar é cooptada pelo capital portador de juros, por ser essa categoria pertencente ao grupo de trabalhadores com renda com atributo de segurança, transforma-se em facilidade de empréstimos em suas diversas modalidades.

Os/as participantes apresentaram projetos idealizados, pensados; mas que em decorrência das transformações no mundo do trabalho, em era do neoliberalismo; esses projetos acabam sendo substituídos por mais trabalho; ou seja, o tempo que poderia ser livre, transforma-se em trabalho, valorizando a acumulação do capital. Essa situação acontece

pelos constantes ataques que a classe que vive do trabalho vivencia na atual conjuntura econômica. Trata-se de uma classe de trabalhadores que no contexto social, por uma apreensão superficial, é vista como detentora de privilégios, pelo anuncio que conseguem manter direitos, numa era que há perdas desenfreadas dos direitos trabalhistas e previdenciários. Contudo, podemos observar que vivencia todas as vicissitudes que está imersa o conjunto da classe trabalhadora. Embora há categorias em maior vulnerabilidade. Consideramos, que por fazer parte do campo da coerção, que é responsável pela manutenção e proteção do Estado capitalista, ainda goza da garantias direitos que outras categorias não gozam. Não como proteção ao trabalhador, mas como proteção ao aparelho estatal.

Apreendemos que nesse campo há questões vividas na fase da reserva militar que culminam com a experiência de desvalorização social e pessoal, que se explicada pela categoria desfilamento social, que é discutida por Enríquez. Esse pesquisador a define como a perda da concepção da vida coletiva pelo trabalho; mas que é portador de questões concretas e objetivas que são vividas pelo agravamento das condições de vida e sobrevivência. O sofrimento pode inclusive se materializar pelo adoecimento, doenças no corpo físico, emocional. Também foi relatado que as mudanças que ocorrem no mundo do trabalho, principalmente com o avanço tecnológico, trazem para o trabalhador um sentimento de não está apto para viver essa era. Esse sentimento surge na fase da reserva; entretanto está ancorado pela ambiguidade, ao mesmo tempo que esse/a trabalhador/a é portador/a de conhecimento acumulado ao longo da carreira, sente-se descartável, inútil.

A partir de uma breve reflexão apreendemos que essa categoria pode ser trabalhada em novos estudos, com aporte da psicodinâmica do trabalho, que segue a esteira posta por Dejours[88], que aufere as discussões afetas na área da subjetividade e trabalho. Essa pesquisadora ao publicar um trabalho denominado de "subjetividade, trabalho e ação" traz a seguinte consideração "trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real", observação que nos faz pensar que a retirada do mundo do trabalho desencadeia a vivencia desse conflito "como preencher essa lacuna?"

[88] Christophe Dejours o pesquisador estuda a categoria psicodinâmica no trabalho, que chamou a nossa atenção para, para pensar esse campo. A "psicodinâmica do trabalho é uma abordagem científica, desenvolvida em França na década de 1980, por Christophe Dejours. Dejours tem pesquisado a vida psíquica no trabalho há mais de 30 anos, tendo como foco o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e transformação do trabalho em fonte de prazer".
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Christophe_Dejours

Observamos que a pesquisa na área de serviço social se articula com a reflexão da prática profissional, que nos direciona a pensar na construção de projetos de preparação para a fase da retirada do mundo do trabalho, a partir de dois nichos: as intervenções do cotidiano e a produção de novos estudos. De uma maneira embrionária, apontamos que essas ações no campo da pesquisa, bem como no cotidiano, podem se apropriar de metodologias grupais com apropriação de categorias que possam trazer elementos na busca da melhoria das condições de vida, para classe que vive do trabalho, no decurso dessa fase. Nessa etapa do estudo não fizemos essa inclinação, pois não estava entre os objetivos específicos – construir propostas para a preparação para reserva.

No campo militar não é permitida a filiação partidária, o engajamento político, a organização sindical, esses espaços, que estão arrefecidos na atual conjuntura, decorrente da desorganização do trabalho, nesse contexto neoliberal, que também é reforçado pelos ditames da individualização. Avalia-se que esses espaços poderiam também ser ocupados pela classe trabalhadora que se afasta da esfera produtiva, visando à contribuição para o fortalecimento e a busca de respostas coletivas. Não sendo essa vivencia do/a trabalhador/a militar essa realidade fica ainda mais distante dessa categoria. Mas analisamos que a participação política pode ser uma categoria a ser trabalhada na preparação para reserva militar. Dialogando com Enríquez, é possível recriar a vida fora do mundo do trabalho produtivo, a partir de espaços coletivos.

Essa categoria pode ser pensada a partir dos espaços coletivos no bairro, para participação em conselhos gestores nas unidades básicas de saúde; segurança pública; conselhos de direitos em geral. A retirada da caserna pode ser vivida como o reencontro com a vida em sociedade e seu protagonismo político.

A categoria saúde do trabalhador despontou pelos apontamentos em relação ao surgimento de doenças que eclodem no momento da reserva militar, portanto a contraposição seria trabalhar na perspectiva da saúde do trabalhador. Essa categoria poderá ser utilizada em projetos de preparação para reserva ou aposentadoria

No contexto da retirada do mundo do trabalho produtivo – aqui a reserva miliar – pode emergir o sentimento de se ter liberdade para realizar aquilo que se deseja, incluindo projetos, viagens, maternagem. Contudo, é importante ressaltar que a liberdade aparece como um valor enaltecido pelos pilares da sociedade burguesa – a liberdade individual.

O desenvolvimento da produção desse estudo despontou para algumas reflexões que são afetas as condições - do/a trabalhador/a – pesquisador/a – sujeitos/as que vivenciam

uma realidade que podemos chamar de malabarismo, para o desempenho desses papeis. Ainda soma-se a essa situação as questões da vida no âmbito das relações privadas e familiares; as relações de reprodução. Diante dessa experiência avaliamos que se faz necessário a construção de espaços de fortalecimento, não somente na esfera informal, edificada pelos pares; mas intervenções formais de âmbito institucional.

O trabalho de preparação para o trabalhador/a migrar para reserva militar, ou para aposentadoria pode ser implementado por espaços que permitam a construção de projetos não metamorfoseados pela sociedade; mas parte da história de vida (sonhos, desejos não realizados até aquele momento). Com metodologias que permitam esse encontro ou reencontro (história oral, grupo focal, relato pessoal, memorial) e ao mesmo tempo instrumentalizem na materialização desses projetos “PROJETO SONHADO, PROJETO EDIFICADO, PROJETO VIVIDO

Para propiciar esse processo de construção se faz necessário a realização de vários encontros; e ainda o participante ter esse objetivo. Outro apontamento sobre essa questão, seria o uso de uma outra metodologia a pesquisa ação, podendo ser realizada pela abordagem grupal, mas que se faz necessário a seleção de participantes que tiverem esse objetivo. Contudo, foi possível apreender como a reserva militar se constituiu na sociedade capitalista, que é vivida por perdas financeiras, em decorrência das reformas administrativas instauradas pelo projeto econômico neoliberal, que afeta a renda da classe trabalhadora, incluindo os militares.

Parafraseando Enríquez e Antunes – a reserva militar, fase de transição para reforma militar – pode se constituir como momento de desenvolvimento humano. Na busca de projetos para outros campo como arte, filosofia, ócio; enfim, busca de outros sentidos e possiblidade, para uma vida cheia de sentido tanto dentro quanto fora do mundo do trabalho produtivo trabalho.

Finalizando, mas não terminando, podemos auferir que o campo militar se afirma como uma área de fomentação para estudos, pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Valéria de Figueiredo Studart Maia e **LEITE,** Ligia Silva**. Avaliação do programa de preparação para reserva e aposentadoria do Comando da Aeronáutica**. In Meta: Avaliação Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, 232-249, set./dez. 2012. Disponível online: http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/ article/ view/144/pdf acesso 08/08/2017

ALMEIDA, Bianca Davi Pereira e **PINTO**, Bernardo Marques de Azevedo. **Sobre a questão da Moradia": permanências sob a visão marxista**.In A revista dos estudantes da Faculdade de Direito do Recife (UFPE). v. 19 n. 1 (2017): IDÉIAS. Disponível em https://periodicos.ufpe.br/revistas/ideias/article/view/230470

ALVES, Lourece Cristine; **CARVALHO**, Maria Claudia Veiga Soares; **FERREIRA,** Francisco Romão. **ONJÉ: candomblé, cozinha e axé.** In OLIVEIRA, M.A.S.A.; VANZELLA, E., BRAMBILLA, A. ALIMENTAÇÃO E CULTURA: PROCESSOS SOCIAIS: sistemas culinários em contexto de ressignificações, comensalidade, processos discursivos e religiosos. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019. Disponível online em https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64531141/Cap_12_%281%29-libre.pdf?16011630 07=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DONJE_candomblecozinha_ e_axe.pdf&Expires=1703798325&Signature=fKqGvEvO1dVIw4vLsHENj8calAj44L9d8Gcm2WIaDOmsUwRfgqs9QEDp7T4oWrsnZVKcn1fEXNRtmzeCLEg8~SFd54dNC5PB0CVHaI0o5UB97tbF6qJk5ZvzyvPIaQw4UC2UjBV0NRsovcxXveg3dSTiIDXaRb4dyAOH7rLjJfnbf48Clgj8NOq39p9pfzJkm8ZpbTCXZdcQyhlNuDrUEFVvzCDUIko4WscSwsp0V-BspGW8VnTd0ArHNJb1zv4J4Ac4dIbBTkOOvB8AH0tx4qSPTXuXErV4MdiaEzJlvIUu6 SRogrDo9Utn8VyGoJYGUKzrmJ3Ob35sW06v2RWR9Q__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF 5GGSLRBV4ZA

ANANIAS, Patrus. Gestão pública: **desassombrando nossa história. In Revista do Serviço Público,** Brasília: 2010. Disponível online www.poteresocial.com.br/wp-content/uploads/2021/03/texto-Desafios-atuais-do-Sistema-%C3%9Anico-de-Sa%C3% BAde% E2%80%93 -SUS-e-as-exig%C3%AAncias.pdf

ANDRADE, Laura Novaes**. O significado da aposentadoria: o que pensam os trabalhadores**? [Dissertação] 2018 disponível online em repositório. unb.br acesso em 26/05/2022

ANTOGLA, Carla Sabrina; **MEDEIROS**, Solene Nobre; **MOREIRA**, Rebeca; **MAIA,** Marina. **O significado da aposentadoria para pessoas aposentadas de um órgão público**. In Trabalho (En) Cena, 2017, 2(1) pp. 26-39

ANTUNES, Marcos Henrique Soares; **SOARES,** Dulce Helena Penna; **MORÉ,** Carmen Leontina Ojeda Ocampo. **Repercussões da aposentadoria na dinâmica relacional familiar na perspectiva do casa**l, 2015.Disponível online https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo? codigo=5632988, acesso em 26/02/2022

ANTUNES, Marcos Henrique e MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. **Repercussões da aposentadoria na dinâmica relacional das redes sociais significativas de aposentados**. In Rev. bras. orientac. Prof. vol.21 no.1 Campinas jan./jun. 2020. Disponível online http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/ 2020v21n109

ANTUNES, Ricardo (org). **A Dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2ª Ed. [10 reimp rev e ampl] São Paulo: Boitempo, 2009

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** 9ª Ed. São Paulo: Cortez: Campinas Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003

ASSUMPÇÃO, Maria Clara Martins Alves**. As organizações militares da aeronáutica como espaços sociocupacionais do assistente social**. In Serviço Social e Instituição Militar: sistematização do exercício profissional na FAB (org.) Souza, Lilian Angélica da Silva. Rio de Janeiro -RJ: Comando da Aeronáutica. Diretoria de Administração de Pessoal. Assessoria de serviço social. Campinas-SP: saberes e práticas, 2021

ATASSIO, Aline Prado. **A formação dos militares e a lógica da distinção hierárquica**. In 34º Encontro Anula da ANPOCS, 2010 Caxambú-MG. Encontro Anul da ANPOCS,2010.

BARROCO, Maria Lúcia S. **Ética: fundamentos sócio-históricos.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010 (Biblioteca Básica do Serviço Social v.4)

BARROSO, Gustavo. **História militar do Brasil.** Gustavo Barroso. In Edição ilustrada com cerca de 50 gravuras e mapas; Brasília: 2019 (Edições do Senado Federal vol. 192)

BIASUS Felipe; **GRAEFF**, Lucas; **CARLOS**, Paula Pinhal. Mulheres oficiais e graduadas na Base Aérea de Canoas/RS; um estudo de memória social. In Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito, n.03. Universidade Federal Paraíba, 2015. Disponível online: htt://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/geeeed/index acesso 12/08/2018

BOTELHO, Pedro Luiz Cortezi. Percepção sobre a aposentadoria (reserva) em oficiais de carreira das Forças Armadas. 2005. Trabalho de conclusão de curso (graduação psicologia) Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, 2005. Disponível em https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/ 123456789/3073/2/20078848. pdf acesso em 12/08/2018

BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social- Resolução N.º 273/93 DE 13 MARÇO 1993. Institui o Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais e dá outras providências. Disponível em http://www.cfess.org.br/arquivos/resolucao_273-93.pdf acesso em 04/05/2019

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível online em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. **Decreto-Lei n° 9888 de 16 de setembro de 1946**. Lei de organização do Ministério da Aeronáutica. Disponível em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-9888-16-setembro-1946-450064-publicacaooriginal-1-pe.html

BRASIL, Decreto-lei nº 4.478 de 14 de Julho de 1942, que trata da Organização Administrativa da Força Aérea Brasileira e dá outras providências. Disponível online em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4478-14-julho-1942-414365-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Organiza%20a%20For%C3% A7a%20A%C3%A9rea%20Brasileira,paz%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias

BRASIL. **Força Aérea Brasileira. Portaria n°93/GM de 24 de Janeiro de 1985**. estabeleceu a estrutura sistêmica formada pelo Órgão Central – DIRINT – e órgãos executivos

BRASIL, Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica -INACER. **História geral da Aeronáutica brasileira**. Rio de Janeiro: INCAER; 2014

BRASIL. Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica -INACER**. História geral da Aeronáutica brasileira**. Rio de Janeiro: INCAER; 2005

BRASIL. **Lei n° 6.880, de 9 Dezembro de 1980**. Dispõe sobre o Estatuto Militar. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6880.htm acesso em 12/01/2019

BRASIL. Lei Complementar n° 97 de 09 de Junho de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. Disponível em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/1999/leicomplementar-97-9-junho-1999-377583-publicacaooriginal-1-pl.html

BRASIL. **Lei Complementar Nº 117, de 02 de Setembro de 2004**. Altera a Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, que dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas, para estabelecer novas atribuições subsidiárias. Disponível online em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp117.htm#art2

BRASIL. Lei Complementar N.97 de 09 de Junho de 1999. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. Disponível online em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/1999/leicomplementar-97-9-junho-1999-377 583-publicacaooriginal-1-pl.html

BRASIL. **Lei nº 8.662, de 7 de Junho de 1993**. Dispõe sobre a **profissão de assistente social**, já com a alteração trazida pela **Lei** nº 12.317, de 26 de agosto de 2010. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8662.htm acesso em 05/05/19

BRASIL. **Lei Complementar nº 117 de 02/09/2004**. Altera a Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, que dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o

emprego das Forças Armadas, para estabelecer novas atribuições subsidiárias. Disponível online em https://legis.senado.leg.br/norma/572872#:~:text=Altera%20a%20Lei%20Complementar%20n%C2%BA,para%20estabelecer%20novas%20atribui%C3%A7%C3%B5es%20subsidi%C3%A1rias.

BRASIL. Ministério de Defesa. **Decreto nº 10.973 de 18 de fevereiro de 2022**. Regulamenta a designação de militar da reserva remunerada das Forças Armadas para o serviço ativo prevista na Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980 - Estatuto dos Militares. Disponível online em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/decreto/d10973.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2010.973%2C%20DE%2018%20DE%20FEVEREIRO%20DE%202022&text=Regulamenta%20a%20designa%C3%A7%C3%A3o%20de%20militar,que%20lhe%20confere%20o%20art.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Portaria COMGEP n° 231/1SC2 de 31 de Março de 2022**. Aprova a reedição da NSCA 30-6 Norma de Sistema que dispõe sobre "Elaboração de Proposta de Plano de Movimentação", no âmbito do COMAER. Disponível online em https://www.sislaer.fab.mil.br/terminalcendoc/Acervo/Detalhe/43752?returnUrl=/terminalcendoc/Home/Index&guid=1651708800610

BRASIL. Ministério da Defesa https://www.gov.br/defesa/pt-br/acesso-a-informacao/institucional-2/o-que-e-o-ministerio-da-defesa-1/o-que-e-o-ministerio-da-defesa acesso em 25/05/2022

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica**. Nsca 163-1 Serviço Social No Âmbito Do Comando da Aeronáutica**, 2020

BRASIL. Ministério da Defesa Comando da Aeronáutica**. ICA 30-4 de 2014**. Aprova a reedição da ICA 30-4. Dispõe sobre movimentação de pessoal militar. Disponível em file:///C:/Users/Mara/Desktop/Plamov%20da%20Aeroaútica.pdf acesso 12/01/2019

BRASIL. Ministério da Defesa. **Decreto n° 11.237 de 18 de Outubro de 2022.** Aprova as Estruturas Regimentais e os Quadros Demonstrativos dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Comando da Aeronáutica do Ministério da Defesa e da Caixa de Financiamento Imobiliário da Aeronáutica e remaneja e transforma cargos em comissão e funções de confiança

BRASIL. Ministério da Defesa. **Decreto n° 10.471 de 24 de Agosto de 2020.** Regulamenta o adicional de compensação por disponibilidade militar, de que trata o art. 8º da Lei nº 13.954, de 16 de dezembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde do Trabalhador.** In Cadernos de Atenção Básica, Programa Saúde da Família n.05). Brasília-DF, 2002**.** Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde do Trabalhador Saúde do trabalhador / Ministério da Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Trabalhador. - (Cadernos de Atenção Básica. Programa Saúde da Família; 5)

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196 de 10 de Outubro de 1996**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/ cns/1996/res0196_ 10_10_1996. html acesso em 16/02/2019

CAMARGO, Angélica Ricci. **Tropas de primeira linha**. In Arquivo Nacional MAPA Memória da Administração Pública Brasileira. 2013. Disponível online http://mapa.an.gov.br/ index.php/ dicionario-periodo-colonial/241-tropas-de-primeira-linha#:~:text=As%20tropas% 20de%20 primeira%20linha,vigorou%20entre% 201580 %20e%201640 acesso em 10/01/2024

CAMBES JÚNIOR, Manuel. **A saga do Correio Aéreo Nacional**. Disponível online em https://www2.fab.mil.br/incaer/images/ eventgallery/instituto/Opusculos/Textos/ opusculo_can.pdf

COSTA, Amarilis Maria Muscari Riani. **O significado da aposentadoria para os servidores públicos: o caso de uma universidade.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Gerontologia. [Dissertação] 2014 Disponível online https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12453 acesso em 26/05/2022

DREIFUSS, René **e DULCI**, Otavio Soares. **As forças armadas e a política**. a. In SORJ, B., and ALMEIDA, MHT., orgs. Sociedade política no Brasil pós-6l [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 132-181. ISBN: 978-85-99662-63-2. Disponível em http://books.scielo.org/id/b4km4/pdf/sorj-9788599662632-05.pdf acesso em 16/02/2022

DISSENHA, Rui Carlo e **QUINTAS**, Monick de Souza. **Direitos humanos como limites da Força Aérea Brasileira: a lei do abate no combate ao tráfico de drogas**. In Joaçaba, v. 18, n. 1, p. 99-122, jan./abr. 2017. Disponível online https://doi.org/10.18593/ejjl.v18i1.11808 acesso em 10/04/2022

DORNELES, Ademir Jones Antunes; **DALMOLIN**, Graziele de Lima. **MOREIRA**, Maria Graziela de Souza. **Saúde do trabalhador militar: uma revisão integrativa**. In Journals Bahiana disponível em https://www5.bahiana.edu.br/index.php/ enfermagem/ article/view/1220 acesso 12/08/2018

DUARTE, Luciana dos Santos**. Ética e estética das fardas e o trabalho da policia militar e Minas** Gerais. Disponível online em https://ethicalfashionbrazil.com/wp-content/uploads/2018/02/%C3%89tica-e-est%C3%A9tica-das-fardas_Col%C3%B3quio-Psicossociologia_Luciana-Duarte.pdf

ENGELS, Friedrich. **Para a questão habitacional**. Publicado pela primeira vez no jornal Volksstaat, nºs 51, 52, 52, 53, 103 e 104, de 26 e 29 de Junho, 3 de Julho, 25 e 28 de Dezembro de 1872; n.ºs 2, 3, 12, 13, 15 e 16, de 4 e 8 de Janeiro, 8, 12, 19 e 22 de Fevereiro de 1873; e em três separatas, em Leipzig, em 1872 e 1873. Disponível online https://www.marxists.org/portugues/marx/1873/habita/index.htm

ENRIQUEZ, Eugène. **Perda do trabalho, perda da identidade.** Cad. Esc. Legisl, Belo Horizonte, 5(9); 53-73,jul./dez. 1999. Disponível online em https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/1062?locale=en

FAGUNDES, Seabra M (1947). **As Forças Armadas na Constituição**. In Revista De Direito Administrativo, 9, 1-29. Disponível online https://doi.org/10.12660/ rda.v9.1947. 9890 acesso 03/04/2021

FARIAS, Ivo dos Santos. **De Vila operária à cidade dormitório: o engessamento da memória coletiva e a perda da identidade de classe em Fernão Velho/AL.In** VI Seminário Internacional - Teoria Política do Socialismo: "Lênin 90 anos depois - política, filosofia e revolução"25 a 27 de novembro de 2014. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/#!/eventos/2014/vi-seminario-internacional-teoria-politica-do-socialismo/trabalhos/categorias/

FERREIRA, Patrícia Aparecida e **BARROS**, Rodrigo Borges de**. O papel das Forças Armadas na Defesa Nacional.** Artigo de conclusão de iniciação científica. Universidade de Uberaba, Uberaba-MG: 2016.

FRAGA, André Barbosa. **O Brasil tem asas: a construção de uma mentalidade aeronáutica no Governo Vargas**. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História [Tese] Rio de Janeiro, 2017. Disponível online em https://app.uff.br/riuff/handle/1/13776

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2009.

FRIEDE, Reis. **Do emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 23, n. 5350, 23 fev. 2018. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.47240/revistadaesg.v33i67.903. Acesso em: 1 jun. 2021

GOMES, Dhiogo Felipe Santos; **BELÉM,** Aline Oliveira; **TELES,** Shirley Santos. **Saúde mental de militares: uma revisão integrativa do cenário brasileiro**. In Rev Saúde Pública Santa Cat., Florianópolis v. 07, n°03, p.88-102, set-dez, 2014. Disponível em http://revista.saude.sc.gov.br/index.php/inicio/article/view/266/274 acesso em 12/08/2018

GUEDES, Olegna de Souza**. A liberdade em obras do jovem Marx: referências para reflexões sobre ética**.In R. Katál., Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 155-163, jul./dez. 2011. Disponível online https://www.scielo.br/j/rk/a/BtsskndgRsX9Y34tLDMgtCs/?format=pdf&lang=pt

HENRIQUE, Heitor Esperança. **Relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos: a Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1942-1945**). In O fazer historiográfico na contemporaneidade 1a. Edição Setor de Ciências Humanas Universidade Federal do Paraná Curitiba – Paraná 2019. Disponível online https://www.academia.edu/40373689/ZLATIC_Carlos_Eduardo_SILVA_Evander_Ruthieri_Org_et_al_O_fazer_historiogr%C3%A1fico_na_contemporaneidade_1_ed_Curitiba_UFPR_SCHLA_2019_v_1_549p

HUNTINGTON, Samuel P. **O soldado e o Estado: teoria e política das relações entre civis e militares.** Trad. José Lívio Dantas. Rio de Janeiro - Biblioteca Nacional do Exército, 1996

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Trabalho e indivíduo social: um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012

IPEA. Perfil Nelson Werneck Sodré. In Revista Desafios do Desenvolvimento. 2011, ano 8. Edição 68 Disponível em https://www.ipea.gov.br/desafios/ index.php?option=com _content&view=article&id=2603:catid=28&Itemid=23#:~:text=Mais%20historiador%20do%20que%20militar,e%20historiador%20de%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20marxista acesso em 24/05/2022https://brasilescola.uol.com.br/guerras/a-guerra-dos-cabanos. htm#:~ :text=De%20um%20lado%2C%20os%20propriet%C3% A1rios,por%20%C3% ADndios%2C%20mesti %C3%A7os%20e%20negros.Acessoem 24/05/2022

JUNGMANN, Raul. Artigos Inéditos. **A competência das Forças Armadas na Constituição Federal de 1988 e o seu papel na Segurança Inter**na. In Revista do Ministério Público Militar, edição nº 27 ano 2017. Disponível online: https://revista.mpm.mp.br/artigo/artigos-ineditos-a-competencia-das-forcas-armadas-na-constituicao-federal-de-1988-e-o-seu-papel-na-seguranca-interna/ acesso em 26/05/2022

KAYAT, Roberto Carlos Rocha. **Forças Armadas: reforma, licenciamento e reserva remunerada.** In Revista SJRJ, Rio de Janeiro, n.27, p.151-176, 2010. Disponível online https://www.jfrj.jus.br/sites/default/files/revista-sjrj/arquivo/126-420-1-pb.pdf

KUHLMANN, Paulo R. L. (2001). **Serviço Militar Obrigatório no Brasil: continuidade ou mudança?** In Security and Defense Studies Review Vol. 1 Winter 2001 disponível online
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/7525450/d823b3e12c1f2d5b4de162a3ff73e77a-libre .pdf?1390851831=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DServico_Militar_Obrigatorio_no_Brasil_co.pdf&Expires=1698174211&Signature=hKokuQPTw8bpFnukSS~aU2na0DhHqKWgGgpp15PgCeciUlv~56lHYxP3HaIFqBHSxFlCmwNHHB0LN8dS7pMJ80ZHbLrnsyqZAhCy6AGo0u6oUVobbu3BVihNRDw~x1~eQOKIFQmIIK4wWbwGpDIuwM7NQE9pcdGWct6cr6Hxha0x4ujpz8iUbviY4aNFYP2f7d7fpR~U-4ok3TxMvku5eys9~HEhxUsVP6H9Wu9-r~dsjX9drAP6PwU9tcHDlryfuMExlUdQqNGVa~BT2YhGsfG9Vs~h8V9lESjwEK2sB25shIPbywRgx7nSLRf4Kt~mDzeT5zgs2q7BW0ElV23-w&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA

KLEGER, Paula; **MACEDO**, Mônica Medeiros Kother. **Trabalho e aposentadoria militar: singularidades de uma travessia psíquica**. In Psico-USF, Bragança Paulista, 2015 v. 20, n. 1, p. 25-38, jan./abr. 2015 Disponível em http://www.scielo.br/pdf/pusf/v20n1/1413- 8271-pusf-20-01-00025.pdf acesso 12/08/2018.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. O Estado e a revolução. Trad. J. Ferreira, 1917.

LIMA, Oliveira**. História da civilização.** São Paulo: Edições Melhoramentos, 2000.

MANCUSO, Amanda Pinheiro. **A história militar: notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da história cultura**. In Revista História em Reflexão: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez 2008

MARQUES, Franscisco Claudio. **Algumas considerações sobre a umbanda e o candomblé no Brasil**. In Revista Contemplação, 2017 (15), p.82-99. Disponível online em https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/138/155

MARQUES, Adriana **A. Concepções estratégias brasileiras no contexto internacional do pós-Guerra Fria**. In Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 20, p. 69-85, jun. 2003. Disponível em https://www.scielo.br/j/rsocp/a/3mmQRbQ6rBnCmLHxrxYw5Hh/?format=pdf&lang=pt

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Exercício Democrático da Palavra. Material didático**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2017.

MARTINELLI, Maria Lúcia**. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social**. In Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade. São Paulo: Veras Editora: 1999.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro Primeiro**. Trad. Santa'Anna, Reginaldo. Ed. 28ª. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MATHIAS, Suzeley Kalil, **ZAGUEL**, José Augusto, **SANTOS**, Leandro Fernandes Sampaio. **A política militar brasileira no governo Dilma Rousseff: o discurso e a ação**. **Artigos** • Opin. Pública 25 (1) • Jan-Apr 2019. Disponível online em: https://doi.org/10.1590/1807-01912019251136. Acesso em 26/05/2022

MEDINA, João Ignácio. **Senta a Púa! Brasil! Aviação de Caça na FAB**. In Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, Rio de Janeiro, 2019.

MESQUITA, Ivan Muniz. **O Poder Aeroespacial e a Estratégia Nacional de Defesa (END).** In Revista Escola Superior de Guerra v.33, nº 67, pg. 82 – 97. Jan/abril 2018. Disponível online em https://revista.esg.br/index.php/revistadaesg/article/view/908 acesso 20/04/2022

MEIHY, José Carlos Sebe B. e **HOLANDA**, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar.** 2ed [6ª Reimp]. São Paulo: Contexto, 2018

MEIHY, José Carlos Sabe B e **RIBEIRO,** Suzana L. Salgado. Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011

MINAYO, Maria Cecília; **DESLANCHES**, Suely Ferreira; **GOMES,** Romeu (org). Pesquisa social: teoria, método e criticidade. 30ª ed. São Paulo: Vozes, 2011)

MONTAÑO, Carlos e **DURIGUETO**, Maria Lucia. Estado, classe e movimento social. In Biblioteca Básica do Serviço Social nº 05. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MONTENEGRO, Rosiran Carvalho de Freitas. Idosos em situação de dependência: quem cuida? Elementos para o debate. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Serviço Social [Tese] 2017. Disponível online em https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20240

MOREIRA, Carla Regina. Mesa temática Gênero, Classe, Raça e Divisão Sexual do Trabalho. Mulheres nas Forças Armadas: a experiência da Força Aérea Brasileira FAB. En el IV Congresso Latinoamericano de Teoría Social realizado en Santiago de Chile y Valparaíso los días 7, 8, 9 y 10 de marzo de 2023. Disponível em Anais do Congresso

MOREIRA, Carla Regina. **As políticas públicas de saúde no campo das substâncias psicoativas ilícitas e os direitos humanos**. 2014. Dissertação (mestrado) Universidade de São Paulo: Escola de Enfermagem, apresentada no Programa de Pós Graduação na Área do Cuidado em Saúde, São Paulo, 2014

MOURA, Pollyanna Paganoto. **O papel do conhecimento na produção capitalista.** Moura. In: XXVI Encontro Nacional de Economia Política, 2023, Maceió. Anais do XXVI Encontro Nacional de Economia Política, 2023. Disponível online https://enep.sep.org.br/uploads/1321_1678733388_Artigo_XXVII_ENEP_-_conhecimento_-_identificado_pdf_ide.pdf

NETA. Léa Blanco dos Santos. **A reestruturação da Força Aérea Brasileira e seus impactos sobre a composição do efetivo.**

NETO, Ariovaldo Paulo da Silva e **TELLES**, Marta Maria. **A profissionalização militar e a relação com o modelo de recrutamento na Força Aérea Brasileira**. In Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.12, p. 110417-110431 dec. 2021. Disponível online em https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/40487 acesso em 18/04/2022

NETTO, José Paulo **e BRAZ,** Marcelo. Economia política: uma introdução crítica. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012 (Biblioteca Básica do Serviço Social: v 01)

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011 (a)

NETTO, José Paulo. Nelson Werneck Sodré. **O general da história e da cultura**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011 (b)

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado na divisão sexual do trabalho na reprodução: um estudo das trabalhadoras de telemarketing**. In Coleção Trabalho e Emancipação. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011

OLIVEIRA, Andréa Benetti Carvalho e **SILVA,** Caroline Cordeiro Viana e. **Política de Defesa Nacional, Estratégia Nacional de Defesa e Doutrina Militar de Defesa: América do Sul e Segurança Regiona**l. In Anais do 3º Encontro Nacional da ABRI Governança Global e Novos Atores de 20 a 22 de Julho de 2011, USP São Paulo Disponível online em http://www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Seguranca_Internacional/SI%205_Andr+%AEa%20Benetti%20e%20Caroline%20Cordeiro%20POL+%ECTICA%20D

E%20DEFESA%20NACIONAL,%20ESTRAT+%EBGIA%20NACIONAL%20DE%20DEFES.pdf

OLIVEIRA, Marcela Lobão. **Você está acostumado a uma rotina e de repente aquilo é cortado": Repercussões da Aposentadoria na Subjetividade de Professores da Universidade Federal do Maranhão**. [Dissertação, 2018] Disponível online em https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2394; dissertação; 2018

PERIN, Jair José. **Regime jurídico aplicável ao militar temporário das Forças Armadas**.In Brasília a. 43 n. 170 abr./jun. 2006. Disponível online em

PORTELLI, Alessandro. **Forma e Significado na História Oral: a pesquisa como um experimento de igualdade.** Trad. Ribeiro, Maria Therezinha Janine e FENELON, Dea Ribeiro. In Proj. História, São Paulo (14) fev. 1997.(a)

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Trad. Ribeiro, Maria Therezinha Janine e FENELON, Dea Ribeiro. In Proj. História, São Paulo (14) fev. 1997.(b)

PRANDI, Reginaldo. **O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras**. In Rev. bras. Ci. Soc. 16 (47) • Out 2001 Disponível em acesso em 27/12/2023 https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000300003

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos orais: do "indizível" ao "dizíve**l". In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; SIMSON, Olga de Moraes Von. Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988

RAICHELES, Raquel. **Tecnologia, trabalho e pandemia no capitalismo em crise: admirável mundo novo**? In Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 144, p. 5-16, maio/set. 2022. Disponível online em https://www.scielo.br/j/ sssoc/a/345zbz7NtFJn x6MY7GQCL pw/?lang=pt acesso em 06/09/2023

RAICHELES, Raquel. **Um Intelectual Militante e Insurgente: notas sobrea a contribuição de Ricardo Antunes para o serviço social brasileiro**. In Ricardo Antunes: para além do mundo do trabalho. Org (Caio Antunes e Claudia Mazzei Nogueira). Editora Papel Social, Campinas, 2023

RESENDE, Stella**. Uma questão de gênero: mulheres, Forças Armadas e Operações de Paz**. In Cadernos Relações Internacionais v. 11, n.02 2017. Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32188/32188.PDFXXvmi= acesso 10/10/2018

RICHARDSON, Robert Jarry e Col. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed rev e amp. São Paulo: Atlas, 2011

SALES, Mauro Vicente. O debate sobre a criação da aviação militar brasileira (1911-1927). In Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível online em http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/ 14/12 99 862790_ARQUIVO_ papermodernizacao seminarioanpuhmarco2011.pdf

SANSONE, Ana Angélica Brum. **O primeiro dia do resto de sua vida": significado do trabalho e da aposentadoria para servidores em fase de pré-aposentadoria do TRE-RS**. [Trabalho de Conclusão de Curso] 2018. Disponível online em https://www.lume.ufrgs.br/ handle/ 10183/195032 acesso 2022

SANTANA, Nathália Araújo Ribeiro. **O serviço social no Comando da Aeronáutica: particularidades na incorporação de militares temporários/as**. In Serviço Social e Instituição Militar: sistematização do exercício profissional na FAB (org.) Souza, Lilian Angélica da Silva. Rio de Janeiro -RJ: Comando da Aeronáutica. Diretoria de Administração de Pessoal. Assessoria de serviço social. Campinas-SP: saberes e práticas, 2021

SANTOS, André de Melo. **Reflexões sobre as implicações do conceito de liberdade em Erich Fromm**. In Revista Espaço Acadêmico nº 110 – julho 2010. Disponível online em https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10506/5772 acesso em 06/01/2024

SATO, Leny; **BERNARDO**, Márcia Hespanhol. Saúde mental e Trabalho: **os problemas que persistem**. In Revista Ciência e Saúde Coletiva, 2005. Disponível em htt://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000400011 acesso em 10/10/2018

SILVA, Ana Paula Procópio. **Homenagem de vida: Marilda Vilela Iamamoto: De Minas à Marx e de volta ao começo**. In Revista Em Pauta Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro n. 41, v. 16, p. 307, 2018. Disponível online https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/36705/26332 acesso em 17/11/2023

SILVA, Ederson Duda. **A meritocracia como modo de vida: uma análise crítica à luz da tradição marxista.** In Rev. Sociologias Plurais, v. 9, n. 1, p. 33-62, jan. 2023. Disponível online em https://revistas.ufpr.br/wp/revista-sociologias-plurais-publicou-seu-numero-mais-recente/

SILVA, Gisele Moreira **e FERNANDEZ,** Silvina Julia **As múltiplas funções do pedagogo na Força Aérea Brasileira.** Disponível em https://doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p299-310

SILVA, Rita Emília Alves. **Defesa Nacional e missões subsidiárias: novas reflexões para o serviço social na Força Aérea Brasileira**. In Serviço Social e Instituição Militar: sistematização do exercício profissional na FAB (org.) Souza, Lilian Angélica da Silva. Rio de Janeiro -RJ: Comando da Aeronáutica. Diretoria de Administração de Pessoal. Assessoria de serviço social. Campinas-SP: saberes e práticas, 2021

SILVA, Rita Emília Alves. **Serviço Social na Força Aérea Brasileira: a política de defesa nacional e as novas requisições para a profissão no espaço militar**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro Programa de Serviço Social [Tese] 2018 . Disponível em https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/projetosEspeciais/ETDs/consultas/conteudo.php? Str Secao=resultado&nrSeq=35841@1

SOARES, Carolina Serra. **O que é ruim para o aposentado é a falta de reconhecimento do que você foi: as repercussões da aposentadoria na subjetividade de desembargadores inativos.** Universidade Federal do Maranhão. Programa de Psicologia [Dissertação] 2018 **Disponível online** https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2634 acesso em 26/05/2022

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história militar do Brasil**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

SODRÉ. Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962

SPOSATI, Aldaíza**. Proteção social e seguridade social no Brasil: pautas para o trabalho do assistente social.** In Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 116, p. 652-674, out./dez. 2013 Disponível onlie em https://www.scielo.br/j/sssoc/a/WcYSGg6ys8ZbQfLwf9zCtkn/?format=pdf&lang=pt

TRICONTINENTAL. Instituto de Pesquisa Social**. A questão militar no Brasil: o retorno do protagonismo dos militares na política.** Dossiê n.50 de 14 de março de 2022. Disponível online**:** https://thetricontinental.org/pt-pt/dossie-50-brasil-forcas-armadas/ acesso em 20/05/2022

YAZBEK, Maria Carmelita. **Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço** Social. In Serviço Social: Direitos Socais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidá-lo a participar do estudo, pesquisa de doutorado com título: Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira, que está senda realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social

Ressalto que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

Caso aceite participar do estudo, como entrevistado, solicitamos sua autorização para realizar anotações e gravação, cujo material fará parte da construção da tese, e ainda, poderá ser utilizado em construção de artigos acadêmicos.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a participar desse estudo; e caso aceite também poderá se retirar a qualquer momento

Ressaltamos que poderá ser utilizado nome fictício, para preservação de sua identidade ou poderá haver identificação real, caso seja do seu interesse

1. Manifestação sobre a participação

   (X) Concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa

   ( ) Não concordo em participar dessa pesquisa

2. Manifestação sobre a identidade

   ( ) Prefiro usar nome fictício para preserver minha identidade

   (X) Prefiro utilizar a minha identidade pessoal/militar

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data:

Assinatura do participante: Gilmar José do Nascimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidá-lo a participar do estudo, pesquisa de doutorado com título "**Diálogos com militares da Força Aérea Brasileira sobre a reserva militar - a aposentadoria da classe trabalhadora no contexto social**", que está sendo realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social

Ressalto que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

Caso aceite participar do estudo, como entrevistado, solicitamos sua autorização para realizar anotações e gravação, cujo material fará parte da construção da tese, e ainda, poderá ser utilizado em construção de artigos acadêmicos.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a participar desse estudo; e caso aceite também poderá se retirar a qualquer momento

Ressaltamos que poderá ser utilizado nome fictício, para preservação de sua identidade ou poderá haver identificação real, caso seja do seu interesse

1. Manifestação sobre a participação

   (x) Concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa

   ( ) Não concordo em participar dessa pesquisa

2. Manifestação sobre a identidade

   ( ) Prefiro usar nome fictício para preserver minha identidade

   (x) Prefiro utilizar a minha identidade pessoal/militar

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data: São Paulo,15 de dezembro de 2022

Assinatura do participante: Silvia Natália Soares Menezes da Silva

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidá-lo a participar do estudo, pesquisa de doutorado com título: Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira, que está senda realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social

Ressalto que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

Caso aceite participar do estudo, como entrevistado, solicitamos sua autorização para realizar anotações e gravação, cujo material fará parte da construção da tese, e ainda, poderá ser utilizado em construção de artigos acadêmicos.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a participar desse estudo; e caso aceite também poderá se retirar a qualquer momento

Ressaltamos que poderá ser utilizado nome fictício, para preservação de sua identidade ou poderá haver identificação real, caso seja do seu interesse

1. Manifestação sobre a participação

   (X) Concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa

   ( ) Não concordo em participar dessa pesquisa

2. Manifestação sobre a identidade

   (X) Prefiro usar nome fictício para preserver minha identidade

   ( ) Prefiro utilizar a minha identidade pessoal/militar

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data: São Paulo, 16de agosto de 2023

Assinatura do participante: Waldemar Roberto Cabral Jorri

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidá-lo a participar do estudo, pesquisa de doutorado com título: **Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira**, que está senda realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social

Ressalto que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

Caso aceite participar do estudo, como entrevistado, solicitamos sua autorização para realizar anotações e gravação, cujo material fará parte da construção da tese, e ainda, poderá ser utilizado em construção de artigos acadêmicos.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a participar desse estudo; e caso aceite também poderá se retirar a qualquer momento

Ressaltamos que poderá ser utilizado nome fictício, para preservação de sua identidade ou poderá haver identificação real, caso seja do seu interesse

1. Manifestação sobre a participação

   (X Concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa

   ( ) Não concordo em participar dessa pesquisa

2. Manifestação sobre a identidade

   ( ) Prefiro usar nome fictício para preserver minha identidade

   (X Prefiro utilizar a minha identidade pessoal/militar

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data:

Assinatura do participante: Danielly Martins de Santana

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidá-lo a participar do estudo, pesquisa de doutorado com título: Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira, que está senda realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social

Ressalto que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

Caso aceite participar do estudo, como entrevistado, solicitamos sua autorização para realizar anotações e gravação, cujo material fará parte da construção da tese, e ainda, poderá ser utilizado em construção de artigos acadêmicos.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a participar desse estudo; e caso aceite também poderá se retirar a qualquer momento

Ressaltamos que poderá ser utilizado nome fictício, para preservação de sua identidade ou poderá haver identificação real, caso seja do seu interesse

1. Manifestação sobre a participação

   (X) Concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa

   ( ) Não concordo em participar dessa pesquisa

2. Manifestação sobre a identidade

   ( ) Prefiro usar nome fictício para preserver minha identidade

   (X) Prefiro utilizar a minha identidade pessoal/militar

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data:

Assinatura do participante: Misael Francisco do Nascimento Júnior

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, convidá-lo a participar do estudo, pesquisa de doutorado com título: Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira, que está senda realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social

Ressalto que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

Caso aceite participar do estudo, como entrevistado, solicitamos sua autorização para realizar anotações e gravação, cujo material fará parte da construção da tese, e ainda, poderá ser utilizado em construção de artigos acadêmicos.

A sua participação nessa pesquisa é voluntária e você tem a liberdade de se recusar a participar desse estudo; e caso aceite também poderá se retirar a qualquer momento

Ressaltamos que poderá ser utilizado nome fictício, para preservação de sua identidade ou poderá haver identificação real, caso seja do seu interesse

1. Manifestação sobre a participação

   (X) Concordo em participar voluntariamente dessa pesquisa

   ( ) Não concordo em participar dessa pesquisa

2. Manifestação sobre a identidade

   ( ) Prefiro usar nome fictício para preserver minha identidade

   (X) Prefiro utilizar a minha identidade pessoal/militar

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data:

Assinatura do participante: Sueli Moreira do Nascimento

DOCUMENTO DE VALIDAÇÃO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, para solicitar a sua autorização, para divulgação da sua entrevistada, como participante do estudo da pesquisa de doutorado que tem o título: **Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira**, que foi realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social.

Ressaltamos que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

A entrevista contém registro referente à sua trajetória na carreira militar e suas apreciações sobre a reserva militar; registros fotográficos. A transcrição da entrevista e o formato final, foram apreciados e validados por vossa senhoria. Esse material ficará disponível na tese, a qual terá acesso público; e ainda, poderá ser utilizado em novas produções científicas e novos estudos. Conforme sua manifestação, a sua identidade foi mantida.

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data: São Paulo, 01 de julho de2024

Assinatura do participante: Danielly Malheiros de Santana

DOCUMENTO DE VALIDAÇÃO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, para solicitar a sua autorização, para divulgação da sua entrevistada, como participante do estudo da pesquisa de doutorado que tem o título: **Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira**, que foi realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social.

Ressaltamos que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

A entrevista contém registro referente à sua trajetória na carreira militar e suas apreciações sobre a reserva militar; registros fotográficos. A transcrição da entrevista e formato final, foram apreciados e validados por vossa senhoria. Esse material ficará disponível na tese, a qual terá acesso público; e ainda, poderá ser utilizado em novas produções científicas e novos estudos. Conforme sua manifestação, a sua identidade foi mantida.

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data: São Paulo, 01 de julho de2024

Assinatura do participante: Waldemar Roberto Cabral Jorri

DOCUMENTO DE VALIDAÇÃO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, para solicitar a sua autorização, para divulgação da sua entrevistada, como participante do estudo da pesquisa de doutorado que tem o título: **Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira**, que foi realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social.

Ressaltamos que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

A entrevista contém registro referente à sua trajetória na carreira militar e suas apreciações sobre a reserva militar; registros fotográficos. A transcrição da entrevista e o formato final, foram apreciados e validados por vossa senhoria. Esse material ficará disponível na tese, a qual terá acesso público; e ainda, poderá ser utilizado em novas produções científicas e novos estudos. Conforme sua manifestação, a sua identidade foi mantida.

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data: São Paulo, 01 de julho de2024

Assinatura do participante: Misael Ferreira do Nascimento Júnior

DOCUMENTO DE VALIDAÇÃO

Eu Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli e a doutoranda Carla Regina Moreira vimos por meio deste documento, para solicitar a sua autorização, para divulgação da sua entrevistada, como participante do estudo da pesquisa de doutorado que tem o título: **Experiências e vivências com a reserva militar: relatos de militares da Força Aérea Brasileira**, que foi realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP, no Programa de Serviço Social.

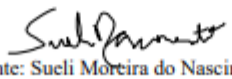
Ressaltamos que o desenvolvimento deste estudo foi autorizado pelo Serviço Social do Comando da Aeronáutica.

A entrevista contém registro referente à sua trajetória na carreira militar e suas apreciações sobre a reserva militar; registros fotográficos. A transcrição da entrevista e o formato final, foram apreciados e validados por vossa senhoria. Esse material ficará disponível na tese, a qual terá acesso público; e ainda, poderá ser utilizado em novas produções científicas e novos estudos. Conforme sua manifestação, a sua identidade foi mantida.

Professora orientadora responsável pelo estudo: Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli contato (11) 9.9935-6874 - endereço eletrônico mlmartinelli@terra.com.br

Estudante responsável pelo estudo Doutoranda: Carla Regina Moreira contato (11) 9.9362-8660 endereço eletrônico carlamoreiracrm1303@gmail.com

Local e data: São Paulo, 01 de julho de 2024



Assinatura do participante: Sueli Moreira do Nascimento